

palimpsesto^e
**PATRIMÔNIO
INDUSTRIAL**

PROJETO DE INTERVENÇÃO
FÁBRICA WALLIG NORDESTE S.A.
CAMPINA GRANDE - PB

JULIA LEITE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

palimpsesto

◊

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

PROJETO DE INTERVENÇÃO
FÁBRICA WALLIG NORDESTE S.A.
CAMPINA GRANDE - PB



Monografia submetida ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

Campina Grande, julho de 2020

Trabalho de Conclusão de Curso “PALIMPSESTO E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: PROJETO DE INTERVENÇÃO FÁBRICA WALLIG NORDESTE S.A. CAMPINA GRANDE - PB”, foi apresentado por JÚLIA RIBEIRO MARANHÃO LEITE, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 04 de AGOSTO de 2020

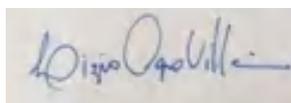
BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr(a). ALCÍLIA AFONSO DE ALBUQUERQUE E MELO
Orientadora - Presidente



Prof.^a Dr(a) KAINARA LIRA DOS ANJOS
Examinadora Interna



Prof.^a Me. LÍZIA AGRA VILARIM
Examinadora Externa

ASSIM, QUER VOCÊS COMAM, BEBAM
OU FAÇAM QUALQUER OUTRA COISA,
FAÇAM TUDO PARA A GLÓRIA DE DEUS.

1 CORÍNTIOS 10:31



MINHA VIDA É OBRA DE TAPEÇARIA,
É TECIDA DE CORES ALEGRES E VIVAS,
QUE FAZEM CONTRASTE NO MEIO DAS CORES
NUBLADAS E TRISTES

- "O TAPECEIRO", JOÃO ALEXANDRE

Na arte do tear, o Tapeceiro não se engana, e sim, sabe o fim desde o começo, tudo se encaixa e tudo coopera para o meu bem.

Ao Tapeceiro, Arquiteto, Autor e Consumador da minha fé seja toda honra e toda glória. A Cristo Jesus toda a minha gratidão.

Aos meus pais Olga e Mirabeau, os quais me proporcionam valores que as traças não consomem, me motivam sempre a perseverar no trabalho e me ensinam que o amor é antes expresso em atitudes, lembrando que a melhor régua é o nosso próprio alcance.

Ao meu irmão Caio, que nas nossas diferenças me ensina sobre empatia, aos meus avós que me ensinaram sobretudo acerca de prudência, e a toda minha família, sendo sempre lugar de refúgio e descanso.

agradecimentos

Agradeço também a Lucas, meu melhor amigo e companheiro, que me vê além dos filtros sociais e permanece, com cuidado e suporte constante.

Aos meus amigos, de curta e longa data, que fazem meus dias mais alegres e os fardos da vida mais leves; em especial aos que a graduação me trouxe, Déborah, Diego, Ingrid, Roberta e Sabrynna, vocês foram essenciais durante todo esse processo.

A todos meus professores, que eternizaram seus conhecimentos em minha mente, com destaque à minha orientadora Alcília Afonso, que ao longo do curso me mostrou caminhos para trilhar, compartilhando oportunidades e ensinamentos.

Minha gratidão a todos!

resumo

O trabalho desenvolvido tem como objeto de estudo o conjunto industrial da antiga fábrica da Wallig Nordeste S.A., o qual hoje está realocada parte para finalidades industriais e parte para depósito de mercadorias. Este trabalho, resulta das investigações que vêm sendo realizadas nos últimos dois anos pelo grupo de pesquisa GRUPAL¹, com suporte do CNPq², associado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG³, as quais possibilitaram a aproximação com o referido objeto, assim como a temática do patrimônio industrial e as problemáticas que o envolve no contexto nacional, regional, e local, em específico na cidade de Campina Grande – PB. É objetivo desse estudo elaborar projeto preliminar de intervenção em parte da antiga Fábrica Wallig Nordeste S.A., a fim de adaptá-la a um novo uso, mantendo a significação cultural da substância, e restabelecendo a sua função histórica - cultural através da preservação deste patrimônio para as futuras gerações. Observa-se, por parte dos órgãos patrimoniais e população, a ausência de reconhecimento dessas estruturas como patrimônio arquitetônico e histórico; dessa forma, ao sofrerem processo de desindustrialização, esses edifícios com ricas soluções projetuais tratam de degradar-se ou sofrer fortes descaracterizações, fadadas a subutilização, são também um problema de cunho urbanístico. A indústria Wallig, assumiu grande importância financeira e cul-

tural para Campina Grande nas décadas de 1960 a 1980, e hoje enquadra-se no contexto citado, parte degradado e em outra descaracterizado, demonstrando a importância de voltar-se o olhar para o patrimônio industrial na cidade, através da documentação, medidas de tombamento e intervenção, para salvaguarda. No desenvolvimento deste trabalho apoia-se na metodologia proposta por AFONSO (2019) para o estudo para intervenção no patrimônio, quanto ao referencial teórico nas discussões levantadas por CHOAY (1992), na Carta de Nizhny Tagil (2003), e KUHL (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Industrial; Palimpsesto; Intervenção; Intervenção no Patrimônio Industrial;

LEITE, Julia Ribeiro Maranhão Leite. Palimpsesto e Patrimônio Industrial. Projeto de Intervenção na Fábrica Wallig em Campina Grande - PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

¹ Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

³ Universidade Federal de Campina Grande

abstract

The work developed has as its object of study the industrial set of the former factory Wallig Nordeste S.A., which today is relocated partly for industrial purposes and partly for warehousing. This work results from the investigations that have been carried out in the last two years by the research group GRUPAL¹, supported by CNPq², associated with the UFCG³ Architecture and Urbanism course, which allowed the approach with this object, as well as the theme of the industrial heritage and the problems surrounding it in the national, regional, and local context, specifically in the city of Campina Grande - PB. It is the objective of this study to elaborate a preliminary intervention project in part of the old factory Wallig Nordeste SA, in order to adapt it to a new use, maintaining the cultural significance of the substance, and restoring its historical - cultural function through the preservation of this heritage for future generations. It is observed, by the patrimonial organs and population, the lack of recognition of these structures as architectural and historical patrimony; thus, when undergoing deindustrialization process, these building in rich design solutions, try to degrade or undergo strong mischaracterization, fated underutilization, are also an urban problem. The Wallig industry assumed great financial and cultural importance for Campina Grande on the 1960s to the 1980s, and today it fits into the aforementioned context, partly degraded and other

uncharacterized, demonstrating the importance of turning the gaze to industrial heritage in the city, through documentation, measures of protection and intervention, for safeguarding. In the development of this work, it is supported by the methodology proposed by AFONSO (2019), for the study about intervention in heritage, regarding the theoretical framework in the discussions raised by CHOAY (1992), the Nizhny Tagil's letter (2003), and KUHL (2006).

KEYWORDS: Industrial Heritage; Palimpsest; Intervention; Intervention in Industrial Heritage;

LEITE, Julia Ribeiro Maranhão Leite. Palimpsesto e Patrimônio Industrial. Projeto de Intervenção na Fábrica Wallig em Campina Grande - PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

¹ Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

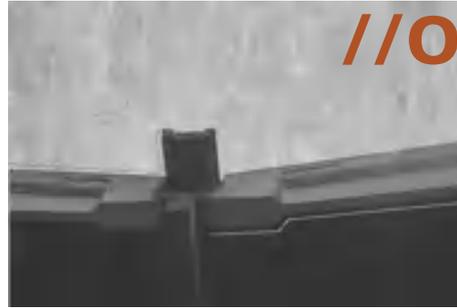
³ Universidade Federal de Campina Grande

sumário

INTRODUÇÃO



CONCEITUAÇÃO



OLHARES SOBRE O
PATRIMÔNIO
INDUSTRIAL



FÁBRICA WALLIG
NORDESTE S.A.



PROPOSTA



CONSIDERAÇÕES
FINAIS



12 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

14 QUADRO RESUMO

16 PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

21 PALIMPSESTO

28 INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

38 METODOLOGIA

41 ESTUDOS CORRELATOS

2.2.1. MATADERO

2.2.2. RED BULL STATION

2.2.3. FÁBRICA DA MACAXEIRA

58 ANÁLISE DO OBJETO ARQUITETÔNICO

3.1.1. DIMENSÃO NORMATIVA

3.1.2. DIMENSÃO HISTÓRICA

3.1.3. DIMENSÃO ESPACIAL

3.1.4. DIMENSÃO FUNCIONAL

3.1.5. DIMENSÃO TECTÔNICA

3.1.6. DIMENSÃO FORMAL

124 ESTUDO DE CONSERVAÇÃO

139 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

4.1.1. APRESENTAÇÃO

4.1.2. PRINCÍPIOS PROJETUAIS

143 ANÁLISE AMBIENTAL

4.2.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL

4.2.2. RELEVO, VEGETAÇÃO E ASPECTOS CLIMÁTICOS

4.2.3. USO E OCUPAÇÃO, CARACT. URB. E TRANSPORTE

4.2.4. LEGISLAÇÃO

153 DADOS PROJETUAIS

161 PROPOSTA

170 CONCLUSÕES

171 REFERÊNCIAS

APÊNDICE

lista de figuras

[**FIGURA 01**] Quadro Resumo da Introdução.

[**FIGURA 02**] Redesenho do Esquema Resumo da Metodologia do Objeto Arquitetônico.

[**FIGURA 03**] Quadro Resumo da Metodologia adotada.

[**FIGURA 04**] Redesenho do Esquema da Forma Pertinente.

[**FIGURA 05**] Acesso Nave de Temeras.

[**FIGURA 06**] Mapa de Localização Matadero.

[**FIGURA 07**] Sala de Exposição Central.

[**FIGURA 08**] Vista do Entorno.

[**FIGURA 09**] Em uso como espaço de exposição.

[**FIGURA 10**] Detalhes Construtivos.

[**FIGURA 11**] Fachada Principal Matadero.

[**FIGURA 12**] Fachada Principal Red Bull Station.

[**FIGURA 13**] Mapa de Localização Red Bull Station.

[**FIGURA 14**] Acesso por passarela.

[**FIGURA 15**] Entrada Principal e Plantas.

[**FIGURA 16**] Vista Aérea.

[**FIGURA 17**] Atelier Coletivo.

[**FIGURA 18**] Esquema Seccionado dos elementos construtivos.

[**FIGURA 19**] Fachada Pincipal.

[**FIGURA 20**] Fachada Principal Fábrica da Macaxeira.

[**FIGURA 21**] Mapa de Localização Fábrica da Macaxeira.

[**FIGURA 22**] Vista aérea do projeto e entorno.

[**FIGURA 23**] Conjunto antes da revitalização.

[**FIGURA 24**] Conjunto após revitalização.

[**FIGURA 25**] Render Proposta.

[**FIGURA 26**] Vista Interna Parque.

[**FIGURA 27**] Elementos Significativos.

[**FIGURA 28**] Detalhe Fachada.

[**FIGURA 29**] Vista aérea das ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Marquês do Erval, ruas de intensa movimentação comercial, em Campina Grande de 1963.

[**FIGURA 30**] Entrevista realizada com Carlos Sassen, diretor comercial da Wallig acerca da implantação da filial em Campina Grande.

[**FIGURA 31**] Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Campina Grande, 30 de maio de 1964, em apoio a Ditadura Militar.

[**FIGURA 32**] Manchete do Diário da Borborema.

[**FIGURA 33**] Processo aprovado pela SUDENE.

[**FIGURA 34**] Seção dedicada ao centário de Campina Grande.

[**FIGURA 35**] Documento de requerimento e aprovação.

[**FIGURA 36**] Contracapa do Memorial Justificativo.

[**FIGURA 37**] Carimbo das Pranchas.

[**FIGURA 38 - 41**] Fotos da Construção da fábrica Wallig.

[**FIGURA 42**] Manchete do Diário da Borborema.

[**FIGURA 43**] Medalha Comemorativa.

[**FIGURA 44**] Inauguração da Wallig, em 10 de Agosto de 1967.

[**FIGURA 45**] Propaganda fogões Wallig de 1972.

[**FIGURA 46**] Propaganda fogões Wallig de 1970.

[**FIGURA 47**] Propaganda fogões Wallig de 1970.

[**FIGURA 48**] Propaganda fogões Wallig de 1972.

[**FIGURA 49**] Propaganda fogões Wallig de 1974.

[**FIGURA 50**] Propaganda fogões Wallig de 1976.

[**FIGURA 51**] Reportagem da Revista do FISCO de 1977.

[**FIGURA 52**] Propaganda fogões Wallig de 1978.

[**FIGURA 53**] Propaganda fogões Wallig de 1977.

[**FIGURA 54**] Reportagem com o presidente da CINEP,

[**FIGURA 55**] Reportagem acerca da contenção de investimentos federais.

[**FIGURA 56**] Distrito de Campina Grande.

[**FIGURA 57**] Reportagem Acerca da Crise na SUDENE.

[**FIGURA 58**] Anúncio de leilão da Wallig.

[**FIGURA 59**] Anúncio de negociações para venda da Wallig.

[**FIGURA 60**] Negociação da utilização da estrutura da Wallig.

[**FIGURA 61**] Vista interna do Condomínio Wallig.

[**FIGURA 62**] Pavilhão separado do conjunto Wallig.

[**FIGURA 63**] Gráfico de temperatura e Zona de Conforto Campina Grande-PB.

[**FIGURA 64 E 65**] Gráficos Carta Solar e Rosa dos Ventos.

[**FIGURA 66**] Esquema da construção morfológica do recorte para análise do entorno da fábrica da Wallig.

[**FIGURA 67**] Perspectivas espaços livres.

[**FIGURA 68**] Diagrama implantação na Wallig no terreno.

[**FIGURA 69**] Esquema Isométrico de Zoneamento e Fluxos.

[**FIGURA 70**] Fotomontagem Pavilhão Esmalteria Fábrica Wallig

[**FIGURA 71**] Zoneamento e Fluxos do conjunto originalmente.

[**FIGURA 72**] Tabela retirada do Memorial Justificativo.

[**FIGURA 73**] Síntese dos módulos estruturais.

[**FIGURA 74**] Esquema com malha estrutual da Wallig Nordeste.

[**FIGURA 75**] Esquema elementos de vedação.

[**FIGURA 76**] Foto da cobertura em vista superior.

[**FIGURA 77**] Perspectiva do Pavilhão que destaca as coberturas para a forma do edifício.

[**FIGURA 78**] Detalhe Construtivo de seção retirada de corte do projeto original.

[**FIGURA 79**] Esquema de montagem dos elementos construtivos mais significativos da Fábrica Wallig Nordeste SA.

[**FIGURA 80**] Diagrama em Fontomotagem de texturas e revestimentos.

[**FIGURA 81**] Esquema de modificações formais no conjunto.

[**FIGURA 82**] FD 01_Elementos Parasitários.

[**FIGURA 83**] FD 02_Crosta Negra ou Sujicidade.

[**FIGURA 84**] FD 03_Ferragem Exposta.

[**FIGURA 85**] Ficha de Identificação de Danos_Cobogós.

[**FIGURA 86**] Ficha de Identificação de Danos_Estrutura de Suporte Cobertura.

[**FIGURA 87**] Ficha de Identificação de Danos_Brises.

[**FIGURA 88**] Ficha de síntese danos na fábrica Wallig Nordeste .

[**FIGURA 89**] Conceito de Projeto.

[**FIGURA 90**] Síntese diretrizes e ações.

[**FIGURA 91**] Localização.

[**FIGURA 92**] Diagrama Síntese topografia, carta solar, rosa dos ventos.

[**FIGURA 93**] Síntese dados demográficos.

[**FIGURA 91**] Reportagem acerca da contenção de investimentos federais.

[**FIGURA 92**] Distrito de Campina Grande.

[**FIGURA 93**] Reportagem Acerca da Crisa na SUDENE.

[**FIGURA 94**] Concepção Programa.

[**FIGURA 95**] Gráfico de Áreas.

[**FIGURA 96**] Esquema zoneamento.

[**FIGURA 97**] Planta de Locação e Agenciamento Paisagístico.

[**FIGURA 98**] Mapa Cicloviário

[**FIGURA 99**] Perspectiva Acesso Principal.

[**FIGURA 100**] Perspectiva Acesso Museu.

[**FIGURA 101**] Perspectiva Praça de convivência.

[**FIGURA 102**] Perspectiva Pátio Bloco Educacional.

[**FIGURA 103**] Perspectiva Bloco de Circulação.

[**FIGURA 104**] Perspectiva Recepção.

lista de mapas

[**MAPA 01**] Relação geográfica entre edificações da Fábrica Wallig e Polo de Modas.

[**MAPA 02**] Ilustração da delimitação das normativas descritas.

[**MAPA 03**] BRASIL - NORDESTE - PARAÍBA

[**MAPA 04**] PARAÍBA - CAMPINA GRANDE

[**MAPA 05**] CAMPINA GRANDE - DISTRITO INDUSTRIAL - WALLIG

[**MAPA 06**] WALLIG E ENTORNO EM RECORTE DE 1000m X 1000m

[**MAPA 07**] MAPA DE USOS EM RECORTE DE 1000m X 1000m

[**MAPA 08**] MAPA DE USOS E VIAS EM RECORTE DE 1000m X 1000m

[**MAPA 09**] MAPA DE CHEIOS E VAZIOS + GABARITOS EM RECORTE DE 1000m X 1000m.

[**MAPA 10**] MAPA DE EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E ACESSIBILIDADE DA WALLIG COM A CIDADE



considerações iniciais

No mundo, o reconhecimento do Patrimônio Industrial é um fenômeno recente por parte das entidades patrimoniais, visto que a primeira manifestação quanto a salvaguarda desse data de 1962, e manifestos preservacionistas relacionados ao mesmo, apenas dos últimos vinte anos. Consequência do processo de desindustrialização, o abandono e degradação das estruturas industriais, antes de uma questão patrimonial, tange a um problema urbanístico de subutilização desses espaços, como bem apresenta CORDEIRO¹,

“(...) EM MUITAS CIDADES, HÁ AINDA INÚMERAS SITUAÇÕES EM QUE ANTIGAS INSTALAÇÕES FABRIS SE MANTÊM ABANDONADAS E EM DEGRADAÇÃO DURANTE LONGOS ANOS, CONSTITUINDO UM PROBLEMA DE SALVAGUARDA — SE TAL SE JUSTIFICAR — E TAMBÉM UM PROBLEMA URBANÍSTICO À ESPERA DE SOLUÇÃO. A SOLUÇÃO IDEAL PARA SITUAÇÕES DESSE TIPO DEVERIA PRIVILEGIAR A QUESTÃO PATRIMONIAL, OU SEJA, SE AS INSTALAÇÕES APRESENTAREM INEQUÍVOCO VALOR PATRIMONIAL, MERECEM ATUAÇÃO EM CONFORMIDADE, MEDIANTE TOMBAMENTO E PROGRAMA DE VALORIZAÇÃO E APROVEITAMENTO, DE FORMA A SALVAGUARDAR O INTERESSE DA COMUNIDADE. ESSA VALORIZAÇÃO COMPORTA INÚMERAS SOLUÇÕES — NÃO NECESSARIAMENTE DE NATUREZA CULTURAL —, DADA A VERSATILIDADE DE REUTILIZAÇÃO QUE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL OFERECE.” [CORDEIRO, 2011, P.156]

Diante desse quadro, este trabalho tem por objeto de estudo a Fábrica Wallig Nordeste S.A., instalada no Distrito Industrial I de Campina Grande desde a década de 1960, e originalmente utilizada para a produção de fogões a gás liquefeitos. Tida pela imprensa da época como a “coroação da Rainha da Borborema - nome popular da cidade (...)”², a Indústria Wallig teve importante papel econômico até o encerramento das suas atividades em 1979.

Atualmente, o conjunto de grande imponência em porte e arquitetura, é equacionado em fábricas menores, onde 5 dos 8 galpões foram separados em um condomínio industrial, e os demais passaram a exercer função de depósito de mercadorias para lojas de departamento, estando parte subutilizado, distancia-se do papel social e cultural que cabe ao patrimônio edificado.

Têm-se por objetivo deste trabalho elaborar projeto preliminar de intervenção em parte da Fábrica, a fim de adaptá-la a um novo uso, mantendo a significação cultural da substância, e restabelecendo a sua função histórica - cultural através da preservação deste patrimônio para as futuras gerações.

Ao observar os edifícios industriais existentes, como a fábrica

¹ José Manuel Moraes Lopes Cordeiro é doutor em História Contemporânea, vinculado à Universidade do Minho (Braga, Portugal), Departamento de História desde 1988. Membro do “Board” TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. Presidente da Associação Portuguesa para o Patrimônio Industrial.

² SOUZA e CABRAL FILHO Apud. Diário da Borborema, 2013, p. 5

1960

Wallig, cabe reconhecer o potencial que há na reabilitação, uma vez que em sua maioria apresentam solidez estrutural e amplos espaços internos, características que possibilitam diversos caminhos e técnicas ao intervir, sem que haja investimentos excessivos, e uma variedade de novos usos, não limitando-se a uma funcionalidade monumentalista comumente aplicada a outros tipos de estruturas, como coloca MARÍN³:

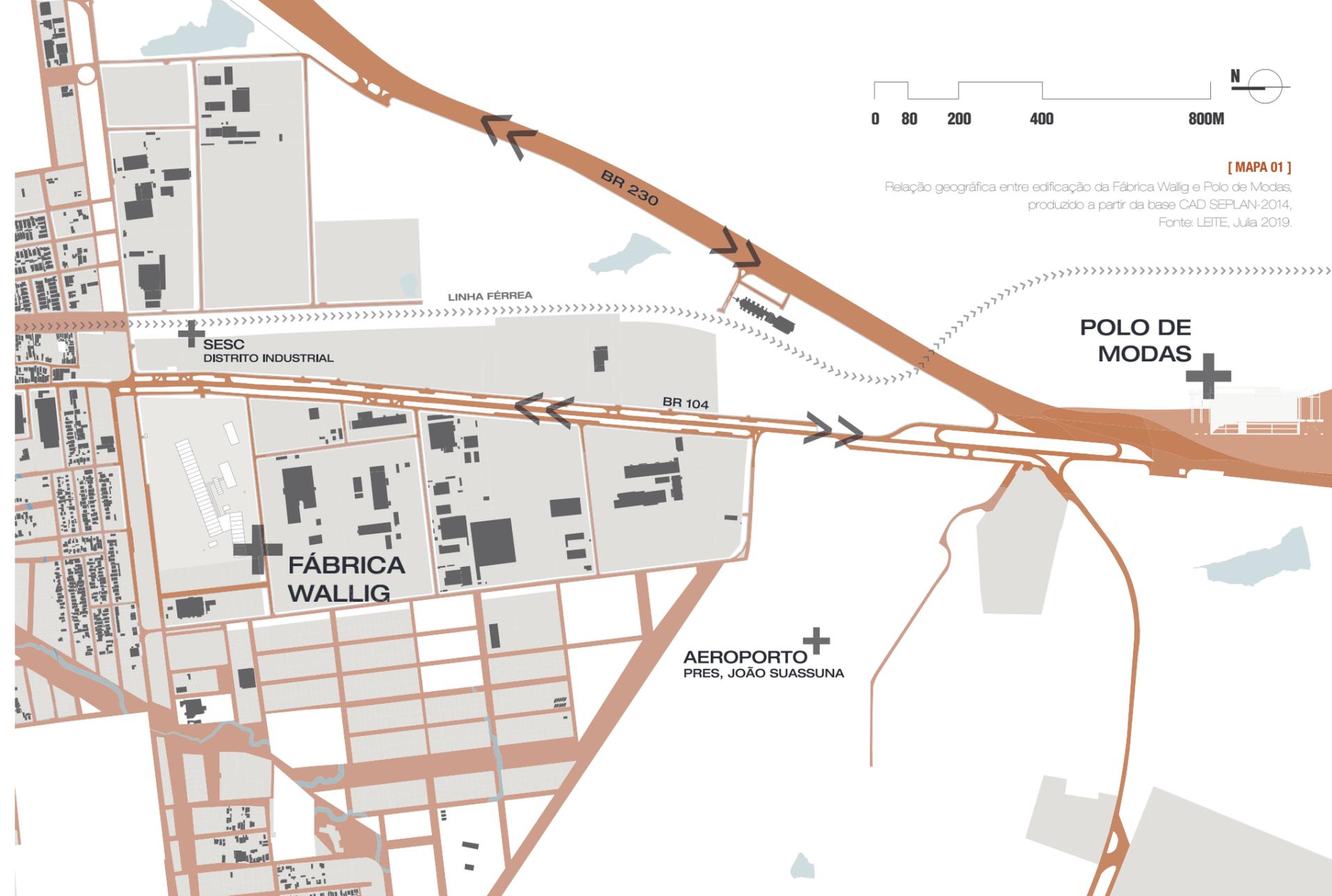
“A ARQUITETURA INDUSTRIAL OFERECE GRANDES VANTAGENS PARA A SUA REUTILIZAÇÃO: SOLIDEZ, DIAFONIA INTERIOR, AMPLITUDE, RESISTÊNCIA AO FOGO, FÁCIL REABILITAÇÃO SEM INVESTIMENTOS EXCESSIVOS E, SOMENTE OCASIONALMENTE, BELEZA FORMAL E QUALIDADE ARQUITETÔNICA. A ESTAS RAZÕES, DEVEMOS ACRESCENTAR A RENTABILIDADE DE REUTILIZAR, QUANDO ISSO FOR POSSÍVEL, O INVESTIMENTO INICIAL PARA DESENVOLVER E PRESTAR SERVIÇOS AO TERRENO UTILIZADO PELA PRIMEIRA VEZ.” [MARÍN, 2018, P.35]

O complexo industrial da Wallig se destaca pelos diversos pavilhões em sistema estrutural de vetor-ativo, composto por treliças pré moldadas e pilares em concreto armado, com volume envolto das peles em planos bem definidos, evidenciando a solução estrutural e toda a verdade construtiva, com tijolos aparentes e cobogós de concreto, assim como amplos vãos, aspectos esses que potencializam a possibilidade de reutilização.

Em paralelo, nos últimos anos têm se anunciado a construção de um polo comercial, em parceria público privado, junto ao novo complexo habitacional Aluizio Campos, ambos às margens dos limites municipais da cidade de Campina Grande. A proposta trata da comercialização dos produtos locais em maior escala, justificando assim a inserção do empreendimento próximo ao Distrito Industrial [MAPA 01] em uma estrutura em pavilhão de 12 mil m² de cobertura.

Nesse contexto, levanta-se o questionamento sobre a construção dessa nova estrutura diante da existência de edifícios como os referidos galpões da fábrica Wallig, de características físicas semelhantes e em localização aproximada, subutilizados ou parcialmente subutilizadas, aquém da sua função social, cultural e urbanística.

Realizar estudo preliminar de intervenção nesses galpões da antiga Fábrica Wallig Nordeste S.A., justifica-se pela demonstração das possibilidades de reabilitação, como ato de salvaguarda, através do projeto de arquitetura. Seguindo critérios e parâmetros apresentados nas cartas patrimoniais, por estudiosos da área e em estudos de intervenção modelo, visto que é necessário ter uma visão crítica sobre o que têm-se produzido hoje no campo da intervenção, como levanta KUHL⁴:



[MAPA 01]
Relação geográfica entre edificação da Fábrica Wallig e Polo de Modas, produzido a partir da base CAD SEPLAN-2014, Fonte: LEITE, Julia 2019.

EM TEMPOS RECENTES, AS RAZÕES PRAGMÁTICAS, MUITAS VEZES DISFARÇADAS DE AÇÕES CULTURAIS, VOLTARAM A PREVALECER, (...) IMPERAM RAZÕES QUE TRAZEM BENEFÍCIOS MATERIAIS, ESQUECENDO-SE DAS RAZÕES ESPIRITUAIS E HUMANÍSTICAS QUE MOTIVAM O CAMPO. OU SEJA, MUITAS AÇÕES HOJE, SÃO DITADAS POR QUESTÕES UTILITÁRIAS: PELO USO, PELA ESPECULAÇÃO EM BUSCA DE MAIORES LUCROS, PARA OBTER VISIBILIDADE NA MÍDIA, (...) NEGANDO A ORIGEM, OS OBJETIVOS E A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA PRESERVAÇÃO COMO ATO DE CULTURA QUE TUTELA A MEMÓRIA E O CONHECIMENTO. [KUHL, 2008, P.31]

O projeto em questão pretende adaptar a estrutura existente a um novo uso, mantendo a significação cultural da substância, os vestígios do texto anterior como na prática do palimpsesto, restabelecendo a sua função histórico-cultural através da preservação deste patrimônio para as gerações futuras.

³ Doutor em História e professor do Departamento de História da Arte da Universidade de Málaga (Espanha), onde leciona desde 1995. Leciona a disciplina "Patrimônio Industrial" desde 1998 na licenciatura em História Arte e assuntos relacionados à difusão do patrimônio na Faculdade de Turismo.

⁴ Beatriz Mugayar Kuhl é arquiteta com especialização na área de preservação de bens culturais na Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica) e doutora pela Universidade de São Paulo e pós-doutora pela Università degli Studi di Roma. Renomada estudiosa, possui diversos artigos e livros publicados no Brasil e no exterior.

quadro resumo



[FIGURA 01] Quadro Resumo da Introdução apresentando objeto, objetivo e justificativa para desenvolvimento do trabalho. | Fonte: LEITE, Julia (2019)

CONCEITUAÇÃO

Neste capítulo, buscou-se compilar uma série de conceitos que ajudem a elucidar e embasar os estudos que serão desenvolvidos, visto que tem sido comum a desconsideração por parte dos profissionais da arquitetura os referenciais teóricos no projeto de intervenção do patrimônio industrial, como discorre KUHL:

“EM MUITAS INTERVENÇÕES RECENTES NO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL HÁ UMA DISSOCIAÇÃO INJUSTIFICÁVEL ENTRE PRÁTICA E TEORIA DE RESTAURO, POIS MUITAS VEZES AS AÇÕES SÃO FEITAS À MARGEM, OU NO TOTAL DESCONHECIMENTO DAS ATUAIS VERTENTES TEÓRICAS DO CAMPO, COMO SE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL FOSSE ALGO COMPLETAMENTE DISTINTO.” [KUHL 2008, P.55]

Essa conceituação será organizada em três seções, correspondentes às palavras-chaves desse trabalho: Patrimônio Industrial, Palimpsesto e Intervenção no Patrimônio Industrial.

patrimônio industrial

O patrimônio industrial é compreendido como os “vestígios da cultura industrial”¹, os quais possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico, a Carta de Nizhny Tagil², documento patrimonial que trata da temática, define que:

(...) TODO O ACERVO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DEVE SER ESTUDADO, A SUA HISTÓRIA DEVE SER ENSINADA, A SUA FINALIDADE E O SEU SIGNIFICADO DEVEM SER EXPLORADOS E CLARIFICADOS A FIM DE SEREM DADOS A CONHECER AO GRANDE PÚBLICO.

A terminologia patrimônio industrial é originada do termo arqueologia industrial, definido por Angus Buchanan³, em 1917, como “um campo de estudo relacionado com a pesquisa, levantamento, registro e, em alguns casos, com a preservação de ‘monumentos industriais’”⁴. Vale salientar que embora na prática as expressões têm sido aplicadas como sinônimos, há uma diferenciação entre elas, explanada por KUHL:

¹ Carta de Nizhny Tagil 2003 p.2

² Documento patrimonial criado durante a conferência do TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial) com propósito de definir diretrizes e conceitos quanto ao Patrimônio Industrial.

³ Robert Angus Buchanan é professor de história da tecnologia da Universidade de Bath, e diretor do Centro de História da Tecnologia, Ciência e Sociedade. Envolve-se com as temáticas de Arqueologia e História.

⁴ KUHL, 2008, p.39 Apud. BUCHANAN

A ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL VOLTA-SE AO ESTUDO, ANÁLISE E REGISTRO DE FORMAS DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO PASSADO – MESMO QUANDO DESAPARECEM OS TESTEMUNHOS MATERIAIS – E, POR VEZES, QUANDO RECONHECIDO O INTERESSE COMO BEM CULTURAL, À SUA PRESERVAÇÃO. QUANDO SE FALA DE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, PRESSUPÕE-SE QUE TENHAM SIDO FEITOS ESSES ESTUDOS – QUE DEVEM SER MULTIDISCIPLINARES – E QUE SE TENHAM IDENTIFICADO OS BENS QUE POSSUEM INTERESSE PARA A PRESERVAÇÃO. [KUHL, 2008, P. 45]

Desde as primeiras definições esses monumentos da industrialização incorporam os processos produtivos, meios de comunicação, transporte, e, a arquitetura da industrialização, edifícios pré-fabricados, de uso industrial ou não. Pode-se dizer, então, que a arquitetura industrial é o enfoque desse trabalho, e que se aplica nesse o termo patrimônio industrial, uma vez que há interesse de preservação como bem cultural do objeto estudado⁵.

Acerca dos estudos multidisciplinares, assim como os diferentes campos do conhecimento que envolvem essa temática listados na Carta de Nizhny Tagil, encontra-se limitação de aplicá-los no contexto em que se elabora esse trabalho. No entanto é conhecida a sua relevância, e dada a devida atenção na análise do objeto sobre o contexto social e econômico, como

⁵ Ver Análise do Objeto Arquitetônico no capítulo 03.

ênfatiza FEITOSA⁶ :

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL ESTÁ INTRINSECAMENTE LIGADO AO SEU CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO, E SUA COMPREENSÃO NÃO DEVE SER DISSOCIADA DA HISTÓRIA DA TÉCNICA E DO PENSAMENTO. OU SEJA, ELE DEVE SER ESTUDADO CONJUNTAMENTE COM AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS PELAS QUAIS O MUNDO PASSOU, E QUE SE REFLETIRAM NA FORMA “MODERNA” DE VER O MUNDO COM A INTRODUÇÃO DE CONCEITOS, TAIS COMO AS NOÇÕES DE SUPERAÇÃO E PROGRESSO. [FEITOSA, 2014, P.22]

Para essa compreensão, se faz necessário o estudo da adaptação da arquitetura em face a industrialização, mas especificamente do contexto moderno no qual se enquadra o objeto estudado, e posteriormente na aplicação local dessas transformações.

Na virada do século XX enfrenta-se a brusca transição entre os sistemas de manufatura para a produção em série e automatizada, ideias trazidas pelo taylorismo e fordismo. Nessa conjuntura também há uma modificação na forma de ver arquitetônica-

⁶ Suzete Santos Bomfim possui graduação em Arquitetura e Urbanismo desde 2002, pela Universidade Tiradentes - Sergipe. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UnB - Universidade de Brasília, desde 2007. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UnB - Universidade de Brasília, desde 2014, ambas na linha de Pesquisa de Teoria, História e Crítica.

mente o espaço industrial, como esclarece MARQUES⁷ :

COINCIDENTEMENTE A UM MUNDO À PROCURA DE BALANÇO COM ESTE NOVO PARADIGMA INDUSTRIAL E À INTRODUÇÃO DO CAPITALISMO ECONÔMICO QUE CULMINARIA NA SOCIEDADE DE CONSUMO, A ARQUITECTURA E AS ARTES TAMBÉM TRANSPARECIAM A VONTADE DE MUDANÇA E EXPLORAVAM A RUP-TURA DE IDEIAS CLÁSSICAS E O ESTABELECEM DE NOVAS NARRATIVAS. [MARQUES, 2017, P.9]

Com essa nova mentalidade, enfatizando a relação tempo x dinheiro, os grandes industriais associavam a saúde dos operários com a eficiência na produção, refletindo assim na aplicação de medidas higienistas para o espaço fabril e para cidade, outro aspecto relevante para a construção das indústrias da modernidade trata da introdução de grandes maquinários, que exigiam um espaço mais amplo e linearizado.

ESTES NOVOS DESÍGNIOS REFLETEM-SE NO PLANEJAMENTO ESPACIAL NO QUAL ERA CONSIDERADO A APLICAÇÃO DE NOÇÕES HIGIENISTAS, O AMBIENTE HÚMIDO E PESADO SERIA SUBSTITUÍDO PELOS PÉS DIREITOS DUPLOS E VENTILAÇÃO CONTROLADA PARA CONFERIR AO ESPAÇO MAIOR ABERTURA E UMA HABITABILIDADE MAIS DESAFOGADA. AS GROSSAS PAREDES DE ALVE-NARIA E A APARÊNCIA ESCURA E FECHADA DAVAM LUGAR A DIVISÕES MAIS DELICADAS

⁷ João André Guardado Marques é um arquiteto português, mestre pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra no Departamento de Arquitectura.

E FLEXÍVEIS BASEADA NAS POSSIBILIDADES DOS NOVOS MATERIAIS COMO O FERRO FUNDIDO OU O BETÃO ARMADO E ÀS FACHADAS COM VIDRO CONTÍNUO QUE PERMITIAM A ENTRADA PROFUSA DE LUZ. [MARQUES 2017, P.31]

Nesse contexto de modernização das fábricas, há também as primeiras iniciativas quanto ao reconhecimento de valor arquitetônico do espaço industrial. A professora Beatriz Kuhl traz um trecho da revista “Architectural Review”⁸ de 1957, na qual ao observarem a arquitetura industrial do início do século XIX, evidenciavam “variedade e qualidades formais alcançadas por uma produção derivada de preocupações essencialmente funcionais”.

Não obstante à constatação supracitada, observa-se a produção arquitetônica industrial na modernidade como campo de experimentação para o que viria a ser a arquitetura moderna. Uma vez que esses equipamentos eram socialmente vistos como inferiores, havia neles maior liberdade para a manipulação de novos critérios técnicos, materiais e construtivos da forma.

MÁXIMAS COMO FORM FOLLOWS FUNCTION TIVERAM NAS FÁBRICAS UMA APLICAÇÃO PRECOCE, OS ESPAÇOS QUE, COMO VIMOS, SENDO AJUSTADOS ÀS

⁸ KUHL, 2008 página 38

DIFERENTES FASES DA FABRICAÇÃO, ORIGINARAM UMA EXTENSÃO DO VOCABULÁRIO FORMAL. A EXPLORAÇÃO DE PRODUÇÕES DIFERENTES E DE NOVOS SISTEMAS INDUSTRIAIS PROPORCIONADOS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS E FORTE MAQUINIZAÇÃO, AJUDOU A ACENTUAR ESTA EXPANSÃO INDUZINDO AO SURGIMENTO DE DISTINTAS TIPOLOGIAS DENTRO DA ARQUITECTURA INDUSTRIAL E A UMA PLURALIDADE EXPRESSIVA ENRIQUECEDORA TRANSVERSALMENTE PARA A ARQUITECTURA E ARTES. [MARQUES 2017, P.37]

Entre os aspectos que fomentaram as primeiras manifestações em prol da proteção dos edifícios industriais destaca-se a demolição de importantes “testemunhos arquitetônicos do processo de industrialização”⁹, e o aumento do número de pessoas envolvidas com o contexto fabril, como indica MARQUES¹⁰, afirmando que em “um país pouco alfabetizado (...). Um indivíduo comum tem uma probabilidade alta de estar ligado a um equipamento destes, seja diretamente trabalhando lá ou indiretamente conhecendo alguém que o faça, é expectável que tenha uma presença forte na sua vida.”.

Nesse contexto, adicionado as descobertas da arqueologia e o aprimoramento do “projeto memorial das ciências humanas”¹¹, atinge-se um momento de expansão dos limites cronológicos

⁹ KUHL, 2008 p.38

¹⁰ MARQUES, 2017 p. 41

¹¹ CHOAY, 2017, p. 224

do que se entende por monumento histórico no âmbito patrimonial. Françoise Choay¹², afirma que a barreira temporal da era industrial, antes considerada intransponível, é deslocada “a um passado cada vez mais próximo do presente”¹³. Dessa forma, o patrimônio industrial adquire “os mesmos privilégios e os mesmos direitos de conservação”¹² de outros exemplares de arquitetura de caráter monumental ou cronologicamente mais distantes.

(...) IMPÕE-SE UMA EXPENSÃO TIPOLOGICA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO (...) A ACHEGA MAIS CONSIDERÁVEL DE NOVOS TIPOS DEVEU-SE À PASSAGEM DA BARREIRA DA INDUSTRIALIZAÇÃO E À ANEXAÇÃO PELA PRÁTICA CONSERVATÓRIA DE EDIFÍCIOS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E DO SÉCULO XX. ESTES RESULTAM, EM PARTE OU NA TOTALIDADE, DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS RECENTES: IMÓVEIS DE HABITAÇÃO, GRANDES ARMAZÉNS, BANCOS, OBRAS DE ARTE, MAS TAMBÉM, FÁBRICAS, ENTREPÓSOS, HANGARES, DEIXADOS POR CONTA DO PROGRESSO TÉCNICO OU DAS MUDANÇAS ESTRUTURAIS DA ECONOMIA. [CHOAY, 2017, P.225]

¹² Françoise Choay(n. 1925) é historiadora das teorias e formas urbanas e arquitectónicas e professora de Urbanismo, Arte e Arquitectura na Université de Paris VIII. Coursou filosofia antes de se tornar crítica de arte. Nos anos 50 colaborou nas revistas L'Observateur, L'Œil e Art de France. Nos anos 60 dirigiu a secção parisiense da Art International. Da década de 70 até hoje, publicou diversos estudos sobre arquitectura e urbanismo. Dirigiu a colecção Espacements na Éditions du Seuil.

¹³ CHOAY, 2017, p. 224

Com essa “expansão do campo cronológico”¹² e inserção dos bens industriais como patrimônio levantam-se desafios acerca da preservação do que compõe a herança industrial, estes apresentados ainda no início do século XX assemelham-se com a situação atual, como coloca KUHL:

ESSES EDIFÍCIOS, OU INTEIROS COMPLEXOS, ESTAVAM (E ESTÃO) SOB CONSTANTE AMEAÇA PELA SUA OBSOLESCÊNCIA FUNCIONAL, PELO CRESCIMENTO DAS CIDADES E PELA PRESSÃO ESPECULATIVA IMOBILIÁRIA. [KUHL, 2008, P.38]

Observa-se então a transformação e obsolescência de processos industriais como fenômeno gerador do abandono dos edifícios nas periferias das cidades, que posteriormente englobam-se nos núcleos urbanos, e tornam-se alvo da especulação imobiliária, quando comprados em propósito de reutilização, os atores demonstram-se comumente insensíveis aos seus valores e história.

Sobretudo na compreensão do patrimônio industrial em suas diferentes dimensões: bens imóveis, os edifícios, bens móveis, a maquinaria e sistemas produtivos, e bens imateriais, as relações sociais e econômicas que envolveram este período.

No contexto regional, AFONSO¹⁴ aponta que a disseminação dos processos de industrialização e mecanização, trouxe mudanças importantes na forma de construir e na exploração dos recursos e tecnologias apropriados para as suas necessidades. Relatando que:

ESSA PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA INDUSTRIAL ACARRETOU NA CONSTRUÇÃO DE OBRAS DE BOA QUALIDADE PROJETUAL REALIZADA POR ARQUITETOS QUE BUSCARAM ALINHAR A CONCEPÇÃO DO PROCESSO INDUSTRIAL AOS EDIFÍCIOS, FORMANDO ASSIM, UM ACERVO RICO QUE COMPÕE O ROL DOS BENS ARQUITETÔNICOS DO PATRIMÔNIO MODERNO INDUSTRIAL. [AFONSO 2018, P. 381]

Entretanto, ao tratar do patrimônio industrial regional, este ainda se classifica como “Patrimônio Emergente”¹⁵, uma vez que sua definição, inventário e tombamentos, vem ainda sendo modificada e ampliada. O reconhecimento do patrimônio industrial moderno no Nordeste faz-se necessário, em um contexto onde

¹⁴ AFONSO, 2018, p. 381

¹⁵ Alcilia Afonso de Albuquerque Melo é Arquiteta, possui doutorado em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB/ UPC na Espanha (2006), convalidado no Brasil pela UFRGS, mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco / UFPE (2000), sendo especialista em Arte e Cultura Barroca, pela UFOP/ MG (1986), em Conservação Urbana pelo CECI/MDU/ UFPE (1998), e graduada em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE (1983). É membro do ICOMOS Brasil e do DOCOMOMO Brasil, e faz parte de redes internacionais de pesquisa, tais como: GRUPO FORM da ETSAB/ UPC/ Barcelona/ Espanha; INCUNA em Gijón/ Astúrias/ Espanha;

¹⁵ MARTÍN, 2018, p. 46

a proteção por meio dos órgãos patrimoniais a essas estruturas é exígua, em oposição ao exposto na Carta de Nizhny Tagil:

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DEVE SER CONSIDERADO COMO UMA PARTE INTEGRANTE DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM GERAL. CONTUDO, A SUA PROTEÇÃO LEGAL DEVE TER EM CONSIDERAÇÃO A SUA NATUREZA ESPECÍFICA. ELA DEVE SER CAPAZ DE PROTEGER AS FÁBRICAS E AS SUAS MÁQUINAS, OS SEUS ELEMENTOS SUBTERRÂNEOS E AS SUAS ESTRUTURAS NO SOLO, OS COMPLEXOS E OS CONJUNTOS DE EDIFÍCIOS, ASSIM COMO AS PAISAGENS INDUSTRIAIS. AS ÁREAS DE RESÍDUOS INDUSTRIAIS, ASSIM COMO AS RUÍNAS, DEVEM SER PROTEGIDAS, TANTO PELO SEU POTENCIAL ARQUEOLÓGICO COMO PELO SEU VALOR ECOLÓGICO. [CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, P.8]

O reflexo da desproteção legal desses bens trata do abandono dessas grandes áreas, que por muitos anos deixam-se desgastar sobre os olhares da especulação imobiliária crescente sobre o solo, resultando a longo e até curto prazo a destruição não seletiva, pois onde não há reconhecimento ou obrigação legal de inventário dos bens, também há o desconhecimento da existência e relevância desses.

Nos casos de restauração, por vezes resulta-se em reformas camufladas por intervenção, aplicando-se reconversões tecnicamente não vistoriadas, ou tecnicamente desassociadas dos princípios do restauro, levando-nos ao próximo tópico.

palimpsesto

Palimpsesto é uma palavra de origem grega, que se refere a prática medieval de reaproveitar um pergaminho raspando o texto original e dando lugar a outro, de forma que um escrito guarda vestígios de outro escrito anterior, existindo sobre a mesma superfície.

Ao tratar do “ciclo natural”¹ do patrimônio, a professora Lucie Morisset² apresenta dois caminhos: “Renovação ou Esquecimento”, sugerindo que a vida do objeto patrimonial não é terminal, mas cíclica.

PATRIMÔNIO É FÓSSIL COM VIDA ÚTIL PROLONGADA, MAS É TAMBÉM UMA “OPERA APERTA”, UM TRABALHO EM ABERTO. (...) O PATRIMÔNIO NÃO TERMINA NO MOMENTO EM QUE É CONSGRADO: PATRIMÔNIO MUDA DE GERAÇÃO À GERAÇÃO COM CADA NOVO OLHAR SOBRE ELE. [MORISSET, 2010, P.57]

É comparado então ao palimpsesto, camadas sobre camadas, “reescritas incessantemente”³ sobre suas bases anteriores, continuamente mutável, enquanto mantém os traços dos “investimentos semânticos” — interpretações dadas ao longo do tempo —, sendo o objeto arquitetônico o “receptáculo” e o “pro-

¹ MORISSET, 2010, p.57

² Lucie Morisset é historiadora da Arquitetura e Urbanismo, professora no departamento de Estudos de Urbanismo e Turismo na universidade de Québec em Montreal. Membro do Instituto universitário do Patrimônio.

³ MORISSET, 2010, p.58

duto” desse processo.

No Brasil, é observada a valorização do novo em relação ao existente, esse “desconforto da palavra conserto como vocábulo em português”⁴ revela uma forma de ver o mundo onde trabalhar sob a arquitetura que se perpetua pelos anos é sempre um processo complexo, engessado, e de alto custo.

De fato, ALMEIDA e BÓGEA destacam que “para além da liberdade do ‘conserto’ o que chama atenção é a disponibilidade em não fazer tábula rasa da história do edifício”⁴, ou seja, intervir no patrimônio histórico exige no processo criativo uma devida compressão da história e valor do edifício, o que possivelmente torna-se complexo.

Por outro lado, ao reconhecer no objeto o que o “eleva à condição de patrimônio”⁵, cabe ao arquiteto não se privar de reimaginá-lo, e não engessá-lo, uma vez que “todo passado é no presente uma construção que põe o tempo em movimento”⁵, o projeto de intervenção deve:

PRODUZ(IR) UMA ARQUITETURA QUE USA O EXISTENTE SEM SACRALIZÁ-LO OU MANTÊ-LO EM UMA INTEGRIDADE FORA DO TEMPO, SOBRETUDO, PARA EDITAR

⁴ ALMEIDA e BÓGEA, 2016, p.4

⁵ Idem, p.1

UM NOVO CORPO PRESENTE EM QUE A ANTIGA OBRA AGORA FAZ PARTE ATIVA DO NOVO CONTEXTO. [ALMEIDA E BÓRGEA, 2016, P.5]

Quanto ao alto custo associado ao “consertar”, ou intervir no patrimônio, em contraste com a visão disseminada, demonstra-se por vezes como uma solução atraente em termos de ordem prática, uma vez que preserva a fisionomia e características urbanas, ocupa-se setores onde já há a instalação de serviços básicos e acesso pelo transporte público, além de evitar gastos ao demolir e construir, proporcionando um processo construtivo mais sustentável.

Apesar do reconhecimento das vantagens práticas ao se intervir no patrimônio, essas questões devem ocupar o lugar certo no processo de restauro, uma vez que esse deve ser entendido como “ato de cultura”⁶, motivado por questões de cunho cultural, científico e ético, como destaca a professora Beatriz Kuhl:

DESSE MODO, AS QUESTÕES DE ORDEM PRÁTICA DEIXAM DE SER ÚNICAS E PREVALENTES, APESAR DE DEVER ESTAR SEMPRE PRESENTES, E PASSAM A SER CONCOMITANTES, E TER CARÁTER INDICATIVO, MAS NÃO DETERMINANTE. SÃO EMPREGADAS COMO MEIOS DE PRESERVAR, MAS NÃO COMO FINALIDADE, EM SI, DA AÇÃO. [KUHL, 2008, P.60]

⁶ KUHL, 2008, p.59, em referência a Renato Bonelli

Ao tratar restauração como “qualquer intervenção voltada a dar novamente eficiência a um produto da atividade humana”⁷, Cesare Brandi⁸ também destaca a posição da funcionalidade na intervenção de restauro, mesmo tratando-se de “objetos da chamada arte aplicada” como as obras de arquitetura:

(...) CLARO ESTARÁ QUE O RESTABELECIMENTO DA FUNCIONALIDADE, SE ENTRAR NA INTERVENÇÃO DE RESTAURO, REPRESENTARÁ, DEFINITIVAMENTE, SÓ UM LADO SECUNDÁRIO OU CONCOMITANTE, E JAMAIS O PRIMÁRIO E FUNDAMENTAL QUE SE REFERE À OBRA DE ARTE COMO OBRA DE ARTE. [BRANDI, 2004, P.26]

Outra problemática no campo da intervenção trata da confusão na aplicação dos termos relacionados, no Brasil o termo preservação pode abranger culturalmente várias práticas relacionadas ao restauro, como colocado por KUHL:

EM ALGUNS AMBIENTES CULTURAIS, COMO NO BRASIL E NA FRANÇA, EXISTE UM SENTIDO LATO ASSOCIADO À PALAVRA PRESERVAÇÃO, QUE PODE ABRANGER PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO (A EXEMPLO DA MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO), FORMAS LEGAIS DE TUTELA (COMO O TOMBA-

MENTO), POLÍTICAS DE PROTEÇÃO E PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. [KUHL, 2008, P.73]

Recorre-se então a Carta de Veneza⁹, a qual trata da preservação de monumentos históricos, que apesar do distanciamento temporal, ainda torna a ser o principal documento do ICOMOS¹⁰ no assunto, visto que traz fundamentos válidos na atualidade para o estudo e intervenção em edifícios de interesse histórico-cultural.

A professora Beatriz Kuhl¹¹ ainda reitera a aplicação dessa carta para o contexto brasileiro, visto a aproximação das raízes culturais de origem judaico-cristã e influência eurocêntrica, em comparação com outros documentos mais recentes escritos acerca do assunto.

Sendo assim, considera-se como referência para esse trabalho os seguintes conceitos para os procedimentos de conservação e restauração:

⁷ BRANDI, 2004, p.25
⁸ Cesare Brandi é um dos principais nomes da restauração de objetos de arte. Fundamentou o “restauro crítico” nos anos 40 juntamente com Roberto Pane e Renato Bonelli. Em 1938 Brandi organizou o Instituto Central de Restauro em Roma, instituição da qual se tornou diretor em 1939.

⁹ Carta Internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios, elaborada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos ICOMOS, em Maio de 1964.
¹⁰ Conselho Internacional de Monumento e Sítios
¹¹ KUHL, 2008, p.27

CONSERVAÇÃO

EXIGE MANUTENÇÃO PERMANENTE¹², E É “SEMPRE FAVORECIDA A SUA DESTINAÇÃO A UMA FUNÇÃO ÚTIL À SOCIEDADE”¹³, ESSA É DESEJÁVEL, MAS NÃO DEVE “ALTERAR À DISPOSIÇÃO OU A DECORAÇÃO DOS EDIFÍCIOS”¹³. IMPLICA-SE A PRESERVAÇÃO DA ESCALA DO EDIFÍCIO, E “TODA CONSTRUÇÃO NOVA, TODA DESTRUÇÃO E TODA MODIFICAÇÃO” QUE ALTERE A RELAÇÃO DE VOLUMES E CORES SÃO PROIBIDAS¹⁴.

RESTAURAÇÃO

DEVE TER “CARÁTER EXCEPCIONAL”¹⁵, TENDO POR OBJETIVO “CONSERVAR E REVELAR OS VALORES ESTÉTICOS E HISTÓRICOS DO MONUMENTO”¹⁵, E POR FUNDAMENTO O “RESPEITO AO MATERIAL ORIGINAL E AOS DOCUMENTOS AUTÊNTICOS”. DO PLANEJAMENTO, ESPERA-SE QUE “TODO TRABALHO COMPLEMENTAR RECONHECIDO COMO INDISPENSÁVEL POR RAZÕES ESTÉTICAS OU TÉCNICAS”¹⁵ SE DESTAQUE DA COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA E SEJA EVIDENCIADO PELA MARCA DE SEU PRÓPRIO TEMPO. OS ACRÉSCIMOS RESPEITAM “TODAS AS PARTES INTERESSANTES DO EDIFÍCIO, SEU ESQUEMA TRADICIONAL, O EQUILÍBRIO DE SUA COMPOSIÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O MEIO AMBIENTE.”¹⁶.

¹² Carta de Veneza, 1964, Artigo 4º, s/p
¹³ Idem, Artigo 5º, s/p
¹⁴ Idem, Artigo 6º, s/p
¹⁵ Idem, Artigo 9º, s/p, s/p
¹⁶ Idem, Artigo 13º, s/p

O primeiro aspecto a ser analisado nessas definições trata de diferenciá-las por “graus de ingerência”¹⁷, ou seja, pela necessidade de atuação sobre o objeto conforme o seu estado.

A conservação é um ato constante, que utiliza da manutenção como principal meio de perpetuação, aplicando-se apenas quando necessário pequenas modificações para adequação a aspectos funcionais, tendo como objetivo evitar “intervenção mais incisivas”¹⁸.

A restauração, por outro lado, é de caráter excepcional, podendo ser na prática “preventiva” ou “efetiva”¹⁹, operando conjuntamente com procedimentos de manutenção e conservação. Dessa forma, se aplicará ao objeto desse trabalho uma restauração efetiva, tendo em vista o grau de ingerência na qual o mesmo se encontra²⁰.

Defende-se que ao decompor os artigos acerca da Restauração na Carta de Veneza, extraem-se “princípios fundamentais que deveriam guiar todas as intervenções, em qualquer tipo de

¹⁷ KUHL, 2008, p. 74
¹⁸ Idem, p.75, referenciando Roberto Pane
¹⁹ BRANDI, 2004, p.101
²⁰ Conferir capítulo 3, segunda seção: Estudo de Conservação

bem, respeitando sua configuração”²¹, mas que por ser um “documento sintético”²² deve ser analisado sobre a luz de discussões teóricas no contexto que foi produzido, como a *Teoria do Restauro* de Cesare Brandi de 1963, e posteriores a ele, como a *Arquitetura de Hoje e Restauro* de Giovanni Carbonara²³ de 2011. Os quais a professora Beatriz Kuhl se baseia para denominar os seguintes princípios:

A RESTAURAÇÃO POSSUI, PORTANTO, REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E INSTRUMENTOS TÉCNICO-OPERACIONAIS QUE LHE SÃO PRÓPRIOS. A FORMA COMO OS PRINCÍPIOS ESSENCIAIS DA RESTAURAÇÃO – NOMEADAMENTE A DISTINGUIBILIDADE DA AÇÃO CONTEMPORÂNEA, A MÍNIMA INTERVENÇÃO, A RETRABALHABILIDADE, E A COMPATIBILIDADE DE TÉCNICAS E MATERIAIS (...)
[KUHL, 2010, P. 296]

Tendo a restauração por objetivo ‘conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento’, faz-se antes necessário a ela um estudo das diferentes dimensões que compõem os valores do objeto como patrimônio, por isso, ao refletir sobre o papel da técnica na intervenção destaca “(...) a preservação

ser necessariamente um ato que implica a identificação dos elementos a preservar, ou seja, ser seletiva e ato do presente, voltado para o futuro.”²⁴.

A seleção e identificação dos elementos significativos ao bem cultural, são instrumentos técnico-operacionais, que funcionam como meio para se intervir de forma relevante no presente, e para o futuro. Ao mesmo tempo que as cartas patrimoniais, e as reflexões sobre a temática, são os referenciais teórico-metodológicos.

Tratando-se dos princípios, a carta apresenta por fundamento o ‘respeito ao material original e aos documentos autênticos’, a **REVERSIBILIDADE OU RE-TRABALHABILIDADE** trata de proteger o material original do edifício, abrindo sempre a hipótese para modificações de críticas futuras, como trata Brandi ao afirmar que “qualquer intervenção do restauro não torne impossível mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras”²⁵.

Portanto, deve-se respeitar a “obra em sua substância”²⁶, inse-

rindo-se elementos com “propriedade” e de “modo respeitoso”, como prevê o artigo 11º da Carta de Veneza, que visa dar esse direito a todas as épocas:

AS CONTRIBUIÇÕES VÁLIDAS DE TODAS AS ÉPOCAS PARA A EDIFICAÇÃO DO MONUMENTO DEVEM SER RESPEITADAS, VISTO QUE A UNIDADE DE ESTILO NÃO É A FINALIDADE A ALCANÇAR NO CURSO DE UMA RESTAURAÇÃO (...)

A **DISTINGUIBILIDADE** pressupõe que toda e qualquer inserção se diferencie claramente da matéria original, lê-se na Carta de Veneza ao dizer que novas intervenções devem se destacar da “composição arquitetônica” e “ostentar a marca do nosso tempo”²⁷; ou seja, através do restauro não se deve procurar reconstituir um estágio anterior do edifício, e muito menos “induzir o observador ao engano”²⁸. Como KUHL destaca:

RESTAURAR NÃO É VOLTAR AO ESTADO ORIGINAL, NEM A UM ESTÁGIO ANTERIOR QUALQUER DA HISTÓRIA DO MONUMENTO, NEM FAZER IMITANDO ESTILOS DO PASSADO, PERCEPÇÃO OITOCENTISTA QUE INFELIZMENTE AINDA MARCA A POSTURA DE MUITOS ARQUITETOS SOBRE O ASSUNTO; O RESTAURO NÃO É MERA OPERAÇÃO TÉCNICA SOBRE A OBRA – DEVE SER NECESSARIAMENTE UM ATO CRÍTICO ANTES DE SE TORNAR OPERACIONAL; PROJETO E CRIATIVIDADE FAZEM PARTE DO RESTAURO. [KUHL, 2008, P.32]

Ainda sobre esse princípio, vale ressaltar que a fácil identificação dos novos elementos não suprime a relação de harmonia que deve haver com a substância original, e sobretudo com os seus valores estéticos e simbólicos, como colocado por BRANDI ao dizer que “(...) a integração deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isso se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir.”²⁹

Quanto a **COMPATIBILIDADE DE TÉCNICAS E MATERIAIS** trata-se de dar a atenção devida às tecnologias aplicadas no processo de restauro, levando em conta a “consistência física do objeto”³⁰, para que o tratamento dado não seja nocivo ao monumento.

No artigo 10º da Carta de Veneza é colocado que a “a consolidação do monumento pode ser assegurada com o emprego de todas as técnicas modernas de conservação”; por outro lado também atenta para que os objetos não sejam experimentos para novas tecnologias, mas que sejam aplicadas técnicas comprovadas pela experiência [ressalta-se aqui a importância dos estudos correlatos para esse trabalho] e dados científicos, como já preconizava BRANDI:

²¹ KUHL, 2010, p. 305

²² Idem, p. 297

²³ *Architettura d'oggi e restauro*, Torino 2011. Giovanni Carbonara é professor da Università degli Studi Di Roma "La Sapienza", diretor da Scuola di Specializzazione in Beni Architettonici e del Paesaggio e conselheiro do Centro di Studi per la Storia dell'architettura em Roma.

²⁴ KUHL, 2008, p.31

²⁵ BRANDI, 2004, p.48

²⁶ KUHL, 2015, p.3

²⁷ Carta de Veneza, 1964, Artigo 9º, s/p

²⁸ KUHL, 2015, p.3

²⁹ BRANDI, 2004, p.47

³⁰ KUHL, 2015, p.3

ANTES DE SUBSTITUIR UM MATERIAL DE LONGO USO DE QUE SE TENHA A EXPERIÊNCIA DE SÉCULOS E DE QUE, POR ISSO, SE CONHEÇAM BEM TANTO OS DEFEITOS QUANTO AS QUALIDADES, DEVE SE TER CERTA PRUDÊNCIA QUE NÃO SERÁ JAMAIS EXCESSIVA. [BRANDI, 2004, P.148]

Por fim, apresenta-se o princípio da **MÍNIMA INTERVENÇÃO**, o qual defende a restauração como a preservação da obra como “imagem figurada”³¹, não se permitindo desconfigurar a substância original, o “documento histórico”.

Por conta disso, ao falar de acréscimos, no artigo 13º, a Carta de Veneza decompõe quatro aspectos que configuram uma intervenção mínima, o respeito à: **1.** Todas as partes interessantes do edifício, ou seja, os elementos significativos mencionados no conceito de re-trabalhabilidade anteriormente; **2.** Seu esquema tradicional, relacionado à “ordenação e articulação dos espaços; (...) manter as características de estruturação espacial e fazer o mínimo de alterações necessárias para que o bem possa sobreviver.”³²; **3.** O equilíbrio de sua composição, que trata da “relação dos volumes e de cores”³³; e **4.** Suas relações com o meio ambiente, uma vez que “na arquitetura a espacialidade própria do monumento é coexistente ao espaço ambiente em

³¹ KUHL, 2015, p.3

³² KUHL, 2010, p. 310

³³ Carta de Veneza, 1964, Artigo 6º

que o monumento foi construído.”³⁴, trata-se então do respeito da relação exterior-interior, à exemplo do gabarito, conexão urbana e paisagem.

Resumidamente, KUHL descrevera o princípio da mínima intervenção, que diverge de agir de forma insuficiente ao restaurar o monumento, da seguinte maneira:

EM OUTRAS PALAVRAS, O PRINCÍPIO DA MÍNIMA INTERVENÇÃO – QUE SIGNIFICA FAZER AQUILO QUE É NECESSÁRIO E SUFICIENTE (MÍNIMO NÃO PODE EQUIVALER A INSUFICIENTE) PARA QUE O BEM POSSA CONTINUAR A EXISTIR –, O QUE, DEPENDENDO DA SITUAÇÃO, PODE EXIGIR UMA AÇÃO DE MONTA. [KUHL, 2010, P. 310]

Ao tratar de palimpsesto, intervenção e demais práticas do restauro, deve-se lembrar continuamente que a “obra de arte condiciona a restauração e não o contrário”³⁵. O propósito ao realizar um projeto de intervenção é antes a preservação do bem, a fim de que os seus valores sejam dados a conhecer as futuras, e presente geração.

(...) OS MONUMENTOS DO PASSADO SÃO NECESSÁRIOS À VIDA DO PRESENTE, NÃO SENDO NEM ORNAMENTO ALEATÓRIO, NEM ARCAÍSMO, NEM TÃO-SOMENTE PORTADORES DE SABER E DE PRAZER, MAS PARTE DO COTIDIANO.” [CHOAY, 1992, P.147]

³⁴ BRANDI, 2004, p.132

³⁵ Idem, p.29

intervenção no patrimônio industrial

Nesta seção será descrito acerca de intervenção e restauro no patrimônio industrial, mais especificamente. Primeiramente, cabe constatar que costumeiramente são alvos de reutilização, escapando à “empresa da indústria cultural”¹, demonstrando que apesar da denominação comum as demais tipologias de monumentos há uma dualidade ao se tratar com a herança industrial, como coloca Françoise Choay:

A HERANÇA INDUSTRIAL DESAFECTADA COLOCA DOIS TIPOS DE QUESTÕES, DE NATUREZA E ESCALAS DIFERENTES. POR UM LADO, OS EDIFÍCIOS INDIVIDUAIS, FREQUENTEMENTE DE CONSTRUÇÃO SÓLIDA, SÓBRIA E DE FÁCIL MANUTENÇÃO, SÃO FACILMENTE ADAPTÁVEIS ÀS NORMAS DE UTILIZAÇÕES ATUAIS E PRESTAM-SE A UTILIZAÇÕES, PÚBLICAS E PRIVADAS, MÚLTIPLAS. (...) EM CONTRAPARTIDA, ESTAS MARCAS ANACRÔNICAS QUE SÃO OS BALDIOS INDUSTRIAIS, OS POÇOS E OS CARRIS DAS MINAS DESERTAS, OS MONTES DE ESCÓRIA, AS DOCAS E OS ESTALEIROS NAVAIS ABANDONADOS, POSSUEM, ANTES DE MAIS, UM VALOR AFETIVO DE MEMÓRIA PARA AQUELES PARA QUEM, DESDE HÁ GERAÇÕES, ELES ERAM TERRITÓRIO E O HORIZONTE E QUE PROCURAM NÃO SER DELAS DESAPOSSADOS. [CHOAY, 2017, P. 234]

Por um lado, uma relação desafectada com o industrial observa de forma meramente utilitarista as qualidades técnicas ao se

¹ CHOAY, 2017, p. 234

intervir em um edifício de construção “sólida, sóbria e de fácil manutenção”, resultando em reconversões de uso sem critérios e tecnicamente não vistoriadas, que acarretam danos irremediáveis.

Esses fenômenos já tem sido observados, parte por esses não moldarem-se aos padrões arquitetônicos tradicionais, que geralmente propõe-se a denotar monumentalidade, e parte por encarar-se que toda estratégia de combate ao abandono e degradação deste é válida, levando a reformas nomeadas de intervenção, que não respeitam as características que o identificam como patrimônio.

EXISTE MAIOR DIFICULDADE EM RESPEITAR OS EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS DO QUE OUTROS MONUMENTOS HISTÓRICOS PELA FALTA DE SENSIBILIDADE EM RELAÇÃO AO OBJETO, QUE É CONSIDERADO MERO RECIPIENTE, POR SEUS ESPAÇOS LIVRES E VERSÁTEIS; QUANDO SÃO TRANSFORMADOS PARA NOVOS USOS, TRANSCURAM-SE AMIÚDE SUAS ESPECIFICIDADES [KUHL, 2008, P.55]

É certo que para preservação a reutilização é uma operação difícil e complexa, a qual sempre deve voltar-se ao princípio de restauro de dar o devido lugar de meio e não fim, ao se

adaptar a um novo uso; porém como tratado por Carbonara “considera a reutilização a forma mais eficaz para garantir a preservação de um bem (...), pois um monumento sem uso se deteriora de modo rápido, enquanto aquele mantido em funcionamento pode durar séculos”². O problema então não estaria em si no aproveitamento das qualidades técnicas ao se intervir no patrimônio industrial, mas a falta de sensibilidade sobre suas especificidades.

Ao tratar sobre a adaptação ao um novo uso como modo de preservação Choay aponta que fundamentar-se em propor um uso semelhante ao original não é a garantia de uma boa aplicação do restauro, mas antes o entendimento do estado do edifício e a necessidade dos utilizadores potenciais:

“CONSISTINDO EM REINTRODUZIR UM MONUMENTO DESAFECTADO NO CIRCUITO DAS UTILIZAÇÕES VIVAS, EM ARRANCÁ-LO A UM DESTINO MUSEOLÓGICO, A REUTILIZAÇÃO É, SEM DÚVIDA A FORMA MAIS PARADOXAL, AUDACIOSA E DIFÍCIL DE VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL. (...) ATRIBUIR-LHE UM NOVO DESTINO

É UMA OPERAÇÃO DIFÍCIL E COMPLEXA, QUE NÃO SE DEVE FUNDAR APENAS NA SEMELHANÇA COM O DESTINO ORIGINAL. ESSE DESTINO DEVE, ANTES DE TUDO, TER EM CONTA O ESTADO MATERIAL DO EDIFÍCIO QUE, HOJE EM DIA, EXIGE SER APRECIADO EM FUNÇÃO DO FLUXO DOS SEUS UTILIZADORES POTENCIAIS.” [CHOAY, 1996, P. 233-234]

Cabe então analisar-se como tratar com esses grandes edifícios e conjuntos, que “foram outrora exemplos de vanguarda e o motor da sociedade, encontrando-se agora desajustados e esquecidos”³, ao adaptá-los a um novo uso, sem desconsiderar suas especificidades, mas de forma relevante para as necessidades da cidade pós-industrial. A resposta para esta problemática está longe de ser unânime, como vai analisar MARQUES⁴ ao tratar da situação das “Fábricas Expectantes”⁵.

Uma primeira posição que surge de ‘visões capitalistas associadas a algum interesse privado’ é a demolição desses espaços, uma vez que para esses não há significância como patrimônio, e a proteção legal sobre os mesmos é apenas um empecilho

³ MARQUES, 2017, p. 57

⁴ João André Guardado Marques é um arquiteto português, mestre pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, defendendo a tese "IDEAL INDUSTRIAL: Para uma abordagem conceptual à Intervenção no Património Industrial", em 2017, especialmente pertencente a este trabalho

⁵ Edifícios ou conjuntos industriais que ainda sobrevivem no meio da cidadã pós-industrial, a espera de solução.

para o desenvolvimento da cidade e uma chance de negócio vantajosa. Esses ideais ganham espaço em sítios onde a inventariação foi pouco explorada, e apresentam argumentos como o ‘risco a segurança e bem-estar dos cidadãos’, ou que estes nem possuem características atrativas, e nem se apresentam como ‘alvo de muita estima’ para a população.

Outra suposta solução, trata de simplesmente ignorar a existência dessas estruturas, na qual defende-se que a continuidade do estado de deterioração é tido para alguns teóricos como a aceitação do seu “estado de ruína”⁶. Essa opção nem planeja, nem soluciona, apenas dá oportunidade e espaço no futuro para o primeiro grupo de ideias aproveitarem-se da especulação para demolição.

Das posições relacionadas a preservação e restauro nos bens industriais, ressaltam-se três caminhos: **1.** A musealização, que defende a continuidade do elemento através de sua manutenção, tomando posição de ícone, e “transformando símbolos da era industrial em relicários”⁷, como o exemplo das chaminés, mantidas em detrimento do resto do conjunto, apenas em caráter simbólico; **2.** A reutilização, tida como a “tradução archi-

⁶ MARQUES Apud. OKADA, 2017, p. 59

⁷ SANTOS, 2013, p. 59

tetônica de um palimpsesto”⁷, tratado na Carta de Burra⁸ como “adaptação”, ‘o agenciamento de um bem a uma nova destinação sem a destruição de sua significação cultural’⁹; e por fim, **3.** A reconversão, que na teoria é uma reutilização, com uma “adaptação mais proeminente do edifício ao novo programa”, defendendo uma maior liberdade inventiva.

Sobre a diferenciação desses dois últimos caminhos citados, vale ainda colocar sobre a ênfase dada na reconversão aos aspectos ecológicos e econômicos, em conjunto com os valores patrimoniais ou rememorativos:

TANTO A REUTILIZAÇÃO COMO A RECONVERSÃO, SENDO QUE A RECONVERSÃO É TÉCNICA-MENTE UMA REUTILIZAÇÃO SÓ QUE MAIS PROFUNDA E INTERFERENTE COM O CONTEXTO BASE, APRESENTAM UMA OPORTUNIDADE DE QUALIFICAR A CIDADE COM PROGRAMAS EM FALTA, AO MESMO TEMPO QUE SOLUCIONAM MAIS UM ESPAÇO DEVOLUTO E CONTAMINADO DESTA. É UMA SOLUÇÃO PARA DOIS PROBLEMAS. [MARQUES, 2017, P.61-63]

Observa-se que na reconversão, além do interesse em conservar o patrimônio industrial, a fim de possibilitar o conhecimento

⁸ Carta produzido pelo ICOMOS Austrália, produzida em 1988, mas retificada em 1999, trata da conservação dos sítios com significado cultural. Indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural, de forma complementar a Carta de Veneza

⁹ Carta de Burra, 1999, Artigo 1.9

dessa história e seus vestígios pelas futuras gerações, como o pergaminho que traz em sua substância vestígios do texto anterior, desempenha também importante papel na regeneração econômica das cidades nas quais tais transformações foram realizadas, estruturas ou setores inteiros em estado de degradação que reconvertem-se em áreas para usufruto da população e serviço da cidade, como ressalta Miguel Ángel Álvarez Areces¹⁰:

“A PROTEÇÃO, CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DOS MONUMENTOS INDUSTRIAIS NÃO É APENAS UMA RESPONSABILIDADE E OBRIGAÇÃO DE SEUS PROPRIETÁRIOS E ADMINISTRAÇÕES PÚBLICAS, É TAMBÉM SOCIAL E ECONOMICAMENTE RENTÁVEL.” [ARECES, 2011, P. 24]

Nesse trabalho, portanto, optou-se por trabalhar com uma ênfase em reconversão para o objeto estudado, não entendendo que o patrimônio industrial seria menos nobre que outras tipologias arquitetônicas e isso levaria a uma maior liberdade inventiva; mas analisando-a sobre o contexto cultural e ecológico, arquitetônico e da paisagem. Com isso, levantam-se possíveis problemas quantitativos e qualitativos ao se intervir no patrimônio arquitetônico da industrialização, apresentados pela profes-

sora Beatriz Kuhl¹¹.

Dentre os problemas quantitativos trata-se da variedade de tipologias que origina do processo da industrialização, desde pequenas fábricas até grandes complexos ferroviários, dificultando a elaboração de uma metodologia única de intervenção ou de uma sistematização dos critérios necessários para proteção legal.

Qualitativamente, esses edifícios geralmente abarcam “imen- sas superfícies em áreas hoje centrais de numerosas cidades”¹², que desperta quanto a urgência para elaboração de “proje- tos estratégicos de requalificação urbana e territorial”, visto o grande interesse dos agentes imobiliários sobre a especulação nessas áreas.

Quanto a esses dois problemas, pode-se afirmar que se relacionam fortemente com a paisagem, as diferentes tipologias que a compõem e interação com a mesma, sobretudo pela sua grande escala e forma de ocupar o solo. Apontando assim para “a importância estratégica das áreas industriais” como ferramen- ta de identificação, para uma “perspectiva operacional”¹³, dos

grupos de edifícios a serem “especialmente protegidos, a con- servar em certas condições e, em circunstâncias excepcionais, a serem demolidos”, como previsto na Carta de Washington¹⁴, de 1986, que trata das cidades e suas relações como bem his- tórico.

Ao tratar dos “valores a preservar”¹⁵ do caráter histórico da cidade, apropriados aqui para o contexto urbano de áreas in- dustriais nas quais pretende-se intervir, a carta lista aspectos como: a forma urbana definida pelo traçado e pelo parcelamen- to, as relações entre os diversos espaços urbanos, a forma e o aspecto das edificações, as relações da cidade e seu entorno natural ou criado pelo homem, e as diversas vocações da cida- de adquiridas ao longo de sua história.

Ainda sobre a relação com o contexto urbano e paisagem, KUHL relata sobre a atenção devida ao se intervir, visto que em muitos casos conjuntos industriais são concebidos de modo a se voltar para si mesmo, sem possuir muita relação com seu entorno:

EM CASO DE PROJETOS DE RESTAURAÇÃO – SOBRETUDO OS QUE INCLUEM MUDANÇA DE USO – É IMPERIOSO ANALISAR CUIDADOSAMENTE AS FORMAS DE SUTURA COM A REALIDADE ENVOLTÓRIA, PARA INTEGRAR O CONJUNTO DE MODO RENOVADO COM O CONTEXTO, MAS TAMBÉM PRESERVANDO, SE FOR O CASO, SUA FEIÇÃO “ENSIMESMADA”, QUE CARACTERIZA SUA CONCEPÇÃO E TEM INCIDÊNCIAS RELEVANTES SOBRE O MODO COMO SE EFETUA SUA LEITU- RA. [KUHL, 2008, P.170]

Uma vez clarificada a “caracterização dos monumentos históri- cos e de seu papel memorial”¹⁶, e que se faz necessário realizar intervenção sobre algum dos edifícios identificados, entende-se que o guia para esse processo será a “análise da conformação da obra ou do conjunto e de suas transformações ao longo do tempo – do ponto de vista material, formal, e documental”, que discorre-se na análise do objeto arquitetônico¹⁷ neste trabalho. Nessa análise é possível identificar o que seriam os componen- tes de base para o objeto, de forma a não remover, adicionar ou desconfigurar a “integração da imagem”¹⁸.

NÃO SE TRATA DE CONSERVAR DE FORMA ACRÍTICA TUDO DE MODO EM QUE SE ENCONTRA. TRATA-SE DE JUDICIOSA IDENTIFICAÇÃO DE QUAIS OS ELEMENTOS CARACTERIZADORES QUE DEVEM SER PRESERVADOS E DE QUE FORMA INTER-

¹⁰ Economista, presidente da Associação de Arqueologia Industrial (INCUINA) e do Co- mitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH).

¹¹ KUHL, 2008, p. 145 - 151

¹² Idem, p. 145

¹³ Idem, p. 148

¹⁴ Carta desenvolvida pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios ICOMOS, em 1986, apresentada como uma Carta Internacional para Salvaguarda das Cidades Históricas, de forma complementar a Carta de Veneza.

¹⁵ Carta de Washington, 1986, p. 2

¹⁶ KUHL, 2008, p. 146

¹⁷ Encontrada no capítulo 3: Fábrica Wallig Nordeste S.A.

¹⁸ KUHL, 2008, p. 151

VIR E MODIFICAR PARA QUE ESSES VALORES POSSAM SER TRANSMITIDOS AO FUTURO. [KUHL, 2008, P.151]

Pontua-se aqui outra problemática ao se intervir no patrimônio industrial: as descaracterizações, ou desarticulação, no conjunto ou em um edifício, havendo a necessidade de inserção de novos elementos no processo de restauro, decorrente do abandono e mal uso generalizados.

Para isso, é importante apegar-se aos princípios da intervenção apresentados na seção anterior, distinguibilidade, reversibilidade, compatibilidade de técnicas e materiais, e mínima intervenção; mas também, questionar-se se os elementos ausentes ou danificados se caracterizavam como significativos para obra.

No caso dos elementos preexistentes não se caracterizarem como “obra de arte”¹⁹, seriam admissíveis tanto reconstituições, “apesar de serem ‘falsos’”²⁰, quanto a inserção de novos elementos destinados a articular a imagem do objeto. No caso desses elementos terem efetiva significância para a substância, ‘não se deve jamais operar com reconstituições, mas, sim, com

¹⁹ Termo empregado por Brandi ao discorrer os “Princípios para a Restauração dos Monumentos”, em relação a desaparecimento de elementos deturpar a configuração espacial do conjunto. KUHL. Apud. BRANDI, 2008, p.159

²⁰ Discussão mais aprofundada sobre reconstituições podem ser encontradas em KUHL, 2008, p.159

novas composições baseadas nos dados espaciais da construção preexistente, sem jamais retornar aspectos formais.’²¹. Para inserção de novas composições levantam-se duas principais posturas intervencionistas, as quais são:

DIFERENCIAÇÃO EM CONSONÂNCIA

ASSOCIADA AOS ESTUDOS DE BRANDI, E A VERTENTE CRÍTICA-CONSERVATIVA, TRABALHA COM “ARQUITETURA DIFERENCIADA MAS EM CONSONÂNCIA COM O PREEXISTENTES”, DESCRITO COMO O “USO DE NOTAS DIVERSAS QUE SE CONJUGAM NUM ACORDE HARMÔNICO, SEM SE TRABALHAR, PORTANTO DE FORMA MIMÉTICA, POR IMITAÇÃO, ANALOGIA OU REPRISTINAÇÃO – APRESENTA A VANTAGEM DE SE BUSCAR UM DIÁLOGO DE FORMA CORTÊS” [KUHL, 2008, P.164]

DIFERENCIAÇÃO EM DISSONÂNCIA

ADMITIDA POR RIEGL²² E ZEVI,²³ ASSOCIADA A VERTENTE DA CONSERVAÇÃO INTEGRAL, TRATA DO “GESTO ARQUITETÔNICO MAIS INCISIVO, DELIBERADAMENTE CONTRASTANTE – MAS FUNDAMENTADO NO RESPEITO PELO EXISTENTE E NÃO COMO ATO EGOCÊNTRICO, ALIENADO E EXIBICIONISTA - PODE AO CONTRÁRIO, SERVIR DE ELEMENTO PROPULSOR DE UMA NECESSÁRIA E DESEJÁVEL NOVA REALIDADE” [KUHL, 2008, P.165]

²¹ KUHL, 2008, p. 163

²² Alois Riegl é um historiador da arte pertencente à Escola de Viena de História da Arte.

²³ Bruno Zevi foi um arquiteto e urbanista italiano, conhecido sobretudo como historiador e crítico da arquitetura modernista.

Ambas respeitam o princípio da distinguibilidade, e podem ser válidas a depender de cada caso, o objetivo ao inerir novos elementos articuladores em uma obra desarticulada é reduzir a cacofonia, a discordância visual, a qual não é resolvida apenas com a manutenção da volumetria, ritmos, e cores, pois como aponta KUHL²⁴, “isso não se configura como um projeto, podendo servir no máximo como parâmetros de utilidade relativa”. Resumidamente,

EM CASOS EM QUE É LEGÍTIMO E NECESSÁRIO INTERVIR TRATANDO LACUNAS OU INSERINDO NOVOS ELEMENTOS, QUALQUER QUE SEJA A POSTURA ADOTADA MEDIANTE A ANÁLISE FUNDAMENTADA DA REALIDADE EXISTENTE, A INTERVENÇÃO SERÁ, DE FATO, ALGO ALÉM DA CONSERVAÇÃO, EM QUE A ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, CONSONANTE OU DISSONANTE, COM LEGÍTIMA PRETENSÃO A OBRA DE ARTE, PODE E DEVE MANIFESTAR-SE. MANIFESTAR-SE, PORÉM, RESPEITANDO E VALORIZANDO O PREEXISTENTE, BUSCANDO UMA RELAÇÃO POSITIVA E CONSTRUTIVA DE NOVO COM AQUILO QUE ALI ESTÁ. [KUHL, 2008, P. 167]

Outro problema levantado tange a preservação das soluções arquitetônicas, por mais que se entenda a “utilização como essencial a preservação”²⁵, a definição de uma nova função e

²⁴ KUHL, 2008, p. 164

²⁵ Idem, p. 221

novo programa deve ser compatível com as características do bem a ser preservado, não como mero condicionante que engessa o processo criativo, mas de entendimento que o projeto de intervenção é ferramenta para preservação, e não o contrário. Não se preserva para gerar uma oportunidade de intervenção através do projeto, mas se projeta em prol de preservar o bem para gerações futuras.

Dito isso, vale salientar que ao intervir no patrimônio da industrialização é comum utilizarem-se dos seus “vastos espaços abertos”²⁶ para inserção de modo indevido dos usos, implementam “elementos que fragmentam, atravancam ou obstruem a conformação, perdendo-se a noção de amplitude”, roubando-lhes a solução arquitetônica que lhe é característica. Demonstra-se uma dificuldade na leitura dos edifícios e do local em que estão implantados, por isso KUHL ressalta:

NÃO SE TRATA APENAS DE RESPEITAR OS ASPECTOS MATERIAIS, MAS TAMBÉM ENTENDER AS QUESTÕES FORMAIS, A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO, SUA SOLUÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO E ARTICULAÇÃO, PARA, ATRAVÉS DA PROPOSTA, PRESERVÁ-LOS E VALORIZÁ-LOS, RESPEITANDO ESCRUPULOSAMENTE OS ASPECTOS DOCUMENTAIS. [KUHL, 2008, P. 222]

²⁶ Idem, p. 222

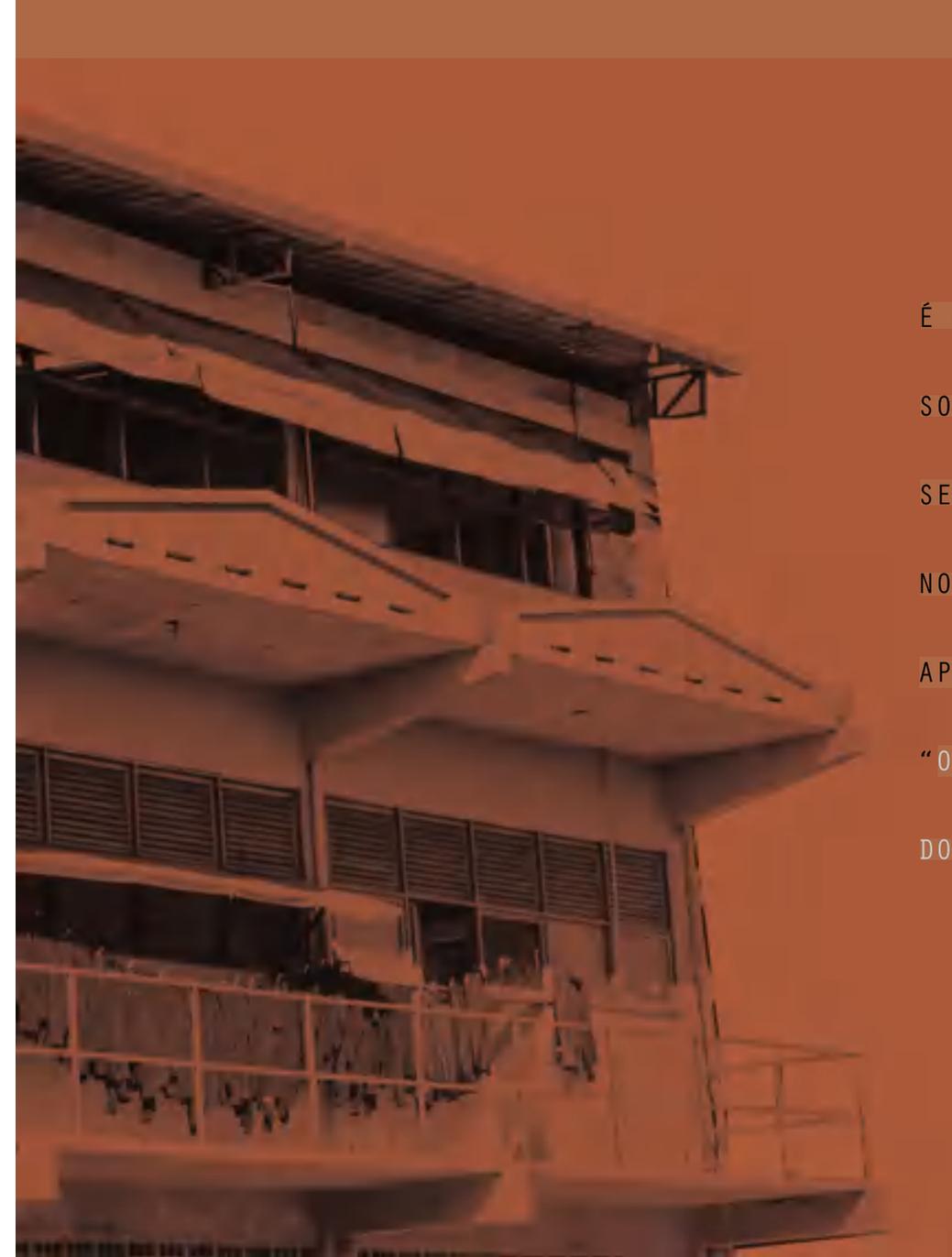
Por fim, ressalta-se a problemática do tratamento das superfícies, que origina do distanciamento da teoria e prática, por um lado há vertentes que respeitam as diferentes “estratificações”²⁷ camadas do tempo sobre a obra, e do outro as de renovação total, que na ideia de uma “hipermanutenção”²⁷ utiliza como solução automática as pinturas e trabalhos na argamassa, sacrificando esses elementos em prol da preservação do bem.

É IMPORTANTE AINDA RECORDAR QUE SE, POR UM LADO, A SUPERFÍCIE É A “PELE” DO EDIFÍCIO (E NÃO SIMPLES VESTIMENTA) E, POR ISSO, O “ORGÃO DE CHOQUE” POR EXCELÊNCIA EM RELAÇÃO AO AMBIENTE, QUE É SEMPRE HOSTIL (SOL, CHUVA, MUDANÇAS DE TEMPERATURA, POLUIÇÃO, ETC.) E PORTANTO SUJEITA A VÁRIAS FORMAS DE DEGRADAÇÃO QUE DEVEM SER ENFRENTADAS, POR OUTRO, É TAMBÉM TESTEMUNHO PRIVILEGIADO DO DECORRER DA HISTÓRIA, ADQUIRINDO VALORES FIGURATIVOS, MUITAS VEZES POSITIVOS, QUE NÃO PODEM SER PURA E SIMPLISMENTE DESPREZADOS NA BUSCA DE FONTE DA ETERNA JUVENTUDE. [KUHL, 2008, P.232]

Não se omite com isso a necessidade de condutas de preservação quanto a patologias que ponham em risco a saúde e durabilidade do edifício, como o caso da umidade e sujidade, defende-se que ao enfrenta-las procure medidas comprovada-

mente compatíveis, sobre a colaboração de um corpo técnico multidisciplinar, e que essas não venham a recobrir o valor plástico e simbólico da ‘pátina’ nessas superfícies, uma vez que “as modificações impostas pelo tempo nem sempre são danosas;”.

Em todos os aspectos tratados ressalta a necessidade de uma identificação consciente do processo de industrialização no qual se constituiu o bem trabalhado, do seu entorno e da influência na área que se encontra, e de sua construção, seus elementos significativos e soluções arquitetônicas. O patrimônio industrial no seu papel memorial e simbólico, deve ser preservado e valorizado de forma conveniente, implicando certamente em transformações.



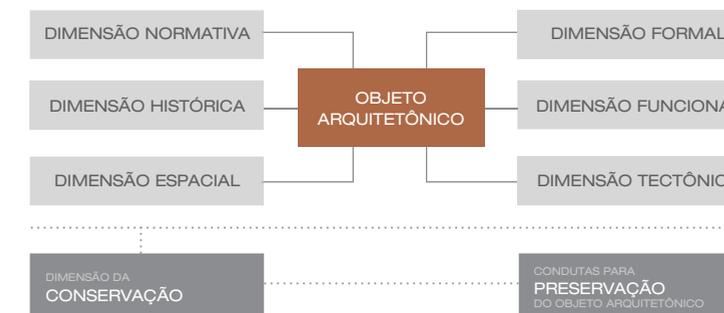
É O CAMINHAR DA HISTÓRIA, A IDEIA DE PROGRESSO E A PERSPECTIVA DE FUTURO QUE DETERMINAM O SENTIDO E OS VALORES DO MONUMENTO HISTÓRICO: NO SEU MANIFESTO CONTRA O VANDALISMO, HUGO APELA À CRIAÇÃO DE “UMA LEI PARA O PASSADO”, “O QUE UMA NAÇÃO TEM DE MAIS SAGRADO, DEPOIS DO FUTURO”.

[CHOAY, 2017, P. 146]

OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

Para o desenvolvimento dessa proposta, adotou-se a linha metodológica trabalhada dentro do grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/GRUPAL de estudo para intervenção no patrimônio proposta por **AFONSO [2019]**. Essa metodologia, representada no esquema da Figura 02, apoia-se nas metodologias desenvolvidas por diversos autores¹, adaptando-se os procedimentos analíticos e conceituais desses.

Em uma primeira etapa, AFONSO propõe ao pesquisador uma análise do objeto arquitetônico através de seis dimensões:



[FIGURA 02] Redesenho do Esquema Resumo da Metodologia do Objeto Arquitetônico da autora AFONSO (2019). | Fonte: LEITE, Julia 2019

¹ SERRA (2006), MAFHUZ (2004), ROVIRA e GASTON (2007), FRAMPTON (1995), MONTANIER (2002), COLIN (2000), LICHENSTEIN (1986), TINOCO (2009), RIBEIRO (2016), PIÑON (2006) e KUHL (2015)

DIMENSÃO NORMATIVA

TRATA DAS LEIS E DECRETOS QUE PROTEJAM A OBRA EM QUESTÃO, ANALISA-SE A EXISTÊNCIA DE INVENTÁRIOS E SUAS CONDIÇÕES

DIMENSÃO HISTÓRICA

ANALISA OS FATORES QUE ORIGINARAM O PROJETO, A OBRA, O CLIENTE, OS CUSTOS, APOIANDO-SE NA METODOLOGIA DE SERRA (2006), QUE DEFENDE A EXISTÊNCIA DE UM SISTEMA DE CONDICIONAMENTOS PARA A EXISTÊNCIA DE UM PROCESSO

DIMENSÃO ESPACIAL

SUBDIVIDE-SE EM UMA ANÁLISE DO ESPAÇO EXTERNO: O ENTORNO, A IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO, RECUOS, ZONA URBANA; E DO ESPAÇO INTERNO: SOLUÇÃO DO PROGRAMA EM PLANTA, ZONEAMENTO, FLUXOGRAMAS

DIMENSÃO FUNCIONAL

ANALISA A RELAÇÃO DE USO EM PROJETO, ADOTADO E EXISTENTE NA ATUALIDADE

DIMENSÃO FORMAL

TRATA DE ENTENDER A LINGUAGEM OU ESTILO ADOTADO EM PROJETO ATRAVÉS DO ESTUDO VOLUMÉTRICO E CONSEQUENTE DAS FACHADAS

DIMENSÃO TECTÔNICA

QUE TRATA DA UMA ANÁLISE CONSTRUTIVA SOBRE O OBJETO, SUBVIDINDO-SE EM: ESTRUTURA DE SUPORTE, PELES, COBERTURA, DESTALHES CONSTRUTIVOS, E REVESTIMENTO E TEXTURAS.

Esses estudos são fundamentos que guiarão o projeto de intervenção, apesar das limitações ao tratar-se de um projeto acadêmico, acredita-se que através dessa metodologia pode-se alcançar uma visão mais clarificada do objeto e os elementos a preservar, como levanta KUHL:

A ALTERAÇÃO, OU NÃO, DE QUALQUER ELEMENTO DE UMA CONSTRUÇÃO SÓ PODERIA SER BASEADA NUMA CONSCIENCIOSA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR. ISSO NÃO SIGNIFICA QUE O MONUMENTO NÃO DEVA SER DE FORMA ALGUMA MUDADO OU TOCADO, MAS AS DECISÕES DEVEM DECORRER DECONSCIENTES JUÍZOS HISTÓRICO - CRÍTICOS. [KUHL, 2008, P. 222]

Na segunda etapa, propõe-se o **ESTUDO DA CONSERVAÇÃO**, o qual dá-se através do levantamento dos danos existentes em vistas no local, e registros fotográficos associados a demarcações em desenhos de plantas, cortes e fachadas.

A partir dos danos levantados, realiza-se uma reorganização em mapas e fichas, através dos quais é realizada uma síntese, como uma anamnese do caso, composta pela caracterização dos danos, compreensão das causas, e levantamento de alternativas de condutas, como prognóstico. Esse processo se

baseia nas metodologias de LICHENSTEIN [1986] e TINOCO [2009].

Para esse trabalho, em específico, haverá uma simplificação desta etapa. Atendo-se a uma análise de conservação dos elementos significativos da obra unicamente, ou seja, os objetos arquitetônicos que tratam de dar reconhecimento a substância do edifício.

Adota-se essa medida visto a complexidade que envolve a elaboração de um estudo de conservação em sua completude, e apropria-se da metodologia como ferramenta para elaboração de diretrizes gerais de preservação da obra, e consequente elaboração do estudo projetual, que como apresentado, é o principal objetivo desse trabalho.

Em um terceiro momento, utiliza-se da metodologia do **QUATERNO CONTEMPORÂNEO**, apresentada por MAFHUZ [2004], para a análise de estudos de casos, como forma de aprendizado através da observação e decomposição de arquitetura que apresentam condicionantes ou características semelhantes a situação trabalhada, mas, antes, possuidoras de uma “forma pertinente”².

² Entende-se como somatório dos elementos objetivos e subjetivos do projeto, tornando-se pertinente quando bem traduzidos em uma estrutura formal que a determinará. A temática será melhor desenvolvida na próxima seção “Estudos Correlatos”

Seguidamente, há a coleta e organização de informações necessárias para elaboração do projeto, os **ESTUDOS PRELIMINARES**: condicionantes físicos e ambientais, como topografia, inserção urbana, dados de uso e ocupação no seu entorno; condicionantes legais, à exemplo das restrições dadas pelo código de obras e plano diretor; e questões programáticas, o programa de necessidade, quadro de áreas, organograma, e zoneamento.

Concluído essas etapas, torna-se facilitado o processo de **CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA**, visto que o “projeto de restauração necessita de uma compreensão aprofundada da obra e do ambiente construído”³, utilizando-se da reflexão comparativa dos dados coletados nas três etapas anteriores para guiar as escolhas e decisões projetuais.

Sobretudo trata-se de um projeto de intervenção, que lida com questões como a compatibilidade do uso proposto com a estrutura existente, a reconstituição ou não de elemento descaracterizados ou ausentes, a inserção de novos elementos, e a relação com a paisagem histórica, como tratado no referencial teórico anteriormente⁴.

³ AFONSO, 2019, p. 68

⁴ Tratado na seção Intervenção no Patrimônio Industrial, no capítulo de Conceituação

Por fim, reassalta-se mais uma vez a importância de “tratar o projeto de intervenção como um problema metodológico, antes de se tornar técnico”⁵, norteado pelos princípios do restauro⁵ - distinguibilidade, re-trabalhabilidade, compatibilidade de técnicas e materiais, e mínima intervenção -, mas compreendendo a singularidade de cada obra.

Como ressalta a professora Beatriz Kuhl⁶, qualquer projeto de criação do novo existem condicionantes de partido, esse condicionam a decisões projetuais e o próprio “ato criativo”, mas não o anulam.

ASSIM COMO NA CRIAÇÃO DO NOVO, NO PROJETO DE RESTAURAÇÃO, DEVEM-SE UTILIZAR AS LIMITAÇÕES COM ESTÍMULO A SOLUÇÕES CRIATIVAS. A CRIATIVIDADE É IMPORTANTE FATOR NA RESTAURAÇÃO, E TEM SIDO DETECTADO COMO TAL HÁ MUITO TEMPO. [KUHL, 2008, P. 225]

⁵ Tratados na seção Palimpsesto, no capítulo de Conceituação

⁶ KUHL, 2008, p. 224 - 225



[FIGURA 03] Quadro Resumo da Metodologia adotada. | Fonte: LEITE, Julia, 2019.

O TRABALHO DO ARQUITETO É SA-
BER COLOCAR-SE NA SUA ÉPOCA,
SENTIR O ESPÍRITO DOS TEM-
POS, DISSOLVER A NOSTALGIA,
EVITAR O RIDÍCULO DO ANACRO-
NISMO, ESQUIVAR-SE TANTO DAS
CONVENÇÕES COMO DAS MODAS
DAS NOVIDADES DE DECORADOR.
[MAFHUZ APUD QUARONI, 2004, P.2]

estudos correlatos

Como estudos correlatos desse trabalho foram selecionados três projetos de intervenção, a nível internacional, nacional e regional, sendo eles consecutivamente, o **MATADERO MADRID**, o Centro Cultural **RED BULL STATION**, e a **FÁBRICA DA MACAXEIRA**.

Pretende-se estudar as soluções conceituais e construtivas de experiências similares a proposta, a fim de facilitar e direcionar as decisões e escolhas projetuais que serão tomadas. Os correlatos serão analisados segundo o lugar, construção, programa e forma, como proposto por MAHFUZ [2004].

O autor Edson Mafhuz¹ defende que na prática do projetar é necessário que se discuta mais acerca de projeto arquitetônico, sobretudo do que tem sido produzido na contemporaneidade; utilizando-se de um olhar introspectivo, separado das interferências externas, a fim de que entenda-se a essência dessa disciplina.

O projeto arquitetônico na contemporaneidade enfrenta problemas, tais como: a tematização da arquitetura, reduzindo a

mesma as suas formas visíveis e postulados advindos da comunicação e marketing, como a desconexão do objeto ao lugar, arquitetura fechada e enclausurada, limitando-se a pensar o entorno como apenas um acesso a via local; e enfrenta também problemas de cunho sociológico, como a crescente importância dos não-lugares, espaços de encontro tradicional substituídos por espaços de passagem.

Lida-se ainda com a espetacularização da arquitetura, explicitada por MAFHUZ ao dizer: “confunde-se ineditismo com originalidade e inovação formal com qualidade arquitetônica”²; e por fim, a rendição dos arquitetos aos desejos do cliente e imposições do mercado, sendo essa atitude a perda da dimensão cultural e social da arquitetura.

Nesse contexto o autor propõe que um dos caminhos para analisar introspectivamente a produção arquitetônica está em entender o que ‘faz ser o objeto arquitetônico’, temática primordialmente tratada por Vitruvius³ em sua tríade: firmatas, associada a construção e aos materiais que a compõem, utilitas,

o aspectos programáticos, e venustas, tratando da estruturas formais ou beleza formal do objeto.

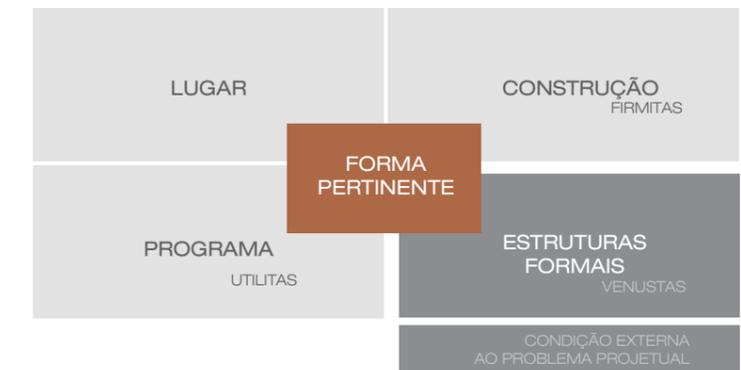
É certo que ao passar do tempo a arquitetura muda e os conceitos se atualizam, nesse sentido “os arquitetos Edson Mafhuz e Alejandro Aravena contemporizaram a tríade vitruviana”⁴, como aborda CHEREGATI, e propõem o quaterno contemporâneo.

O **QUATERNO CONTEMPORÂNEO** é embasado em quatro eixos de análise, **CONSTRUÇÃO [FIRMITAS]**, materiais e técnicas que constroem a forma; **PROGRAMA [UTILITAS]**, tratando da listagem de ambientes que compõem a forma e a sistematização das conexões e setorizações entre esses; **ESTRUTURAS FORMAIS [VENUSTAS]**, distinto do conceito de forma, é o princípio ordenador segundo os “elementos adquirem uma determinada estrutura”⁵; e, por fim, o **LUGAR**, incluído na reinterpretação da tríade e entendido como condição externa ao problema projetual, a exemplo do terreno, sítio ou lote, relacionado na composição final quanto a fatores como sol, ventilação, topografia, vegetação, relação com a paisagem e suas pré existências.

Chegando-se a temática central da **FORMA PERTINENTE**, entendi-

da como o somatório dos elementos objetivos e subjetivos do projeto, traduzidos em uma estrutura formal que a determinará. Como resumido pelo autor,

O QUATERNO COMPOSTO POR TRÊS CONDIÇÕES INTERNAS AO PROBLEMA PROJETUAL (PROGRAMA, LUGAR E CONSTRUÇÃO) E UMA CONDIÇÃO EXTERNA, O REPERTÓRIO DE ESTRUTURAS FORMAIS QUE FORNECE OS MEIOS DE SINTETIZAR NA FORMA AS OUTRAS TRÊS. ENQUANTO A BUSCA DA BELEZA ESTAVA NO CENTRO DAS PREOCUPAÇÕES ARQUITETÔNICAS ATÉ RECENTEMENTE, O QUATERNO CONTEMPORÂNEO TEM COMO FOCO A FORMA PERTINENTE. [MAFHUZ, 2004, P.3]



[FIGURA 04] Redesenho do Esquema da Forma Pertinente apresentado por MAFHUZ, 2004. | Fonte: LEITE, Julia (2019)

¹ Graduado em Arquitetura pela UFRGS, e considerado pós doutor pela Universidad Politécnica de Catalunya-ETSAB. Atualmente é Professor Titular de Projetos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde leciona na graduação e na pós-graduação (PROPAP). Tem experiência prática e acadêmica na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto e Teoria da Arquitetura.

² MAFHUZ, 2004, p. 2

³ Marcos Vitruvius Polião foi um arquiteto romano que viveu no século I a.C. e deixou como legado a obra “De Architectura”, único tratado europeu do período grego-romano que chegou aos nossos dias

⁴ CHEREGATI, 2014, p. 52

⁵ MAFHUZ, 2004, p. 5



//01 NAVE 16 MATADERO

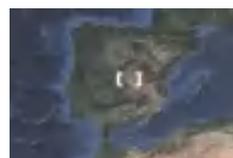
A N O _ 2007

Á R E A _ 5200.00 M²

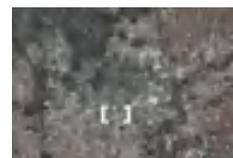
P R O J E T O _ ICA ARQUITECTURA

T I P O _ CULTURAL

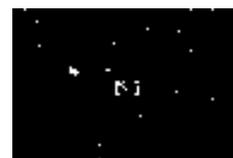
L O C A L I Z A Ç Ã O _ PLAZA DE LEGAZPI, MADRID, ESPANHA



ESPANHA



MADRID



PLAZA LEGAZPI



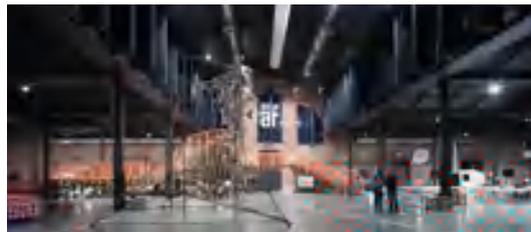
O LUGAR



Locado no conjunto de pavilhões, composto por 48 edifícios, foi projetado no começo do século XX como matadouro e mercado de gado. Concentra-se ao lado do Río Madrid área de emergente dinamismo para a construção civil, fazendo deste setor alvo de especulação imobiliária. Em 1983 foram estabelecidas leis para região da fábrica, a fim de proteger o entorno do matadouro e evitar alguma possível demolição. O mínimo de protagonismo exterior das novas intervenções, é um fator relevante para a manutenção do reconhecimento da paisagem original, realizou-se a interconexão entre o Matadero e Madrid Río através de projeto de espaços livres no entorno do conjunto edificado, em conjunto com o projeto urbano de um parque linear.

[FIGURA 08] Vista do Entorno | Fonte: LEITE, Julia (2019)

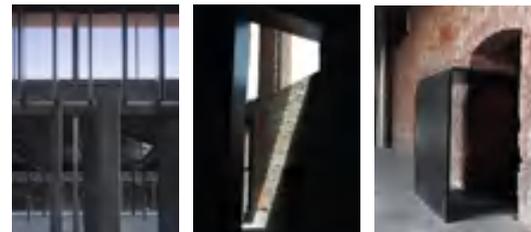
O PROGRAMA



Como conjunto, propõe-se um espaço de experimentação artística e arquitetônica, no qual intervenções reversíveis são realizadas para abrigar diferentes espaços de apoio ao público. Ao tratar da intervenção na Nave 16, descreve-o como “um espaço versátil capaz de aconchegar grandes projetos multidisciplinares”, seu espaço pode ser dividido em módulos independentes através de grandes portas de aço. Pode servir como um grande espaço expositivo e polivalente, sendo a maior sala de exposição e instalações de Madrid, assim como um conjunto de até 5 salas independentes, que podem abrigar atividades distintas de forma simultânea, pensou-se na versatilidade lumínica e técnica requerida para cada uma delas, de forma compatível.

[FIGURA 09] Em uso como espaço de exposição | Fonte: mataderomadrid.org, acesso em novembro de 2019.

A CONSTRUÇÃO



Optou-se por poucos materiais construtivos, utilizou-se de portas de aço pivotantes setorização do espaço que conectam o vazio central com as demais áreas, possibilitando a flexibilidade para diferentes públicos. Introduziu-se aberturas zenitais materializadas em vidro e aço afim de incrementar a iluminação e ventilação do ambiente, visto o caráter linear do edifício, e para sua locação implementou-se uma estrutura metálica independente, contrastando com o caráter tectônico dos tijolos da arquitetura original. Conceitrou-se as baterias sanitárias e demais espaços compartimentados na parte sudoeste do galpão, repetindo a disposição e caráter amplo original, assim como os pórticos em arco, que foram demarcados com marquises metálicas.

[FIGURA 10] Detalhes Construtivos | Fonte: archdaily.com, acesso em novembro de 2019.

ESTRUTURAS FORMAIS



O aspecto formal mais significativo da obra é sua horizontalidade e consequente relação com a paisagem, a arquitetura remanescente do princípio do século e o ser parte de um relato histórico da produção industrial em Madrid. Como conjunto, cabe reconhecer a grande escala que se impõe sobre a paisagem, característica típica dos edifícios industriais, a manutenção das massas construtivas originais do complexo, a circulação entre esses e o vazio que o cerca é de extrema importância para a relação da forma - lugar. Na Nave 16, é observado que as intervenções externas, como a inclusão das aberturas zenitais, são realizadas de forma silenciosa, mantendo a hierarquia do volume original, assim como as características da substância.

[FIGURA 11] Fachada Principal | Fonte: archdaily.com, acesso em novembro de 2019.



RESPEITO AO GABARITO

PROJETO DE
ESPAÇOS LIVRES

INTERAÇÃO COM
O ENTORNO

MÍNIMO PROTAGONISMO
NA PAISAGEM

LUGAR
CONSTRUÇÃO

ABERTURAS ZENITAIS

DIVISÓRIAS MÓVEIS

COMPATIBILIDADE
TÉCNICA - FUNCIONAL

MATERIAIS POUCOS
MAS SIGNIFICATIVOS



MULTIFUNCIONALIDADE

FLEXIBILIDADE DE
LAYOUT

CONCENTRAÇÃO DE ÁREAS
DE USO PERMANENTE

ATIVIDADES PARA
DIFERENTES PÚBLICOS

PROGRAMA
ESTRUTURAS
FORMAIS

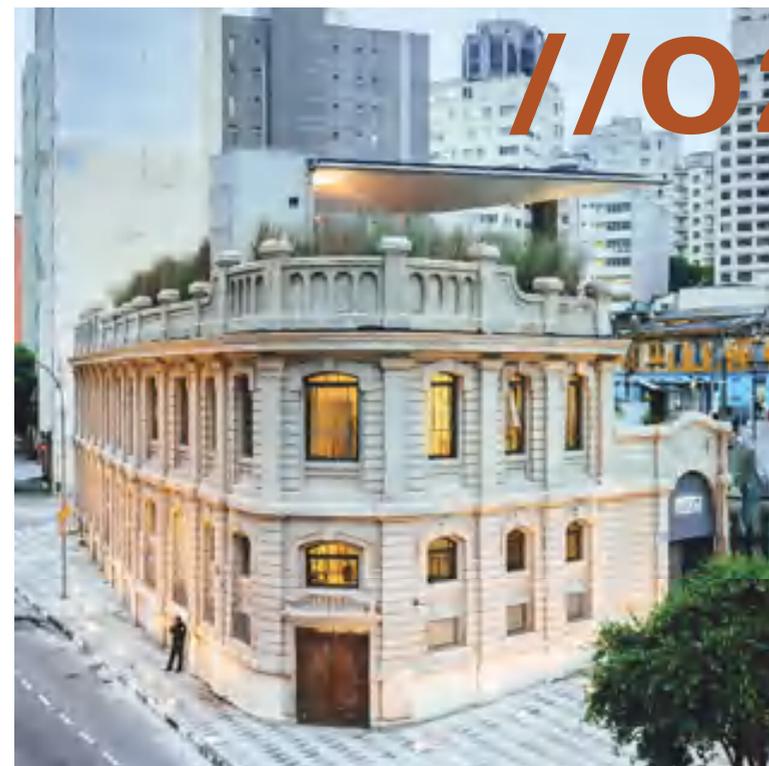
HORIZONTALIDADE

INTERVENÇÃO SILENCIOSA

EXISTENTE > NOVO

MANUTENÇÃO DO
CARÁTER AMPLO





//02 RED BULL STATION

A N O _ 2013

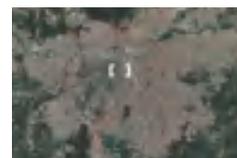
P R O J E T O _ TRIPTYQUE ARQUITETURA

T I P O _ CULTURAL

L O C A L I Z A Ç Ã O _ PRAÇA DA BANDEIRA, CENTRO, SÃO PAULO



BRASIL



SÃO PAULO



CENTRO HISTÓRICO



[FIGURA 14] Acesso por passarela | Fonte: triptyque.com, acesso em novembro de 2019.



[FIGURA 15] Entrada Principal e Plantas | Fonte: archdaily.com, acesso em novembro de 2019.



O LUGAR



Localizado no centro da cidade de São Paulo, região de grande importância construção da metrópole, a qual sua beleza, ruas e prédios foram esquecidos por muitos anos, o projeto aparece como um importante ator de transformação desse cenário. O edifício antes ocupado pela companhia de energia Light, insere-se na praça da bandeira, a qual delimita a forma do edifício, que é respeitada na intervenção. A inserção do edifício e estruturação de rampas sobre a movimentada av. 23 de julho para acesso dele, fornece perspectivas ao observador, como também visibilidade ao centro cultural, que em composição com o elemento monumental da folha criada sobre o edifício, tonar-se um marco referencial na área descrita.

[FIGURA 16] Vista Aérea | Fonte: triptyque.com, acesso em novembro de 2019.

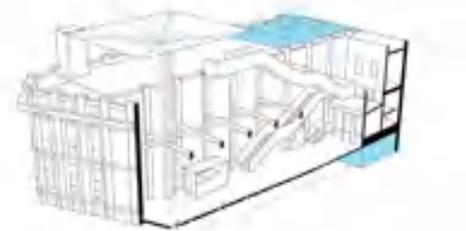
O PROGRAMA



O novo centro cultural articula as artes visuais e auditivas através da produção e disseminação de novas formas de expressão artística. Em resumo, na parte interna, o programa trata de proporcionar dois grupos de espaços, parte deles amplos em planta livre para usos de maior número de usuários (shows, exposições, exposições), e outros adaptados ou criados em subdivisão para atividades com menor número (oficina, debates, ensaios, gravações). Percebe-se que na requalificação para atender o novo programa respeitasse o invólucro externo que dá significância formal ao prédio. Na área externa são dispostos bilheteria e café, em uma nova estrutura anexo, assim como terraço na coberta, sendo esse um espaço de mirante e convivência.

[FIGURA 17] Atelier Coletivo | Fonte: triptyque.com, acesso em novembro de 2019.

A CONSTRUÇÃO



Propõe-se uma nova cobertura metálica, que para além de um elemento monumental para acompanhar o visitante durante o percurso, também possibilita a captação de água pluvial e instalação de painéis fotovoltaicos. Sua estrutura metálica tem dois apoios, um pilar com base no pavimento térreo, e outro na última laje do edifício até a cobertura. Além disso, recriou-se todo o sistema hidráulico e elétrico do edifício, sem danificar as vedações originais deixando o sistema aparente, cria-se também cisternas no subsolo. Vale ainda salientar o tratamento, ou a ausência desse, sobre superfícies, deixa-se transparente ao usuário a pátina do edifício, mostrando as marcas do tempo, em contraste com o novo uso e novas instalações implantadas.

[FIGURA 18] Esquema Seccionado dos elementos construtivos | Fonte: triptyque.com, acesso em novembro de 2019.

ESTRUTURAS FORMAIS



A forma original do edifício é respeitada, sobrepondo-se a nova estrutura criada no terraço da cobertura, o contraste entre a arquitetura de traços neoclássicos com a forma fluida e materialidade das novas instalações em aço distingue ao olhar do observador intervenção e patrimônio. A maior interferência formal é silenciosa, parte pelo respeito ao gabarito e proporção da pré-existência, e leveza do desenho criado. Cabe ainda ressaltar o acesso externo em escada de steel deck, assim como o suporte para cobertura, que distanciam-se do prédio original, manifestando o respeito a pré-existência, formalmente e estruturalmente. Aplicaram-se novas esquadrias, assim como novos portões, em aço e vidro, atentando a distinguibilidade.

[FIGURA 19] Fachada Principal | Fonte: archdaily.com, acesso em novembro de 2019.



CONEXÃO COM
O CONTEXTO URBANO
PREEXISTENTE

INSERÇÃO DE MARCO
DE FORMA SILENCIOSA
A PAISAGEM

LUGAR
CONSTRUÇÃO

CONTRASTE
AÇO X CONCRETO

ACESSO EM
STEEL DECK EXTERNOS

PÁTINA APARENTE
INSTALAÇÕES APARENTES



MULTIFUNCIONALIDADE

SETORIZAÇÃO
ATRAVÉS DOS NÍVEIS

ATIVIDADES PARA
DIFERENTES PÚBLICOS

PROGRAMA
ESTRUTURAS
FORMAIS

ELEMENTO
COMO MARCO

INTERVENÇÃO SILENCIOSA
EXISTENTE > NOVO

DISTANCIAMENTO FÍSICO
DE NOVOS ELEMENTOS





//03 FÁBRICA DA MACAXEIRA

A N O _ 2012

Á R E A _ 10000.00 M²

P R O J E T O _ ARQUITETOS | GOVERNO DO PERNAMBUCO

T I P O _ INSTITUCIONAL

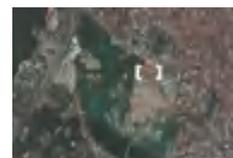
L O C A L I Z A Ç Ã O _ MACAXEIRA, RECIFE, BRASIL



BRASIL



RECIFE



MACAXEIRA



[FIGURA 22] Vista aérea do projeto e entorno | Fonte: Google Earth, 2019 (Adaptado pela autora)



[FIGURA 23] Conjunto antes da revitalização | Fonte: AFONSO, A. (2016)

[FIGURA 24] Conjunto após revitalização | Fonte: AFONSO, A., janeiro de 2016

O LUGAR



Situada na área suburbana da cidade do Recife, a fábrica Têxtil da Macaxeira, também denominada de Fábrica Coronel Othon, foi alvo de projeto de restauração após 30 anos do encerramento de suas atividades, encontrando-se até então em estado de abandono. A revitalização da antiga estrutura, e sobretudo do seu entorno, proporcionou boa repercussão quanto a apropriação do espaço público, vitalidade do entorno, assim como melhor qualidade de vida para os habitantes da região. Pode-se perceber o pontencial transformador do tratamento de espaços industriais abandonados, na sua escala urbana, ao disponibilizar espaços para apropriação pública, e de salvaguarda, do conjunto arquitetônico e paisagem.

[FIGURA 25] Render Proposta | Fonte: portal.conlicitacao.com.br, acesso em novembro de 2019.

O PROGRAMA



A proposta desenvolvida para o espaço, é composta por um parque urbano na área livre em anexo ao conjunto, e nos edifícios existentes uma escola técnica, auditório, biblioteca e um centro de atenção aos cidadãos, conhecido como “Expressão Cidade”. O Parque Estadual possui 10ha de área, abrigando equipamentos como pista de cooper, playgrounds, restaurante e um circo arena (espaço para shows e outras apresentações culturais). Ao viabilizar o novo uso do prédio, busca-se atender as necessidades da comunidade do entorno, e resgatar a dinamização do potencial urbanístico e social do local.

[FIGURA 26] Vista Interna Parque | Fonte: AFONSO, A., janeiro de 2016

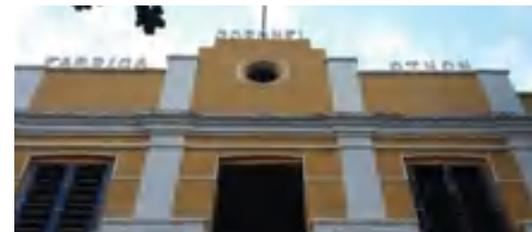
A CONSTRUÇÃO



A primeira construção do conjunto deu-se em 1895, 30 anos depois, em 1924, sobre nova administração foi adaptada e refeita para fabricação têxtil, e na década de 1970 a fábrica encerrou suas atividades. O conjunto arquitetônico é composto por um corpo principal, onde funcionava administração e galpões modulados, em estilo eclético. Destacam-se no edifício principal soluções construtivas como os detalhes nas pilastras e fechamentos em ferro ricamente trabalhados. O processo de restauração conferido as fachadas principais adota uma postura conservativa de reconstituição dos elementos ornamentais, e de tratamento para as superfícies.

[FIGURA 27] Elementos Significativos | Fonte: AFONSO, A., janeiro de 2016

ESTRUTURAS FORMAIS



Quanto a forma do objeto, manteve-se em completude a caixa original do edifício, com isso trata da disposição e relação de acessos, mas sobretudo gabaritos e delimitações externas. O projeto de restauro embasa-se em pesquisas históricas, arquitetônicas, tipológicas e normativas, e os resultados construídos tratam de respeitar o caráter simbólico do conjunto, sobretudo no seu contexto urbano.

A revitalização tratou de realizar manutenção para proteção do edifício histórico e seus elementos significativos.

[FIGURA 28] Detalhe Fachada | Fonte: AFONSO, A., janeiro de 2016



APROPIAÇÃO DOS
ESPAÇOS LIVROS PARA
USO PÚBLICO

MÍNIMO DE
PROTAGONISMO NA
PAISAGEM

MULTIFUNCIONALIDADE

ATIVIDADES PARA
DIFERENTES PÚBLICOS

BUSCA ATENDER
NECESSIDADES
DA COMUNIDADE PRÓXIMA

LUGAR
CONSTRUÇÃO

PROGRAMA
ESTRUTURAS
FORMAIS

MANUTENÇÃO DOS
ELEMENTOS
SIGNIFICATIVOS

HORIZONTALIDADE



síntese da análise dos correlatos

	 LUGAR		 PROGRAMA		 CONSTRUÇÃO		 ESTRUTURAS FORMAIS	
//01 M A T E D E R O	RESPEITO AO GABARITO PROJETO DE ESPAÇOS LIVRES	INTERAÇÃO COM O ENTORNO MÍNIMO PROTAGONISMO NA PAISAGEM	MULTIFUNCIONALIDADE FLEXIBILIDADE DE LAYOUT	CONCENTRAÇÃO DE ÁREAS DE USO PERMANENTE ATIVIDADES PARA DIFERENTES PÚBLICOS	DIVISÓRIAS MÓVEIS COMPATIBILIDADE TÉCNICA - FUNCIONAL	ABERTURAS ZENITAIS MATERIAIS POUCOS E SIGNIFICATIVOS	HORIZONTALIDADE INTERVENÇÃO SILENCIOSA	EXISTENTE > NOVO MANUTENÇÃO DO CARÁTER AMPLO
//02 R E D B U L L S T A T I O N	CONEXÃO COM O CONTEXTO URBANO PREEXISTENTE	INSERÇÃO DE MARCO DE FORMA SILENCIOSA A PAISAGEM	MULTIFUNCIONALIDADE SETORIZAÇÃO ATRAVÉS DOS NÍVEIS	ATIVIDADES PARA DIFERENTES PÚBLICOS	ACESSOS EXTERNOS EM STEEL DECK PÁTINA APARENTE	CONTRASTE AÇO X CONCRETO INSTALAÇÕES APARENTES	ELEMENTO COMO MARCO INTERVENÇÃO SILENCIOSA	EXISTENTE > NOVO DISTANCIAMENTO FÍSICO DE NOVOS ELEMENTOS
//03 F Á B R I C A D A M A C A X E I R A	APROPIAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVROS PARA USO PÚBLICO	MÍNIMO DE PROTAGONISMO NA PAISAGEM	MULTIFUNCIONALIDADE ATIVIDADES PARA DIFERENTES PÚBLICOS	BUSCA ATENDER NECESSIDADES DA COMUNIDADE PRÓXIMA		MANUTENÇÃO DOS ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS		HORIZONTALIDADE



análise do objeto arquitetônico

Nessa seção, busca-se discorrer e analisar as dimensões que compõem o objeto de estudo desse trabalho: o edifício que sediou a Fábrica Wallig Nordeste S.A., o conjunto, e em específico, o galpão no qual pretende-se intervir.

Como dito anteriormente, essa análise é baseada na proposta metodológica para pesquisa patrimonial desenvolvida por **AFONSO [2019]**, explanada na seção “metodologia” do capítulo 02 desse trabalho.

Subdivide-se em **DIMENSÃO NORMATIVA**, **DIMENSÃO HISTÓRICA**, **DIMENSÃO ESPACIAL** – externa e interna – **DIMENSÃO FUNCIONAL**, **DIMENSÃO TECTÔNICA** – estrutura de suporte, peles, cobertura, detalhes construtivos, e revestimentos e texturas – e, por fim, a **DIMENSÃO FORMAL**.

Cabe ainda destacar que apesar da divisão em tópicos para análise, com propósito didático, sabe-se que as dimensões interagem entre si, podendo até coincidir-se, reforçando que a “interdisciplinaridade e multidisciplinaridade do conhecimento na área da arquitetura são constantes”¹, e ainda originam-se

da pesquisa nas mesmas fontes, sendo “intrinsecamente conectadas”.

Essas fontes, podendo ser secundárias, como na pesquisa histórica em jornais e revistas, que em suas reportagens abrigam os estímulos ou recepção na inauguração do edifício, propagandas vinculadas aos grupos envolvidos, e até a divulgação do próprio projeto arquitetônico.

Podem também ser primárias, como os documentos originais do projeto, que tem sido alvos da deterioração em acervos físicos com péssimas condições para conservação dos materiais existentes, tornando sua consulta desafiadora, mas estimulante quanto a urgência de digitalização desses arquivos.

Dito isso, apropria-se do redesenho, bidimensional e tridimensional, como ferramenta para preservação dos desenhos originais, e melhor compreensão da obra estudada, ao colocar-se no lugar do arquiteto no ato do desenho². No caso específico do patrimônio industrial, enfrenta-se o desafio da grande escala para o redesenho desses documentos, seja pela quantida-

de de desenhos que representam todas as estruturas de um conjunto, como a utilização de pranchas que abriguem essas informações de forma legível, tornando essa uma etapa árdua da pesquisa realizada.

Por fim, é primordial a compressão do edifício como principal fonte da pesquisa arquitetônica, sendo esse “um documento construído”³, que testemunha quanto ao projeto e sua materialidade, mas também sobre a sua conservação e modificações, em obra e ao longo do tempo.

NA PESQUISA ARQUITETÔNICA, PODE-SE CONSIDERAR QUE O EDIFÍCIO TAMBÉM É UM DOCUMENTO A METODOLOGIA DE ENFOQUE ARQUITETÔNICO E VISUAL, ATRAVÉS DA COLETA DE IMAGENS (DESENHOS E FOTOGRAFIAS) TEM UMA IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL NESTE ESTUDO. [AFONSO, 2019, P. 3]

¹ AFONSO, 2019, p. 4

² Metodologia defendida por GASTÓN e ROVIRA (2007)

³ AFONSO Apud. KATINSKY, 2019, p. 2

É RELEVANTE ENFATIZAR QUE O ESTUDO DO MONUMENTO, CONHECÊ-LO DE FORMA APROFUNDADA, LEVA AO AMOR E AO RESPEITO E A UMA BOA RESTAURAÇÃO.

[KUHL, 2008, P.228]

DIMENSÃO NORMATIVA

Quanto às leis, decretos ou registros que tratem de proteger o objeto estudado cabe analisar - de uma escala federal a municipal - as normativas associadas à sua localização, tipologia arquitetônica, e o conjunto industrial, em específico.

Em nível federal, tratando das fábricas e complexos industriais, observa-se que o “patrimônio arquitetônico resultante do processo de industrialização tem seu reconhecimento de forma bastante incipiente”¹. Pode-se observar na listagem realizada por DEZEN-KEMPTER² que totaliza 36 obras do patrimônio industrial tombado pelo IPHAN³, pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, aplicado a bens móveis e imóveis, ao que data o trabalho produzido.

Destaca-se, entre essas, a Fábrica de Vinho Tito Silva, em João Pessoa - PB, sendo o único bem industrial tombado em nível nacional na Paraíba, a homologação do seu processo data de 1984, e além dele, encontram-se mais quatro bens dessa tipologia⁴ no aguardo de instrução técnica que legitima a ação de proteção, em 2019.

¹ DEZEN - KEMPTER, 2011, p. 134

² Idem, p. 135

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

⁴ Acessado em Abril de 2020 < <http://portaliphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20de%20bens%20tombados%20e%20processos%20de%20tombamento%2025-11-2019.xlsx> >

Cabe ainda ressaltar que em relação ao Patrimônio Ferroviário, reconhecido também na tipologia de patrimônio industrial, a “Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário”⁵, que tange à Lei 11.483, de 31 de maio de 2007, atribui ao IPHAN a responsabilidade de receber, administrar, guardar e manter os bens móveis e imóveis da extinta REFFSA⁶. Encontram-se 13 bens paraibanos cadastrados, mas entre esses não inserem-se a Antiga Estação Ferroviária, que encontra-se no processo de tombamento na situação citada anteriormente; nem a Estação Ferroviária Nova, ambos em Campina Grande.

Em relação à proteção em nível estadual, observa-se que os decretos desenvolvidos pelo IPHAEP⁷ atêm-se a área central de Campina Grande, em tombamento de imóveis isolados, como o imóvel Nº 718 na Floriano Peixoto⁸, o Cine Capitólio⁹, bens na rua Maciel Pinheiro, Floriano Peixoto, e na área do Açude Velho¹⁰. Em delimitar o Centro Histórico Inicial da cidade, nos

⁵ Portaria Iphan nº 407/2010v

⁶ Rede Ferroviária Federal

⁷ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

⁸ DECRETO ESTADUAL Nº 19.447/1997

⁹ DECRETO ESTADUAL Nº 20.905/2000

¹⁰ DECRETO ESTADUAL Nº 22.245/2001

decretos de 2004¹¹ e 2013¹², não abrangendo assim outras áreas de importância histórica para a cidade, como o Distrito Industrial.

Tratando-se de normativas municipais, destaca-se a Lei Nº 3721 de 1999, que também delimita uma poligonal no centro da cidade¹³, criando a Zona Especial de Preservação I, que prevê a proteção sobre as fachadas condicionado ao parecer técnico da SEPLAM¹⁴.

No Plano Diretor¹⁵, que trata de assegurar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade, a Fábrica Wallig, de forma macro, insere-se na Zona de Recuperação Urbana, sendo caracterizada como de uso predominantemente residencial, prevendo entre os objetivos a complementação da infraestrutura urbana básica, e implementação de equipamentos públicos, de espaços verdes e de lazer.

De forma micro, o objeto está localizado na Zona Especial de Desenvolvimento Industrial - ZEDI, que são áreas do município

¹¹ DECRETO ESTADUAL Nº 25.139/2004

¹² DECRETO ESTADUAL Nº 33.816/2013

¹³ Sendo essa delimitação a primeira proteção legal para um conjunto histórico na cidade, e popularmente conhecida como a “botinha”

¹⁴ Secretaria de Planejamento e do Meio Ambiente

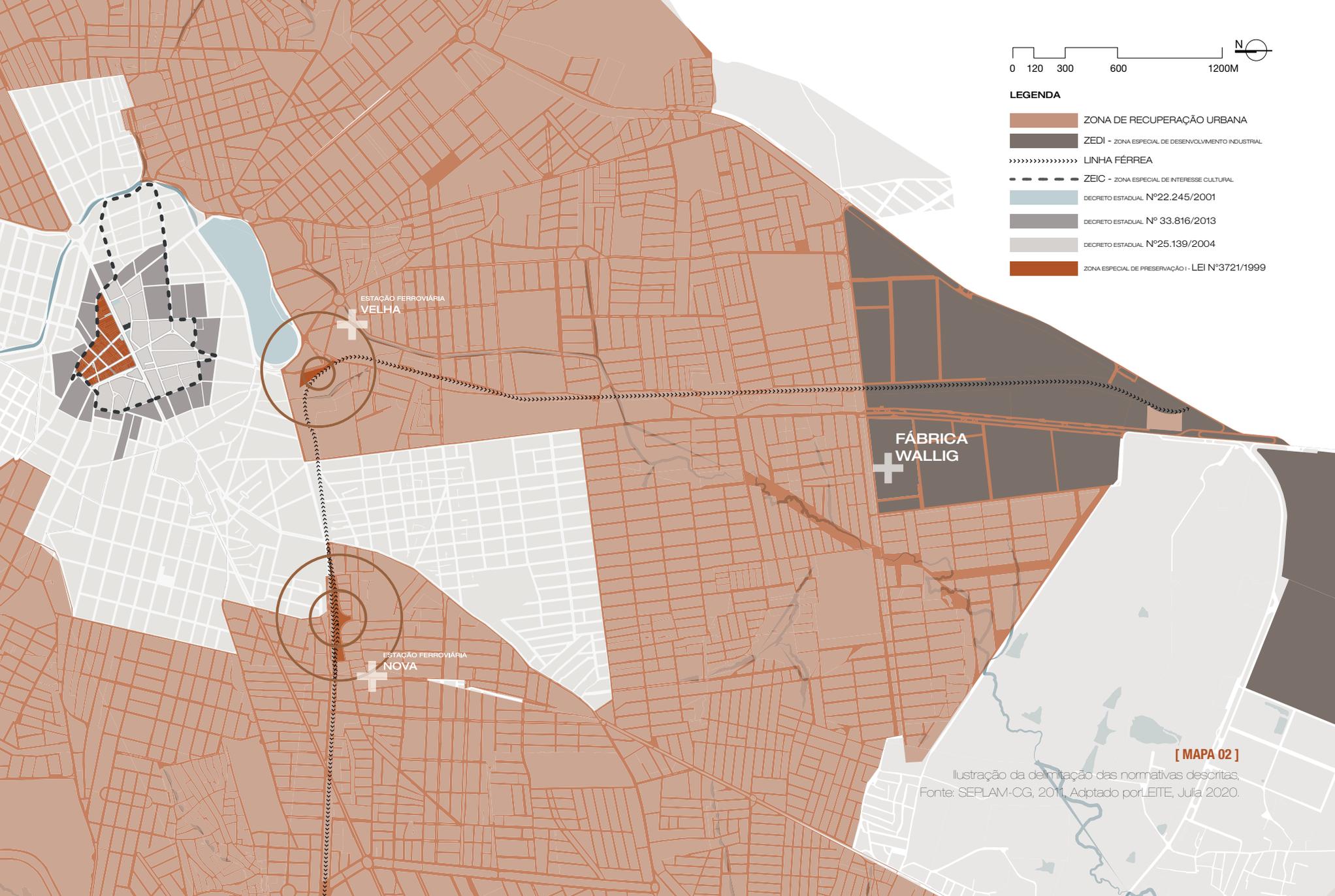
¹⁵ Lei Complementar Nº 003, de 09 de Outubro de 2006

destinadas prioritariamente para uso industrial, exigindo critério de uso e ocupação do solo condicionados à proteção do meio ambiente.

De forma geral, constata-se a total desproteção legal do conjunto industrial da Fábrica Wallig Nordeste. Para proteção pelo IPHAN observa a semelhança do objeto estudado com o Conjunto Arquitetônico do Rio Tinto, que trata de ser uma das obras em processo de tombamento em nível federal; trazendo à tona, mais uma vez, a importância de se documentar e inventariar esse objeto, a fim de possibilitar processos como o citado no futuro.

Quanto ao órgão estadual, e as leis municipais, vê-se ainda a concentração de esforços preservacionistas na área central de Campina Grande e na arquitetura protomoderna, não desconsidera-se a importância dessas ações e a proporção que esse estilo arquitetônico registra na cidade.

Entretanto, observa-se a dificuldade de reconhecimento histórico de Campina como cidade industrial, e a arquitetura proveniente desses processos como de valor patrimonial. Cabe, portanto, a esse trabalho, embasar-se normativamente nos direcionamentos indicados no Plano Diretor para a área.



- LEGENDA**
- ZONA DE RECUPERAÇÃO URBANA
 - ZEDI - ZONA ESPECIAL DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL
 - LINHA FÉRREA
 - ZEIC - ZONA ESPECIAL DE INTERESSE CULTURAL
 - DECRETO ESTADUAL Nº22.245/2001
 - DECRETO ESTADUAL Nº 33.816/2013
 - DECRETO ESTADUAL Nº25.139/2004
 - ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO I - LEI Nº3721/1999

[MAPA 02]

Ilustração da delimitação das normativas descritas.
Fonte: SEPLAM-CG, 2011. Adaptado por LEITE, Julia, 2020.

DIMENSÃO HISTÓRICA

O recorte temporal desse trabalho, ao tratar da pesquisa histórica para o projeto de intervenção proposto, está compreendido no período entre a década de 1950 até a atualidade. Busca-se contemplar o contexto nacional que desencadeou na criação da SUDENE¹, o processo de industrialização em Campina Grande, a implantação da Fábrica Wallig, a conjuntura durante o seu funcionamento, o encerramento das atividades, e a situação do conjunto até o atual momento.

Desde a década de 1930, no governo Vargas², levantaram-se questões quanto a assimetria federativa no Brasil, nesse período, são gerados projetos para intervenções no Nordeste frente a disparidade do contexto urbano, econômico e social dessa, com as demais regiões do país; nesse momento, os questionamentos materializam-se em processos de urbanização, com ideais higienistas, sobretudo com aplicação de reformas hidráulicas nas cidades. Entretanto, a partir dos anos 1950 observa-se a “alteração desse padrão na região Nordeste”³, agora apropriando-se de uma “intervenção planejada”³.

¹ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
² Getúlio Dornelles Vargas foi um advogado, militar e político brasileiro, líder da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, depondo seu 13.º e último presidente, Washington Luís, e impedindo a posse do presidente eleito em 1.º de março de 1930, Júlio Prestes. Foi presidente do Brasil em dois períodos.
³ COLOMBO, 2015, p. 74

1950

Nesse período verifica-se “o auge do pensamento nacional – desenvolvimentista”⁴, concretizado dessa vez na industrialização, que aparece nesse cenário como a “redenção da pobreza e da desigualdade brasileira”⁵. Essas constatações são expressas, por exemplo, no Plano de Metas⁶ implantado pelo presidente Juscelino Kubitschek, que encontrava suas bases no desenvolvimento das indústrias, investimento em hidrelétricas, infraestruturação de estradas, e extração de petróleo.

Em contraste com a força das posturas progressistas no contexto nacional, a região Nordeste destacava-se na mídia pela situação crítica das secas de 1952 e 1958; a situação foi utilizada como discurso político por personagens de visão populista, apontando o descaso do Governo Federal para com o povo nordestino. O resultado das eleições regionais leva ao “agravamento de falta de controle político sobre a região”⁵, e propicia um terreno fértil para medidas de atenção a essa.

NESTE CONTEXTO, A CRIAÇÃO DE UM ORGÃO DE PLANEJAMENTO REGIONAL

⁴ Idem, p.75
⁵ Idem, p. 76
⁶ Programa de industrialização e modernização levado a cabo na presidência de Juscelino Kubitschek, na forma de um “ambicioso conjunto de objetivos setoriais” que “daria continuidade ao processo de substituição de importações que se vinha desenrolando nos dois decênios anteriores”.

NO NORDESTE, SUBORDINADO DIRETAMENTE À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA COMO FOI NO CASO DA SUDENE, REPRESENTARIA UMA POSSIBILIDADE DE CENTRALIZAÇÃO DO PODER EXECUTIVO. MAIS DO QUE ISSO: A CRIAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO SERVIRIA PARA RETOMAR O CONTROLE POLÍTICO DE UMA REGIÃO QUE, ALÉM DE APRESENTAR GRAVES TENSÕES SOCIAIS E POLÍTICAS, HAVIA ESCAPADO, EM TERMOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, DO CONTROLE DO GOVERNO FEDERAL. [COLOMBO, 2015, P.77]

Pelos esforços de Celso Furtado⁷ e de Kubitschek, a SUDENE⁸ foi criada em 1959, guiando-se em um Plano de Ação⁹ com quatro diretrizes básicas, dentre as quais destaca-se a “intensificação dos investimentos industriais”, que visava criar no Nordeste um centro autônomo de expansão manufatureira, ou seja para produção de bens que serão utilizados ou comercializados, como no caso da indústria Wallig.

Em Campina Grande, como vai apontar QUEIROZ¹⁰, no período de 1930 – 1950 a cidade foi alvo de medidas higienistas mo-

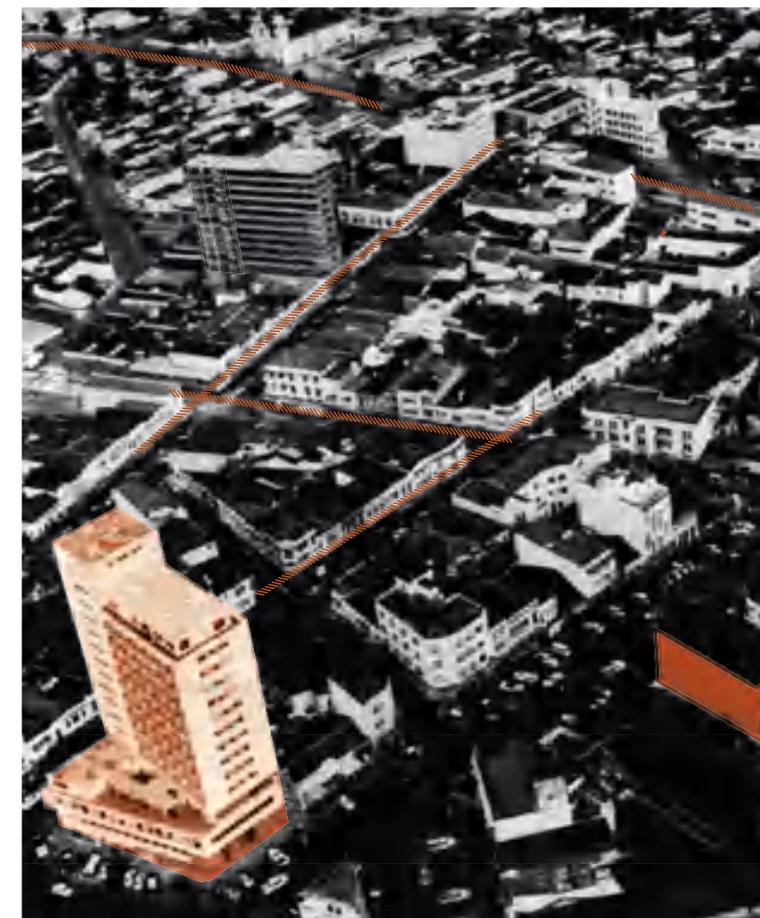
dernizadoras, sobretudo no que tange às “preocupações com a circulação urbana”, “os novos fluxos e velocidades advindas com o adensamento citadino, com a diversificação das atividades produtivas e com o surgimento do automóvel”¹¹; o traçado urbano e a paisagem já aspiravam os ares dos princípios modernos, sobre sacrifício de edifícios oitocentistas e do caráter do espaço público na cidade.

No cenário da década de 50, “Campina Grande bradada como caótica pela imprensa local dos anos 1930 era o resultado da transformação do seu espaço urbano em locus do sistema produtivo”¹². Em especial, nos últimos anos da década, a força econômica sobre o comércio do algodão já não sustentava a projeção contínua da cidade; a industrialização, fruto da visão desenvolvimentista, começa a tomar cena no contexto local, como apresenta a reportagem no Diário da Borborema em 1957, “Pensemos em Indústria”:

OS OBSERVADORES DA VIDA CAMPINENSE VÊM NOTANDO, NÃO SEM CERTO PESSIMISMO, QUE JÁ NÃO PODEREMOS MANTER COM A MESMA GALHARDIA DE ANTES O DOMÍNIO DO COMÉRCIO NORDESTINO. (...) AINDA PODEMOS OSTENTAR, COM JUSTO MOTIVO DE ORGULHO, O TÍTULO DE CIDADE DE MAIS

INTENSAS ATIVIDADES COMERCIAIS NA REGIÃO QUE SE ESTENDE ATÉ RECUDOS RINCÕES DOS ESTADOS VIZINHOS. (...) NÃO TEMOS, NO ENTANTO, MOTIVOS PARA RECEIOS ALARMISTAS, DESDE QUE PODEREMOS ARRUMAR A NOSSA ECONOMIA EM OUTRO PODEROSO FATOR DE DESENVOLVIMENTO: A INDÚSTRIA. (...) O MOMENTO É MAIS QUE OPORTUNO PARA A CRIAÇÃO DE UMA MENTALIDADE INDUSTRIAL. DEVEMOS PENSAR DESDE LOGO NA FORMAÇÃO DE CAPITALS, NO ESTUDO DOS MERCADOS, SEM MUITO CONFIAR EM PROMESSAS SIMBÓLICAS DE QUE SEREMOS AJUDADOS POR CAPITALISTAS DE FORA. OS HOMENS QUE CONSTRUÍRAM A GRANDEZA DO EMPÓRIO COMERCIAL QUE FOI E AINDA É CAMPINA GRANDE, ESSES MESMOS HOMENS PODERÃO, COM SEU ARROJO, COM SUA INTELIGÊNCIA, COM SUA VISÃO, LANÇAR OS FUNDAMENTOS DO PARQUE INDUSTRIAL CAMPINENSE. [SOUZA APUD. DIÁRIO DA BORBOREMA, 2016, P. 67]

Sobre o prestígio do seu passado, rico no processamento do algodão e escoamento de mercadorias do litoral ao sertão, mas sobretudo pelo acúmulo de capital advindo dessa época áurea do “ouro branco”¹³, Campina apresenta a imagem de centro urbano moderno e dinâmico [FIGURA 29], fortalecendo a ideia de que ali carecia que fosse “desenvolvido um forte e adiantado setor industrial”¹⁴.



[FIGURA 29] Vista aérea das ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Marquês do Erval, ruas de intensa movimentação comercial, em Campina Grande de 1963. Ao fundo, Av. Floriano Peixoto, à frente Edifício Rique, onde funcionava o Banco Industrial de Campina Grande. Fonte: Revista Brasileira de Geografia, 1963, p. 10, acessível em < https://issuu.com/blogrhcg/docs/rbg-cg/14 >, destaques dados pela autora.

⁷ Celso Monteiro Furtado foi um economista brasileiro e um dos mais destacados intelectuais do país ao longo do século XX. Suas ideias sobre o desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento enfatizavam o papel do Estado na economia, com a adoção de um modelo de desenvolvimento econômico de corte pré-keynesiano.

⁸ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

⁹ A apresentado em acervo da SUDENE, acessível no link <http://www.sudene.gov.br/images/2017/arquivos/PDEN_-_segunda_edicao.pdf>

¹⁰ QUEIROZ, 2008, p. 156 - 250

¹¹ Idem, p. 156

¹² Idem, p. 236

¹³ Nome popular adotado para o algodão, visto o forte crescimento econômico que propiciou ao Nordeste

¹⁴ SOUZA, 2016, p. 70

...na sua liberação... para que... Da área... 15 metros... dependem... para a... a expansão... a indústria... a população...

Cabe ressaltar que, em contrapartida aos discursos de Campina Grande como símbolo do progresso, a cidade ainda enfrentava seríssimos problemas como esgotos a céu aberto, a indisponibilidade de água potável, e dificuldades quanto a distribuição da infraestrutura elétrica, em evidência nas áreas mais distantes do centro da cidade, que havia sido o foco das medidas higienistas.

Essas problemáticas não “proporcionavam as tão sedutoras condições para a instalação de novas indústrias”¹⁵, gerando uma mudança de mentalidade e mobilização populacional¹⁶ quanto a aplicação do capital vindo do governo federal. Defende-se nesse momento, que esse subsidie o setor industrial, para que melhorando a economia regional, se solucionem os problemas contínuos do cenário nordestino: a seca e a pobreza.

DE TAL MODO, A INDÚSTRIA SE MOSTRA COMO “O” RECURSO PARA AS DIFICULDADES DE UM MUNICÍPIO QUE EM SI CONCENTRA OS IMPERATIVOS DO INTERIOR PARAIBANO. SEU INCHAÇO POPULACIONAL CADA VEZ MAIS PROEMINENTE TORNAM CLARAS AS FRAGILIDADES DE SUA ECONOMIA RESTRINGIDA. INDUS-

TRIALIZAÇÃO COMO O DERRADEIRO RECURSO: EMPREGOS PARA UMA POPULAÇÃO OCIOSA, FORTE IMPULSO PARA A ECONOMIA LOCAL, NOVAS FONTES DE IMPOSTO AUXILIANDO A PREFEITURA EM SUAS RESPONSABILIDADES COM A POPULAÇÃO. [SOUZA, 2016, P. 81]

Em 1959, de forma quase que inédita, os candidatos a prefeitura apresentavam “programas administrativos através de documentos escritos e publicados”¹⁷, entre esses destacava-se a figura de Newton Rique, empresário e político campinense, que concebe a chamada “Revolução da Prosperidade”¹⁷, a qual com bases progressistas delimitava o caminho para desenvolvimento da cidade rumo a industrialização.

Apesar de sua popularidade Rique não saiu vitorioso da candidatura, ao contrário, atuou na direção do BNDE¹⁸ e do Banco Industrial de Campina Grande durante os anos consecutivos, propiciando “investimentos financeiros para a cidade, que via sua economia cada vez mais beneficiada por tais esforços”¹⁹. Esses anos afastado da esfera política conceberam a base e prestígio que o empresário necessitava para execução de seu plano de ações, sendo consequentemente eleito em 1963.

¹⁷ Idem, p. 134
¹⁸ Banco Nacional de Desenvolvimento
¹⁹ SOUZA, 2016, p. 143

Não obstante, nos primeiros dias de seu mandato o prefeito já anunciava na reportagem “Industrialização”²⁰, ao Diário da Borborema, a associação com a empresa gaúcha Wallig, e a compra do terreno do que seria, e hoje é, o Distrito Industrial de Campina Grande, em “uma colaboração entre a cidade, o Governo do Estado e a ajuda direta de agências federais de investimentos, como a SUDENE e o Banco do Nordeste”²¹.

Os próximos anos, apresentavam-se como um período de grandes expectativas [FIGURA 30], como coloca SOUZA sobre os projetos da SUDENE em seus dois primeiros planos diretores²², esses “não eram acanhados”²¹, além de que o capital apresentava “boas previsões para os anos seguintes”²³.

Apesar da expectativa, a população campinense pressionava quanto a precariedade nas áreas suburbanas, herdadas da gestão anterior, em resposta a realidade distante da “Revolução da Prosperidade” apresentada por Newton Rique, passos importantes haviam sido tomados rumo a uma Campina industrial:

²⁰ Idem, p. 148
²¹ Idem, p. 149
²² 1961/63 e 1963/65 disponível em < <http://www.sudene.gov.br/acervo/> >
²³ Idem, p. 157

[FIGURA 30] Entrevista realizada com Carlos Sassen, diretor comercial da Wallig, acerca da implantação da filial em Campina Grande o qual apontava como o “maior investimento da iniciativa privada na região nordestina”, matéria do Jornal O Globo, em 2 de dezembro de 1964, 1ª Edição, p. 19. Fonte: acervo.cnglobo.globo.com/consulta-ao-acervo, destaques dados pela autora.



Da Wallig ao Nordeste

O Sr. Carlos Henrique Sassen afirmou que a fábrica de Wallig em Campina Grande aproveitará toda a experiência Grande do Sul, estando sendo aplicada, também, no Nordeste, em primeiro lugar a técnica de construção das fábricas evoluídas, até ao processo de fabricação de camisas de ferro, a técnica de construção das fábricas evoluídas, até ao processo de fabricação de camisas de ferro, a técnica de construção das fábricas evoluídas, até ao processo de fabricação de camisas de ferro...

¹⁵ Idem, p.75
¹⁶ “O discurso dos políticos, jornalistas, comerciantes e tantas outras figuras campinenses sintonizadas com o ideário industrial trazem para si as aflições das camadas mais pobres da cidade, argumentando a favor de seus próprios planos como também se sobressai uma mobilização da população para com a indústria” SOUZA, 2016, p.76



[FIGURA 31] Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Campina Grande, 30 de maio de 1964, em apoio a Ditadura Militar: "O apoio das classes conservadoras, do comércio e da indústria de Campina Grande, nós apoiamos integralmente", o novo prefeito João Jerônimo ao Diário da Borborema. Fonte: Diário da Borborema, 31 de maio de 1964, p. 1, destaques dados pela autora.

1964

SEU PRIMEIRO PASSO JÁ HAVIA SIDO DADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963, COM O DECRETO 3.491 NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, ONDE O GOVERNO PEDRO GONDIM HAVIA DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA UMA ÁREA DE QUASE 200 HECTARES SITUADOS NAS IMEDIAÇÕES DO AEROPORTO JOÃO SUASSUNA. ESTA DESTINADA À FORMAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL DE CAMPINA GRANDE, OBSERVADO COMO O PRIMEIRO PASSO DESTA MILAGRE. SOMADA ÀS EXPECTATIVAS GERADAS PELO SEGUNDO PLANO DIRETOR DA SUDENE (1963/65), QUE CONTAVA COM UMA SÉRIE DE BENEFÍCIOS FEDERAIS CONCEDIDOS PARA A IMPLANTAÇÃO DE CINCO INDÚSTRIAS DE GRANDE PORTE (ENTRE ELAS A WALLIG) MAIS A MODERNIZAÇÃO DE QUATRO OUTRAS JÁ EXISTENTES, SEMEAVAM A PROSPERIDADE RACIONALIZADA PELA ELITE PROGRESSISTA DE CAMPINA. [SOUZA, 2016, P.161]

Ao contrário das expectativas, 1964 sobreveio com o Golpe Militar, sendo o mandato de Newton Rique cassado [FIGURA 32] em junho do mesmo ano, prometendo voltar a cidade apenas em outubro, para comemoração de seu centenário. Apesar disso, deixa sobre responsabilidade do prefeito interino João Jerônimo "mais de cinco projetos industriais para ampliação do parque fabril campinense", como exposto em reportagem ao jornal Diário da Borborema²⁴.

Dentre esses encontrava-se o projeto da Fábrica Wallig Nordeste S.A., composto por um Memorial Justificativo²⁵, o qual em seis seções descreve-se os dados gerais da empresa, sua estrutura organizacional, justificativas para localização, programa, e forma de escoamento do produto, sobre o processo de fabricação, e as obras civis necessárias para sua instalação; e também, as pranchas do projeto arquitetônico²⁶, produzido pelo escritório gaúcho "Sérgio e Pellegrini Cia Ltda".

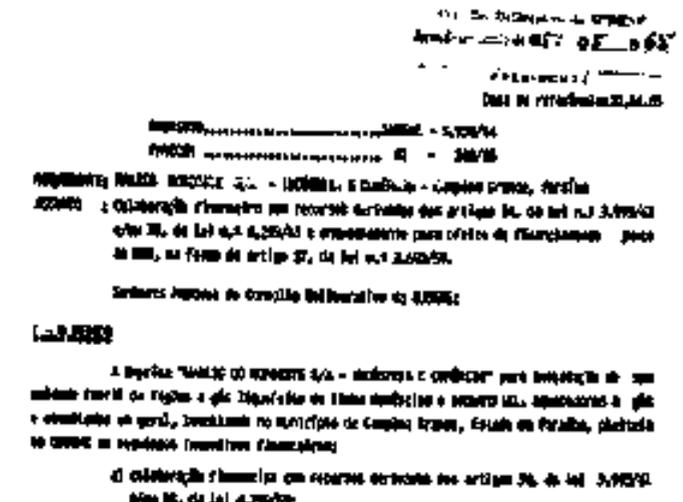
Em um caótico cenário, entre a ditadura militar [FIGURA 31], substituições consecutivas no cargo de prefeito e as comemorações dos seus 100 anos [FIGURA 34], Campina Grande ainda presencia esforços por parte do governo em promover sua industrialização: no 2º plano diretor da SUDENE, mas especificamente em 1965, é aceita a proposta de implantação da fábrica Wallig na cidade [FIGURA 33], em 29 de janeiro desse ano, o projeto é aprovado no Departamento de Planejamento e Urbanismo, e tem a sua construção assinada pelo engenheiro civil Edson de Souza do Ó [FIGURA 35 E 37].

²⁵ Disponível para consulta na Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande [FIGURA 36]

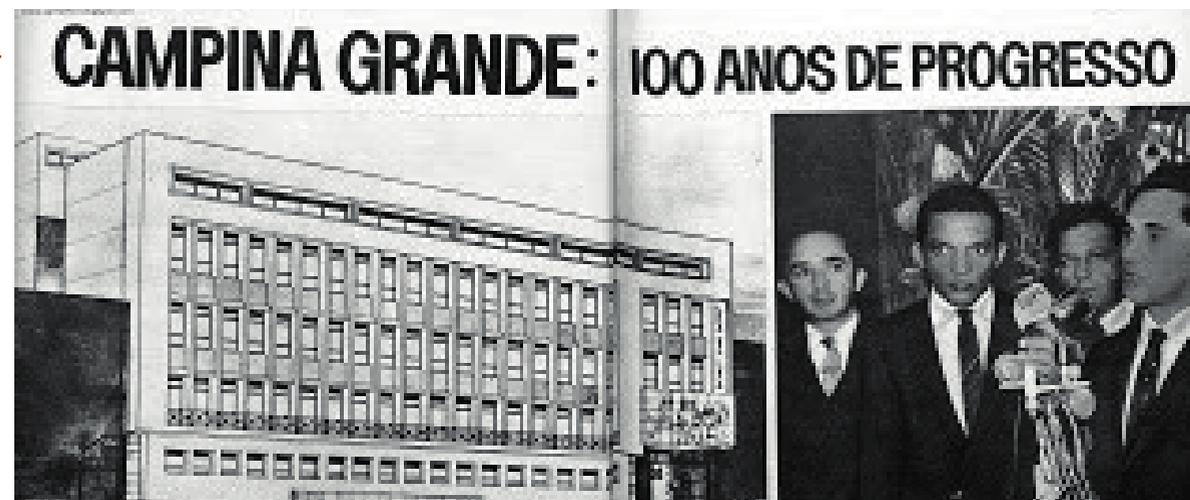
²⁶ Disponível no Arquivo Municipal de Campina Grande



[FIGURA 32] Manchete do Diário da Borborema de 16 de Junho de 1964, um dia após a cassação do prefeito eleito Newton Rique, anuncia a posse do novo prefeito João Jerônimo. Abaixo Rique enfatiza na sua responsabilidade de homem público em cobrar do novo governante a continuidade dos trabalhos para o novo Parque Industrial campinense. Fonte: cgretrinhos.blogspot.com, destaque dado pela autora.

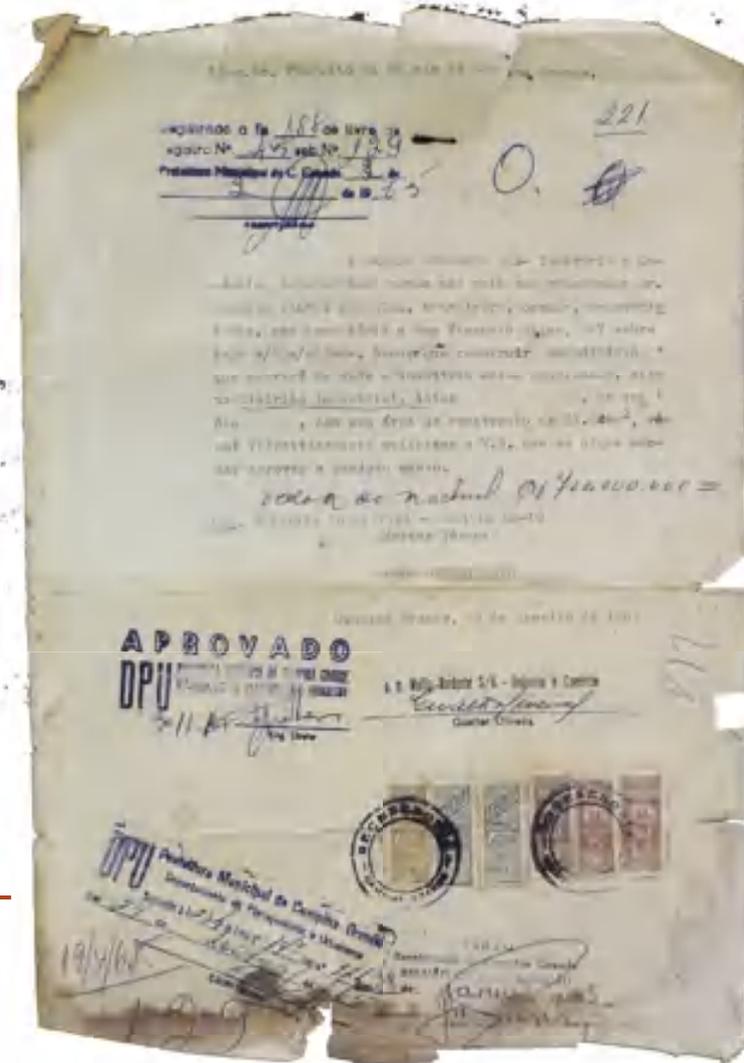


[FIGURA 33] Processo aprovado pelo Conselho Deliberativo da SUDENE em 5 de Maio de 1965, nº 3.958/64, o qual trata da colaboração financeira com recursos do artigo 34 do 2º Plano Diretor para implantação da fábrica em Campina Grande. Fonte: <http://procondelsudene.gov.br/acervo.aspx>, destaque dado pela autora.

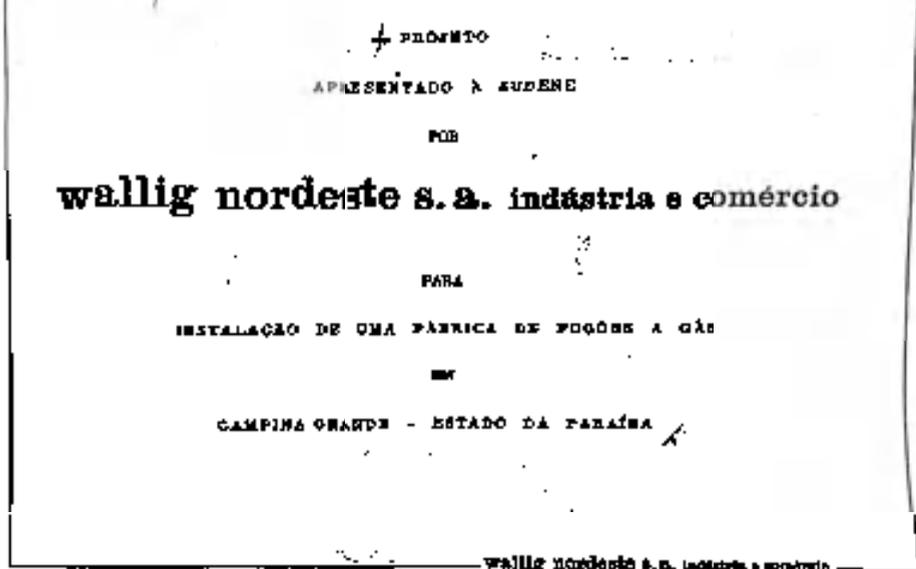


[FIGURA 34] Seção dedicada ao centenário de Campina Grande na Revista Cruzeiro, em 4 de Abril de 1964, na qual a cidade é exaltada como a "Capital dos Sertões Nordestinos" e "Capital do Trabalho". Na foto, desenho do Forum de Campina Grande, que hoje encontrasse abandonado. Fonte: cgretrinhos.blogspot.com, destaque dado pela autora.

²⁴ SOUZA Apud. Diário da Borborema, 2016, p.153



[FIGURA 35] Documento de requerimento e aprovação do projeto em anexo da Fábrica Wallig Nordeste S/A, para o Distrito Industrial de Campina Grande, data de 29 de Janeiro de 1965. Fonte: Arquivo Municipal de Campina Grande



[FIGURA 36] Contracapa do Memorial Justificativo entregue a SUDENE pela empresa Wallig. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande

[FIGURA 37] Carimbo das Pranchas do projeto entregue a prefeitura de Campina Grande. Fonte: Arquivo Municipal de Campina Grande



Sobre esse processo o historiador Damião Lima, relata:

FORAM APROVADOS PELA SUDENE, PARA CAMPINA GRANDE, 9 PROJETOS, SENDO 5 DE IMPLANTAÇÃO DE NOVAS INDÚSTRIAS E 4 DE MODERNIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS EXISTENTES. ENTRE ESTES PROJETOS, DOIS MERECEM DESTAQUE: O PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DA CAMPINA GRANDE INDUSTRIAL LTDA. (CANDE), PRODUTORA DE TUBOS PLÁSTICOS E, PRINCIPALMENTE, O PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DA WALLIG NORDESTE S/A, EMPRESA DE GRANDE PORTE, PRODUTORA DE FOGÕES A GÁS LIQUEFEITO. [LIMA, 1999, P. 124-125]

Em face do “aumento da cidade e do projeto de industrialização”²⁷, através dos investimentos da SUDENE, a FIEP²⁸, que já percorria há época quase 20 anos de existência, buscava acertar medidas que acompanhassem o ritmo desse processo quanto a questões infraestruturas, como a política de energia elétrica em Campina Grande.

É anunciada então a “construção de uma subestação de energia localizada dentro do Distrito Industrial”²⁹, em 1966, a fim de atender a nova demanda das indústrias, e problemas de oscilação da energia na rede.

²⁷ SOUZA, 2016, p. 169

²⁸ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba

²⁹ SOUZA, 2016, p. 170

wallig nordeste s. indústria e comércio

Devido a essa ampliação da CHESF³⁰ na cidade, “todo o funcionamento da Wallig Nordeste S/A estaria garantido”²⁹, além disso, a mídia local encontrava-se recheada de reportagens sobre o projeto de instalação da fábrica, amadurecendo a imagem dela como protagonista no processo de industrialização campinense. Em visita a cidade, em janeiro de 1966, o empresário Werner Pedro Wallig concebe entrevistas aquecendo as expectativas para a fábrica, como analisa SOUZA:

SUAS PALAVRAS AOS REPÓRTERES LOCAIS ESCLARECERAM QUE A ESTRUTURA MATERIAL DO PARQUE FABRIL JÁ CUIDAVA DOS ÚLTIMOS DETALHES DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA E ENERGIA, SENDO ALI ANTEVISTA A PRODUÇÃO DE MAIS DE 8.000 FOGÕES POR MÊS. SUA INAUGURAÇÃO PREVISTA PARA O MÊS DE NOVEMBRO DAQUELE ANO, JÁ CONTARIA DESDE EM JULHO COM O TREINAMENTO DE CERCA DE 600 FUNCIONÁRIOS, QUE SEGUNDO A MATÉRIA PUBLICADA NO ANO ANTERIOR, SE RESPONSABILIZARIAM PELO TREINAMENTO DE UM TOTAL DE 15.000 OPERÁRIOS E SERVIDORES, AMPLIANDO A PRODUÇÃO PARA TAMBÉM 15.000 FOGÕES POR MÊS. [SOUZA, 2016, P.173]

As projeções realizadas pelo empresário teriam um grande impacto para a cidade, quanto a geração de empregos e capitalização do comércio local, mas também seria um acontecimento de escala regional. Uma vez que o programa de produção e

³⁰ Companhia Hidrelétrica do São Francisco

vendas anuais da empresa³¹, previa a produção de 88.000 fogões a gás liquefeito tipo gabinete.

Comparado ao mercado de fogões no Brasil, no qual haviam apenas 11 fábricas, sendo a filial da Wallig em Campina Grande, e outras duas em instalação³² as primeiras no Nordeste; fazendo a empresa, agora, com filial em Campina, detentora de 11% do mercado nacional na venda desse produto.

Nesse período, também é esperada uma forte expansão de oferta de gás liquefeito de petróleo, a qual associada à elevação da renda pessoal do brasileiro, e alto crescimento demográfico, geraria um contexto favorável para a intensificação da compra e uso dos fogões a gás³³, não apenas nos grandes centros urbanos, mas também na zona rural.

Os esforços midiáticos para reforçar a importância da Wallig para a cidade não eram escassos, como no caso da reportagem “Wallig Nordeste: contribuição decisiva do surto de industrialização de Campina Grande”, de março de 1966.

EM TEXTO DE JOSUÉ SYLVESTRE PARA O DIÁRIO, HÁ UMA CONSTRUÇÃO DE UMA ODE SOBRE A INSTALAÇÃO DA WALLIG EM CAMPINA GRANDE QUE RESU-

MIA DESDE OS ESFORÇOS DE NEWTON RIQUE EM FAZER DA INDÚSTRIA SEU CARRO CHEFE DE CAMPANHA (DESTACADOS COMO SINAIS DE MATURIDADE DO POVO CAMPINENSE), PASSANDO PELA MOBILIZAÇÃO DAS ESFERAS POLÍTICAS E PRIVADAS (FALANDO DAS PESQUISAS E ESTUDOS FEITOS PELA WALLIG ANTES DE SUA INSTALAÇÃO E PELAS CONSTRUÇÕES DA INFRAESTRUTURA ADEQUADA PARA SUA INSTALAÇÃO) E O REAL INCENTIVO FINANCEIRO PROMOVIDO PELA SUDENE (TRANSFORMANDO A REALIDADE DE CAMPINA, “REFORÇANDO OS ATRATIVOS JÁ REGULAMENTADOS E POSTOS EM PRÁTICA” PELA CIDADE). [SOUZA, 2016, P. 173]

Dentre as expressões desses esforços, destaca-se a reportagem feita no Cine Jornal nesse mesmo ano³⁴, na qual Campina Grande, tido pelo locutor como “exemplo de que o Nordeste não precisa ser pobre”, é exaltada pelas suas indústrias em implantação e a “sadia mentalidade empresarial do seu povo sertanejo”.

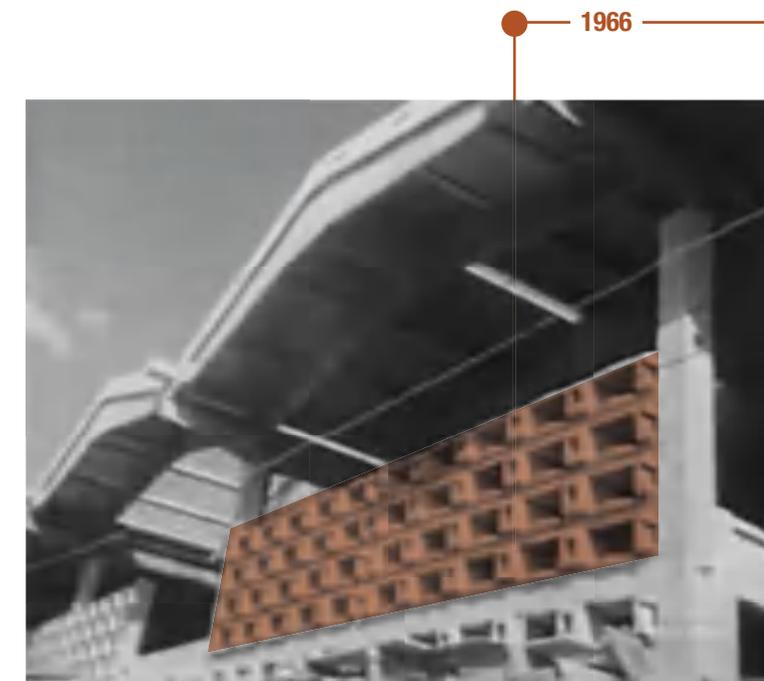
A campanha da industrialização foi abraçada ideologicamente pelas classes produtoras, poder executivo municipal e legislativo, mas a execução foi possibilitada também pelo apoio financeiro de órgãos como o BNDE³⁵, sendo homenageado na

³⁴ Cine jornal Informativo nº 45, mostrando Campina Grande em 1966, onde técnico do BNDE recebe título de cidadão campinense na Câmara Municipal de nossa cidade, e a construção da Wallig e Cande em Campina Grande, disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=Mp7ZmnOa6IQ&feature=emb_logo

³⁵ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico



[FIGURA 38 - 40] Fotos da Construção da fábrica Wallig em 1966, retiradas de Cine Jornal informativo nº45 Fonte: blogretalhos.blogspot.com



³¹ Memorial Justificativo, p. 21

³² Em em Salvador - BA e Fortaleza - CE, memorial justificativo, p.24, 27

³³ Memorial Justificativo, p. 40-41

cidade, agradece garantindo que em breve “outras Campinas Grandes levarão ao âmago do sertão os benefícios do progresso industrial”³⁴, colocando a cidade mais uma vez nos holofotes do Nordeste.

Não obstante, ao final da reportagem trata de exibir as empresas em fase de instalação na cidade, a CANDE e a Wallig, que formando “um moderno núcleo de progresso entorno da cidade paraibana, atestam os novos rumos de emancipação nordestina”.

Ao apresentar a fábrica de fogões, “empresa do extremo sul do Brasil”, exaltando-a como portadora de “recursos e técnicas apuradas das regiões mais desenvolvidas do país”, a Wallig é colocada em posição de protagonismo com direito a um tom heroico, ao desbravar “novos caminhos no sertão” como “mensagem de progresso a ser compartilhado com seus irmãos do norte”

Sendo assim, foi inaugurada em 10 de agosto de 1967 [FIGURAS 44], sob festividades envolvendo a presença do então presidente Costa e Silva [FIGURA 42], realizando uma visita ao “parque fabril

de fogões” para “observar o funcionamento da moderna indústria”³⁶, dentre as comemorações também foi fornecido a Werner Pedro Wallig o título de cidadão campinense, através de recepção na Câmara do Vereadores.

A existência de infraestrutura adequada para implantação da Wallig Nordeste atraiu a instalação de outras empresas ao Distrito sobre incentivos da SUDENE, como a “Cande em 1964, da Indústria de Construções Premoldadas S/A em 1965, a Bentonit União Nordeste S.A. em 1967, a Arbame Mallory do Nordeste S.A. em 1968 e a Besa – Borracha Esponjosa S.A. em 1969.”³⁷

Durante seu funcionamento a filial da Wallig no Nordeste destacou-se na produção industrial campinense gradualmente, em edição dedicada ao dia da indústria na Revista do FISCO, de março de 1971³⁸, em página completa descrevia-se as qualidades do seu produto [FIGURA 45], e apontava que “qualquer dia desses acontece uma exportação com o Wallig Nordeste”, lançando o seu slogan o fogão “Made in Paraíba” [FIGURA 46].

Em 1972, anunciava em reportagem “Wallig exporta para Amé-

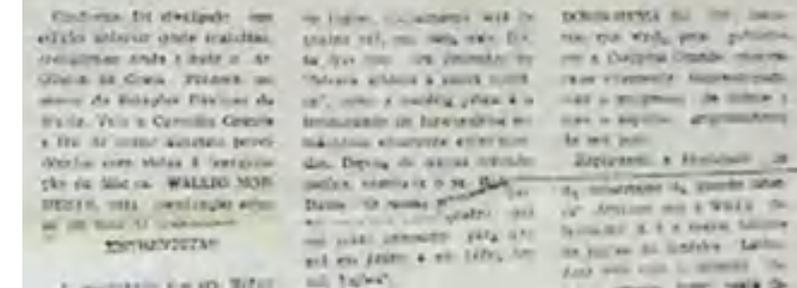
1967

³⁶ SOUZA Apud. Diário da Borborema, 2016, p. 174

³⁷ SOUZA, 2016, p.174

³⁸ Edição nº12, pág. 29, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

WALLIG Nordeste dirigirá convite ao Pres. Costa e Silva



[FIGURA 42] Manchete do Diário da Borborema de 27.01.1967, anúncio do convite ao pres. Costa e Silva para inauguração da Wallig em Campina Grande. Fonte: SOUZA, 2013, p.5



[FIGURA 43] Medalha Comemorativa para inauguração da Fábrica Wallig Nordeste S/A, Julho de 1967. Fonte: medalhistica.com.br

[FIGURA 44] Werner Pedro Wallig e Pres. Costa e Silva na inauguração da Wallig, em 10 de Agosto de 1967. Fonte: cgetalhos.blogspot.com, com destaque da autora.



rica Central, América do Sul e África”³⁹ [FIGURA 47], informa-se que na época a produção mensal passa de 8 mil para 16 mil unidades, representando um avanço de 87% em relação ao ano anterior, o que possibilitou uma generosa contribuição ao I.C.M. na Paraíba, que também beneficiava a fábrica em políticas de compensação financeira; nesse momento, Werner Pedro Wallig continua sobre a diretoria geral da marca.

Também nesse ano, o grupo Wallig compra os direitos de produção e estruturas da indústria de fogões paulista “Cosmopolita”, que se apresentava anteriormente como uma das suas maiores concorrentes no mercado nacional, e que agora declara falência. Essa aquisição amplia ainda mais o espaço da atuação do grupo, abrindo maior espaço de vendas no mercado, no entanto, futuramente, traria problemas financeiros pela herança de dívidas advindas da compra.

Ainda no quinto ano da fábrica, a propaganda “derretendo o gelo dos andes”⁴⁰ [FIGURA 48], estampa a conquista de exportar os fogões Wallig para o território boliviano, o empreendimento industrial dito como “quente”, sobre financiamento da SUDE-

³⁹ Revista do FISCO, outubro de 1972, edição nº19, p.16, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br
⁴⁰ Revista do FISCO, dezembro de 1972, edição nº20, p.41, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



Wallig o fogão Made in Paraíba

Qualquer dia desses acontece uma exportação com o Wallig Nordeste. Para isso, qualidades não lhe faltam. O desenho industrial do Wallig Nordeste é de padrão internacional. Funcionalidade em todos os detalhes: O painel dos botões é inclinado para tornar ainda mais fácil manuseá-lo. Cada botão possui escudo para o polegar, que já torna natural o gesto de girá-lo. O monobloco de mais resistência ao fogo e elimina a parte decorativa de superposição de peças, da manutenção, etc. O fogão fica mais leve porque não tem sequer 1 grama de peso desnecessário. A panela é integrada via feixes para, ao tempo, um ótimo aquecimento. Nada de peças superfluas. O tempo também impõe a questão de grelhas inteligentes, leite desnatado, para-dentro da fogão e é fácil de limpar. Levanta-se a grelha integral, sem necessidade de separar a unidade e a grelha. O forno do Wallig Nordeste tem vidro, e grelha com sistema especial de aquecimento que faz com que não caia, mesmo quando extremamente puxada para fora. O queimador do forno do Wallig Nordeste, de aquecimento direto, é conjugado com a assadeira. É possível assar um churrasquinho e cozer um pão, ao mesmo tempo, em compartimentos separados, mas sem gasto adicional de gás. Com tudo isto, é muito possível que o Wallig Nordeste ganhe uma etiqueta de Made in Paraíba, Brasil. Por enquanto, ele está à venda no Brasil. Das duas vantagens a comprar já é seu Wallig Nordeste, o fogão.

WALLIG NORDESTE S. A. • INDÚSTRIA E COMÉRCIO
 MATRIZ: Rua do Rio, 104 - Caixa Postal 362 - CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
 [Empreendimento financiado pela SUDESEC - BNB - Caril]

[FIGURA 45] Propaganda fogões Wallig de 1972 . Fonte: Revista do FISCO, Edição nº12, pág. 29, digital novarevistafisco.com.br.

Wallig o fogão. Made in Paraíba.



Qualquer dia desses acontece uma exportação com o Wallig Nordeste. Para isso, qualidades não lhe faltam. O desenho industrial do Wallig Nordeste é de padrão internacional. Funcionalidade em todos os detalhes: O painel dos botões é inclinado para tornar ainda mais fácil manuseá-lo. Cada botão possui escudo para o polegar, que já torna natural o gesto de girá-lo. O monobloco de mais resistência ao fogo e elimina a parte decorativa de superposição de peças, da manutenção, etc. O fogão fica mais leve porque não tem sequer 1 grama de peso desnecessário. A panela é integrada via feixes para, ao tempo, um ótimo aquecimento. Nada de peças superfluas. O tempo também impõe a questão de grelhas inteligentes, leite desnatado, para-dentro da fogão e é fácil de limpar. Levanta-se a grelha integral, sem necessidade de separar a unidade e a grelha. O forno do Wallig Nordeste tem vidro, e grelha com sistema especial de aquecimento que faz com que não caia, mesmo quando extremamente puxada para fora. O queimador do forno do Wallig Nordeste, de aquecimento direto, é conjugado com a assadeira. É possível assar um churrasquinho e cozer um pão, ao mesmo tempo, em compartimentos separados, mas sem gasto adicional de gás. Com tudo isto, é muito possível que o Wallig Nordeste ganhe uma etiqueta de Made in Paraíba, Brasil. Por enquanto, ele está à venda no Brasil. Das duas vantagens a comprar já é seu Wallig Nordeste, o fogão.

[FIGURA 46] Propaganda fogões Wallig de 1970 . Fonte: propagandasdeontemedehoje.blogspot.com, destaque realizado pela autora.

WALLIG- Exporta para América Central, América do Sul e África

A Wallig do Nordeste S/A, indústria localizada no Distrito Industrial de Campina Grande, pioneira do Nordeste na fabricação de fogões, vem de passar de uma produção mensal de oito, para dezessete mil unidades, cobrindo, com esta produção, as regiões norte e nordeste do país e exportando para América do Sul, África e América Central. O faturamento atingiu, de janeiro a agosto deste ano, a cifra de Cr\$ 17.000.000,00 e recolhendo de I.R.M., em igual período, a quantia de Cr\$ 312.214,43, sendo uma das beneficiadas do sistema de incentivos fiscais do governo do estado da Paraíba, através da Compensação Financeira. Para 1972 está prevista uma produção de 140.000, o que representa um aumento de ordem de 87%, quando que a produção durante o ano de 1971 foi de 74.700 unidades. Sua atual diretoria tem a frente Werner Pedro Wallig, Diretor Presidente, Geraldo Porto Souza Mendes, Diretor e Jairo Calife, Superintendente no Nordeste.

[FIGURA 47] Propaganda fogões Wallig de 1970 . Fonte: Revista do FISCO, outubro de 1972, edição nº19, p.16, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

NE, começa a apresentar um forte direcionamento a exportação dos seus produtos, afastando-se dos primeiros indícios do memorial que justificava a produção na região Nordeste pela demanda local.

A fábrica Wallig Nordeste atinge um patamar de grande relevância ao assumir o posto de sexta maior produtora de fogões no mundo, em 1974; segundo a reportagem da revista do FISCO⁴¹ a indústria campinense só perde para quatro empresas americanas, fazendo dela “a maior fábrica de fogões domésticos do mundo fora dos Estados Unidos” [FIGURA 49]. Ainda alega que, com 7 anos de inauguração, a filial em Campina Grande agora centraliza toda produção de fogões do grupo Wallig, atingindo o recorde mensal de produção com 23.000 fogões em julho.

Nessa fase, a empresa detêm 30% do mercado nacional de fogões domésticos, por outro lado também intensifica a relação com a visão do Governo Federal de conquista no mercado externo, reforçando a produção para os mercados do Chile, Bolívia, Venezuela, El Salvador e Porto Rico, entre 1974 e 1975 a

⁴¹ Agosto de 1974, edição nº28, p.12, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

produção chegou a 350.000 fogões por ano.

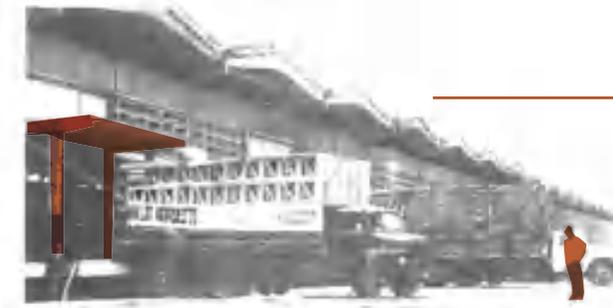
No ano de 1976 a indústria Wallig repercute de forma sólida no cenário social e econômico campinense, em seção intitulada “Vamos falar friamente sobre a participação da Wallig Nordeste no desenvolvimento da Paraíba”⁴² [FIGURA 50] fala-se acerca da “confiança e dos esforços” que a empresa deposita no estado, através de dados como: empregar diretamente 1.441 funcionários, dar assistência educacional, social, médica e alimentar para 650 crianças, e disponibilizar diversos cursos, á nível técnico e especializações⁴³.

Para além da geração de empregos e renda, fator que proporciona diretamente a relação de indivíduos e suas famílias com a empresa, e da assistência social a população, a Wallig fortalece sua ascensão nos setores da imprensa local, através de anúncios em folders e jornais, mas também na promoção de uma decoração natalina que há época atraía as famílias da cidade, ganhando um espaço memorial simbólico para campina na década de 1970.

⁴² Revista do FISCO, junho de 1976, edição nº42, p.37, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

⁴³ “Cursos para formação de técnicos e especialização de mão de obra, processamento de dados, de custos industriais, de supervisão de fábricas, formação de mão de obra para aprendizes, bolsas de estudos e cursos de Higiene e Segurança no Trabalho.)

derretendo o gelo dos andes



WALLIG NORDESTE
 UMA INDUSTRIA “QUENTE”

AGORA EXPORTANDO PARA A BOLÍVIA

Produzindo fogões para o Brasil e para o Exterior

WALLIG NORDESTE S/A. SIA S 300M
 PLANTA INDUSTRIAL CAMPINA GRANDE - PB

Representantes: Agente: 1961 SUDTEN

[FIGURA 48] Propaganda fogões Wallig de 1972 . Fonte: Revista do FISCO, dezembro de 1972, edição nº20, p.41, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



WALLIG NORDESTE
 (Campina Grande) e
 sexta fábrica de fogões
 no mundo

A WALLIG NORDESTE, hoje a sexta maior produtora de fogões domésticos do mundo, está localizada em Campina Grande, Paraíba. A empresa, fundada em 1967, possui uma capacidade instalada de 230.000 unidades por ano. A fábrica emprega 1.441 funcionários e produz fogões para o Brasil e para o exterior. A Wallig Nordeste é considerada a maior indústria de fogões domésticos do mundo fora dos Estados Unidos.

Com o crescimento da indústria, a Wallig Nordeste passou a produzir fogões para o exterior, sendo a Bolívia o principal mercado. A empresa possui uma linha de produtos completa, incluindo fogões a gás e a lenha, e fogões para camping.

Desde sua inauguração em 1967, a Wallig Nordeste passou por várias expansões e melhorias, tornando-se uma das maiores indústrias de fogões do Brasil. A empresa é conhecida por sua qualidade e inovação, sendo considerada a sexta maior produtora de fogões domésticos do mundo.

Para mais informações, consulte o site da Wallig Nordeste ou contate o Agente SUDTEN.

[FIGURA 49] Propaganda fogões Wallig de 1974 . Fonte: Resvista do FISCO, agosto de 1974, edição nº28, p.12, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



[FIGURA 50] Propaganda fogões Wallig de 1976 . Fonte: Revista do FISCO, junho de 1976, edição nº42, p.37, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

A empresa também atuou por meio de parcerias com órgãos da cidade, como o núcleo de processamento de dados da UFPB campus II, atual UFCG, que em 1978 prestava “serviços de processamento de dados para diversas empresas do Nordeste”, incluindo a SUDENE e a Wallig Nordeste⁴⁴. Dentro desse contexto o jornal Diário da Borborema apresentava-a como a “coroação da Rainha da Borborema”⁴⁵.

DURANTE SUA EXISTÊNCIA EM CAMPINA GRANDE, FRUTO DE EXCELENTES INCENTIVOS FISCAIS, A WALLIG NORDESTE CHEGOU A TER UMA FABRICAÇÃO DE 22.500 UNIDADES POR MÊS, CHEGANDO A GOZAR DE ALTO CONCEITO POR PARTE DOS REVENDEDORES E INCLUSIVE COM EXPORTAÇÕES PARA O CONTINENTE AFRICANO. CABE AQUI SALIENTAR, QUE A EMPRESA EM SUA VERSÃO NORDESTINA, ERA ALTAMENTE RENTÁVEL. [BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE, 2011]⁴⁶

No entanto, em paralelo ao contexto aparentemente favorável para a cidade industrial idealizada por Newton Rique e o desenvolvimentismo preconizado por Juscelino Kubitschek, nos últimos anos da década de 1960 foram lançados os alicerces

para a “arrancada de expansão econômica”⁴⁷ do governo militar, que prevê um crescimento acelerado da economia através de empréstimo em capitais estrangeiros, e a “entrada deliberada de indústrias multinacionais”⁴⁸ em terras brasileiras.

Entre 1968 e 1973, o governo defendeu que a economia brasileira deveria possuir “força competitiva no mercado mundial”, facilitando a introdução de grupos estrangeiros. Essa prática envolveu o Brasil em dívidas com créditos externos, gerando uma forte dependência tecnológica e material desses agentes, que por sua vez não convergiam com os interesses econômicos e sociais do país.

Esse novo panorama nacional repercute na SUDENE, que há época elabora o terceiro plano diretor destinado às ações em 1966/68, observa-se que diferente dos anteriores o capital é em maior proporção direcionado as empresas estatais, priorizando investimentos nos centros cosmopolitas e capitais dos estados, diminuindo a capitalização para a indústria em Campina Grande.

⁴⁷ SOUZA, 2016, p. 175

⁴⁸ Idem, pág. 176

Divergindo do início da década, o contexto político e econômico agora era de incertezas para o Nordeste, o jornal Diário da Borborema traz em reportagem “Cortadas drasticamente verbas da SUDENE para 1966 e 1967”⁴⁹, o plano anunciava um projeto de reformulação financeira para Wallig Nordeste S/A, que apesar de menos apoiada pelos incentivos federais, permanecia em um desenvolvimento emergente.

Em 1976, as medidas para o crescimento acelerado da economia começam a respingar de forma mais enfática na SUDENE. As reportagens “Indústria preocupada com a preservação da Sudene”⁵⁰, e “Paraíba mantém incentivos apesar da contenção federal”⁵¹, vão trazer aspectos como o sobrecarga de encargos financeiros sobre a indústria e como essa prática tem afetado no seu poder competitivo, assim como a contenção de gastos do governo federal, que prejudica a manutenção e regularização fiscal das empresas no estado.

Apesar das dificuldades a CINEP⁵², órgão criado com objetivo de administrar e manter os distritos industriais na Paraíba,

⁴⁹ SOUZA Apud. Diário da Borborema, 2016, p. 165

⁵⁰ Revista do FISCO, setembro e outubro de 1976, edição nº44, p.15, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br [FIGURA 57]

⁵¹ Idem, novembro e dezembro de 1976, edição nº45, p.41 [FIGURA 55]

⁵² Companhia de Desenvolvimento da Paraíba

anuncia ainda ampliações e melhorias de infraestrutura dessas áreas em Campina Grande e João Pessoa⁵³, em um momento que no parque fabril campinense constavam 17 conjuntos implantados e 10 unidade em implantação.

O órgão também investe em reportagens como “Instale sua Indústria na Paraíba”⁵⁴, que apresenta vantagens financeiras, de infraestrutura, mão de obra, e transporte para a produção da atividade industrial no estado; nota-se, que o distrito industrial de João Pessoa, ganha nesse momento maior destaque nos anúncios como “Cidade aberta ao investimento Industrial”⁵⁵, como predizia o terceiro plano diretor da SUDENE.

O dia da indústria, comemorado pela Wallig Nordeste em 1971 com entusiasmo no slogan “Fogão Made in Paraíba”, chega em 1977 [FIGURA 53] através de um anúncio tímido, com “os órgãos encarregados do progresso industrial têm se preocupado em dar uma assistência profícua”⁵⁶, os números de produção que eram cada vez maiores e as exportações que iam cada vez mais longe, comprovando o progresso da indústria, perdem o espaço

⁵³ Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.30, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

⁵⁴ Idem, maio de 1977, edição nº50, p.12

⁵⁵ Idem, maio de 1977, edição nº50, p.14

⁵⁶ Idem, maio de 1977, edição nº50, p.47

para afirmações mais vagas como “trabalhamos entusiástica e ininterruptamente para estarmos presentes no lares de todas as regiões deste imenso Brasil”⁵⁴.

O anúncio de 1978⁵⁷ [FIGURA 52], foi o último da empresa na revista do FISCO, já não ocupava uma página inteira, e evidenciava características não muito ostensivas na segunda década da Wallig Nordeste, como “empresa que produz uma variedade de modelos de fogões que atende às várias faixas do mercado”⁵⁵ e não mais o fogão mais vendido do Brasil, ao invés da descrição sobre sua tecnologia inovadora, ele humildemente “atende às exigências do mercado nacional e exterior”⁵⁵.

Diferente dos anteriores, esses dois últimos anúncios não estampavam mais o enunciado “empreendimento apoiado pela SUDENE”⁵⁸, como citado anteriormente, as novas diretrizes da superintendência já não pareciam tão grandiosos para Campina Grande, e “o destacamento da Rainha serrana parece se esvaíar a cada tabela, listas de projetos e investimentos concedidos a ela.”⁵⁹.

Em matéria [FIGURA 54] “Avanços da industrialização não são sa-

⁵⁷ Idem, maio de 1978, edição nº59, p.20

⁵⁸ Idem, dezembro de 1972, edição nº20, p.41

⁵⁹ SOUZA, 2016, p. 165

[FIGURA 51] Reportagem da Revista do FISCO de 1977, em homenagem ao dia da indústria. Fonte: Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.47



1978

[FIGURA 52] Propaganda fogões Wallig de 1978. Fonte: Revista do FISCO, maio de 1978, edição nº59, p.20, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



[FIGURA 53] Propaganda fogões Wallig de 1977. Fonte: Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.47, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



[FIGURA 54] Reportagem com o presidente da CINEP. Fonte: Revista do FISCO, agosto de 1979, edição nº72, p.4, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

meio momento sua implantação em Campina Grande foi uma estratégia política, orquestrada por Newton Rique, que utilizando-se dos financiamentos da SUDENE, há época generosos, foi consolidada na cidade, mobilizando grandes reformas infra estruturais no distrito, “autosuficiência” e distanciamento de um “espírito paternalista” não foram, por assim dizer, características presentes no processo de industrialização desenvolvido.

As mudanças quando a exteriorização das mercadorias durante o funcionamento da fábrica, e as dívidas adquiridas pelo grupo na aquisição da “Cosmopolita”, que cresciam assustadoramente⁶¹, assim como a concentração de capital por parte do Governo Federal nas capitais dos estados foram fatores determinantes para o declínio econômico da fábrica da Wallig em Campina Grande.

O EXEMPLO MAIOR DE CAMPINA GRANDE, A WALLIG, A FIGURA CENTRAL E QUALITATIVA DE SUA INDUSTRIALIZAÇÃO, PERTENCENTE A UM GRUPO ORIGINADO NO RIO GRANDE DO SUL, PROMOVIA SIM A FOMENTAÇÃO DO MERCADO INTERNO NO QUE TANGE A DISPONIBILIDADE DE EMPREGOS; MAS EM CONTRAPARTIDA, PROMOVIA A PRODUÇÃO DE UMA MERCADORIA QUE NÃO PRIORIZAVA SEU CONSUMO NO MERCADO REGIONAL, QUANTO MAIS, NÃO SE UTILIZAVA DE

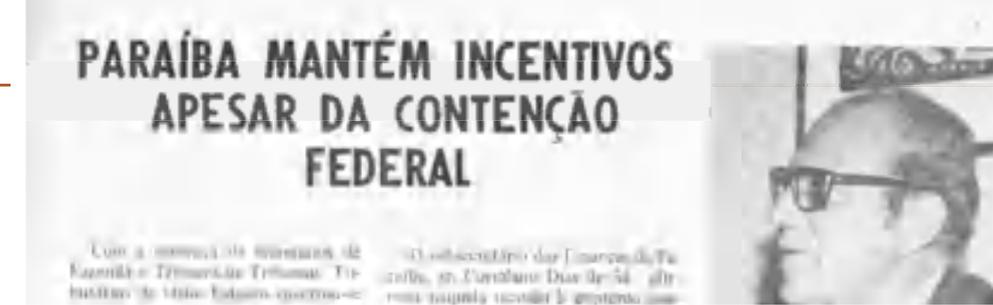
⁶¹ Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2011, acessado em 19 de abril de 2020, <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-norddestesa.html#:vU8fgoirj8>

tisfatórias”⁶⁰, de agosto de 1979, o presidente da Cinep diz que os resultados das indústrias da Paraíba não tem sido condizentes com os esforços para alcança-los, observa-se uma mudança no enfoque das responsabilidades antes atribuídas ao estado ou SUDENE, agora sendo postas sobre o empresário como protagonista na “grande tarefa do desenvolvimento”:

NÃO HÁ - FAZ QUESTÃO DE FRISAR AINDA O PRESIDENTE -, NESTA ORIENTAÇÃO DO GOVERNO QUALQUER SENTIDO DE RENOVAÇÃO DO ESPÍRITO PARTENALISTA DO ESTADO PARA COM O EMPRESARIADO INDUSTRIAL. DE MANEIRA ALGUMA ACREDITO QUE O ESPÍRITO PATERNALISTA FUNCIONE A CONTENTO QUANTO SE TRATA DE CRIAR LEGÍTIMOS EMPRESÁRIO E EMPREENDIMENTOS COMPETITIVOS. O EMPRESÁRIO TEM QUE SER AUTOSUFICIENTE NA CONDUÇÃO DOS SEUS NEGÓCIOS, INCLUSIVE PARA PODER RESPONDER ADEQUADAMENTE ÀS EXPECTATIVAS DA COMUNIDADE. É NESTE SENTIDO QUE PRETENDEMOS APOIAR OS EMPREENDIMENTOS VERDADEIRAMENTE SIGNIFICATIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO, EXIGINDO DOS EMPRESÁRIOS O CUMPRIMENTO DOS COMPROMISSOS E COBRANDO, INCLUSIVE, PREÇOS MAIS REALISTAS PARA OS TERRENOS E GALPÕES CEDIDOS NOS DISTRITOS INDUSTRIAIS. [GERALDO MEDEIROS, PRESIDENTE DA CINEP, 1979, REVISTA DO FISCO, P.5]

Analisando o caso Wallig, pode-se observar que desde o pri-

⁶⁰ Revista do FISCO, agosto de 1979, edição nº72, p.4, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



[FIGURA 55] Reportagem acerca da contenção de investimentos federais. Fonte: Revista do FISCO, novembro e dezembro de 1976, edição nº45, p.41, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



[FIGURA 57] Reportagem Acerca da Crisa na SUDENE. Fonte: Revista do FISCO, setembro e outubro de 1976, edição nº44, p.15, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

[FIGURA 56] Distrito de Campina Grande necessita de ações integradas. Fonte: Revista do FISCO, agosto de 1979, edição nº72, p.5, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

INDÚSTRIA PREOCUPADA COM A PRESERVAÇÃO DA SUDENE

O empresário nordestino reconhece como de maior importância a preservação e desenvolvimento da SUDENE e do FINOR, para o próprio progresso econômico, mantendo a mentalidade de quem vem sua saudável função esperada que via de ajuda, imediatamente, pequenas, médias e grandes empresas b) motivar desvios de aplicações para outros setores, tornando disponíveis...

Finalmente, diz o memorial: “O empresariado nordestino, preocupado com a sua sorte e com a da SUDENE e do FINOR, apresenta as observações e sugestões emitidas no boletim deste documento, apelando para a alta administração da SUDENE no sentido de tomar o FINOR um instrumento acessível e flexível para qualquer empresário alheio. Espera-se que todos os projetos sejam bem sucedidos e utílicos. Alguns insucessos devem ser aceitos. Criar grandes dificuldades para a maioria, procurando evitar o inevitável, parece danoso ao próprio processo de incentivo à industrialização do Nordeste.”

MATÉRIA-PRIMA LOCAL, SE APROVEITANDO DE GRANDES VERBAS DA SUDENE PARA SUA AMPLIAÇÃO E MODERNIZAÇÃO (...) DA MESMA FORMA, “PRODUZIA PARA FORA”, PRIORIZANDO SEUS LUCROS DO QUE A ESTRUTURA SOCIAL E ECONÔMICA DA CIDADE QUE SE ARQUEAVA SOBRE SEUS GALPÕES INDUSTRIAIS. [SOUZA, 2016, P.178]

Nessa conjuntura, a fábrica em Campina Grande fecha suas portas em 17 de setembro de 1979, demitindo cerca de 1500 empregados e gerando um sentimento de mal-estar na cidade, pois assim como a implantação da empresa influenciou a inserção de várias outras indústrias, seu fechamento também desencadeou um processo de falências no distrito industrial, tais como “Cooperativa Regional dos Produtores de Sisal da Paraíba (COOPERSISAL), a Sanbra, Bravista, Sanca, Fracalanza, entre outras”⁶², o índice de desemprego chegou a um nível altíssimo na cidade.

A CRISE NO SETOR INDUSTRIAL FOI MARCADA EM CAMPINA GRANDE PELO FECHAMENTO DA WALLIG EM 1979. E QUANDO O BRASIL ADENTROU OS ANOS 80, A RECESSÃO TOMOU DE CONTA E O PAÍS APRESENTOU UM ESGOTAMENTO DA MATRIZ INDUSTRIAL; UMA GRANDE CRISE DA DÍVIDA EXTERNA; E A FALÊNCIA FINANCEIRA DO ESTADO BRASILEIRO. [FERNANDES APUD BRUM, 2011, P. 112]

Por muitos anos a reabertura ou equacionamento da fábrica foi

levantada no meio dos discursos políticos, como pode-se observar na reportagem com o então governador Tarcísio Burity ao jornal Gazeta do Sertão em 25 de maio de 1980⁶³, na qual fala acerca da crise pela qual atravessa a indústria, levantando aspectos como o aumento no preço do petróleo, e da diminuição na exportação dos produtos nacionais como café, minério de ferro e soja; e anuncia por parte do Governo do Estado um “equacionamento definitivo da Wallig” por meio de negociações com o BNDE para a intervenção, o qual não foi concretizado.

Em julho desse mesmo ano, o presidente vigente João Figueiredo visita Campina Grande, e em meio a comício no centro da cidade promete a reabertura da Wallig Nordeste. Essa chegou a ser cotada pela empresa fogões Jangada do Ceará, mas como declarou o Ministro da secretaria de Planejamento do Brasil em 1982, foi feito de tudo para manter a Wallig, mas prosseguir com suas atividades “não era viável”⁶², aponta também que “no caso particular da Wallig Nordeste, foi feito um empenho especial”⁶⁴ para sua reabertura.

⁶³ Acervo da SECULT, coletado por LEITE, Julia, 2019

⁶⁴ Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2011, acessado em 19 de abril de 2020, <<http://cgetalhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-nordestesa.html#.vu8fgoirj8s>>

BNDS manda leiloar a Wallig

Está marcada para o dia 10 de dezembro, o leilão dos bens da fábrica Wallig Nordeste, baseada no Distrito Industrial de Campina Grande. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES, enviou seus advogados Hamilton Soares de Andrade Júnior e Carlos Roberto Smart, para providenciar as medidas finais do leilão, onde já procederam o levantamento final da causa, publicando editais de vendas, legalizando o leilão de todo o complexo Wallig, tanto do Nordeste, como do Sul que também decretou falência. Desde 1979 que a Wallig NE. Está paralisada e com um débito de 50 bilhões de cruzeiros junto aquele estabelecimento de crédito.

[FIGURA 58] Anúncio de leilão da Wallig. Fonte: Revista do FISCO, outubro de 1984, edição nº121, p.6, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

Wallig-NE, vai a leilão para cobertura de débito com o BNDES



Contatos para a venda da Wallig

O Grupo J. Claudino, complexo comércio-industrial liderado pelos empresários João e Valdecy Claudino Fernandes, foi sondado por setores oficiais para assumir o controle da Wallig Nordeste, fábrica de fogões sediada em Campina Grande e paralisada há seis anos. O diretor-presidente, João Claudino, daquele conglomerado, que tem matriz em Teresina e filiais no Piauí, Maranhão, Pará e Goiás, informou que veio à Campina em atendimento a um compromisso social.

[FIGURA 59] Anúncio de negociações para venda da Wallig. Fonte: Revista do FISCO, janeiro de 1985, edição nº123, p.11, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br



A Wallig-NE tem governo aberto para ser leiloadas com produção de bicicletas de marca coreana, para priorização

ECONOMIA
REATIVACÃO DE INDÚSTRIA

Bicicletas para os EUA

A Wallig-NE foi arremada por um Grupo coreano e a partir de abril passará a produzir para exportação, oferecendo mais de mil empregos em Campina Grande

[FIGURA 60] Negociação da utilização da estrutura da Wallig para fabricação de bicicletas por empresa coreana. Fonte: Revista do FISCO, janeiro de 1989, edição nº156, p.9, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

● — 2006 — Em 1984, o “BNDS⁶⁵ manda leilolar a Wallig”⁶⁶ a qual encontrava-se paralizada há 5 anos, e detinha um débito de “50 bilhões de cruzeiros” [FIGURA 58] junto ao banco. O leilão, marcado para o dia 10 de dezembro, publicou um edital que previa a venda total do complexo Wallig em Campina Grande, assim como na região sul, que havia falido em 1980.

No ano seguinte, a revista do FISCO trás em pequena nota “Contatos para a venda da Wallig”⁶⁷ [FIGURA 59], afirma que o grupo J. Claudino foi “sondado por setores oficiais para assumir o controle da Wallig Nordeste” que já encontrava-se parada há seis anos, e assim permaneceu durante os próximos anos.

A reabilitação da indústria ainda foi revisitada em 1989⁶⁸, quando a fábrica chegou a ser arrendada por um grupo coreano para produção de bicicletas [FIGURA 60], as previsões eram de 1000 empregos diretos e produção de 200 mil exemplares para exportação para os Estados Unidos.

Na reportagem, é levantada a possibilidade de vir a ser fabri-

cado fogões nessa nova fase da indústria, e que afirma que cabia ao governo em tempo hábil resolver as pendências da Wallig junto ao Banco do Brasil para consolidação do negócio. Não se tem conhecimento da conclusão dessas negociações, mas tudo indica que não foram bem sucedidas, uma vez que apenas em 2012 o Governo do Estado conseguiu regularizar as pendências da Wallig em Campina Grande⁶⁹.

O “CONCRETO” QUE EXISTIU DO PARQUE INDUSTRIAL, PARA ALÉM DAS PAREDES DE SEUS GALPÕES, PARECE NÃO TER PASSADO DE UMA ENCENAÇÃO, DAQUELAS QUE AS ASPIRAÇÕES SÃO MAIORES QUE AS CAPACIDADES DE CONSECUÇÃO. ENQUANTO PRETENSO POLO INDUSTRIAL DO NORDESTE, O GOVERNO MILITAR PARECE TER “ILUMINADO” SUAS FRAGILIDADES AO INDISPONIBILIZAR VERBAS E FINANCIAMENTOS. [SOUZA, 2016, P. 184]

Até 2006 a estrutura que ocupa uma área de 23.000 m² encontrava-se abandonada, nesse ano, o então governador Cássio Cunha Lima concede a 16 empresas a propriedade dos galpões da antiga indústria, compondo o que foi denominado do “Condomínio Industrial Wallig”, o que em uma visão generali-

[FIGURA 61] Vista interna do Condomínio Wallig. Fonte: LEITE, Julia, 2019.



[FIGURA 62] Pavilhão separado do conjunto Wallig. Fonte: LEITE, Julia, 2018.

zada soluciona o problema de subutilização desse espaço no distrito, mas que ao passar dos anos gerou problemas, e sobretudo grande desgaste a estrutura existente.

Nos primeiros anos o condomínio engloba o conjunto como um todo, contudo conflitos administrativos entre os proprietários levam a separação do galpão na parcela norte do terreno dos demais galpões que compõem hoje o conglomerado, gerando uma primeira modificação na composição do fluxo e de caracterização do espaço.

Subtende-se que, diante das pesquisas realizadas em campo e das conversas com os proprietários, parte dos mesmo um total desconhecimento do valor histórico do que uma vez representou a indústria Wallig para a Campina industrial da década de 1960 e 1970.

Afinal, como aponta SOUZA, do “concreto que existiu do parque industrial” não nos resta muito além das paredes dos seus galpões, para além da memória dos recortes de jornais, das fotografias de particulares, e das pranchas de projeto, pouco nos resta do relato desse período da história campinense.

Desse pouco que nos resta, pode-se observar o seguinte: os galpões que mantiveram-se em uso [FIGURA 61], podem não apresentar problemas patológicos que comprometam a estrutura existente, mas ela encontra-se tão deturpada em meio as adaptações feitas ao longo do tempo que torna-se difícil seu reconhecimento. No edifício separado [FIGURA 62], de poucas atividades e espaço mal aproveitado, ainda podem-se extrair muito de sua arquitetura que seja significativo, mas o descaso com sua manutenção é um problema evidente.

No que tange a um trabalho acadêmico, e ao que se defende como importância patrimonial nesse estudo, a fábrica Wallig Nordeste teve um importante papel como propulsora do Distrito Industrial em Campina Grande, tendo sido um dos marcos arquitetônicos desse período.

Acredita-se assim, merecer no presente um espaço como testemunho desse passado, que há certo tempo tem sido esquecido, para possibilitar no futuro a perpetuação das suas próprias evidências históricas, sendo uma das mais importantes delas o próprio edifício.

⁶⁵ Banco Nacional de Desenvolvimento Social

⁶⁶ Revista do FISCO, outubro de 1984, edição nº121, p.6, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

⁶⁷ Idem, janeiro de 1985, edição nº123, p.11, disponível em acervo digital novarevistafisco.com.br

⁶⁸ Idem, janeiro de 1989, edição nº156, p.9

⁶⁹ Artigo online, disponível em: cinep.pb.gov.br/porta/?p=2109

A MEMÓRIA É FILHA DO PRESENTE. MAS COMO SEU OBJETO É A MUDANÇA, SE LHE FALTAR O REFERENCIAL DO PASSADO, O PRESENTE PERMANECE INCOMPREENSÍVEL E O FUTURO ESCAPA A QUALQUER PROJETO.

[KUHL APUD. MENESES, 2008, P. 147]

DIMENSÃO ESPACIAL

Nessa seção será desenvolvido uma análise acerca da espacialidade do objeto arquitetônico, na qual pretende-se compreender melhor a relação do edifício da Fábrica Wallig com os elementos externos a ele, denominada dimensão espacial externa; e em seguida, a relação de seus espaços internamente, denominada dimensão espacial interna.

Pauta-se no conceito de espaço como a relação arquitetura - lugar e a relação ambiente - arquitetura, defendido por MAFHUZ, ao afirmar que “nenhum projeto de qualidade pode ser indiferente ao seu entorno”¹, e que projetar é “estabelecer relações entre partes de um todo”; ou seja, entendendo o edifício como parte de um contexto espacial, seja ele urbano ou rural, e os ambientes como parte do todo de um projeto, estabelecer um diálogo bem fundamentado é crucial para a concepção arquitetônica.

A INSERÇÃO DE UM ARTEFATO ARQUITETÔNICO – EDIFÍCIO, CONJUNTO DE EDIFÍCIOS OU ESPAÇO ABERTO PLANEJADO – EM UM SÍTIO QUALQUER NUNCA SE DÁ SEM CONSEQUÊNCIAS IMPORTANTES. SE, POR UM LADO, A ARQUITETURA É SEMPRE CONSTRUÍDA EM UM LUGAR, POR OUTRO LADO, ELA CONSTRÓI ESSE LUGAR, ISTO É, MODIFICA A SITUAÇÃO EXISTENTE EM MAIOR OU MENOR GRAU. [MAFHUZ, 2004, P.4]

89

^x MAFHUZ, 2004, p.4

Portanto, pretende-se discorrer as características atuais, e quando possível as transformações ao longo dos anos, do lugar no qual insere-se o edifício estudado, sendo essas características a topografia e aspectos ambientais, o traçado urbano e as relações de acesso, a relação edifício - paisagem, e por fim, os usos e comportamentos na localidade.

Diante desses aspectos, a análise na dimensão externa procura sintetizar como o lugar influenciou na construção do objeto histórico, e como esse objeto construiu o lugar no qual está inserido. Destaca-se nesse tópico a importância da sensibilidade a paisagem ao tratar da arquitetura industrial, a qual como pontuado anteriormente, tem grande influência em seu entorno devido a sua grande escala.

Tratando-se da dimensão espacial interna, detém-se a destripar os aspectos de implantação do edifício no terreno, a relação do programa de necessidades, zoneamento e fluxos, que também é retomada na dimensão funcional², a relação de acessibilidade e níveis, e por fim, a permeabilidade e transparência no edifício.

² Neste momento busca-se uma análise voltada a influência dessas características na espacialidade do edifício, para a dimensão funcional o enfoque é dado a eficiência da solução arquitetônica em relação ao uso original e atual, resultando na compreensão das modificações realizadas ao longo do funcionamento.

Para a análise dos aspectos descritos acima apropria-se das ferramentas apresentadas por GASTON E ROVIRA para reconstituição gráfica do edifício estudado, visando que “o aluno pesquisador se coloque no lugar do arquiteto para refazer o processo de concepção da obra”³, aproximando-se das soluções arquitetônicas do objeto.

³ AFONSO, 2019, p.8

dimensão espacial externa

O edifício estudado está localizado no Distrito Industrial I [MAPA 05], extremo sul, de Campina Grande [MAPA 04], na mesorregião agreste da Paraíba, estado pertencente à região Nordeste do Brasil [MAPA 03]. A cidade em questão situa-se sobre o planalto da Borborema, há aproximadamente 550m acima do nível do mar, possibilitando temperaturas mais amenas ao longo do ano, variando em média entre 21°C e 25°C [FIGURA 63], associado a um período de chuvas concentrado nos meses de inverno, classificando-a como de clima tropical semiárido.

Tratando-se dos aspectos climáticos, apoia-se na NBR 15220¹ ao classificar a cidade como pertencente a Zona Bioclimática 8, o que implica que a arquitetura deve propiciar ventilação cruzada durante o ano todo, sobretudo no período de maior radiação compreendido entre 9 – 16hrs, segundo sua Carta Solar² [FIGURA 64], intensificando-se durante os meses do alto verão na região, de dezembro a fevereiro.

Outras estratégias projetuais, recomendadas pela norma, seriam aberturas grandes e sombreadas, atentando sempre aos ventos predominantes da região, Leste e Sudeste conforma o gráfico Rosa dos Ventos³ [FIGURA 65], e para o entorno, que pode alterar significativamente sua direção de acordo com questões de gabarito. Também é citada a importância do uso de paredes e coberturas com maior massa térmica, de forma que haja uma maior inércia na devolução do calor armazenado em seu interior, durante o dia, para ao exterior, durante a noite, quando a

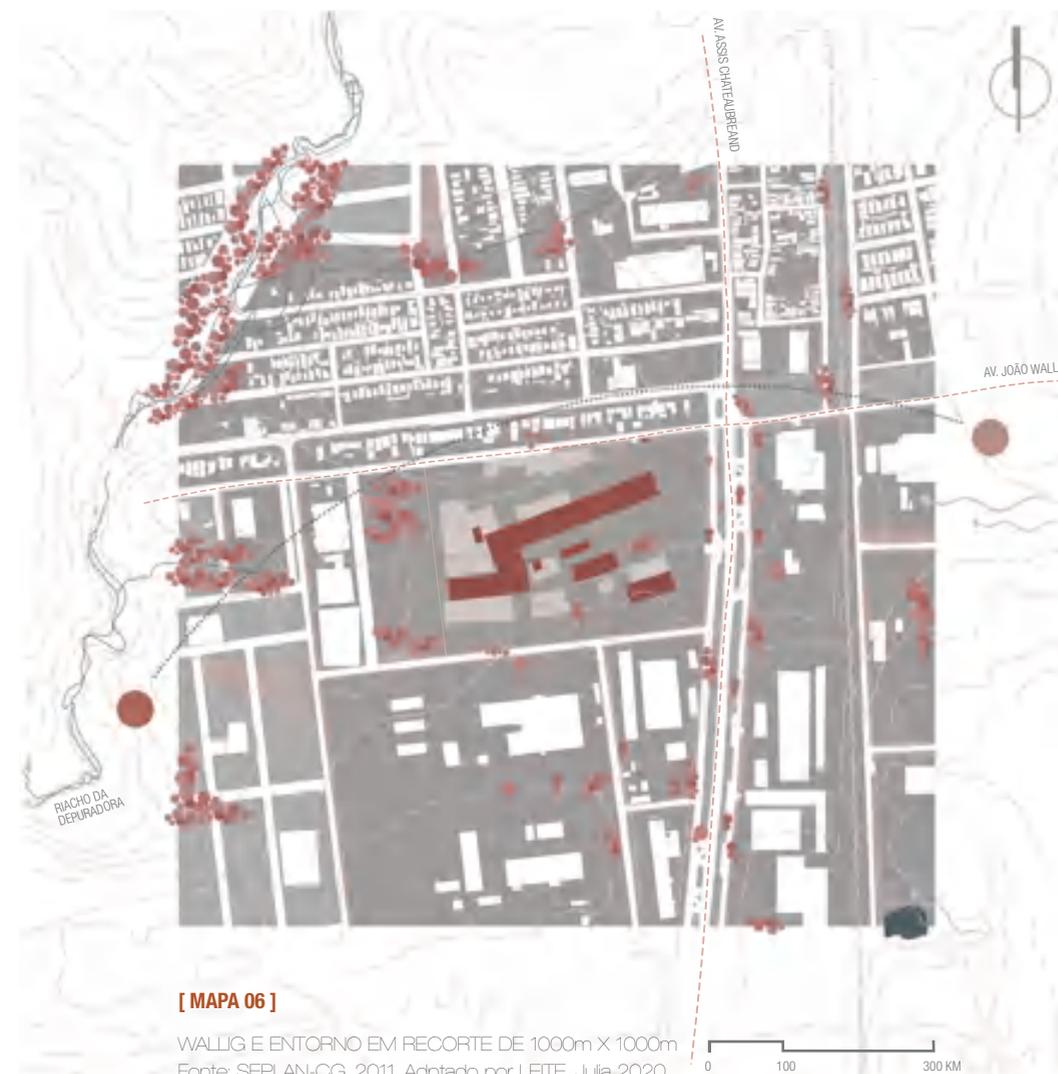
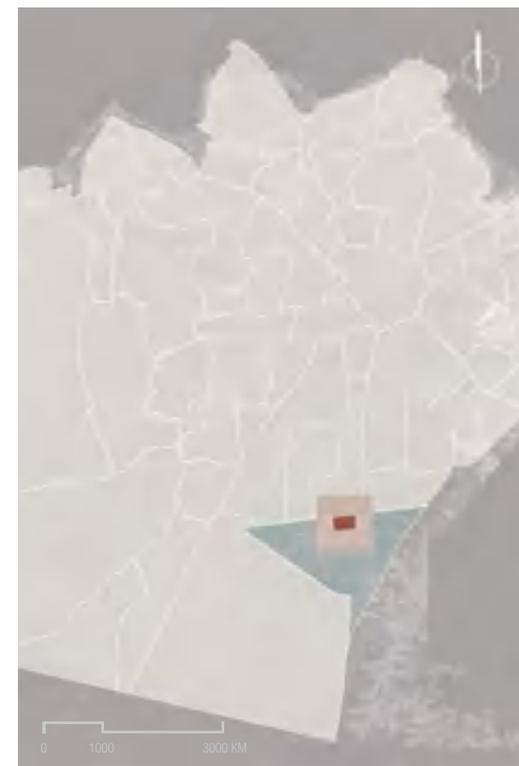
¹ Desempenho térmico de edificações, setembro de 2005, p. 3

² Representa a projeção das trajetórias solares ao longo da abóbada celeste, durante todo o ano, sendo uma ferramenta auxiliar para desenvolvimento do projeto, pois diz a posição exata do Sol em determinado momento.

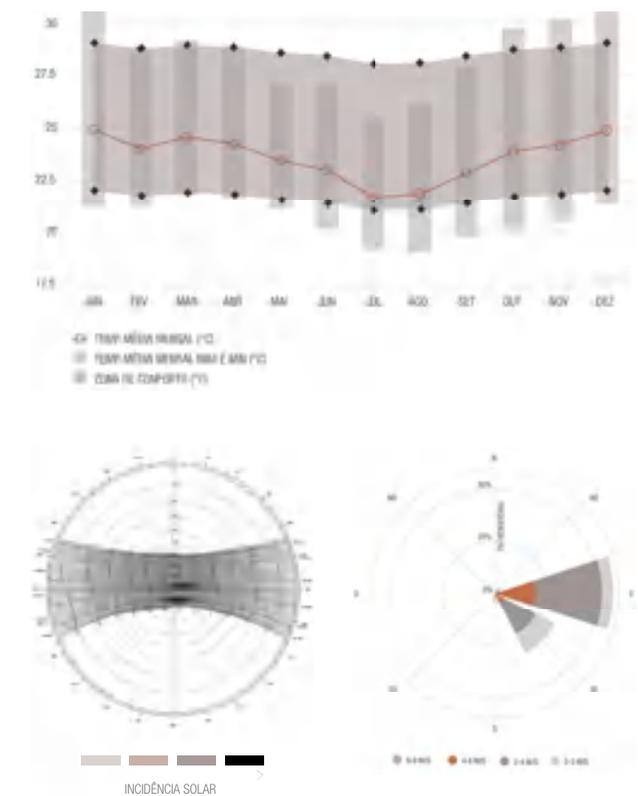
³ O gráfico da rosa dos ventos mostra as estatísticas sobre o vento, reunidas ao longo do tempo. Essas medições incluem velocidade do vento, direção e frequência. Estas informações são importantes medidores para estudar e prever as condições do vento em sua área.

90

03



[FIGURA 63] Gráfico de temperatura e Zona de Conforto Campina Grande-PB. Fonte: projeteemmma.gov.br, adaptado por LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 64 E 65] Gráficos Carta Solar e Rosa dos Ventos. Fonte: projeteemmma.gov.br, adaptado por LEITE, Julia, 2020.

temperatura diminui.

Para a análise das imediações do edifício foi selecionada uma delimitação, com distanciamento em 500m do eixo central do terreno, em uma amostra de 1000m x 1000m [MAPA 06]; nesse recorte, é compreendida uma variação na topografia de 480 à 500m, que de forma generalizada aproxima a declividade a uma média de 3%, caracterizando a área como predominantemente plana.

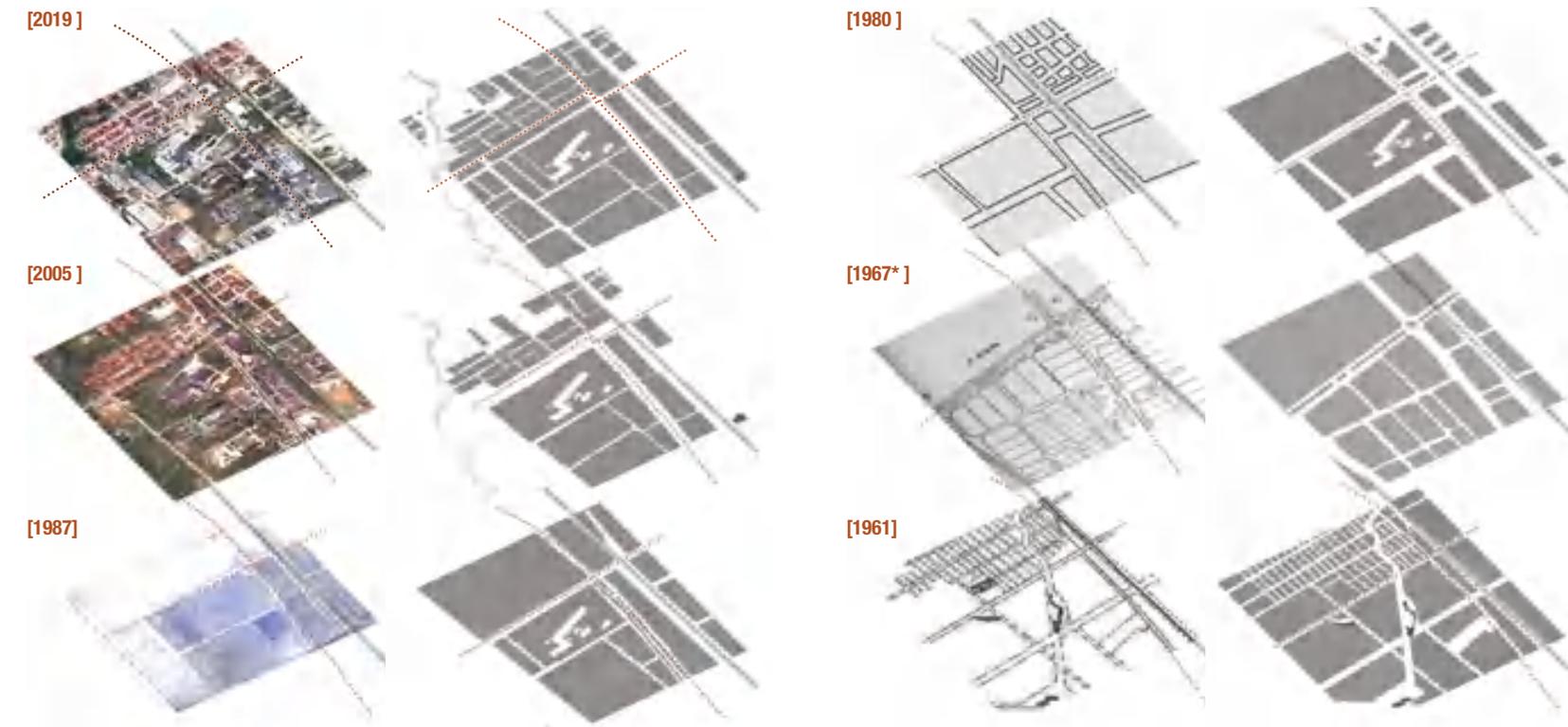
Apesar disso, destaca-se o declive acentuado no extremo nordeste da amostra, o qual marca a passagem do Riacho da Depuradora, advindo do Bairro do Tambor, esse demarca um limite no distrito, que a leste do curso d'água caracteriza-se pelos grandes lotes-quadrados de uso industrial, e a oeste por edificações de menor porte e uso habitacional. Vale salientar também a concentração de massa vegetativa ao longo do curso, que influencia simultaneamente na diferenciação da paisagem na área central do recorte, assim como na forma de ocupar esses espaços, aspecto que será melhor desenvolvido a frente.

Ainda sobre a vegetação, observa-se a disposição de árvo-

res nos canteiros ao longo da Av. Assis Chateaubriand, e de forma pontual em algum dos lotes dos complexos industriais; sobressai a essa análise a não ocupação do terreno no limite oeste da Wallig, que também acumula uma massa vegetativa considerável na amostra, apresentando-se como um aspecto potencialmente enriquecedor para a intervenção, no caso de rememoração desses lotes.

O recorte analisado compreende parte de três bairros distintos: Distrito Industrial, Tambor e Itararé; estes são delimitados verticalmente pela Av. Assis Chateaubriand, via de alto fluxo que escoa nas rodovias BR 104 e BR 230, e horizontalmente pela Av. João Wallig, via que interliga o bairro Itararé ao Novo Cruzeiro, a qual foi asfaltada recentemente, e não por acaso, é nomeada em homenagem ao pai do empresário Werner Pedro Wallig, que instala a sua fábrica na avenida recém inaugurada na década de 1960.

Tratando-se desse traçado urbano e suas relações de acesso [FIGURA 66], pode-se perceber que as vias citadas acima, assim como a linha férrea advinda do centro, sempre tiveram impor-



[FIGURA 66] Esquema da construção morfológica do recorte para análise do entorno da fábrica da Wallig. [2019 E 2005] Google Earth e SEPLAM-CG, [1987] Acervo SEPLAM, [1980] PORTO, 2007, p.94, [1965] AFONSO, 2019, p. 6, [1961] Revista Brasileira de Geografia, 1963, p. 3; editado e redesenhado por LEITE, Julia, 2020.

tante papel de interligação do distrito para com as demais áreas da cidade, e da cidade para com a região, como pode-se observar no mapa de 1961 exposto na Revista Brasileira de Geografia à época⁴.

Ao olhar o contexto histórico sabe-se que o parque industrial de Newton Rique se encontrava ainda em fase de negociação, e o sítio que abrigaria o mesmo, à margem do núcleo urbano campinense, que havia passado pelas reformas higienistas, sobrepuja-se então a esse recorte os aspectos naturais do terreno como o curso d'água que o corta.

Em 1963, com a vitória do progressista Rique nas urnas, Campina ganha maiores proporções no planejamento regional da SUDENE, e são realizados projetos urbanos para a malha que compreenderia o distrito, entre eles o publicado no livro “Distritos industriais no Nordeste”⁵ em 1967.

Nesse masterplan o distrito “estava dividido em 60 lotes de 30m x 60m; 87 lotes de 55m x 130m e 69 lotes de 20m x 275m”⁵ ocupando uma área de 95.918 m², entretanto, pode-se observar

que apesar da publicação em 1967 o desenho foi anterior a essa data, visto que o lote que abriga a Wallig não é explicitado nesse, mesmo tendo seu projeto aprovada pela superintendência e prefeitura em 1965.

Ao analisar a reconstrução desse recorte em 1980⁶, observa-se mais claramente as porções e vias que compõem o traçado hoje, assim como uma maior delimitação dos eixos centrais da Av. Assis Chateaubriand e da Av. João Wallig, há também um maior distanciamento das quadras para com a linha férrea em respeito a faixa de domínio para segurança.

As quadras na porção oeste do distrito são divididas em lotes maiores, condizentes as fábricas que ali se instalavam ou estavam em implantação, e na parcela noroeste do recorte ainda não é identificada ocupação.

O mapa coletado de 1987⁷, trata-se da planta de ocupação enviada a prefeitura pela CINEP, no qual são descritas as indústrias implantadas na cidade, como a Wallig que há época já havia encerrado as atividades, em implantação, galpões multi-

fabris, e entidade de apoio, como o SESI Industrial.

É observado que da área loteada apenas dois terrenos encontravam-se desocupados, e que há uma subdivisão na quadra da fábrica estudada, na qual foi implantada a beneficiadora de algodão Heleno Sabino, antes locada as margens do Açude Velho, na área central da cidade.

Entre 1987 e 2005 é observado uma das modificações do traçado de maior influência na percepção do edifício da Wallig na paisagem, nesse período é ocupada uma faixa do que compreendia a Av. João Wallig originalmente, repercutindo no desvio existente hoje na avenida, que apesar de manter o mesmo nome já não coincide com a via ao norte do lote da fábrica. Essas ocupações são dadas por edificações de pequeno porte, que em sua maioria são geminadas nas duas laterais, locadas em lotes de desenhos irregulares, apresentando características de assentamentos informais.

As características morfológicas citadas já estão consolidadas, ao ponto que ao pavimentarem a avenida traça-se a nova via contendo o desvio. Entretanto, é interessante analisar aspectos

como a redução de visibilidade da fábrica, não estando mais locada em uma rua de alto fluxo, assim como baixa permeabilidade visual do seu entorno para com ela, uma vez que praticamente todas as fachadas do assentamento citado, voltadas para a Wallig, são cegas, gerando um aspecto de insegurança ao longo de toda via.

No período entre 2005 e 2019, o qual associa-se a nova fase da estrutura como condomínio industrial, é notório o crescimento no número de edificações nas parcelas norte e oeste do recorte estudado, sendo respectivamente de predominância residencial/comercial e industrial, percebe-se também através das imagens aéreas dos anos citados a rápida progressão dos acréscimos ao conjunto industrial da Wallig, sendo esse aspecto de descaracterização melhor trabalhado à frente, na dimensão formal.

Acerca dos dados socioeconômicos, identifica-se cinco setores censitários⁸ do IBGE⁹ na delimitação citada, e apesar desses ultrapassam o recorte criado em mais de 2km² de área, é possível identificar dados que representem uma parcela relevante dos

⁴ Disponível em <https://issuu.com/blogrhcg/docs/rbg-cg/14>

⁵ AFONSO, 2019, p.6

⁶ PORTO, 2007, p.94

⁷ Planta de Ocupação Distrito Industrial da CINEP, coletado na SEPLAM pela autora.

⁸ O setor censitário é a unidade territorial estabelecida para fins de controle cadastral, formado por área contínua, situada em um único quadro urbano ou rural, com dimensão e número de domicílios que permitam o levantamento por um recenseador.

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

aspectos sociais que envolvem a área estudada.

Realizando uma síntese dos dados coletados identifica-se uma população total dos setores de 4695 habitantes, com uma densidade de 1.221,09 hab/km², a qual é consideravelmente maior que a média da cidade de Campina Grande de 648,31 hab/km².

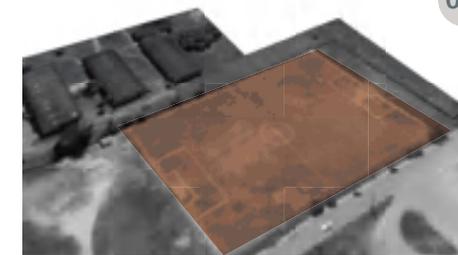
Entretanto cabe analisar que há uma variação considerável de densidade entre o setor 01 [MAPA 07], no qual está locado a Wallig, e os demais setores, pela predominância do uso industrial nesse primeiro, indicando que as áreas residenciais nas circunvizinhanças, sobretudo dos setores 02 e 03, são bastante populosas.

Outro aspecto relevante quando ao uso e ocupação no recorte estudado trata dos espaços livres existentes, em grande parte apresentam-se como vazios urbanos, seja como as margens do córrego e da linha férrea, que devem permanecer desse modo como área de proteção e distanciamento de segurança, respectivamente; seja como terrenos não construídos que acabam por ocupar funções informais.

Entre essas, cabe destacar o ponto 01 no mapa que tem servido como campo de futebol, indicando uma possível necessidade da população por espaços livres como parques ou praças, e o ponto 02 no qual os moradores apropriam-se dos vazios para cultivo da terra e criação de animais, atividades das quais talvez tirem o seu sustento ou complementem a renda familiar.

Também observa-se com frequência a utilização desses vazios para acúmulo de lixo, sobretudo nas vias de baixo fluxo como a rua que originalmente passava a Av. João Wallig, e o fim das quadras mais próximas ao riacho, como pode-se observar no ponto 03, fator que influencia na sensação de insegurança dessas áreas e poluição da paisagem.

Por fim, observa-se que esses vazios também revelam a paisagem encoberta com as transformações urbanas, como é o exemplo do ponto 04 na atual Av. João Wallig, trantando de emoldurar uma das vistas da fábrica que subexiste por trás das camadas construídas ao longo do tempo.



01



02



03



04

DADOS DEMOGRÁFICOS

SETOR 01		500 HABITANTES
		167 DOMICÍLIOS
SETOR 02		1304 HABITANTES
		432 DOMICÍLIOS
SETOR 03		1090 HABITANTES
		338 DOMICÍLIOS
SETOR 04		918 HABITANTES
		336 DOMICÍLIOS
SETOR 05		883 HABITANTES
		271 DOMICÍLIOS

[FIGURA 67]

Perspectivas espaços livres. Fonte: Google Earth, 2019. Adaptado por LEITE, Julia 2020.

SETOR 02

SETOR 03

SETOR 04

SETOR 05

SETOR 01



ÁREAS LIVRES
INDUSTRIAL
MISTO
RESIDENCIAL
COMERCIAL
| SERVIÇOS

[MAPA 07]

MAPA DE USOS EM RECORTE DE 1000m X 1000m
Fonte: SEPLAN-CG, 2011,e Google Earth, 2019, Adaptado por LEITE, Julia 2020.

dimensão espacial interna

Voltando-se a dimensão espacial interna pode-se analisar alguns aspectos, como a relação do edifício com o terreno; em termos de taxa de ocupação¹, observa-se que originalmente a área de cobertura do conjunto preenchia 13,65%, atualmente, os acréscimos construtivos contribuíram para um valor de 36,63% ocupado do terreno de 110.681,15 m².

Apesar do aumento considerável, a taxa ainda é inferior ao parâmetro de 60% indicado no Código de Obras² para as indústrias, para além dos números, vê-se um problema de ordem organizacional na forma que foi dado esse crescimento.

Originalmente, há uma sensibilidade na implantação do conjunto, quanto ao contexto urbano e ambiental, ao distanciar-se das vias através de vazios, e inclinar-se o edifício para atender aos condicionantes climáticos, gerando também diferentes perspectivas; assim como à topografia [FIGURA 68], ao locar os galpões em patamares e tomar proveito dos desníveis através de subsolos, e outras soluções, como um pátio inglês no pavilhão de montagem.



[FIGURA 68] Diagrama implantação na Wallig no terreno. Fonte: Arquivo Histórico Municipal e SEPLAM-CG, editado por LEITE, Julia, 2020.

O programa de necessidades da Fábrica original foi zoneado em 7 volumes interligados, sendo esses compostos por um pavilhão principal mais extenso, onde eram desenvolvidos a maior parte dos processos de fabricação dos fogões – subdividido em estamparia, solda/ maceração, esmaltaria e montagem - e 6 anexos secundários, destinados para questões legais, logísticas e administrativas da fábrica.

Nessa dimensão trataremos de analisar a relação dos espaços internos desse primeiro setor, uma vez que esse pavilhão principal torna a ser o objeto de intervenção neste trabalho, como apontado anteriormente, pela sua parcial subutilização.

De modo geral, os espaços no térreo são caracterizados por plantas livres [FIGURA 69], a fim de comportar os grandes maquinários, e tratam de dispor as áreas menores e mais delimitadas, como sanitários e sub estações de energia, em mezaninos, ou como tratado no projeto original, entrepisos.

Esses são conectados fisicamente por escadas, mas visualmente por pátios de ventilação e luminosidade; os patamares,

que funcionam também como espaços de transição entre uma função e outra, repetem-se três vezes ao longo do bloco: no galpão da estamparia, entre a maceração e esmaltaria, e entre a esmaltaria e montagem.

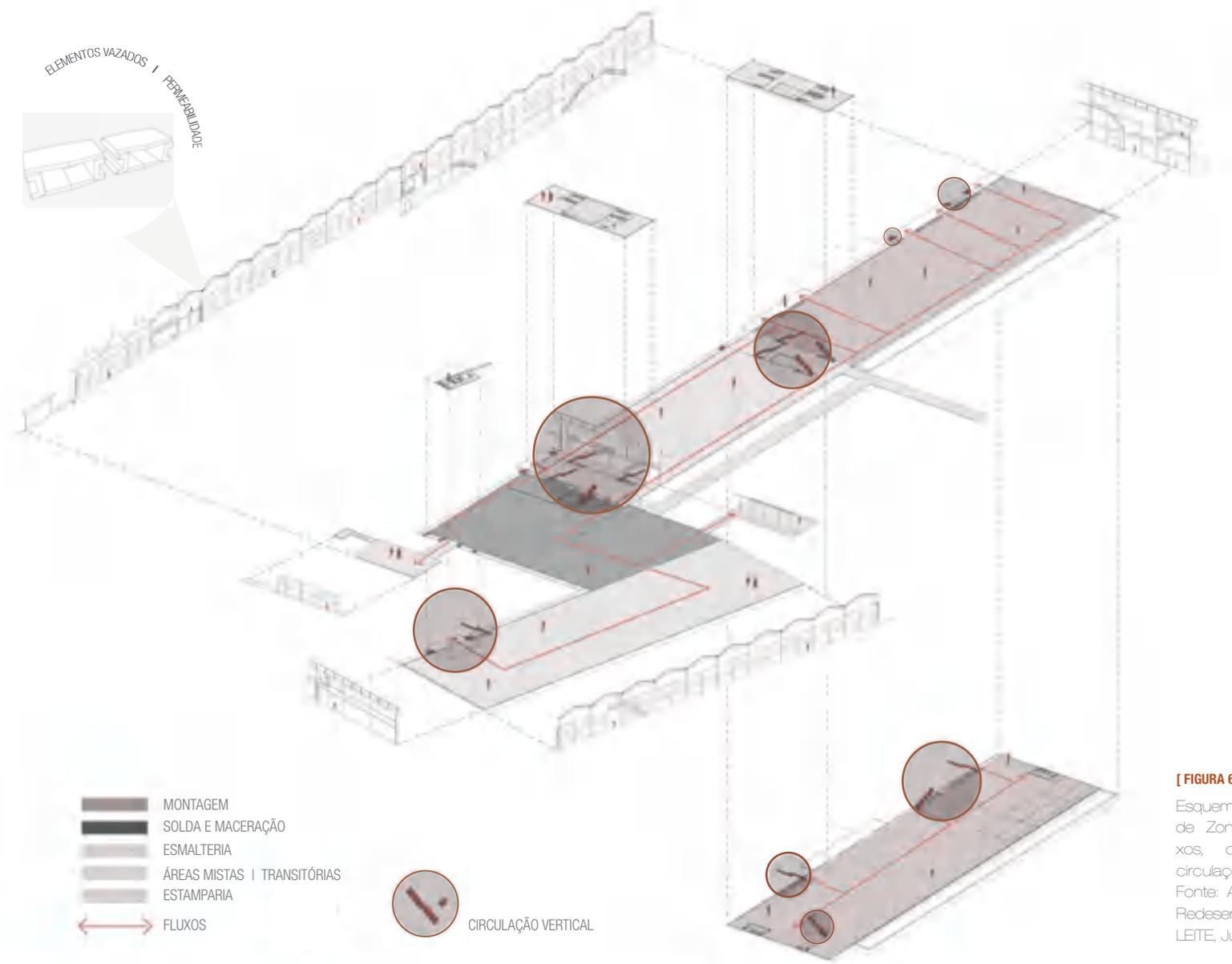
Há algumas exceções a esse padrão, como o laboratório e chafia, locados no pavilhão de solda e maceração, e as caldeiras, em anexo a esse mesmo bloco; também é observada a interligação entre todos esses ambientes, não apenas internamente, mas ao longo de todo espaço através de passagens externas, funcionando em alguns momentos como passarelas.

Os fluxos, assim como o desenho arquitetônico, obedecem um padrão linear, como de costume a utilizações que exijam um processo contínuo de movimentação e transporte; para isso, há uma concentração de aberturas de passagem nos limites norte do edifício, favorecendo um fluxo interno mais intenso no eixo sul do pavilhão, apresenta-se uma relação pouco conflituosa entre esses.

Quanto à permeabilidade, considera-se o espaço bem articula-

¹ A Taxa de Ocupação (TO) é a relação percentual entre a projeção da edificação e a área do terreno. Ou seja, ela representa a porcentagem do terreno sobre o qual há edificação, onde a mesma mede apenas a projeção da edificação sobre o terreno.

² Anexo IX do Código de Obras de Campina Grande.



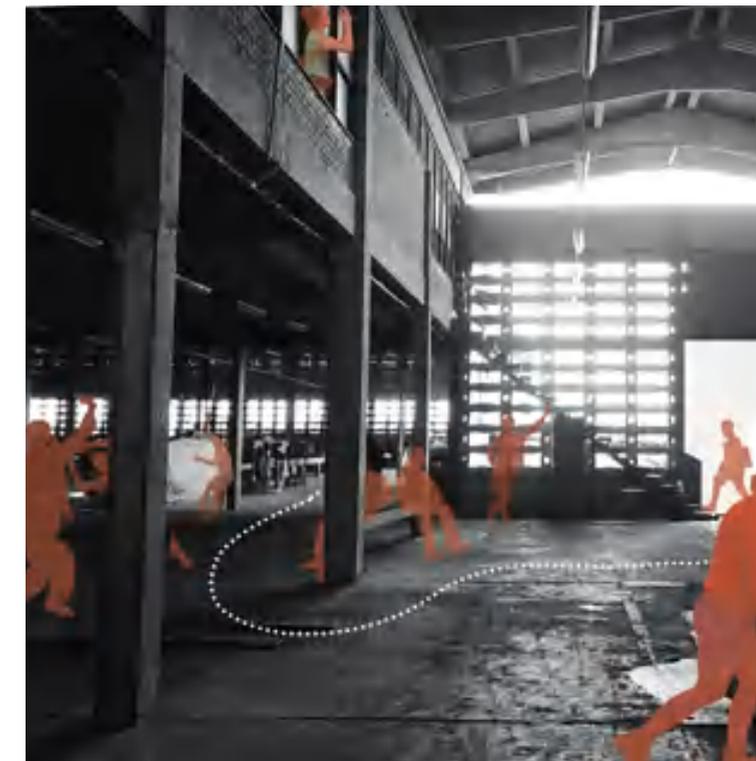
[FIGURA 69]

Esquema Isométrico de Zoneamento e Fluxos, demarcando as circulações verticais. Fonte: Arquivo Municipal, Redesenho e Edição por LEITE, Julia, 2020.

do visualmente, uma vez que se pode realizar contato em diferentes pontos de toda a área, mas dificultada na relação interno - externo. Apesar do reconhecimento positivo na aplicação dos cobogós e brises ao longo das fachadas para ventilação cruzada permanente, esses não potencializam a visibilidade do entorno e a entrada de luz, fazendo com que ao longo da estrutura encontrem-se pontos, durante o dia, onde a iluminação natural não é suficiente.

A manutenção dessas características espaciais internas, como amplitude, linearidade e planta livre, tem grande valor para o projeto de intervenção, pois como tratado no referencial teórico, subdividir o espaço industrial de modo insensível a esses aspectos, a fim de meramente adaptar a uma nova funcionalidade, seria distorcer o conteúdo desse testemunho.

UM DOS OBJETIVOS DA RESTAURAÇÃO É, COM EFEITO, PRESERVAR A SOLUÇÃO ARQUITETÔNICA PARA OS PROBLEMAS, COMO RESOLVIDOS EM OUTRAS ÉPOCAS. ISSO IMPLICA SABER ANALISAR E LER OS EDIFÍCIOS E O LOCAL EM QUE ESTÃO IMPLANTADOS E, TAMBÉM, SABER INSERIR NOVOS ELEMENTOS, ALTERANDO, SEM NO ENTANTO FERIR, A CONCEPÇÃO ORIGINAL. [KUHL, 2008, P.222]



[FIGURA 70] Fotomontagem Pavilhão Esmalteria Fábrica Wallig. Fonte: LEITE, Julia, 2020.

DIMENSÃO FUNCIONAL

A dimensão analisada nessa seção tem como base teórica as colocações de COLIN¹, que entende a função como um dos elementos que compõem a prática da arquitetura, ele enfatiza que os “problemas de projeto não encontram suporte no simples atendimento à funcionalidade”², ao contrário, tratam de intenções projetuais que buscam um equilíbrio entre os sistemas, entendidos como as dimensões analisadas nesse trabalho.

Por isso, o autor divide a função de um edifício em três categorias: **FUNÇÃO SINTÁTICA**, referindo-se a funcionalidade do objeto para o seu contexto, o papel na paisagem e a relação com os demais elementos dessa; a **FUNÇÃO SEMÂNTICA**, atribuída ao significado desse objeto arquitetônico para a sociedade, relacionada a ele ou não; e por fim, a **FUNÇÃO PRAGMÁTICA**, aspecto mais facilmente identificado, que trata da adequação da estrutura para a atividade que pretende abrigar.

A função sintática da Wallig, antes mencionada na dimensão espacial externa, era originalmente de imponência sobre a paisagem, localizada em um terreno de esquina com acesso por duas avenidas de grande fluxo, marcando o início do distrito industrial campinense.

Essa sintaxe, que legava a fábrica sempre papel de protagonismo nas imagens aéreas publicadas em jornais e revistas na década de 1970, tratou de se ensimesmar com as ocupações locadas na maior face do terreno, realocando a av. João Wallig, e escondendo a perspectiva de maior visualização do edifício na paisagem; vale salientar, que apesar dessa transformação o conjunto ainda é maior em escala que a maioria dos demais edifícios nessa área.

Quanto à função semântica, pode-se observar na dimensão histórica os grandes esforços da mídia e governos de criar a imagem do parque industrial campinense sobre a promessa e implantação da Wallig na cidade.

Esse papel, foi abraçado também pela empresa durante seus 12 anos de funcionamento, que para além da arquitetura sólida e austera, que reforçam a visão de segurança econômica, tornou-se conhecida pelos incentivos sociais para educação e capacitação na cidade, e de entretenimento, devido a sua decoração natalina.

Hoje, esse significado de importância dentro do quadro comer-

cial e social em Campina Grande trata de declinar, uma vez que o conjunto passa por muitos como mais uma estrutura pertencente ao distrito; aos que rememoram a história que envolveu a fábrica, geralmente não há a associação dessa imagem com o edifício, apresentando o desconhecimento de sua existência física, ou resistência, até os dias atuais.

Por fim, sabe-se que quanto à função pragmática, o conjunto da Wallig Nordeste foi projetado para atender à demanda de um espaço para produção industrial de fogões a gás liquefeitos, nos arquivos enviados à SUDENE os aspectos pragmáticos considerados no projeto são descritos:

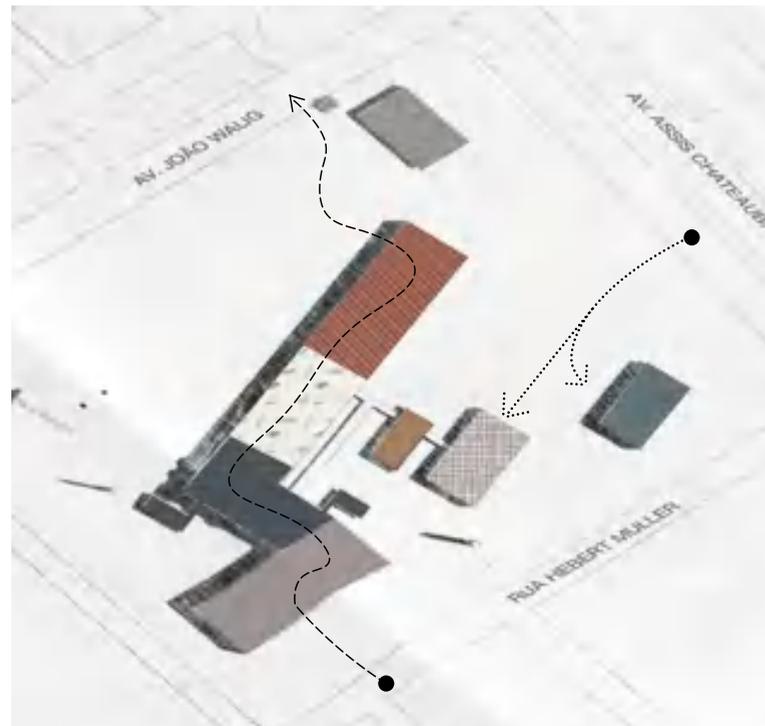
A ANÁLISE CONSIDEROU ADEQUADA A ÁREA A SER CONSTRUÍDA, 26.700M², PELO REQUERENTE, QUER PELA MODERNA TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO INDUSTRIAL ADOTADA, ONDE SE BUSCOU PROPICIAR AOS OPERÁRIOS AS CONDIÇÕES MÍNIMAS REQUERIDAS QUANTO A ESPAÇO, AERAÇÃO, ILUMINAÇÃO, ETC, QUER PELO BOM PADRÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL QUE A EMPRESA SE PROPÕE A PRESTAR AOS SEUS TRABALHADORES (...) OS EQUIPAMENTOS APRESENTAM TAMANHO COMPATÍVEL COM A PRODUÇÃO PROJETADA PELA EMPRESA, DENTRO DO REGIME ESTABELECIDO DE 16 HORAS / DIA / 275 DIAS / ANO.

O DIMENSIONAMENTO, COMO SE PODE INFERIR, OFERECE UM NÍVEL BASTANTE RAZOÁVEL DE UTILIZAÇÃO PARA INDÚSTRIA DE ELETRODOMÉSTICO. OS EQUIPAMENTOS FORAM DISTRIBUÍDOS EM ÓTIMO “LAYOUT” AO PROPORCIONAR UM RACIONAL FLUXO DE PRODUÇÃO. [PROCESSO SUDENE Nº 3.958/64, P. 10]

Entre os aspectos funcionais que se contrastam mais fortemente na atualidade estão, o acesso de chegada da mercadoria anteriormente dado pela rua Hebert Muller, a qual hoje não há mais esse fluxo, tratando de ser uma via de difícil circulação; no setor do conjunto que manteve o uso industrial, como condomínio de fábricas menores, são observadas adaptações bruscas para atender os novos programas como a construção de novos pavimentos, anexos adjacentes aos prédios e demolições para ampliações.

Tratando do pavilhão separado do conjunto, composto pelos antigos setores de montagem, esmaltaria, e solda e maceração. o qual utilizasse para depósito de mercadorias, foram realizadas modificações como a construção de paredes para subdividir os grandes vãos a fim de locar esses espaços para diferentes empresas, também foram ocluídos os elementos vazados em boa parte das fachadas, para evitar a entrada de insetos

¹ COLIN, 2002, cap. V
² Idem, p. 43



	PAV. MONTAGEM		VESTIÁRIOS E REFEITÓRIOS		FLUXO OPERÁRIOS
	PAV. ESMALTERIA		ADMINISTRAÇÃO		FLUXO PRODUÇÃO
	PAV. SOLDA E MACERAÇÃO		CONJ. FUNDAÇÃO E PORTARIA		
	PAV. ESTAMPARIA		DIVISÃO PESSOAL E TÉCNICA		

e proporcionar uma maior segurança patrimonial, segundo os relatos em visitas, e por fim, foram retiradas as marquises e antigos portões para diminuir as entradas.

É sabido que as modificações físicas e formais são inerentes as adaptações funcionais, sejam elas sintáticas, semânticas ou pragmáticas, e que o reconhecimento de valor histórico e memorial de determinado edifício é recebido por muitos como o engessamento para a utilização do espaço, entretanto, defende-se nesse trabalho que há possibilidades de adaptação de forma respeitosa e relevante as demandas funcionais na atualidade, as quais não foram aplicadas no objeto estudado ao longo dos anos.

[FIGURA 71] Zoneamento e Fluxos do conjunto originalmente, realizado com base no documento da SUDENE no ANEXO I.
Fonte: Arquivo Municipal, editado por LEITE, Julia, 2020.

DIMENSÃO TECTÔNICA

Essa seção trata de desenvolver acerca da tectônica do objeto estudado, esse termo foi definido por FRAMPTON¹ como a poética da construção, defendendo a interdependência entre forma e estrutura, sendo essas um só objeto, assim como a importância do projetar como processo construtivo.

Segundo AFONSO², esse autor provocou uma renovação do debate sobre a tectônica, promovendo a noção ao estatuto de “potencial de expressão construtiva” da arquitetura, capaz de reunir aspectos materiais e construtivos aos aspectos culturais e estéticos.

Neste contexto, o termo em inglês [TECTONIC] aparece no dicionário em 1656 como “pertencente à construção”³. No entanto, tectônica só começou a circular na literatura arquitetônica a partir de 1830 à luz da publicação do *Handbuch der Archäologie der Kunst*⁴ de Karl Otfried Müller⁵.

Karl Bötticher⁶ investigou a arquitetura a partir de um estudo sobre os processos construtivos que definem os estilos. Esta

avaliação vai permitir a Bötticher propor um sistema integrado entre função, estrutura e ornamento.

A TECTÔNICA É INTERPRETA POR BÖTTICHER COMO A “ATIVIDADE DE COMPOR UM EDIFÍCIO” DANDO ÊNFASE AO PROCESSO SEGUNDO O QUAL É CONSTRUÍDO. CONTUDO, ESTA DEFINIÇÃO SÓ É FUNDAMENTADA PELA DISTINÇÃO QUE ESTABELECE ENTRE FORMA-FUNDAMENTAL [WERKFORM] E FORMA-ARTÍSTICA [KUNSTFORM]. A WERKFORM CONSISTE NA ESTRUTURA ESTÁTICO-MECÂNICA DO EDIFÍCIO ENQUANTO A KUNSTFORM SE PREOCUPA COM A SUA REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA E SIMBÓLICA. [HANDEN 2016 P.25]

Para o estudo dessa composição do edifício são destrinchadas cinco categorias a serem analisadas, sendo elas:

ESTRUTURA DE SUPORTE

subdividida em superestrutuseutura, analisando aspectos como o tipo, se esta é sistemática ou sintomática, e a relação das dimensões com os espaços;

PELES

tratando-se dos elementos de fechamentos de um edifício, identificando os tipos, relação desses com a estrutura, e sua implantação;

- 1 FRAMPTON 1995 apud AFONSO, 2018 p.380
- 2 2018, p. 308
- 3 FRAMPTON apud HANDEN 2016 p.25
- 4 Manual de Arqueologia da Arte 1797-1840
- 5 1806-1889

COBERTURA

se esta é implícita ou explícita, qual seu papel na configuração do edifício, e as soluções adotadas;

DETALHES CONSTRUTIVOS

detalhes dos encontros dos diferentes elementos, marquises, escadas, rampas, entre outros;

REVESTIMENTOS E TEXTURAS

trazendo uma análise acerca da plasticidade e cromatismo dos materiais adotados.

Essa análise mais aprofundada será referente a parcela do conjunto na qual pretende-se intervir, a fim de compreender os elementos compositivos, destacando os mais significativos, referente ao objeto.

Cabe antes destacar a síntese presente no memorial justificativo entregue a SUDENE⁷, na qual pode-se obter uma visão geral dos elementos construtivos adotados no conjunto, a partir de cada pavilhão.

	EDIFÍCIO	ÁREA	PÉ DIREITO	TIPO DE FUNDAÇÃO	TIPO DE ESTRUTURA	TIPO DE ALVENARIA	TIPO DE ARMAÇÃO DE COBERTURA	TIPO DE PISO	TIPO DE REVESTIMENTO
CONJUNTO SOLDA E MACERAÇÃO	ESMALTERIA E GALERIA EXTERNA	2.544,15 M ²	8M	DIRETA	CONCRETO ARMADO	TIJOLOS E ELEMENTOS VAZADOS	CONCRETO PRÉ-MOLDADO E CHAPAS DE AMIANTO	CIMENTO ALISADO	ARGAMASSA SIMPLES E ALVENARIA À VISTA
	MONTAGEM	6.829,00 M ²	8M SUB SOLO 4M	“	“	“	“	“	“
	ESTAMPARIA	3.149,25 M ²	8M	“	“	“	“	“	“
	SOLDA E MACERAÇÃO	3.069,05 M ²	SOLDA 6M MACERAÇÃO 8M	“	“	“	“	“	“
	CALDEIRAS	235,80 M ²	5M	“	“	ALVENARIA COMUM OU TIJOLO À VISTA	PRÉ MOLDADO	“	“
	OFICINA	116,00 M ²	4M	“	“	-	LAJE DE CONCRETO	“	ARGAMASSA
FUNDAÇÃO E PORTARIA	DIVISÃO PESSOAL E TÉCNICA	726,00 M ²	1º PAV. 2.8M 2º PAV. 2.8M	“	“	ALVENARIA COMUM	MADEIRA LAJE DE FORRO	LADRILHOS GRANITA E TACOS	ARGAMASSA E AZELEJOS
	REFEITÓRIO - VESTIÁRIOS	3.066,00 M ²	1º PAV. 3M 2º PAV. 3.5M	“	“	“	“	LADRILHOS HIDRÁULICOS CERÂMICO	“
	ADMNISTRAÇÃO	2.987,00 M ²	1º PAV. 2.5M 2º E 3º 2.8M	“	“	ALVENARIA COMUM E ELEMENTOS VAZADOS	LAJE DE CONCRETO	LADRILHOS HIDRÁULICOS E TACOS	ARGAMASSA AZULEJOS - MADEIRA
	FUNDAÇÃO	1.275,00 M ²	MERC. 3.2M BIC. 2.6M	“	“	ALVENARIA COMUM	MADEIRA LAJE DE FORRO	CIMENTO, LADRILHOS E TACOS	ARGAMASSA
	PORTARIA E SUBESTAÇÃO	-	2.5M	“	“	“	LAJE DE CONCRETO	LADRILHO	“
	RESERVATÓRIO ELEVADO	-	-	“	“	-	-	-	-
	CHAMINÉ	-	-	“	“	ALVENARIA COMUM	-	-	-

⁷ [FIGURA 72] Tabela retirada do Memorial Justificativo entregue a SUDENE pela empresa Wallig, p. 58 Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande, redesenhada ao lado por LEITE, Julia, 2020.

estrutura de suporte

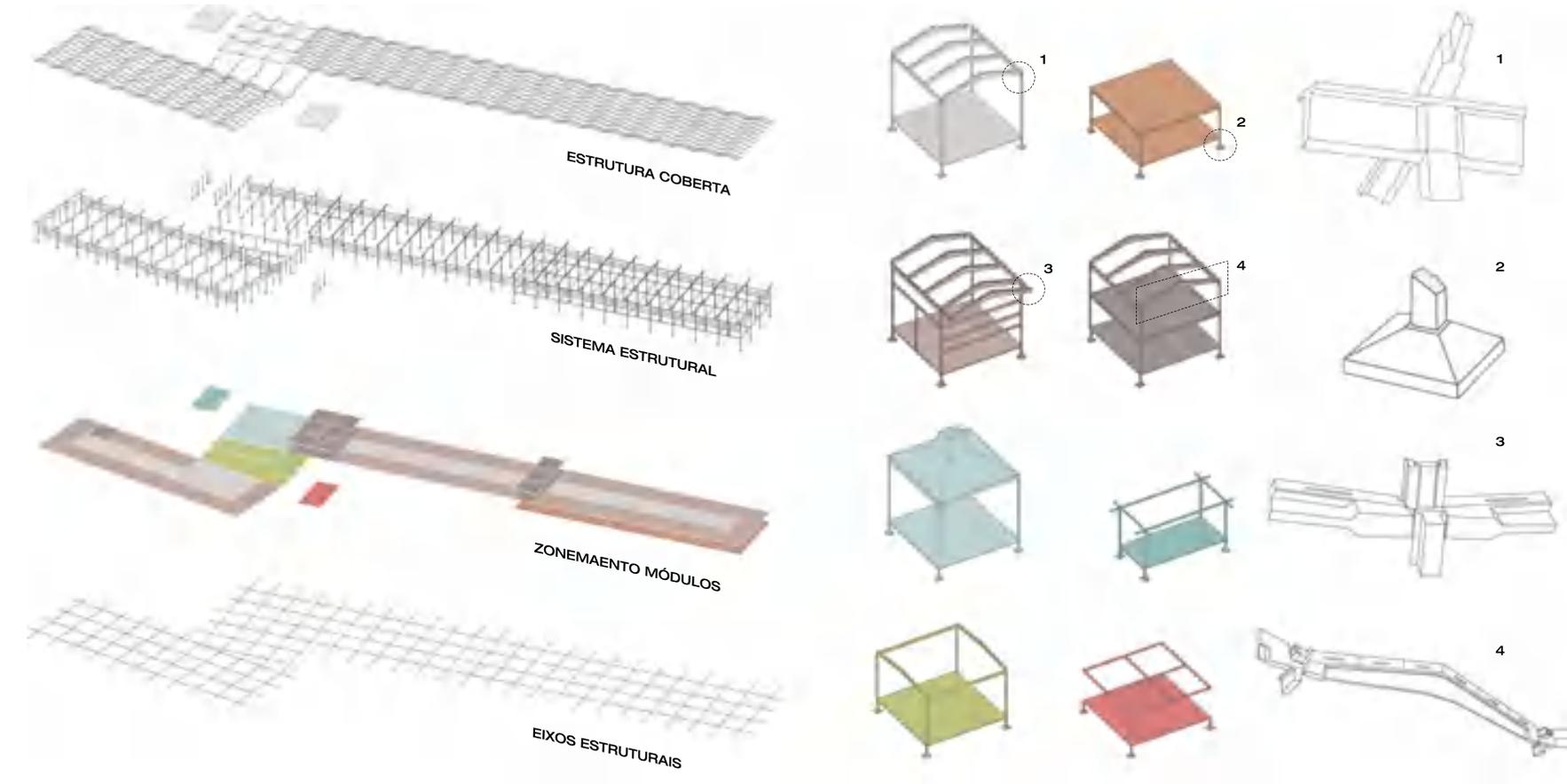
A estrutura de suporte do pavilhão estudado está disposta sobre uma malha regular de 10m x 10m [FIGURA 74], composta por 145 módulos, dentre os quais identificou-se oito tipologias distintas. Essas unidades foram descritas na tabela ao lado¹, diferenciando-se sobretudo em dimensionamento.

Tratando-se das subestruturas, há uma padronização na adoção de fundação do tipo direta, ou rasa, no formato de sapatas, como foi apresentado anteriormente na síntese geral do conjunto. Esses elementos “transmitem a carga ao solo pelas tensões distribuídas sob a base da fundação”², assentando-se em uma “profundidade de duas vezes a menor dimensão”² da forma trapezoidal, essa tipologia exige menor quantidade de movimentação de terra, facilitando a aplicação, aspecto esse que pode variar com o solo.

Quanto à superestrutura, nos módulos do tipo 1, 3, 4 e 7 foi possível identificar a adoção de um sistema estrutural de viga contínua, e nos módulos 2, 5, 6 e 8, sistema de pórtico articulado, todos esses classificam-se como estruturas de seção ativa, sendo aplicados nesse projeto em concreto armado. Esses sistemas possuem caminhos diretos de distribuição da carga

	DIMENSÕES	SISTEMA ESTRUTURAL
01	10M X 10M X 8M	SEÇÃO ATIVA DE VIGA CONTÍNUA
02	10M X 10M X 4M	SEÇÃO ATIVA DE PÓRT. ARTICULADO
03	10M X 10M X 8M	SEÇÃO ATIVA DE VIGA CONTÍNUA
04	10M X 10M X 4+4M	“
05	10M X 10M X 8M	SEÇÃO ATIVA DE PÓRT. ARTICULADO
06	10M X 5M X 5M	“
07	10M X 10M X 6M	SEÇÃO ATIVA DE VIGA CONTÍNUA
09	10M X 10M X 4M	SEÇÃO ATIVA DE PÓRT. ARTICULADO

[FIGURA 73] Síntese dos módulos estruturais existentes na Fábrica Wallig Nordeste S.A. Fonte: LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 74] Esquema com malha estrutural da Wallig Nordeste e módulos que a compõem. Fonte: LEITE, Julia, 2020.

¹ [FIGURA 73]

² YAZGI, 2009, p.171

ao solo, acarretando ao edifício um diagrama de forças simplificado e um maior peso físico e visual, segundo Heino Engel, os sistemas como:

VIGA CONTÍNUA, PÓRTICO ARTICULADO, PÓRTICO RÍGIDO, PÓRTICOS DE VÃOS MÚLTIPLOS E PÓRTICO DE VÁRIOS PAVIMENTOS, AS ESTRUTURAS DE SEÇÃO-ATIVA, TROUXERAM Á EXPRESSÃO MÁXIMA OS MECANISMOS DE CONTINUIDADE. POR MEIO DESSES SISTEMAS, É POSSÍVEL CONSEGUIR GRANDES VÃOS E OBTER ESPAÇO LIVRE SEM AUXÍLIO DE SUPORTES, E SEM ABANDONAR AS VANTAGENS DA GEOMETRIA RETANGULAR. [ENGEL, 2003, P. 172]

Os elementos estruturais básicos do primeiro grupo, com sistema de viga contínua, são os pilares de seção 25cm x 15cm, variando na altura com o pé direito entre 5m e 8m, esses possuem formatação do tipo barra, “uma vez que seu comprimento predomina em relação a altura e seção transversal”³; As vigas, de seção 25cm x 30cm, tem desenho do tipo T⁴, como é possível observar no detalhe 01, e são dispostas de modo contínuo ao longo da menor dimensão dos pavilhões de 30m, segundo ENGEL, essa característica permite que “a deformação por flexão em um vão se transmita ao outro”⁵, ou seja, a carga aplicada de forma pontual é resistida pelo comprimento total da viga.

No segundo grupo, com sistema de pórtico articulado, os perfis das vigas de mesma seção são do tipo retangular, possuindo uma distância linear reduzida entre os pilares de 25cm x 15cm, a altura destes elementos variam de 4m à 8m, e obedecem em sua maioria a modulação de 10m x 10m, com exceção dos espaços do tipo 6 e 8, ambientes menores que articulam-se ao galpão principal através de passarelas.

Quanto as estruturas de suporte à cobertura, destacam-se a utilização da tesoura pré-fabricada em concreto, que se repete 4 vezes dentro dos módulos 1, 3 e 4, com espaçamento de aproximadamente 3m de eixo a eixo; no módulo 5, destacam-se as coifas construídas em concreto armado para o setor de maceração, sendo essa uma operação química com objetivo de impregnar certas substâncias líquidas as peças dos fogões, fez-se necessário o desenho que favorecesse através da densidade do ar a expulsão dos gases tóxicos da parte interna para externa da fábrica.

Pode se analisar então que a relação da estrutura com a forma do edifício é sistemática e tectônica, ou seja, a modulação e elementos de suporte regem fortemente a volumetria a um desenho pavilhonar e linear, não obstante, que expõem-se esses elementos a fim de enfatizar a construção, demarcar os planos, e passar solidez, tanto ao observador externo quanto interno.

peles

Tratando-se das peles identificou-se quatro elementos de vedação fixos [FIGURA 75], sendo eles as alvenarias em tijolo aparente, ou à vista como tratado no memorial do projeto, aplicados em blocos cerâmicos com 21,5 cm x 9,5 cm x 10,5 cm, assentados com argamassa de 1 cm. Observa-se que a aplicação se dá repetidamente em planos de 4,85 m x 1 m, nas seções inferiores, e 4,85 m x 1,40 m, nas seções superiores, dos limites interno – externo do edifício, segundo as especificações em planta essas são paredes duplas, que totalizam 22cm de profundidade.

Pode-se observar que o edifício em formatação de pavilhão possui poucas divisões internas em alvenaria, visto que assim como outras estruturas industriais se faz necessário espaços amplos devido ao grande maquinário e largos espaços de circulação, desta forma, as alvenarias aparentes, tanto interna como externamente, não se tornam elementos visualmente pesados quando aplicados em planos em conjunto com elementos vazados e em grandes extensões.

Outro elemento de vedação utilizado no projeto, que são encontrados nos mesmos planos do tijolo à vista, são os cobogós,

blocos vazados que permitem a entrada de luz e ventos nos ambientes de modo constante, esses destacam-se como elemento construtivos expressivos de uma arquitetura dos trópicos, como ressalta HOLANDA:

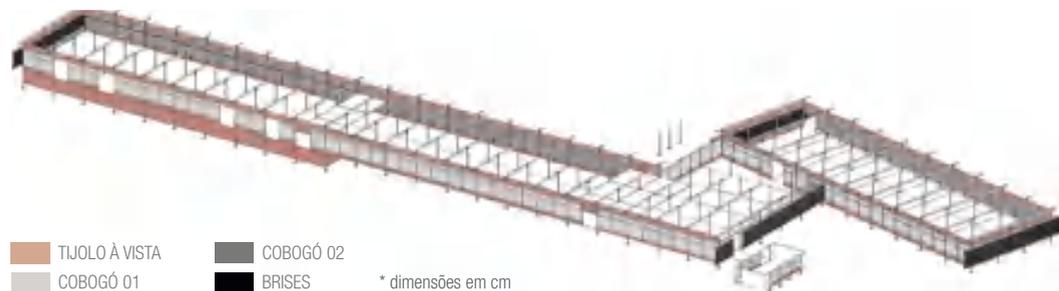
O COBOGÓ OCORRE FREQUENTEMENTE NAS CONSTRUÇÕES MODERNAS DO NORDESTE, COM DESENHOS FANTASIOSOS OU INGÊNUOS, MAS SEMPRE UM ELEMENTO SIMPLES, LEVE, RESISTENTE, ECONÔMICO, SEM EXIGÊNCIAS DE MANUTENÇÃO E COM ALTO GRAU DE PADRONIZAÇÃO DIMENSIONAL. COM O ESTÁGIO DE RACIONALIZAÇÃO ATINGIDO, NUM PROCESSO NATURAL DE SELEÇÃO, O COBOGÓ É UM COMPONENTE PREPARADO PARA A GRANDE PRODUÇÃO INDUSTRIAL. [HOLANDA, 1976, P. 19]

Os cobogós nesse projeto apresenta-se também como elementos de fácil manutenção e grande resistência, uma vez que mesmo ao longo dos anos de existência, e poucos cuidados com a estrutura, encontram-se bem conservados. No caso das peças aplicadas nesse pavilhão trata-se de desenho autoral dos arquitetos, e de fabricação das peças in loco, resultando em uma rentável composição de planos de cheio e vazios nas fachadas, assim como conforto térmico para o interior do edifício.

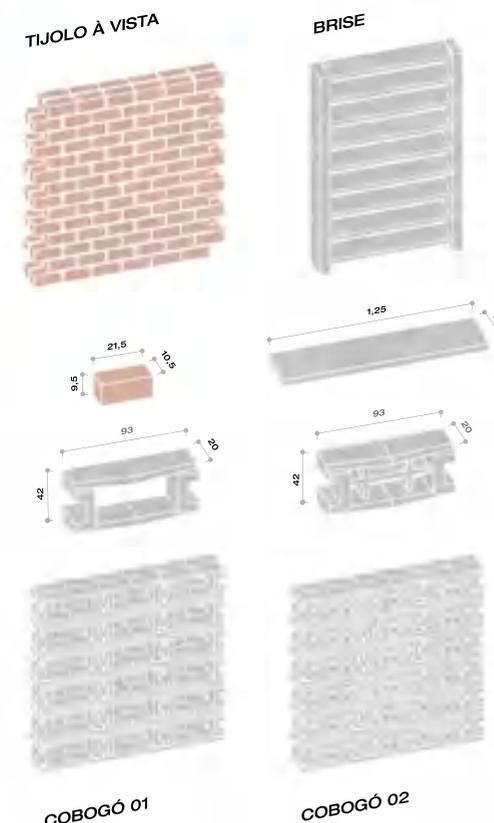
³ REBELLO, 2000, p.31

⁴ ENGEL, 2001, p.179

⁵ Idem, p. 181



■ TIJOLO À VISTA ■ COBOGÓ 02
■ COBOGÓ 01 ■ BRISES * dimensões em cm



Esses elementos serão apresentados de forma mais específica no tópico de detalhes construtivos, mas de modo geral tratam de duas tipologias que se diferenciam por uma peça central ao cobogó do tipo 02. Ambos têm dimensões gerais de 93 cm x 42 cm x 20 cm, e são fabricados em concreto, aplicam-se em planos de 4,85 m x 3,20 m e 4,85 m x 1,40 m, de forma duplicada, na área central dos planos, coincidindo com a escala humana no térreo e entrepisos.

Os elementos da tipologia 01 foram aplicados nas fachadas norte, onde geralmente o sol é mais intenso no inverno quando as temperaturas são mais amenas, e os elementos da tipologia 02 foram aplicados nas fachadas sul e sudeste, sendo mais afetada pelo sol no verão, justificando assim o desenho mais fechado.

Nas fachadas leste e oeste foi aplicado o quarto elemento de vedação fixo, os planos de brises horizontal em concreto, compostos por peças de 1,25 m x 0,25 m, aplicados com inclinação de 5° entre duas estruturas de amarração com 10cm de espessura. O distanciamento vertical entre um brise e outro é de 20

cm, e são replicados a longo de toda fachada sobressaindo a essa em 2 m, sendo amarrado por vigas secundárias a estrutura do edifício nas alturas de 1m até 4m, totalizando um módulo de 1,45 m x 3 m.

Quanto aos elementos de vedação que configuram mobilidade, as esquadrias, predominam as janelas de correr estruturadas em madeira e vidro, e as portas/portões grandes folhas de ferro na cor azul [FIGURA 75], assim como portas de madeira maciça para as instalações hidro sanitárias; como será visto no estudo de conservação, essas em sua grande maioria foram retiradas ou encontram-se danificadas.

Percebe-se que ao tratar de uma estrutura que expõem-se na forma, os planos de vedações obedecem a essa regularidade do sistema, variando de acordo com os módulos apresentados no tópico anterior. O desenho repetitivo gera uma harmonia entre as diferentes texturas aplicadas nas peles, destacando-se entre essas os cobogós, elementos construtivos mais significativos do objeto estudado, que faz-se diferenciar essa estrutura das demais construídas na mesma época.

cobertura

Como apresentado no memorial o tipo de armação de cobertura nos pavilhões estudados é de concreto pré-moldado vedado com chapas de amianto, essa solução construtiva é explícita ao observador, mesmo que não haja necessariamente o telhado aparente.

As peças pré-fabricadas realizam o desenho repetitivo que marca a forma do objeto, numa modulação de 10 em 10 metros no sentido horizontal, e 3 em 3 metros no sentido vertical. A inclinação desses planos é de 30%, com caimento direcionado a calha, também de concreto pré-moldado, locada entre um módulo e outro. Há também uma segunda tipologia de cobertura sobre os planos de brises nas fachadas leste e oeste, essa compreende uma peça única pré-fabricada em concreto, composta pela repetição de águas de caimento oposto de 1 m cada, de mesmo modo, com inclinação de 30%.

A cobertura realiza tanto seu papel pragmático de proteção aos intempéries climáticos, quanto formal, ao dar identidade ao edifício; além disso, vale ressaltar que a utilização desses elementos corrobora para o partido de uma arquitetura bioclimática adaptada ao clima do nordeste, uma vez que a formação de vazio entre este elemento e os elementos de fechamento do tópic anterior, cria mais uma passagem de ventilação constante entre o espaço externo e interno.



[FIGURA 76] Foto da cobertura em vista superior, retirada de edifício adjacente do conjunto. Fonte: LEITE, Julia, 2019.



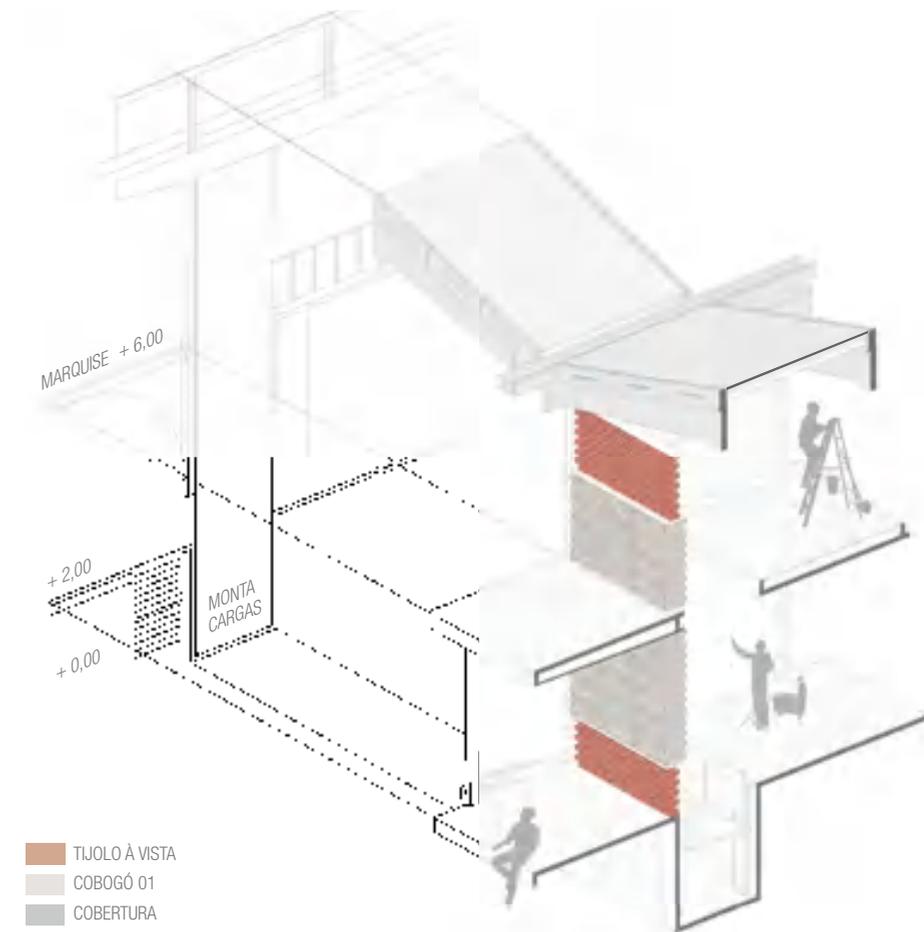
[FIGURA 77] Perspectiva do Pavilhão que destaca as coberturas para a forma do edifício. Fonte: LEITE, Julia, 2019.

detalhes construtivos

Quanto aos detalhes construtivos, coube destacar três elementos considerados significativos para o pavilhão estudado, tanto pela solução adotada, quanto pela grande quantidade de repetições dessas ao longo de todo projeto.

Primeiramente, recortou-se um trecho de uma seção [FIGURA 77] entre o pavilhão de maceração e esmaltaria, a qual apresenta a implantação dos elementos citados, mas também o encontro desses com outras soluções. Entre estas, a marquise bi apoiada em concreto, reconstruída a partir do desenho arquitetônico e fotos antigas, uma vez que foram retiradas do edifício; elas possuíam dimensões gerais de 4,85m x 0,30m x 3,20m, e encontravam-se a altura de 6m, coincidindo com os entrepisos.

Outro detalhe destacado na seção ao lado trata do poço para o monta cargas, disposto nesse setor de transição para redistribuir os possíveis materiais que necessitassem ser carregados pelo equipamento, uma vez que todo o edifício é elevado 2m em relação ao pátio externo. Por conta desse desnível, a relação interno-externo é sempre dada através de passarelas de 1,2m de largura que circundam o pavilhão, com descanso em patamares de 3,5m locados nos espaços de entrada do prédio, dispondo sempre de escadas para acessar o nível inferior.



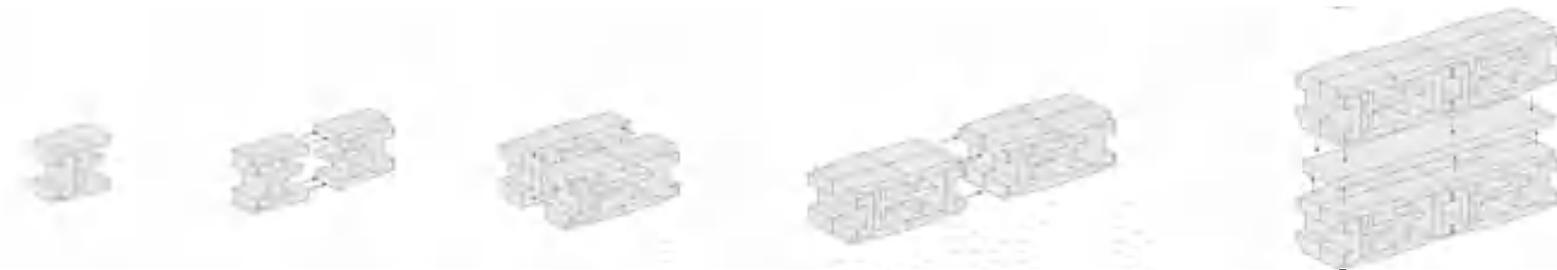
[FIGURA 78] Detalhe Construtivo de seção retirada de corte do projeto original, destacando a implantação dos planos de vedação, monta cargas, marquise e mezanino. Fonte: LEITE, Julia, 2020.

COBOGÓ TIPO 01
EM CONCRETO

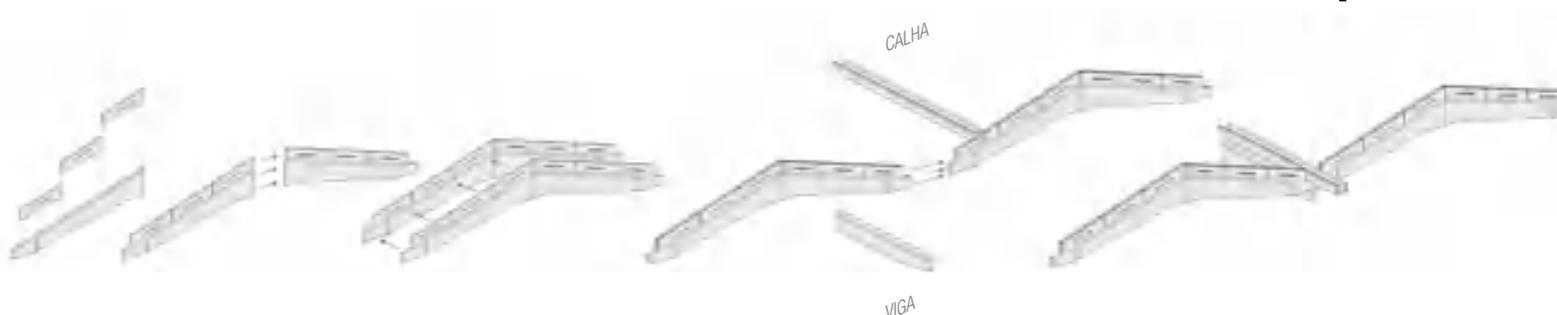
01

COBOGÓ TIPO 02
EM CONCRETO

02

TESOURA
EM CONCRETO

03



[FIGURA 79] Esquema de montagem dos elementos construtivos mais significativos da Fábrica Wallig Nordeste S.A. Fonte: LEITE, Julia, 2020

Como, geralmente empregado aos edifícios industriais, as escadas e guarda-corpos são de estrutura metálica, pintadas de amarelo, com degraus em concreto; a utilização de uma peça independente metálica mostra-se como uma solução adequada visto que não sobrecarrega a superestrutura, e possibilita maior flexibilidade de mudanças caso necessário, visto que este elemento construtivo independe da estrutura de suporte.

Tratando-se dos elementos significativos citados, sabe-se que os cobogós do tipo 01 e 02 possuem dimensões gerais de 93cm x 42cm x 40cm, como apresentado no tópico das peles, identifica-se nestes um módulo gerador [FIGURA 78], compreendendo $\frac{1}{4}$ da unidade final desses elementos construtivos. Esses apresentam desenho geometrizado, composto por dois planos trapezoidais, um na base inferior e outro superior, unidos por um elemento quadrado seccionado, e sutilmente inclinado; a união desses módulos é dada por uma argamassa de espessura 7cm na horizontal

Os cobogós destacam-se na composição por não limitar-se a um desenho planificado, mas utilizar-se da profundidade e traços não ortogonais, atingindo dinamismo por meio desse elemento construtivo.

Quanto à tesoura de concreto que dá suporte a cobertura, presente no detalhe anterior e destrinchado na imagem ao lado, encontra-se dimensões gerais com 10m de largura, 2m de altura no eixo central, e inclinação de 30% para ambos os lados. Esse elemento é formado tanto pelo desenho tradicional de uma tesoura, sendo totalmente preenchida em concreto com detalhes de recortes em profundidade, e placas dispostas sobre essa peça central cumprindo a função de platibanda, deixando encoberto as telhas.

Nesse desenho, pode-se observar um recorte no encaixe entre as tesouras na qual repousa a calha, com 50cm de largura, que ultrapassa os limites do edifício em 30cm, sendo também pré-fabricada em concreto; além disso, na base inferior dessas estruturas há um alarguecimento nas pontas, a fim de obter uma maior área de contato com a viga em T de 0,25cm de largura, que trata de dar suporte as tesouras, redistribuindo a carga sobre os pilares.

A utilização da pré-fabricação nesse projeto também traz à tona a discussão do patrimônio industrial, para além do uso do edifício, têm-se as soluções construtivas adotadas como diferenciadas dos tradicionais desenhos em pré-fabricados na região há época, o que reforça a importância em documentá-las, assim como preservar esses elementos.

revestimentos e texturas

Quanto à materialidade, vê-se em diversas escolhas projetuais a intenção em deixar evidente as soluções construtivas utilizadas e a materialidade original aplicada a esses, observa-se o uso do tijolo cerâmico à vista, a estrutura em concreto aparente, e os elementos vazados, que não passam por algum tipo de tratamento, ou pintura, que revista esses objetos.

Além dos revestimentos citados, que são dispostos no plano vertical do edifício, há a aplicação de cimento alisado para o piso interno, como exposto no memorial, e pedra rachão cinza para o pátio externo, além da questão já citada da verdade dos materiais, cabe apontar o aspecto funcional dessas escolhas, que tornam a manutenção do edifício mais simples, assim como a fácil identificação de patologias ao longo do tempo, e o fácil acesso para tratar das mesmas.

A standardização, fenômeno típico do processo industrial, é aplicada na arquitetura da Wallig ao repetir a solução cromática e plástica ao longo de todo o projeto, que apesar da simplicidade do arranjo formado, gera diferentes combinações entre eles, criando um ritmo, que hora dispõe de planos de caráter mais aberto, hora apresenta um caráter mais enclausurado.



[FIGURA 80] Diagrama em Fontomotagem de texturas e revestimentos. Fonte: LEITE, Julia, 2019 e CORDEIRO, Roberta, 2018, editado por LEITE, Julia, 2020.

DIMENSÃO FORMAL

Nesta dimensão propõe-se a análise do que seria a “forma pertinente” do objeto arquitetônico, esse termo apresentado por MAFHUZ, como citado anteriormente, trata de caracterizar o formal como a síntese da “estrutura relacional ou sistema de relações internas e externas que configuram um artefato ou episódio arquitetônico”¹, determinando assim a sua identidade.

Tratando-se de uma estrutura relacional, tem como seus elementos os aspectos analisados anteriormente: o programa, nas dimensões funcional e espacial interna, a técnica, na dimensão tectônica, e o lugar, nas dimensões histórica, espacial externa e normativa; a forma, não sendo externa a esses condicionantes e nem sendo diretamente consequência deles, trata da ordem visual específica de cada obra, sua “identidade formal”¹.

Sendo assim, tem-se como objetivo nessa dimensão identificar a ordenação desses elementos que formam o projeto da Wallig Nordeste, e como essa estrutura original foi modificada ao longo dos anos, ressalta-se que o “sentido de uma obra arquitetônica tem a ver com a orientação da sua incidência na realidade”², ou seja, o papel que o edifício exerce no seu contexto, esse modifica-se, e transforma o elemento construído com ele.

O projeto original da fábrica adota critérios projetuais recorrentes na vertente brutalista do estilo arquitetônico moderno, uma vez que é marcada pela evidência da materialidade e estrutura na construção, bem como, adoção de planta livre, modulação, transparências e permeabilidade, propostas tipicamente universais da modernidade arquitetônica.

Esses valores estéticos também se relacionam fortemente com o programa, o qual apropria-se da repetição para setorizar em módulos os espaços para as diferentes etapas da produção, gerando um ritmo ao longo das fachadas dos galpões, expressando-se na cobertura e planos de vedação, assim como nas aberturas.

Também se apropria de uma organização linear, ao configurar vias de acesso entre os galpões, e entre os espaços internos, construindo um mapa de fluxos adaptado ao caminho do produto, considerando o escoamento das mercadorias, como demonstrado na dimensão funcional, demarcando corredores sem necessariamente delimitá-los fisicamente.

EMBORA O ESPAÇO ARQUITETÔNICO EXISTA EM TRÊS DIMENSÕES, PODE SER

¹ MAFHUZ, 2004, p.8

² Idem, p.9

LINEAR A FIM DE ACOMODAR A ROTA DE MOVIMENTO ATRAVÉS DE UM EDIFÍCIO E LIGAR SEUS ESPAÇOS ENTRE SI. [CHING, 2002, P. 12]

Para proporcionar certa permeabilidade aos edifícios, nota-se a sensibilidade dos arquitetos ao lugar na utilização dos cobogós e brises como elementos vazados, tanto pela sua tecnicidade regional, como pela adequação ao clima do agreste paraibano, ao qual recomenda-se uma ventilação cruzada permanente, e entrada de luz filtrada.

É possível notar essa atenção ao lugar, também, na implantação do edifício, este foi inclinado em relação aos limites do lote, à fim de captar os ventos no sentido leste/sudeste para a extremidade oeste dos galpões; essa adequação as condições ambientais é possibilitada pela ordenação linear adotada.

A FORMA DE UMA ORGANIZAÇÃO LINEAR É INERENTEMENTE FLEXÍVEL, PODENDO RESPONDER PRONTAMENTE ÀS VÁRIAS CONDIÇÕES DE SEU TERRENO. PODE SE ADAPTAR A MUDANÇAS NA TOPOGRAFIA, CONTORNAR UM CURSO D'ÁGUA OU ARVOREDO, OU GIRAR A FIM DE ORIENTAR ESPAÇOS DE MODO A CAPTAREM A LUZ DO SOL E OFERECEREM UMA VISTA DESEJADA. [CHING, 2002, P. 199]

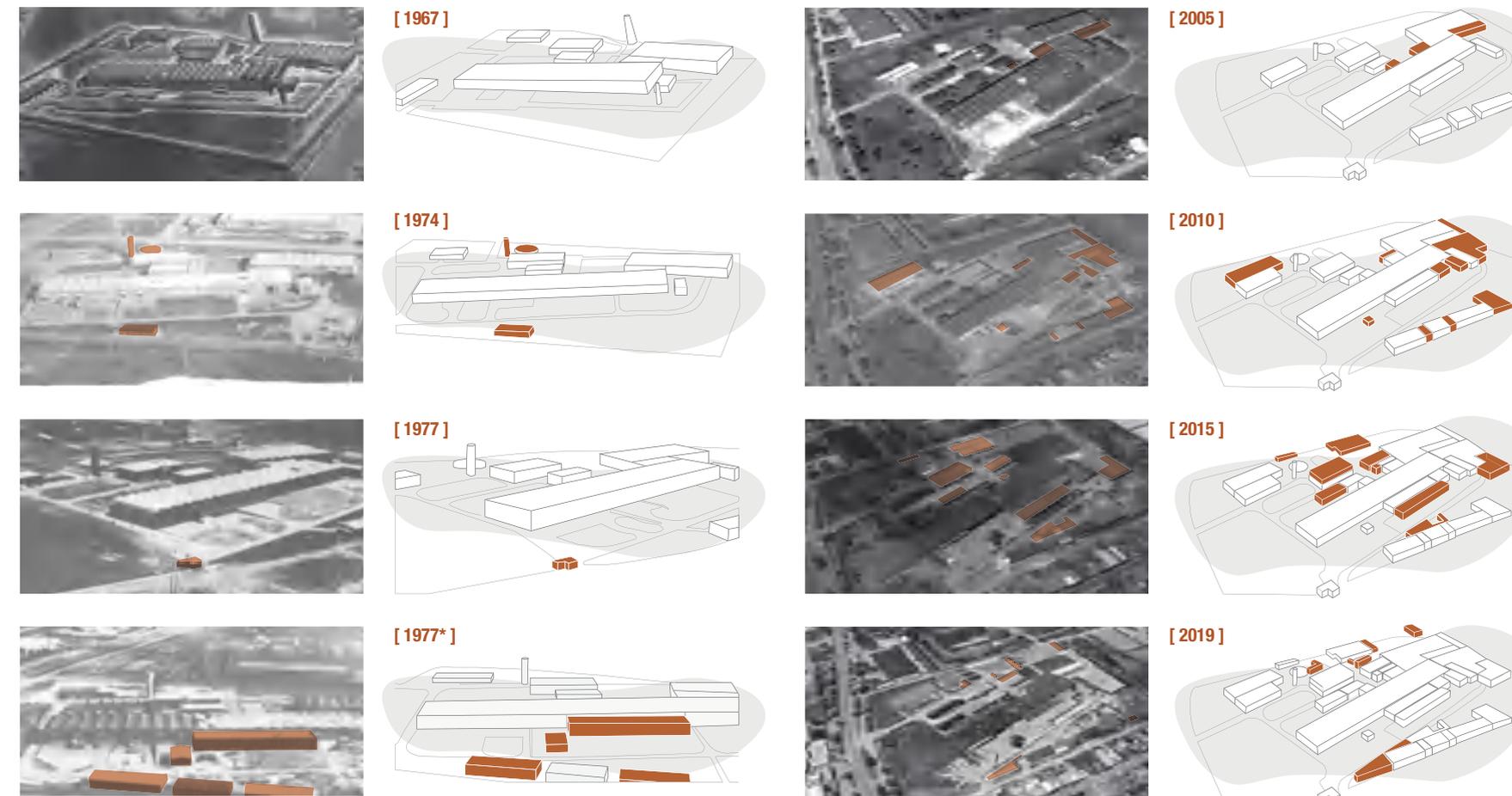
Em todas as características citadas, vê-se a consciência das

proporções industriais ao qual se denota o edifício, adotando elementos pré-fabricados, produzidos em massa, com tamanhos e dimensões padrão, visando um processo construtivo mais racionalizado, em termos da redução de resíduos, e fácil aplicação.

A relação forma – tectônica tem grande importância na identidade do edifício, uma vez que se distribui os espaços sobre uma trama moduladora; essa malha tem suas bases nas relações dimensionais dos seus elementos construtivos.

COMO ESSES ELEMENTOS SÃO PRODUZIDOS EM MASSA NAS FÁBRICAS, TÊM TAMANHOS E PROPORÇÕES PADRÃO QUE LHE SÃO IMPOSTOS PELOS FABRICANTES INDIVIDUAIS OU PELOS PADRÕES INDUSTRIAIS (...) ESSES E OUTROS MATERIAIS DEVEM POR FIM SER REUNIDOS E ALCANÇAR UM ALTO GRAU DE ADEQUAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO, OS TAMANHOS E PROPORÇÕES PADRÃO DOS ELEMENTOS INDUSTRIALIZADOS AFETAM O TAMANHO, A PROPORÇÃO E O ESPAÇAMENTO DE OUTROS MATERIAIS TAMBÉM. [CHING, 2002, P. 282]

Entretanto, é possível observar que a incidência da Wallig na realidade foi se modificando ao longo dos seus anos de existên-



[FIGURA 81] Esquema de modificações formais no conjunto da Wallig. [2005 - 2019] Google Earth, [1967] medalhistica.com.br, [1974] Revista do FISCO, 1974, edição nº28, p.15, [1977] Revista do FISCO, 1977, edição nº50, p.47, [1977*] Revista do FISCO, 1977, p.19; editado e redesenhado por LEITE, Julia, 2020.

cia, gerando uma série de transformações na sua formalidade [FIGURA 68].

De sua fundação até 1977 – dois anos antes do encerramento de suas atividades – é possível observar a adição de galpões, em sua maioria, com certo afastamento dos edifícios originais, essas modificações provavelmente repercutiram do aumento na produção de fogões, como descrito na dimensão histórica.

Essas primeiras adições respeitam a organização linear predominante no conjunto, mesmo assim, identifica-se que os três galpões locados rente ao limite do terreno tratam de descaracterizar a perspectiva criada pelo pátio originalmente disposto entre a via e o edifício, esse vazio reduzia o impacto visual entre a construção e o observador externo; além disso, a expansão do bloco de esmaltaria no sentido norte gera um modificação no ritmo pré-existente, ao mesmo tempo que acrescenta maior dinamismo a forma.

As modificações realizadas a partir de 2005, considerando a reabertura da estrutura como condomínio industrial, não aparentam considerar a organização espacial existente, tomando

uma forma aglomerada de pequenas estruturas adjacentes.

Não se pôde identificar um padrão organizacional definido com esses acréscimos, possibilitando a interpretação que essas modificações não se propõem a construir um espaço de qualidade para as novas funções adotadas, e muito menos consideram de qualquer valor as estruturas originais.

Como apontado nas seções anteriores, há um valor de memória na fábrica Wallig sobretudo pelo seu relato histórico de protagonismo na industrialização campinense. Por outro lado, reconhece a estrutura física como um dos testemunhos sobreviventes desse relato, e seus elementos construtivos como partes significantes desse.

A identidade formal, a legibilidade dessa linguagem, é um dos aspectos que corroboram para o processo de restauração desse patrimônio, sua reconexão com o lugar no qual está inserido, e relação organizacional, são fatores importantes que têm sido encobertos de camadas formalmente ilegíveis durante esse processo recente de utilização.

estudo de conservação

Essa seção propõe-se uma análise do estado de conservação da Fábrica da Wallig Nordeste S.A., através do levantamento das patologias existentes, realizado em visitas in loco, por registros fotográficos, assim como demarcações nos desenhos existentes. Segundo CAPORRINO [2018], a palavra patologia é adotada em diversas áreas do conhecimento, e na Engenharia, é conhecida como Patologia da Edificação, propondo-se a analisar as manifestações patológicas das construções, as possíveis soluções de anomalias e como evitar a perda dos requisitos mínimos para quais foi projetado.

PATOLOGIA (DERIVADO DO GREGO PATHOS, SOFRIMENTO, DOENÇA, E LOGIA, CIÊNCIA, ESTUDO) É O ESTUDO DAS DOENÇAS EM GERAL, COMO ESTADO ANORMAL DE CAUSA CONHECIDA OU DESCONHECIDA, TANTO NA MEDICINA QUANTO EM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO, COMO MATEMÁTICA E ENGENHARIA. NESTA ÚLTIMA ÁREA, É CONHECIDA COMO PATOLOGIA DA EDIFICAÇÃO E ESTUDA AS MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS QUE PODEM VIR A OCORRER EM UMA CONSTRUÇÃO, ENVOLVENDO TANTO A CIÊNCIA BÁSICA QUANTO A PRÁTICA. [CAPORRINO, 2018, PG. 6]

Como tratado na metodologia apoia-se nos estudos dos autores LICHTENSTEIN [1986], que estuda os desempenhos dos

edifícios em suas patologias respaldando-se em “levantamentos de subsídios”¹ através da coleta e organização de dados; “diagnóstico da situação”², que busca entender as causas e efeitos da patologia; e por fim, chega-se em uma “definição de conduta”³, que procura prescrever uma solução para o problema encontrado, assim como, levantar prognósticos para evitar futuras deteriorações.

Também apoia-se no método abordado por TINOCO [2009], que apresenta as problemáticas de uma edificação, através dos níveis de contato com o mesmo, tratando de explicar nas definições de “saber, conhecer e compreender”, que diferenciam-se em ser ciente da existência, em ter estado presente a essas questões, e de com a frequência de contato, obter uma série de informações sobre; o autor defende que esses diferentes níveis de contato são fundamentais para o estudo de conservação do edifício.

O ENTENDIMENTO SOBRE AS PATOLOGIAS DE UMA EDIFICAÇÃO EXIGE, PORTANTO, O SABER, O CONHECER E O COMPREENDER, EM TODOS OS NÍVEIS, SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DAS DEGRADAÇÕES DOS SISTEMAS E COMPONENTES CONSTRUTIVOS. POR NÍVEIS DE CONHECIMENTO DAS PATOLOGIAS DE UMA

EDIFICAÇÃO ENTENDAM-SE OS RESULTADOS DAS INVESTIGAÇÕES NAS BASES, NOS SISTEMAS ESTRUTURAIS, NOS COMPONENTES E NOS ELEMENTOS CONSTRUTIVOS INTEGRADOS E APLICADOS. [TINOCO, 2009, P.3]

Os métodos para investigação dos danos são subdivididos⁴ em três categorias: o método direto, no qual a exploração é dada através do contato e manipulação in loco; o método indireto, onde as investigações e análises se dão por documentos escritos e iconográficos, assim como testemunhos orais; e o método misto, na qual se vale de todos os recursos descritos acima. Para esse trabalho, pode-se afirmar que até utilizou-se do método direto em algum nível, mas que devido as restrições de acesso ao edifício, em sua generalidade fez-se um trabalho analítico de modo indireto.

Para organização dos dados coletados defende-se a utilização de mapas de danos, descritos como “uma representação gráfica-fotográfica sinóptica, onde são discriminados rigorosa e minuciosamente todos os danos ou deteriorações da edificação”⁵, e as fichas de identificação de danos [FIDS]⁶, que seriam uma base de dados sobre a patologia, indicada nos mapas a sua localização, contendo informações como a “iden-

¹ Ponto 2.2.1, LICHTENSTEIN, 1986, p.5

² Ponto 2.2.2, Idem

³ Ponto 2.2.3, Idem

⁴ TINOCO, 2009, p.5

⁵ Idem, p.15

⁶ Idem, p.16

CARBONARA COMPARA A MANUTENÇÃO COM

A MEDICINA PREVENTIVA, ASSEVERANDO

QUE PODE EVITAR A RESTAURAÇÃO, QUE É

SEMPRE MAIS TRAUMÁTICA.

CONSIDERA A REUTILIZAÇÃO A FORMA

MAIS EFICAZ PARA GARANTIR A PRESER-

VAÇÃO DE UM BEM (...) POIS UM MO-

NUMENTO SEM USO SE DETERIORARIA DE

MODO RÁPIDO, ENQUANTO AQUELE MANTIDO

EM FUNCIONAMENTO PODE DURAR SÉCULOS

[KUHL, 2008, P.207]

tificação do componente ou elemento construtivo” afetado, a data da vistoria ou registro realizado, denominação ou caracterização do dano, manifestação ou sintoma, causa, origem, os agentes propulsores, e possíveis condutas para resolução do problema.

Como pode-se observar, o levantamento das patologias de uma edificação e o estudo desses danos, assim como a elaboração de condutas para conservação, exigem um elevado grau de conhecimento, e compreenssão referentes ao objeto estudado, assim como uma formação especializada nesse campo que envolve o patrimônio edificado. Ao abordar essa temática neste trabalho, não se pretende elaborar um estudo de conservação completo, ao compreender as limitações técnicas, acadêmicas, e de recursos para realizar o mesmo.

Entretanto, apropria-se dos estudos apresentados pelos referidos autores, afim de sinteticamente levantar algumas problemáticas referentes a conservação do objeto estudado, com ênfase aos elementos que tratam de dar reconhecimento e significância a substância do edifício. Considera que negligenciar,

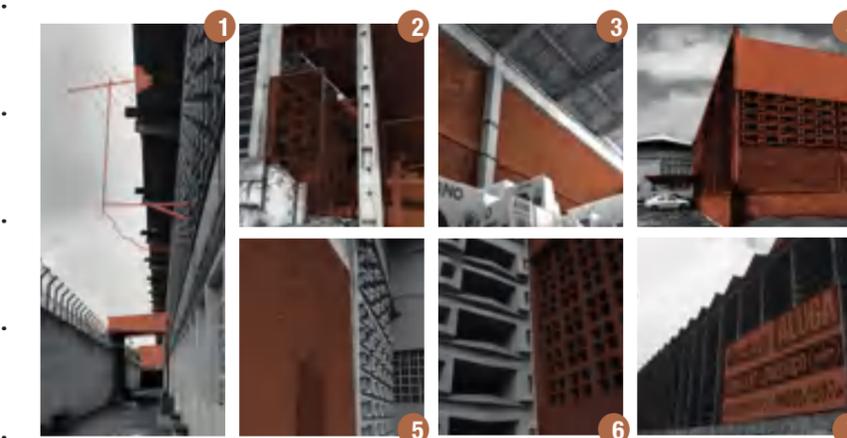
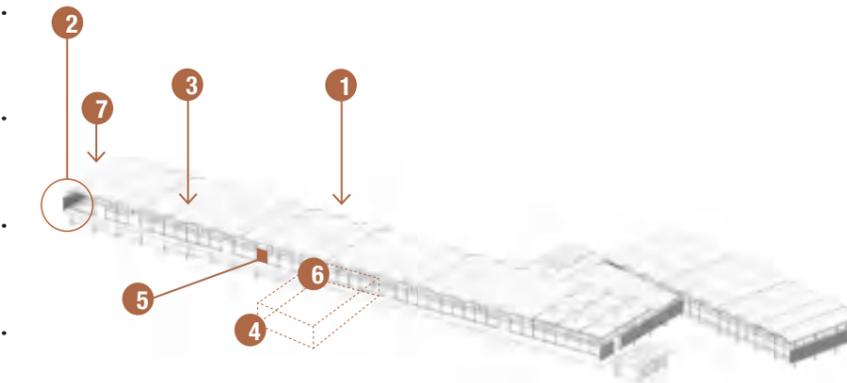
ou omitir, a existência desses danos na elaboração de um estudo projetual para o objeto seria uma insesibilidade a situação real de descaso para com a estrutura do mesmo.

Dito isso, será exposto em um primeiro momento os três principais danos gerais, ou seja que se repetem ao longo de todo o objeto com maior frequência, e em seguida as patologias que acometem especificamente os três elementos construtivos constatados como de maior significado do projeto, sendo eles os cobogós, os brises e o conjunto de estruturas de suporte a cobertura. Por fim, será apresentado um quadro síntese que avalia de forma superficial o estado de conservação dos sistemas que compreendem a Wallig Nordeste.

Dentre as patologias gerais destaca-se a presença de elementos parasitários, ou “interferência de elementos não pertencentes à construção”⁷, geralmente esse dano decorre da “falta de estrutura no local” que leva a instalação de novos equipamentos.

Nesse caso, trata da adaptação ao novo uso empregado, levando a inserção de equipamentos como antenas parabólicas,

COMPONENTE	FACHADAS
DANO	ELEMENTOS NÃO PERTENCENTES AO PROJETO ORIGINAL / ELEMENTOS PARASITÁRIOS
SINTOMA	NOVAS CONSTRUÇÕES, ALVENARIA VEDANDO ELEMENTOS VAZADOS, PLACAS, FIOS, CANOS, ANTENAS, E OUTROS ELEMENTOS NÃO ORIGINAIS.
EXTENSÃO	PARCIAL
MANIFESTAÇÃO	FACHADAS LESTE, NORTE E SUL
CAUSA	ADAPTAÇÃO DE USO SEM PROJETO ESPECIALIZADO; INSERÇÃO DE ELEMENTOS NÃO PREVISTOS EM PROJETO ORIGINAL; MÃO DE OBRA INADEQUADA
FENÔMENO	ANTRÓPICO OU BIOLÓGICO; AÇÃO HUMANA
CONDUTA	REMOÇÃO DE ELEMENTOS QUE DESCARACTERIZAM O EDIFÍCIO; REALIZAR PROJETO DE ADAPTAÇÃO COM ACOMPANHAMENTO TÉCNICO



⁷ ACHIAMIÉ e HAUTEQUESTT, 2017, p.50

[FIGURA 82] Ficha de Identificação de Danos_FD 01_Elementos Parasitários. Fonte: LEITE, Julia; DINIZ, Diego; MELO, Nádia, 2019.

caixas d'água, placas sobre os elementos vazados, e grades, problemas representados nos pontos [FID 01] 1, 2 e 7, respectivamente, possuindo caráter mais efêmero, facilitando a remoção dos mesmos; entretanto a sua instalação através de mão de obra inadequada, e a permanência desses por longos períodos podem ocasionar em outras patologias que agravem a situação da estrutura, além de poluírem visualmente as fachadas do edifício.

Os danos de interferência representados nos pontos [FID 01] 3, 4, 5 e 6, que tratam da construção de alvenaria interna para dividir o ambiente, ampliação de galpão original aplicando os planos de cobogós retirados nos novos limites, a remoção do portão original e construção de nova alvenaria para reduzir o acesso, e aplicação de uma nova tipologia de cobogó, respectivamente, apresentam todos caráter fixo e conseqüentemente acarretam maiores danos a substância ao tratar da problemática.

Essas manifestações também decorrem da tentativa em adaptar a nova função, mas tratam de denegrir o objeto por não apoiar-se em um projeto de restauro ou acompanhamento técnico

adequado. O fenômeno gerador dessa patologia é a má utilização da estrutura, classificando-o como de caráter "biológico"⁸, ou "antrópico"⁷, uma vez que decorre da ação humana.

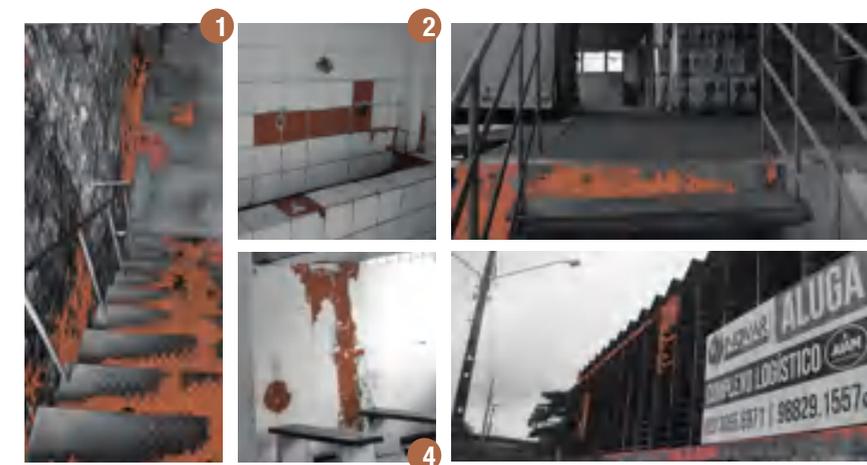
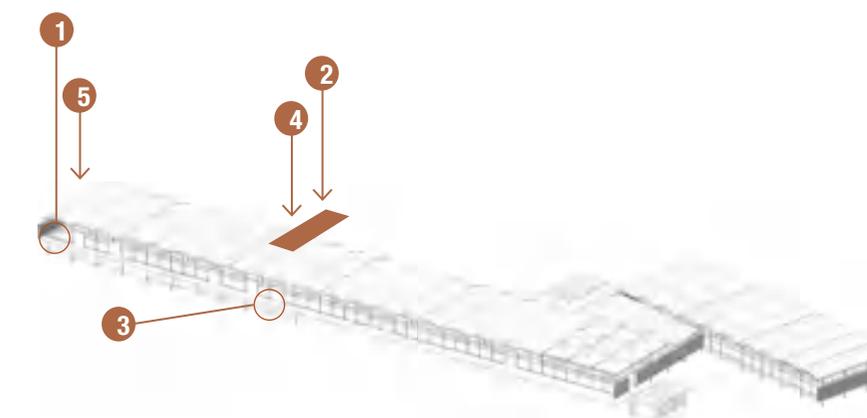
O segundo quadro apresentado trata dos danos "crosta negra"⁹, quando afeta as áreas externas, e "sujicidade"⁹, quando afeta as áreas internas, nos quais as superfícies do edifício, geralmente por conta de relevos ou reentrâncias, apresentam um "enegrecimento progressivo"⁹, por acúmulo de partículas de poeira ou de poluição atmosférica, e principalmente associado ao contato com água da chuva que potencializa a incrustação desses componentes no substrato.

No caso estudado, aponta-se como sujicidade as patologias representadas nos pontos [FID 02] 1, escadarias internas de acesso ao subsolo adjacentes as alvenarias, 2 e 4, estruturas hidro-sanitárias do subsolo; e crosta negra nos pontos [FID 02] 3, escadas e patamares de acesso fachada norte, e 5, panos de brises fachada leste, mas de modo geral, acometem as vedações e pisos ao longo de todo o edifício. Observa-se que essa situação decorre sobretudo da falta de manutenção periódica

⁸ LICHTENSTEIN, 1986, p.34

⁹ ACHIAMIÉ e HAUTEQUESTT, 2017, p.28

COMPONENTE	VEDAÇÕES E PISOS
DANO	CROSTA NEGRA OU SUJICIDADE
SINTOMA	ENEGRECIMENTO PROGRESSIVO DA SUPERFÍCIE DO EDIFÍCIO; MANCHAS
EXTENSÃO	TOTAL
MANIFESTAÇÃO	BRISE; ESTRUTURAS DA FACHADA LESTE E OESTE; VIGAS
CAUSA	ACÚMULO DE PARTÍCULAS DE POEIRA E/OU DE POLUIÇÃO COMO FULIGEM; FALTA DE MANUTENÇÃO PERIÓDICA
FENÔMENO	FÍSICO / QUÍMICO
CONDUTA	LIMPEZA DO LOCAL AFETADO; EM CASO DA REAÇÃO QUÍMICA CORROER O ELEMENTOS, SUBSTITUIÇÃO OU REMOÇÃO DO MATERIAL AFETADO



[FIGURA 83] Ficha de Identificação de Danos_FID 02_Crosta Negra ou Sujicidade. Fonte: LEITE, Julia; DINIZ, Diego; MELO, Nádia, 2019.

na estrutura, que pode ser solucionado através da limpeza dos locais afetados, entanto, também pode-se levar a corrosão por reações químicas dos elementos afetados, que terão que ser restaurados ou removidos, a fim de não contaminar demais partes do edifício.

Outro problema encontrado trata da exposição de ferragens[FID 03], ocasionada pela remoção das marquises originalmente dispostas sobre os vãos de acesso na fachada norte, para além do problema de descaracterização de um elemento construtivo do projeto original, a situação na qual se encontra as vigas do tipo verga é preocupante devido ao provável contato dessa amarração com partículas de água que levam a oxidação das ferragens, essa umidade pode ser transmitida também a outras estruturas, podendo ocasionar um colapso no sistema estrutural do edifício.

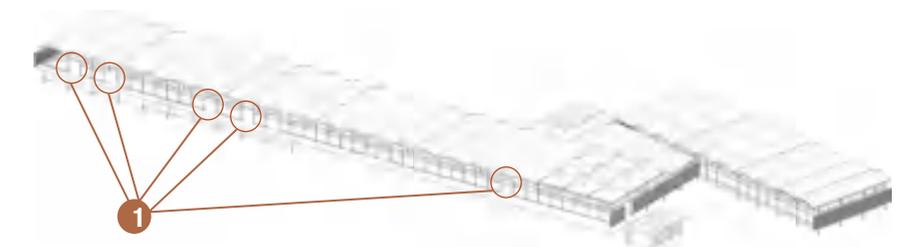
Esse dano também trata de um problema de biológico de ação humana, que posteriormente leva a um fenômeno químico de deterioração da estrutura; algumas condutas que podem ser aplicadas no caso seria a remoção do elementos expostos, ou

seja a substituição das vergas que se encontram no local, e a proteção através de agentes impermeabilizantes das estruturas adjacentes a essa.

Trazendo à tona os elementos significativos, observa-se alguns danos que os afetam, e que devido a sua importância devem ser observados com maior atenção, uma vez que esses tratam de dar significância a obra. Quanto aos cobogós, observa-se que para adaptar os pavilhões a função de depósito há tentativas de vedar os planos originalmente vazadas, como representado nos pontos [FIGURA 85] 1, onde constreem-se alvenarias nos vazios dos elementos, e 2, no qual aplica-se um telado na parte interna.

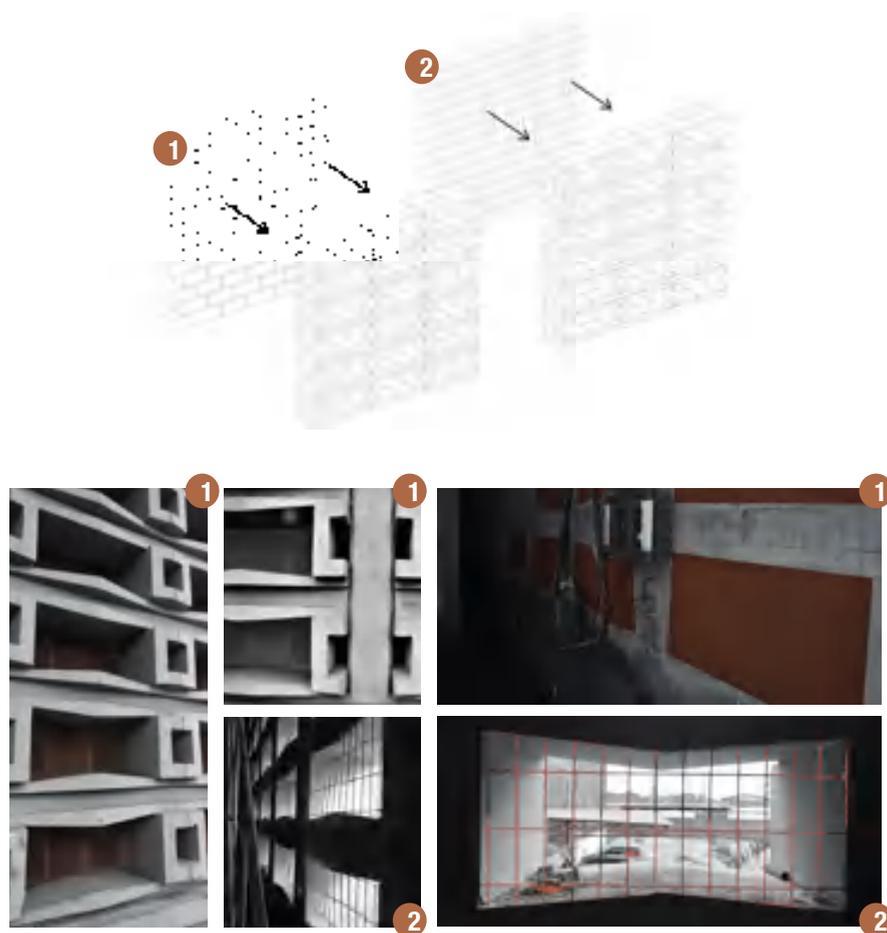
Os danos citados também são considerados a inserção de elementos parasitários, e ocasionam de uma adaptação sem projeto e acompanhamento técnico, o fenômeno ocasionado pela ação humana deve ser tratado em uma remoção cuidadosa, sobretudo no caso da inserção de alvenaria, para que não haja danificação dos cobogós. Além disso, a aplicação desses planos que tratem limitar a entrada de agentes externos por esses

COMPONENTE	VIGA TIPO "VERGA"
DANO	FERRAGEM EXPOSTA
SINTOMA	EXPOSIÇÃO DAS BARRAS DE AÇO
EXTENSÃO	PONTUAL
MANIFESTAÇÃO	ACIMA DOS ACESSOS DA FACHADA NORTE
CAUSA	REMOÇÃO DE MARQUISES
FENÔMENO	ANTRÓPICO OU BIOLÓGICO; AÇÃO HUMANA
CONDUTA	REMOVER ELEMENTOS EXPOSTOS; PROTEGER COMPONENTE ESTRUTURAL CONTRA AÇÕES ATMOSFÉRICAS



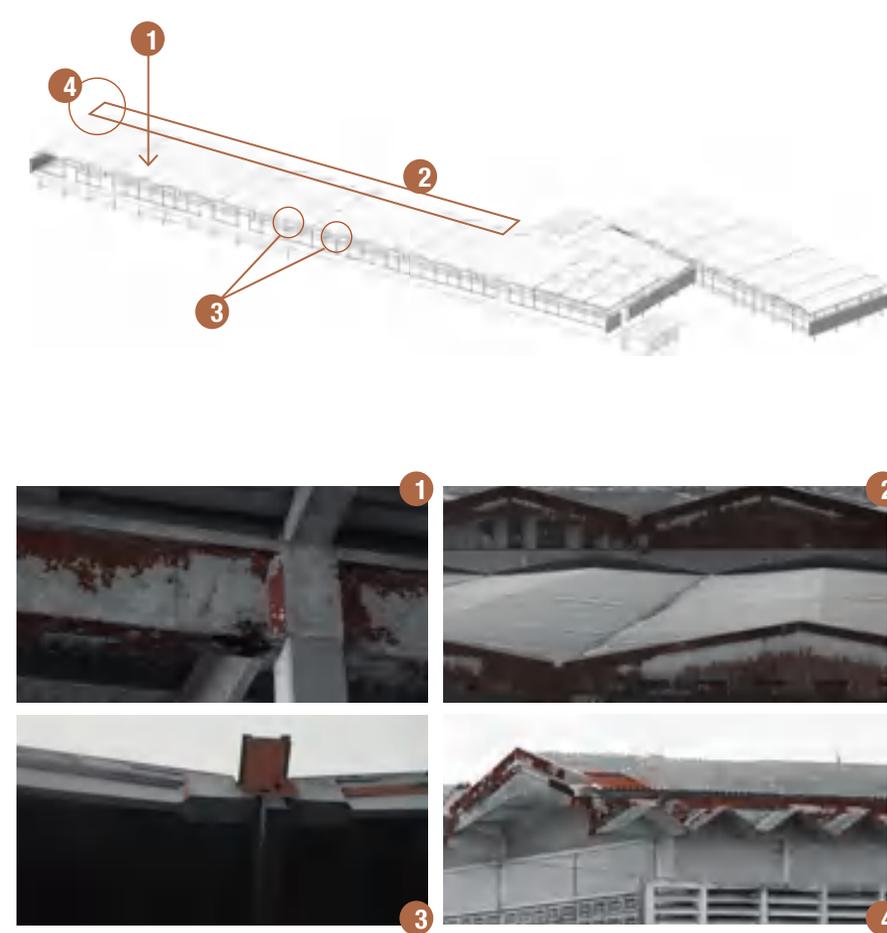
[FIGURA 84] Ficha de Identificação de Danos_FID 03_Ferragem Exposta. Fonte: LEITE, Julia; DINIZ, Diego; MELO, Nádia; 2019.

COMPONENTE	COBOGÓS
DANO	ELEMENTOS NÃO PERTENCENTES AO PROJETO ORIGINAL / ELEMENTOS PARASITÁRIOS
SINTOMA	NOVAS CONSTRUÇÕES, ALVENARIA E TELAS VEDANDO ELEMENTOS VAZADOS,
EXTENSÃO	PARCIAL
MANIFESTAÇÃO	COBOGÓS DO TIPO 01, FACHADA NORTE
CAUSA	ADAPTAÇÃO DE USO SEM PROJETO ESPECIALIZADO; INSERÇÃO DE ELEMENTOS NÃO PREVISTOS EM PROJETO ORIGINAL;
FENÔMENO	ANTRÓPICO OU BIOLÓGICO; AÇÃO HUMANA
CONDUTA	REMOÇÃO DE ELEMENTOS QUE DESCARACTERIZAM O ELEMENTO CONSTRUTIVO EM SEU CARÁTER VAZADO.



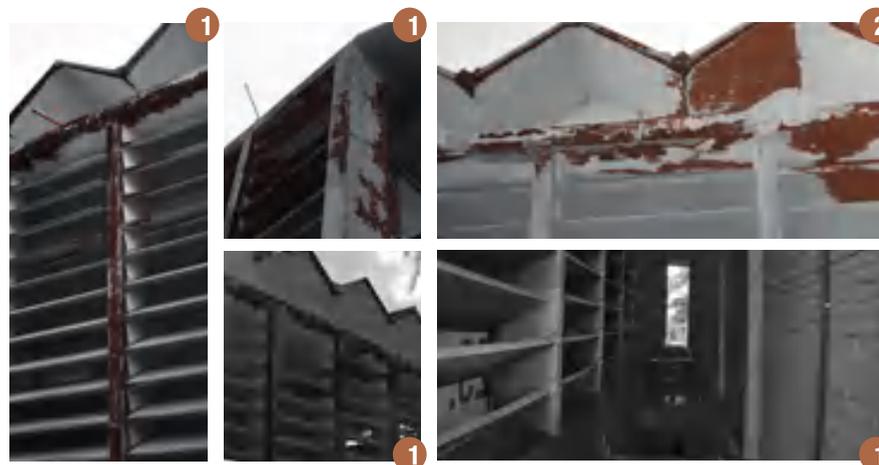
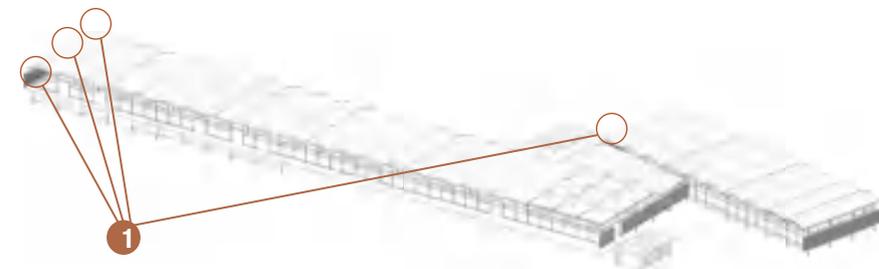
[FIGURA 85] Ficha de Identificação de Danos_Cobogós. Fonte: LEITE, Julia, 2020

COMPONENTE	FACHADAS
DANO	CROSTA NEGRA OU SUJICIDADE
SINTOMA	ENEGRECIMENTO PROGRESSIVO DA SUPERFÍCIE DO EDIFÍCIO; MANCHAS
EXTENSÃO	PARCIAL
MANIFESTAÇÃO	FACHADAS LESTE, NORTE E SUL
CAUSA	ACÚMULO DE POLUIÇÃO; FALTA DE MANUTENÇÃO PERIÓDICA
FENÔMENO	FÍSICO / QUÍMICO
CONDUTA	MANUTENÇÃO DOS ELEMENTOS COM LIMPEZA E IMPERMEABILIZAÇÃO

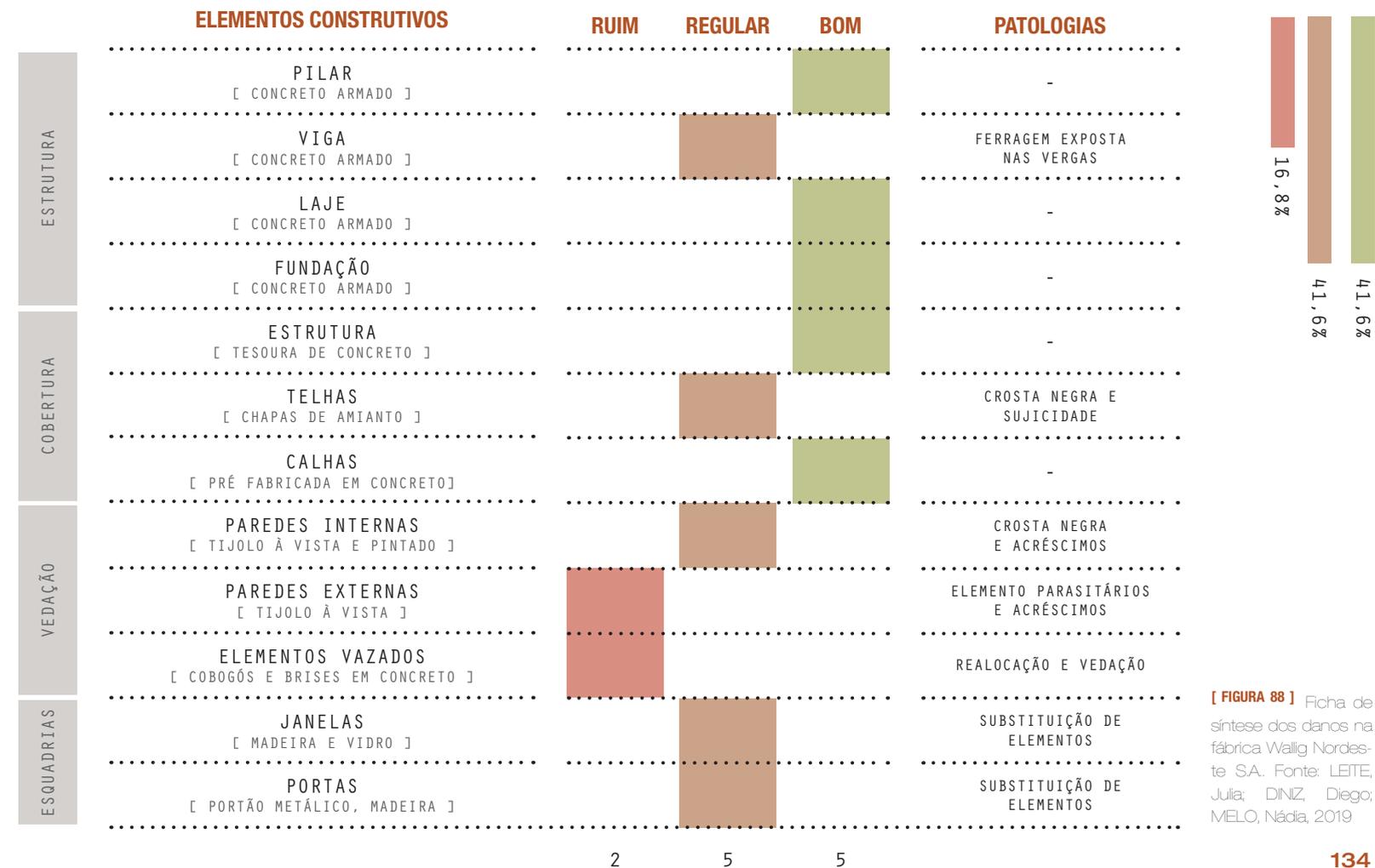


[FIGURA 86] Ficha de Identificação de Danos_Estrutura de Suporte Cobertura. Fonte: LEITE, Julia, 2020

COMPONENTE	BRISES
DANO	CROSTA NEGRA OU SUJICIDADE
SINTOMA	ENEGRECIMENTO PROGRESSIVO DA SUPERFÍCIE DO EDIFÍCIO; MANCHAS
EXTENSÃO	PARCIAL
MANIFESTAÇÃO	FACHADAS LESTE
CAUSA	ACÚMULO DE PARTICULAS DE POEIRA; FALTA DE MANUTENÇÃO PERIÓDICA; ACÚMULO DE ÁGUA;
FENÔMENO	FÍSICO / QUÍMICO
CONDUTA	MANUTENÇÃO DOS ELEMENTOS COM LIMPEZA E IMPERMEABILIZAÇÃO



[FIGURA 87] Ficha de Identificação de Danos_Brises. Fonte: LEITE, Julia, 2020



[FIGURA 88] Ficha de síntese dos danos na fábrica Wallig Nordeste S.A. Fonte: LEITE, Julia; DINIZ, Diego; MELO, Nádia, 2019

elementos podem sinalizar um problema projetual que dificulta a utilização do edifício, por outro lado, estratégias para tratar a problemática devem ser melhor estudadas.

Quanto aos brises e estruturas de suporte da cobertura, ambos elementos pré fabricados em concreto, em constante contato com a área externa, apresenta-se manchas que sinalizam o dano da crosta negra como tratado anteriormente. Aponta-se novamente a falta de manutenção, limpeza das coberturas e elementos horizontais que tendem ao acúmulo de partículas, assim como a ausência tratamentos químicos para impermeabilização periódicos, que podessem proteger os elementos da ação da água.

Por fim, procurou-se realizar uma síntese que apontasse os estado dos elementos e sistemas construtivos que compõem a Wallig, de acordo com a gravidade dos danos apresentados acima, a fim de obter um panorama geral do estado de conservação do edifício, e apontar diretrizes no estudo projetual para as questões levantadas. Reforça-se novamente o caráter apenas indicativo das análises realizadas, que careceriam de apro-

fundamente técnico para aplicação de um estudo conservativo.

Nessa síntese, é possível concluir que o edifício aparenta um estado bom/regular de conservação, uma vez que os danos apontados são em grande maioria solucionados através de manutenções periódicas, e são advindos do grande período sem utilização da estrutura e ingerência da gestão atual em tratar o edifício de forma adequada. Quanto aos danos mais preocupantes e de difícil solução, levando a abordagens mais drásticas como remoção ou substituição de elementos, se estendem de forma mais pontual, tratando de não comprometer o edifício de forma generalizada.

A REUTILIZAÇÃO É, SEM DÚVIDA, A FORMA MAIS PARADOXAL, AUDACIOSA E DIFÍCIL DE VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL. (...) ATRIBUIR-LHE UM NOVO DESTINO É UMA OPERAÇÃO DIFÍCIL E COMPLEXA, QUE NÃO SE DEVE FUNDAR APENAS SOBRE UMA SEMELHANÇA COM O DESTINO ORIGINAL. ESSE DESTINO DEVE, ANTES DE TUDO, TER EM CONTA O ESTADO MATERIAL DO EDIFÍCIO QUE, HOJE EM DIA, EXIGE SER APRECIADO EM FUNÇÃO DO FLUXO DOS SEUS UTILIZADORES POTENCIAIS.

[CHOAY, 2017, P. 233 - 234]

PRO POS TA

////// 04



índice

139	MEMORIAL JUSTIFICATIVO 1.1. APRESENTAÇÃO 1.2. PRINCÍPIOS PROJETUAIS
143	ANÁLISE AMBIENTAL 2.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL 2.2. RELEVO, VEGETAÇÃO E ASPECTOS CLIMÁTICOS 2.3. USO E OCUPAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO URBANA E TRANSPORTE 2.4. LEGISLAÇÃO
153	DADOS PROJETUAIS 3.1. SESI I SENAI 3.2. PROGRAMA DE NECESSIDADES + PRÉ DIMENSIONAMENTO 3.5. GRÁFICO DE ÁREAS 3.4. ORGANOGRAMA 3.5. ZONEAMENTO
161	PROPOSTA ¹ 4.1. AGENCIAMENTO PAISAGÍSTICO 4.2. PERSPECTIVAS

memorial justificativo

apresentação // 1.1

Como vem sendo tratado ao longo dos capítulos anteriores, esse trabalho tem por objetivo elaborar um projeto de intervenção na Fábrica Wallig Nordeste S.A., a fim de demonstrar as possibilidades de reabilitação, como ato de salvaguarda, através da concepção arquitetônica. Para isso, segue-se os critérios apresentados pelas cartas patrimoniais e autores tratados no capítulo de conceituação, de mesmo modo, guia-se pelos apontamentos realizados em projetos de referência, analisados na seção de estudos correlatos.

Observou-se, ao longo dessas análises, o distanciamento do objeto para com a sua função histórico-cultural no decorrer dos anos, posicionando a realidade desse edifício em contradição com a Carta de Nizhny Tagil, que afirma a importância da perpetuação do acervo industrial; com os estudos de Françoise Choay, ao tratar do papel memorial do patrimônio, e consequente importância da proteção do passado para uma perspectiva de futuro; e em contradição com as colocações da professora KUHL, ao demonstrar o perigo da obsolescência funcional, e disvirtuação da substância dos artefatos com reformas travestidas de intervenção.

Na análise do objeto arquitetônico, foi concluído que a Wallig encontra-se aquém de proteções normativas como acervo patrimonial, apesar de seu papel de protagonismo no processo de implantação do Distrito Industrial em Campina Grande, como pontuado na dimensão histórica; além de passar, como consequência da sua deproteção, por transformações espaciais, sociais e econômicas advindas desse processo, como relatado nas dimensões espacial e funcional.

Ainda nesse capítulo, foi observado aspectos tectônicos que tratam de diferenciar essa estrutura das demais que utilizavam pré-fabricação há época, tornando esse edifício um dos testemunhos desse relato histórico. No todo, associado a análise da forma e conservação, concluiu-se que o reconhecimento da Fábrica Wallig na cidade tem se apagado rapidamente nos últimos anos, uma vez que sua identidade formal tem sido encoberta pelas adaptações indevidas e modificações na paisagem, e sua condição física posta em risco, pela falta de manutenção e descaracterizações que tratam de danificar seus elementos significativos.

Tendo em vista as questões rememoradas acima, o estudo projetual propõe a adaptação a um novo uso, uma vez que a função desempenhada na atualidade têm tratado de descaracterizar a obra, dificultando a preservação desse testemunho para as futuras gerações, e distanciando essa de sua função de memória e cultura, de forma abrangente à população.

Quanto ao novo uso, propõe-se a ampliação da unidade SENAI CITI, escola técnica de aprendizagem industrial, voltado a formação e capacitação de técnicos para o setor da indústria na cidade, vinculada ao centro social, cultural e de lazer SESI, no entorno da fábrica Wallig. Esta última citada tem enfrentado problemas com a disponibilidade de espaços, podendo aumentar sua demanda e oferta de serviços através dessa ampliação.

Desse modo, organizou-se este capítulo propositivo em duas etapas, uma que destina-se a tratar dos estudos pré-projetuais, apresentando os princípios e partido que serão adotados para intervenção, a análise ambiental, que trata dos condicionantes de proteção do estudo a ser realizado, tratando de focar nos caminhos que levaram a escolha do uso proposto e suas impli-

cações, e os dados projetuais, que delimita as características para concepção a ser realizada.

O PROJETO ENQUANTO PROCESSO POSSUI CAMINHOS A SEREM SEGUIDOS, NOS QUAIS É NECESSÁRIA A DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA A SER ATENDIDO, UM LUGAR NO QUAL SERÁ IMPLANTADO O EDIFÍCIO, E UM MODO DE CONSTRUIR A SER DETERMINADO. ESSE CONJUNTO DE PREMISSAS É ELABORADO GRAFICAMENTE EM UM DESENHO QUE OPERA COMO MEDIADOR ENTRE A IDEIA DO PROJETO E SUA REALIZAÇÃO CONCRETA.

OS CONDICIONANTES PROJETUAIS INTERFEREM DIRETAMENTE NA TOMADA DE DECISÕES, DEVENDO SER CONSIDERADO ASPECTOS COMO AS NECESSIDADES DO CLIENTE; AS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS DO LUGAR A SER IMPLANTADA A OBRA (CLIMA, VEGETAÇÃO, RELEVO, ETC); OS CUSTOS QUE PODERÃO SER INVESTIDOS NA OBRA, INTERFERINDO NA ESCOLHA DOS MATERIAIS, SISTEMAS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS; ENTRE OUTROS. [AFONSO 2019, P. 3- 4]

Na segunda etapa, destinada a apresentação da proposta, trata de descrever as soluções projetuais representadas nos desenhos arquitetônicos, e a sua relevância em responder as problemáticas levantadas nos estudos realizados nesse trabalho.

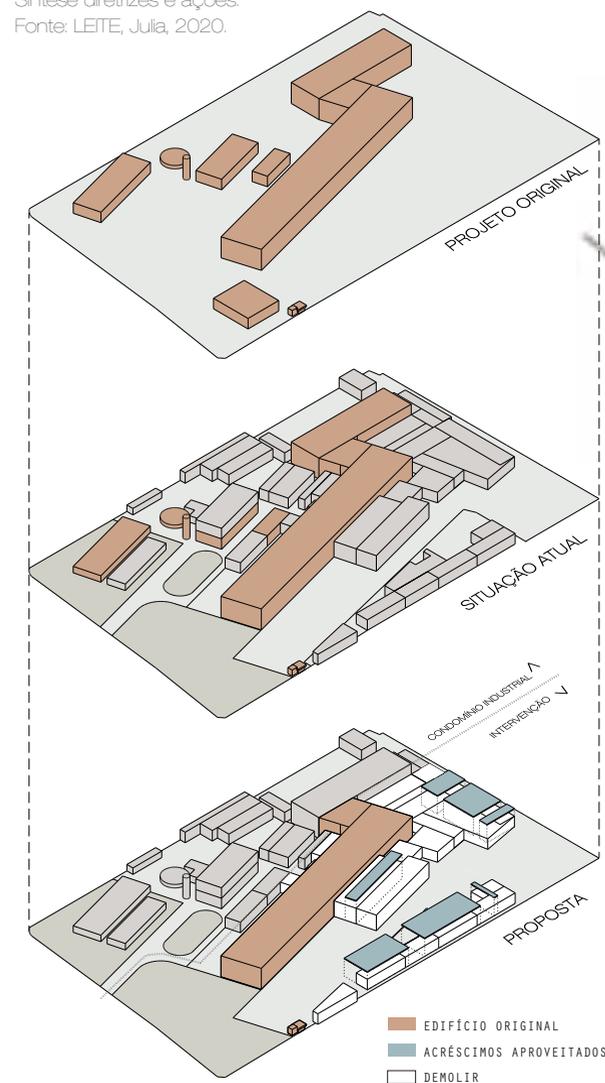
princípios projetuais // 1.2



[FIGURA 89] Conceito de Projeto. Fonte: LEITE, Júlia, 2020.

[FIGURA 90]

Síntese diretrizes e ações.
 Fonte: LEITE, Júlia, 2020.



TRATAMENTO DA INTERLIGAÇÃO ENTRE O EDIFÍCIO A SER RESTAURADO E COND. INDUSTRIAL.

DISTANCIAMENTO FÍSICO DE ANEXO E EDIFÍCIO ORIGINAL.

AV. ASSIS CHATEAUBRIAND

AV. JOÃO WALDO

INDUÇÃO DO PEDESTRE AO INTERIOR DO CONJUNTO PELO TRAÇADO

CONEXÃO COM SISTEMA DE CICLOFAIXAS MUNICIPAL

TRECHO DE VIA COMPARTILHADA PARA DIMINUIÇÃO DA VELOCIDADE NA VIA

UNIFICAÇÃO DE ACESSO DE AUTOMÁVEIS PARA OTIMIZAÇÃO DE CONTROLE EM VIA DE MENOR FLUXO

análise ambiental

caracterização geral // 2.1

LOCALIZAÇÃO

AV. JOÃO WALIG - AV. ASSIS CHATEAU BRIAND, 2640
DISTRITO INDUSTRIAL I _ CAMPINA GRANDE_PB_NORDESTE_BRASIL

ESTRATÉGIAS PROJETOIS [NBR15220]¹

PARÂMETRO APLICADO AO OBJETO

VENTILAÇÃO CRUZADA² ATENDE BEM A ESTRATÉGIA, COM RES-
DURANTE TODO O ANO, COM SALVA AO POUCO CONTROLE DE EN-
ATENÇÃO AO VERÃO TRADA DE VENTILAÇÃO POR PARTE DO
DEZEMBRO - FEVEREIRO USUÁRIO.

ABERTURAS ATENÇÃO A PARTE CENTRAL DOS PAVI-
GRANDES E SOMBREADA LHÕES , ONDE DEVIDO AOS GRANDES
VÃOS A ILUMINAÇÃO TORNA-SE INSU-
FICIENTE.

VEDAÇÕES PEQUENA MASSA TÉRMICA DA COBERTU-
MAIOR MASSA TÉRMICA³ PARA RA AMENIZADA PELO DISTANCIAMENTO
AUMENTO DA INÉRCIA NAS TRO- DO PÉ DIREITO, ATENÇÃO A UTILI-
CAS DE CALOR. ZAÇÃO DE FORROS NOS ENTREPISOS.

¹ Desemprenho térmico de edificações, setembro de 2005, p. 3

² Aberturas em um determinado ambiente ou construção são dispostas em paredes opostas ou adjacentes, permitindo a entrada e saída de ar.

³ Propriedade da massa de um edifício que permite armazenar calor, fornecendo "inércia" contra as flutuações de temperatura.



[FIGURA 91] Localização.
Fonte: LEITE, Julia, 2020.

relevo, vegetação e aspectos climáticos // 2.2

RELEVO

PREDOMINANTEMENTE PLANO
TOPOGRAFIA DESCENDENTES NO
SENTIDO SUDESTE

VEGETAÇÃO

MASSA VEGETATIVA EXISTENTE

ARBORIZAÇÃO PRÉ EXISTENTE
SOBRETUDO NAS FACES
LESTE E NORTE DO LOTE

CARTA SOLAR

REPRESENTA A PROJEÇÃO DAS
TRAJETÓRIAS SOLARES AO
LONGO DA ABÓBADA CELESTE,
DURANTE TODO O ANO, DIZ A
POSIÇÃO EXATA DO SOL EM DE-
TERMINADO MOMENTO.

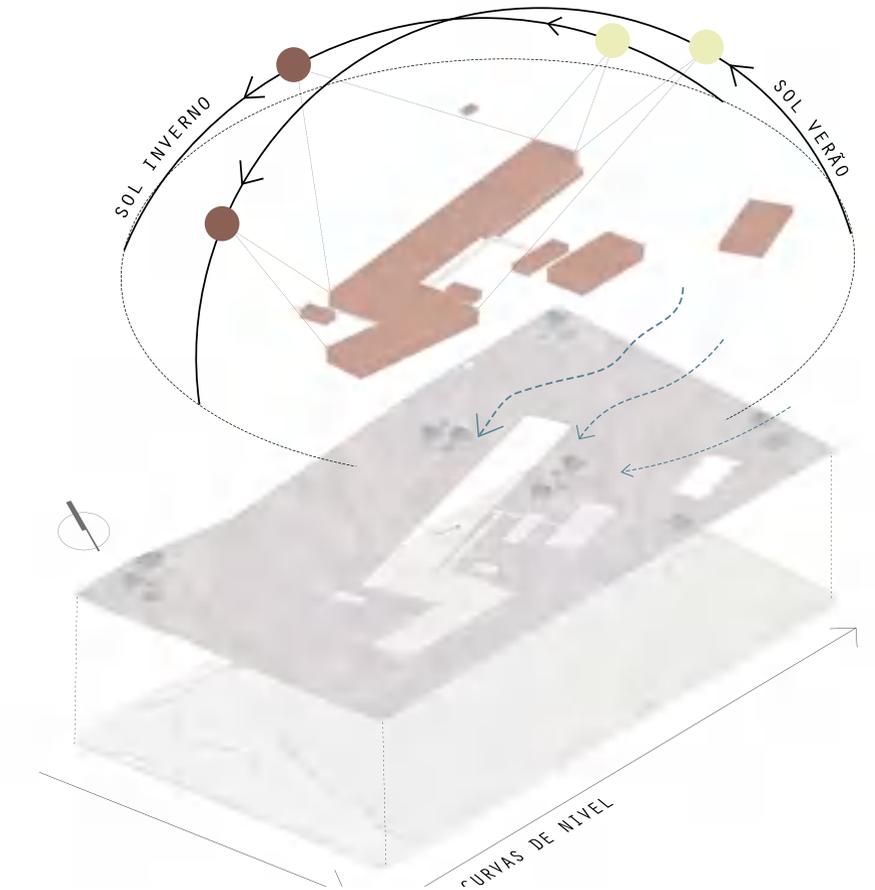
SOL NO VERÃO INCIDE SOBRE AS FA-
CHADAS SUDESTE PELA MANHÃ E OESTE
PELA TARDE, NAS QUAIS DISPÕEM-SE
OS COBOGÓS DE DESENHO MAIS FECHA-
DOS E PLANOS DE BRISES.

NO INVERNO, O SOL PELA MANHÃ IN-
CIDO SOBRE A FACHADA NORDESTE, E
PELA TARDE NA FACHADA NORTE.

ROSA DOS VENTOS

MOSTRA AS ESTATÍSTICAS SO-
BRE O VENTO, REUNIDAS AO
LONGO DO TEMPO.

PREDOMINÂNCIA DOS VENTOS ADVIN-
DOS DO LESTE, QUE POSSUI FACHADAS
PERMEÁVEIS DE PEQUENO DIMENSIONA-
MENTO, COM A INEXISTÊNCIA DE ELE-
MENTOS QUE FORCEM A ENTRADA DOS
VENTOS DESSA DIREÇÃO O DIRECIO-
NAMENTO PARA A PARTE INTERNA DO
EDIFÍCIO É DIMINUÍDA.
ATENDE BEM A VENTILAÇÃO SUDESTE.



[FIGURA 92] Diagrama Síntese topografia, carta solar, rosa dos ventos. Fonte: LEITE, Julia, 2020.

uso e ocupação, caracterização urbana e transporte // 2.3

VIA ARTERIAL

AV. ASSIS CHATEAUBRIAND

LOCALIZA-SE NA FACE LESTE DO LOTE DA WALLIG, E POSSIBILITA O TRÂNSITO ENTRE AS REGIÕES DA CIDADE, SUPORTANDO GRANDES DESLOCAMENTOS.

PRIVILEGIA O DESLOCAMENTO AO LONGO DA PRÓPRIA AVENIDA. FACILIDADE DE ACESSO PARA COM AS DEMAIS ÁREAS DA CIDADE, TANTO POR TRANSPORTE PRIVADO¹, QUANTO PELO TRANSPORTE COLETIVO, UMA VEZ QUE OS QUATRO PONTOS DE ÔNIBUS LOCADOS NESSA VIA, EM UM RAIO DE 400M DA WALLIG, ATENDEM AS LINHAS² 004, 044, 944 E 944A, AS QUAIS PERCORREM O TRAJETO DIRETO DO CENTRO DA CIDADE, COM TEMPO DE ESPERA ESTIMADO DE 15MIN ENTRE OS ÔNIBUS.

VIA COLETORA

AV. JOÃO WALLIG

LOCALIZA-SE HÁ UMA QUADRA DA FACE NORTE DO LOTE DA FÁBRICA, TRATA DE COLETAR E DISTRIBUIR O TRÂNSITO QUE TENHA NECESSIDADE DE ENTRAR OU SAIR DAS VIAS DE TRÂNSITO RÁPIDO, OU ARTERIAIS, NESSE CASO CONECTA A AV. ASSIS CHATEAUBRIAND A BR-230 E AV. JUSCELINO KUBITSCHEK, INTELIGANDO OS BAIRROS DO ITARARÉ, TAMBOR, NOVO CRUZEIRO E PALMEIRA IMPERIAL. ENCONTRAM-SE DOIS PONTOS DE ÔNIBUS HÁ UM RAIO DE 400M DA WALLIG NESSA VIA DA LINHA 111 DO TRANSPORTE COLETIVO, ESSA TEM O MAIOR ALCANCE EM APENAS UMA ROTA DAS LINHAS DISPONÍVEIS PARA LOCALIDADE, TRANSITANDO DO EXTREMO NORTE DA CIDADE ATÉ O ENTORNO DA ÁREA ESTUDADA, NO EXTREMO SUL. POSSUÍ UM TEMPO ESTIMADO DE ESPERA DE 30MIN EM MÉDIA.

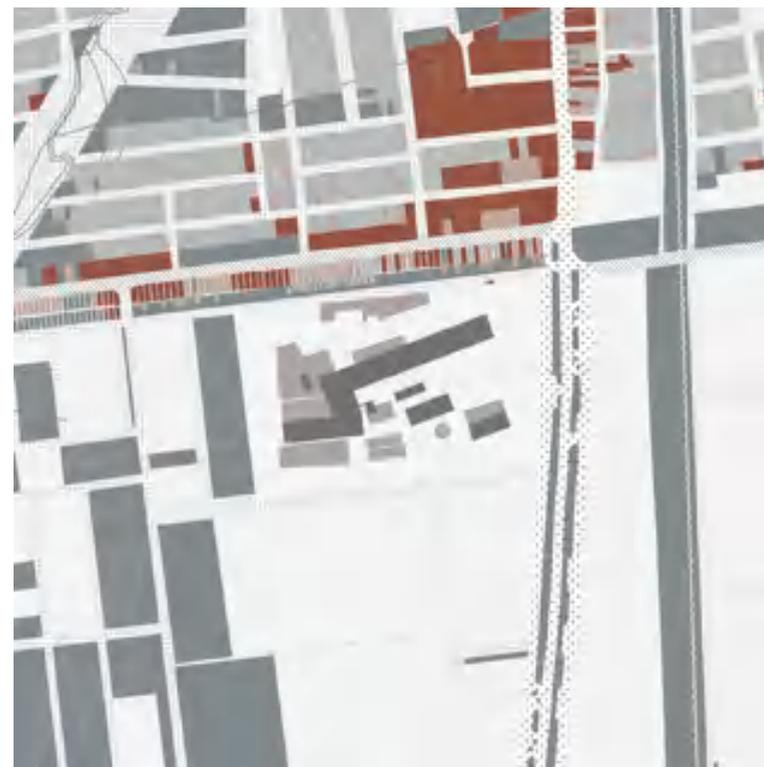
VIA LOCAL

DEMAIS RUAS

CLASSIFICAM-SE COMO VIAS LOCAIS, UMA VEZ QUE EM SUA MAIORIA NÃO SÃO SEMAFORIZADAS, DESTINANDO-SE APENAS AO ACESSO LOCAL E RESTRITO, GERALMENTE TRANSITADAS PELOS PRÓPRIOS MORADORES DA LOCALIDADE. POSSUI DOIS PONTOS DA LINHA 111.

¹ Percurso do Centro da Cidade até a Wallig de 5,2km, percorridos em 12min em veículo particular segundo Google Maps.

² Dados disponíveis em stp.campinagrande.pb.gov.br/transportes/onibus/linhas-de-onibus/, acesso em junho de 2020



[MAPA 08] MAPA DE USOS E VIAS EM RECORTE DE 1000m X 1000m

Fonte: SEPLAN-CG, 2011,e Google Earth, 2019, Adptado por LEITE, Julia 2020.



[MAPA 09] MAPA DE CHEIOS E VAZIOS + GABARITOS EM RECORTE DE 1000m X 1000m.

Fonte: SEPLAN-CG, 2011,e Google Earth, 2019, Adptado por LEITE, Julia 2020.

Associando o mapa de usos, analisado anteriormente na dimensão espacial externa, com o mapa de cheios e vazios¹ [MAPA 09], e os gabaritos das edificações no recorte estudado, pode-se concluir que há uma maior proporção de área construída na parcela norte da amostra, seja pelo uso em maior parte residencial e comercial, quanto pela menor escala dos edifícios, e pequenos lotes.

Na parcela sul da amostra predomina o uso industrial, mas observa-se ainda a presença de grandes vazios urbanos, valorizando a apropriação para usos informais como espaço para lazer, criação de animais e acúmulo de lixo, como pontuado na análise dos comportamentos na seção das dimensões.

Quanto aos gabaritos, em sua maioria não ultrapassam o limite de dois pavimentos, com poucas exceções de alguns residenciais multifamiliares de 4 pavimentos, galpões fabris que chegam a três pavimentos, como no caso do antigo galpão de divisão pessoal da Wallig, o qual foi descaracterizado com a inserção de um novo pavimento.

¹ Mapa que busca analisar as construções (cheios) e os espaços não construídos (vazios), tratando de nortear quanto a densidade construtiva, ou seja, a proporção de área construída em relação a área livre em determinado território

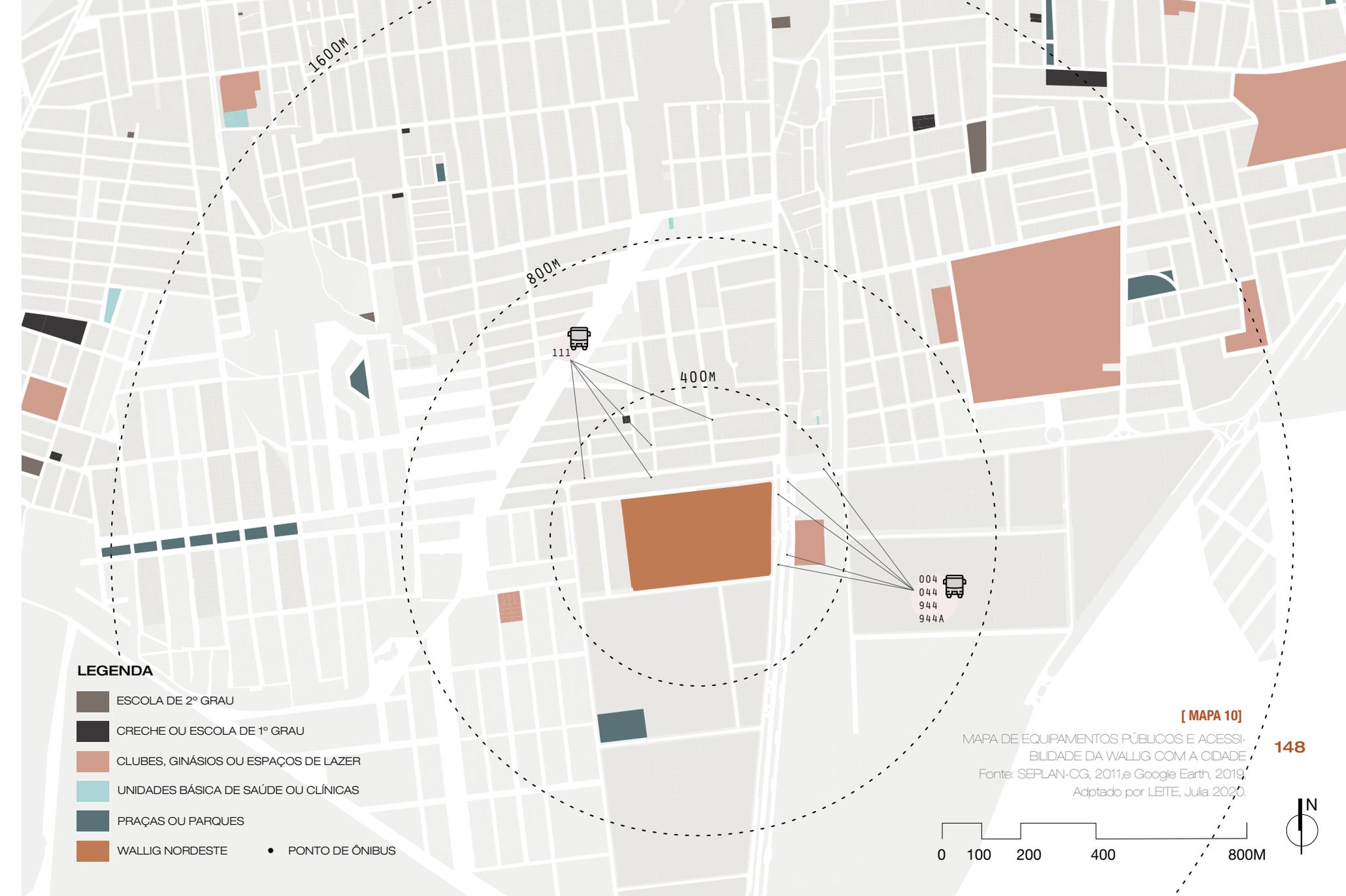
Para uma melhor compreensão das carências de serviços no local em que insere-se o objeto estudado, entendendo a importância de buscar uma proximidade com a realidade existente, e de como apontado nos estudos correlatos, a necessidade do programa atender a necessidade da comunidade, desse modo, procurou-se realizar um estudo da disponibilidade de equipamentos comunitários² [MAPA 10] em relação a Fábrica da Wallig.

Considerou pertinente sinalizar tanto os equipamentos públicos quanto privados, apropriando-se dos estudos de CASTELLO [2013], que define raios de abrangência máximo para cada equipamento. A autora define três parâmetros de distância, sendo eles 400m, 800m, e 1600m, como pode-se observar ao lado; tendo por objetivo identificar carências de uso a serem supridas no entorno do objeto, ao contrário da abrangência dos equipamentos existentes, tem-se então como ponto de partida o próprio lote estudado.

De modo geral, observa-se sobretudo a carência na área estudada de espaços livres e de lazer, públicos ou comunitários, de qualidade, com projeto adequado e fácil acessibilidade.

² Descritos pela Lei Nº 6.766/1979 no Art.4º como "equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares")

	ACESSO	EQ. IDEIAIS	EQ. EXISTENTES
400M	TRAJETO À PÉ DIÁRIO ATÉ 10MIN DE PERCURSO	CRECHE ESCOLA 1º GRAU COMÉRCIO SERVIÇO COTIDIANO PRAÇA À. VERDE IGREJA TEMPLO	CRECHE PRIVADA SESI (CLUBE)
800M	TRAJETO À PÉ ATÉ 30MIN DE PERCURSO	ESCOLA 2º GRAU C. COMUNITÁRIO COMÉRCIO EVENTUAL PARQUES P. SAÚDE UBS	UBS QUADRA SOCIETY (PRIVADO)
1600M	TRAJETO POR TRANSPORTE INDIVIDUAL OU COLETIVO	ESCOLA TÉCNICA FACULDADE BIBLIOTECA MUSEU SHOPPING HOSPITAL	CLUBE CAMPESTRE (PRIVADO) SENAI CITI ESTÁDIO MUNICIPAL ERNANI SÁTYRO ESCOLAS DE 2º E 1º
	RELAÇÕES FRQUENTES E NUMEROSAS	FREQÜÊNCIA MÉDIA	RELAÇÕES POUCO FRQUENTES, MENOS NUMEROSAS OU EXPECIONAIS



Identifica-se a existência de alguns equipamentos de uso educacional, porém voltando-se em maior número ao público infantil, em contraste com os dados demográficos [FIGURA 89] levantados pelo IBGE³ que apresentam uma população jovem – adulta, majoritariamente feminina, nos setores censitários que compreendem a área estudada.

Os estudos de referência indicam como adequada a disponibilidade de escolas técnicas, como a unidade SENAI existente, assim como bibliotecas e museus a um raio de 1600m, sendo esses equipamentos voltados a uma faixa etária correspondente a da população residente na área estudada.

Associa-se também a relevância da implantação de tais equipamentos nesse localidade com a fácil acessibilidade dessa para com as demais áreas da cidade, visto que tais usos assumem uma abrangência de alcance municipal.

Há também uma disparidade na forma de ocupação da parcela urbana estudada, cabendo analisar que os setores com maior proporção de residências apresentam uma densidade demográfica considerável, sinalizando a carência dos equipamentos de uso frequente, como parques e praças.

	ÁREA	HAB.	DENSIDADE	DOM.	SEXO	ID.
SETOR 01	2,69 KM ²	500	192,29 HAB / KM ²	167	51,4% 30 À 34 ANOS	48,6% 0 À 9 ANOS
SETOR 02	0,306 KM ²	1304	4401,76 HAB / KM ²	432	49,2% 30 À 34 ANOS	50,8% 25 À 29 ANOS
SETOR 03	0,346 KM ²	1090	3264,84 HAB / KM ²	338	51,1% 15 À 19 ANOS	48,9% 10 À 14 ANOS
SETOR 04	0,076 KM ²	918	12351,66 HAB / KM ²	336	54% 15 À 19 ANOS	46% 20 À 24 ANOS
SETOR 05	0,43 KM ²	883	2122,31 HAB / KM ²	271	53,2% 20 À 24 ANOS	46,8% 15 À 19 ANOS



[FIGURA 93] Síntese dados demográficos.
Fonte: IBGE, Censo 2010, adaptado por LEITE, Julia, 2020.

legislação // 2.4

Para o levantamento das indicações e parâmetros das legislações que tratam delimitar o projeto a ser desenvolvido, subdividiu-se em dois grupos essas recomendações, sendo esses: indicações gerais, informações apresentadas que aplicam-se ao projeto como um todo, tais como recuos, relação com o entorno, índices de ocupação, questões de acessibilidade e saídas de emergência; e indicações dadas pelo uso, nos quais são destrinchados os apontamentos voltados para espaços específicos que estão previstos para o objeto trabalhado.

Quanto as legislações levantadas para esse estudo, utilizou-se das seguintes normativas:

PLANO DIRETOR | LEI COMPLEMENTAR Nº 003, 9/10/2006
Assegurar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade..

CÓDIGO DE OBRAS | LEI Nº5410/13
Nortear a execução de toda e qualquer obra do Município de Campina Grande.

NBR 9077 | SAÍDAS DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS
Estabelecer padrões de segurança contra incêndio em escadas e saídas de emergência.

NBR 9050 | ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, ESPAÇOS E EQUIP. URBANOS
Estabelecer critérios técnicos quanto ao projeto, às condições de acessibilidade.

³ Dados levantados no Censo 2010, disponíveis em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>, acessado em junho de 2020

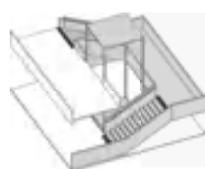
indicações gerais

PLANO DIRETOR

CÓDIGO DE OBRAS

NBR 9077

NBR 9050

ASPECTO	NORMA	DISPOSIÇÃO			APLICAÇÃO	
CARACTERIZAÇÃO URBANA	SUBS. III E IV	ZONA DE RECUPERAÇÃO URBANA IMPLEMENTAR EQ. PÚBLICO, ESP. VERDES E DE LAZER,	ZEDI DESTINADA PRIORITARIAMENTE AO USO INDUSTRIAL		CONVERSÃO DE PARCELA SUBUTILIZADA PARA EQ. PÚBLICOS, A. VERDES E DE LAZER.	MANUTENÇÃO DE USO NA PARCELA DO CONJUNTO QUE ABRIGA O CONDOMÍNIO INDUSTRIAL.
CLAS. DA OBRA	ART. 2	REFORMA COM MODIFICAÇÃO DE ÁREA CONSTRUÍDA			DEMOLIÇÃO DE ANEXOS QUE PARASITAM O EDIFÍCIO ORIGINAL.	
ALINHAMENTO E NIVELAMENTO	ART. 20 E 21	CALÇADA MÍN AV. ASSIS CHATEAUBRIAND 3M NÍVEL DE PISO ED. 15CM ACIMA DO MEIO FIO			REGULARIZAÇÃO DAS CALÇADAS NAS FACES DO TERRENO EM 3M.	
TAXA DE OCUPAÇÃO	ANEXO IX	USO MISTO MÁX. 70%			27%	
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO		USO MISTO MÁX. 4,0			0,94	
TAXA DE PERMEABILIDADE	ART.248	MÍNIMO 20% [COBOGRAMA E JARDINEIRAS CONTAM COMO 80% DE PERMEABILIDADE]			21%	
RECUOS	ART. 250-253	AFASTAMENTO FRONTAL	5M VIA ARTERIAL 4M DEMAIS VIAS		MANUTENÇÃO DOS RECUOS EXISTENTES NOS ANEXOS REAPROVEITADOS.	CONCESSÃO DE FAIXA FRONTAL DE 60M DO LOTE PARA DOMÍNIO PÚBLICO E APROPIAÇÃO DE UM PARQUE URBANO.
		AFASTAMENTO LATERAL	1,5M (TÉRREO)			
		TERRENO DE ESQUINA	2 FRENTES + 2 LATERAIS			
PÉ DIREITO	ART. 287-294	PERMANÊNCIA MÍN. 2.5M	Á < 25M² : 2.7M 25M² < Á < 75M² : 3.0M Á > 75M² : 3.5M		MANUTENÇÃO DOS PÉ DIREITOS EXISTENTES > 3.5M	UNIFORMIZAÇÃO DE PÉ DIREITO DE 3.5M
		TRANSITÓRIO MÍN. 2.4M				
		PAV. PRINCIPAL	BL. SERVIÇO	BLOCO CAP. E FOR.		
CORREDORES E SAÍDAS	ANEXOS	LARGURA 5M DIST. 30M	LARGURA 3M DIST. 30M	LARGURA 5M DIST. 30M	UNIFORMIZAÇÃO DE SAÍDAS E CORREDORES COM NO MÍNIMO 5M	
		ANEXOS	LARGURA 2.5 M 0,8M < H CORR. < 1M	ESCADA NÃO ENCLAUSURADA	16cm < ESPELHO < 18cm 28cm < PISO < 32cm	
6.8	LARGURA 2.5 M 0,8M < H CORR. < 1M	6,25 < I < 8,33	CORRIMÃO EM 2 H DOS DOIS LADOS			
6.6						

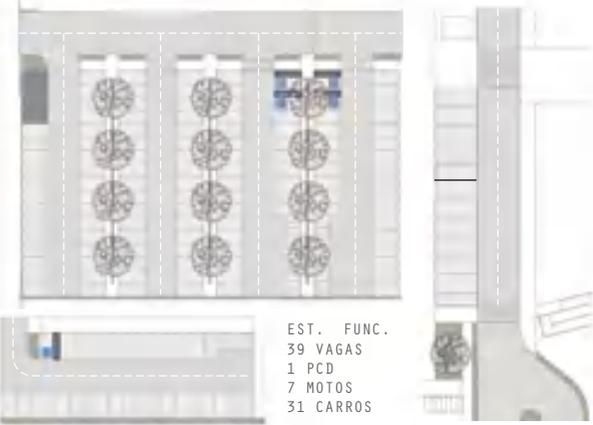
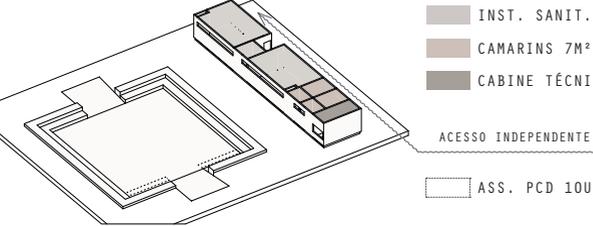
indicações por uso

PLANO DIRETOR

CÓDIGO DE OBRAS

NBR 9077

NBR 9050

USO	NORMA	DISPOSIÇÃO		APLICAÇÃO		
ESTACIONAMENTO	ART. 412	VAGAS > 100 EXTENSÃO DA VIA PARA LOTE	APLICAÇÃO DE CAMINHOS (1.2M) E FAIXAS DE PEDESTRES INTRA EST.		EST. SOCIAL 149 VAGAS [4 PCD + 27 MOTO +118 CARROS]	CARGA DESCARGA 12 VAGAS
	ART. 413	VAGA VEÍCULO POPULAR 2,75M LARGURA	VAGA CAMINHÃO 3,5M LARGURA			
	ART. 419	DEFICIENTES FÍSICOS 3% TOTAL DE VAGAS	MOTOCICLETAS 20% TOTAL DE VAGAS			
	ART. 420	1 ÁRVORE / 5 VAGAS				
	ANEXO XXX	PARQUE PRAÇA*		1 VAGA / 100M²		
		ESCOLA TÉCNICA 1200M² < Á < 2500M²		1 VAGA / 75M²		
AUDITÓRIO 100 A 300 LUGARES		1 VAGA / 50M²				
QUADRAS DESCOBERTAS		3 VAGAS / QUADRA				
RESTAURANTE ÁREA > 1500M²		1 VAGA / 20M²		EST. FUNC. 39 VAGAS 1 PCD 7 MOTOS 31 CARROS		
COZINHA INDUSTRIAL	ART. 149	1 LAVATÓRIO / 20 PESSOAS	VESTIÁRIOS SEM COMUNICAÇÃO DIRETA COM LOCAL DE MANIPULAÇÃO DE ALIMENTOS		VESTIÁRIOS + WC DE APOIO AOS FUNCIONÁRIOS EM BLOCO INDEPENDENTE	
ESPAÇO CULTURAL MINI AUDITÓRIO	ANEXO II ART. 297	2% ASSENTOS PCD RAMPAS DESNÍVEL MÁX. I < 12%	1M² / PESSOA SENTADA 2M² / PESSOA EM PÉ			
	ART. 191	01 VAS. LAV. MIC / 100 HOMENS 3% PCD	01 VASO + LAV. / 50 MULHERES CAMARINS 6M² + WC	ACESSO INDEPENDENTE		
ESCOLA TÉCNICA	ART. 199	01 INST. PCD	01 INST. / 25 HOMENS	01 INST. / 20 MULHERES		
	ART. 309	WC SEPARADO PROF.	SALA 1,2M² / ALUNO	OFICINA 4M² / ALUNO		

* Esse parâmetro não foi aplicado uma vez que se assim o fosse as vagas contabilizadas para o parque ocupariam 74% da área total do terreno.

APOIO

SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM		
	GUARITA CARROS	2	50 M ²	0,7%		
	GUARITA PEDESTRES	2	65 M ²	0,9%		
	EST. SOCIAL	149 VG.	3265 M ²	46,4%		
	EST. FUNCIONÁRIOS	39 VG.	1000 M ²	14,2%		
CO ME DO RIA	SOCIAL	BUFFET CAIXA	20	100 M ²	1,5%	
		MESAS	200	400 M ²	5,7%	
		CAFÉ	9	30 M ²	0,4%	
	SERVIÇO	DÉP. BANDEJAS	-	36 M ²	0,5%	
		ISFM + ISPCD + DML	30	70 M ²	1%	
MINI AUDITÓRIO	SOCIAL	FOYER + BILHETERIA	5	405 M ²	5,8%	
		PLATEIA	500	795 M ²	11,3%	
		PALCO	-	225 M ²	3,2%	
	APOIO	CABINE TÉCNICA	LUZ SOM	4	10 M ²	0,1%
			CAMARINS	FEMININO	4	25 M ²
		MASCULINO				
		ISFM + ISPCD		30	75 M ²	18,1%
		CIRCULAÇÃO VERTICAL	-	100 M ²	1,4%	

PRAÇAS

SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM	
COZINHA	ACESSO	CARGA DESCARGA	4 VG.	112 M ²	1,6%
		RECEPÇÃO E TRIAGEM	1	25 M ²	0,4%
	ARMAZÉM	CÂMARA FRIA	-	25 M ²	0,4%
		DÉP. MANTIMENTOS	-	25 M ²	0,4%
		LEGUMES E FRUTAS	2	20 M ²	0,3%
	PREPARO	PREPARO	3	30 M ²	0,4%
		COZIMENTO	4	25 M ²	0,4%
		PADARIA CONF.	4	50 M ²	0,7%
		MONTAGEM PRATOS	2	25 M ²	0,4%
		LAVAGEM PRATOS	4	50 M ²	0,7%
EXPURGO	-	5 M ²	0,1%		
ÁREA TOTAL ZONA			7.043 M²	12,3%	
ESPAÇOS VERDES	PASSAGEM	CAMINHOS PRIMÁRIOS	-	4700 M ²	15,2%
		CAMINHOS SECUNDÁRIOS	-	2500 M ²	8,1%
		CICLOFAIXA	-	1500 M ²	4,8%
		CIRCUITO RAMPAS	-	1200 M ²	3,9%
	PERMANÊNCIA	ACADEMIA	-	2400 M ²	7,7%
		PLAYGROUNDS	-	2000 M ²	6,5%
		ESTAR	-	4700 M ²	15,2%
		ÁREAS VERDES	-	12000 M ²	38,7%
	ÁREA TOTAL ZONA			31.000 M²	60%

MEMÓRIA

SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM		
ARQUIVO	RECEPÇÃO GUARDA - VOLUMES	3	50 M ²	1%		
	CONSULTA E LEITURA	-	500 M ²	10%		
	ARQUIVO DA INDÚSTRIA	-	415 M ²	9%		
	PROCESSAMENTO TÉCNICO	10	330 M ²	7%		
	CIRCULAÇÃO VERTICAL		-	100 M ²	2,1%	
	MUSEU	EXPO	RAMPA DE ACESSO	-	120 M ²	2,5%
FOYER + BILHETERIA			3	145 M ²	3%	
INTINEIRANTE			150	300 M ²	6%	
APOIO		FIXA	200	400 M ²	8%	
		DIREÇÃO	2	14,5 M ²	0,3%	
		DML	-	7,5 M ²	0,2%	
	APOIO	RESERVA TÉCNICA	TÉRREO	30	75 M ²	2%
			SUBSOLO	30	75 M ²	2%
		CIRC.	VERTICAL	-	100 M ²	2,1%
			HORIZONTAL	-	980 M ²	20,3%
		ÁREA TOTAL ZONA			4.837 M²	8,5%

CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO

SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM	
ESCOLA SENAI	GESTÃO	RECEPÇÃO SECRETARIA	5	70 M ²	3,3%
		COORDENAÇÃO	5	25 M ²	1,2%
AULAS	SALAS MULTIUSO	180	220 M ²	10,3%	
	COZINHA EXPERIMENTAL	35	150 M ²	8,4%	
	OFICINAS DE ENSAIO	65	275 M ²	12,8%	
	ALMOXARIFADO	-	25 M ²	1,2%	
APOIO	SALA PROFESSORES	20	180 M ²	8,4%	
	COPA	5	15 M ²	0,7%	
	DML	-	15 M ²	0,7%	
	ISFM + ISPCD	30	80 M ²	3,7%	
	CIRCULAÇÃO	-	475 M ²	22,2%	
	FOYER + GUARDA - VOLUMES	-	55 M ²	2,6%	
	RECEPÇÃO EMPRÉSTIMO	10	55 M ²	2,6%	
ENTRADA	LITERATURA GERAL	-	95 M ²	4,4%	
	MESAS GRUPOS	-	50 M ²	2,3%	
ACERVO	CABINES INDIVIDUAIS	-	50 M ²	2,3%	
	CIRCULAÇÃO	-	150 M ²	7%	
LEITURA	RESERVA TÉCNICA	-	45 M ²	2,1%	
	SALA TÉCNICA	3	22 M ²	1%	
APOIO	ISFM + ISPCD + DML	30	90 M ²	4,2%	
	ÁREA TOTAL ZONA			2.142 M²	3,8%

ADMINISTRATIVO

SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM	
	RECEPÇÃO	3	480 M ²	14,7%	
	PRAÇA DE CONVIVÊNCIA	-	300 M ²	9,2%	
	RAMPA DE ACESSO	-	120 M ²	3,7%	
	CIRCULAÇÃO	VERTICAL	-	100 M ²	3,1%
		HORIZONTAL	-	2000 M ²	61,1%
ADM	DIREÇÃO GERAL	20	150 M ²	4,6%	
	RECURSOS HUMANOS				
	PUBLICIDADE				
	SALA DE REUNIÕES	5	50 M ²	1,5%	
ÁREA DE TRABALHO COMUM	SETOR FINANCEIRO	5	50 M ²	1,5%	
	ARQUIVO ALMOXARIFADO	-	25 M ²	0,8%	
	ÁREA TOTAL ZONA			3275 M²	5,7%
QUADRAS	FUTEBOL SOCIETY	-	1500 M ²	46,2%	
	QUADRAS DE AREIA	-	375 M ²	11,5%	
	ARQUIBANCADAS	400	200 M ²	6,2%	
	DEPÓSITO MATERIAIS	-	50 M ²	1,5%	
	VESTIÁRIOS + DML	30	125 M ²	3,8%	
	BODY JUMP PILATES	500	1000 M ²	30,8%	
	ZUMBA FIT DANCE				
TRAINAMENTO FUNCIONAL	JUDÔ				
ÁREA TOTAL ZONA			3.250 M²	5,7%	

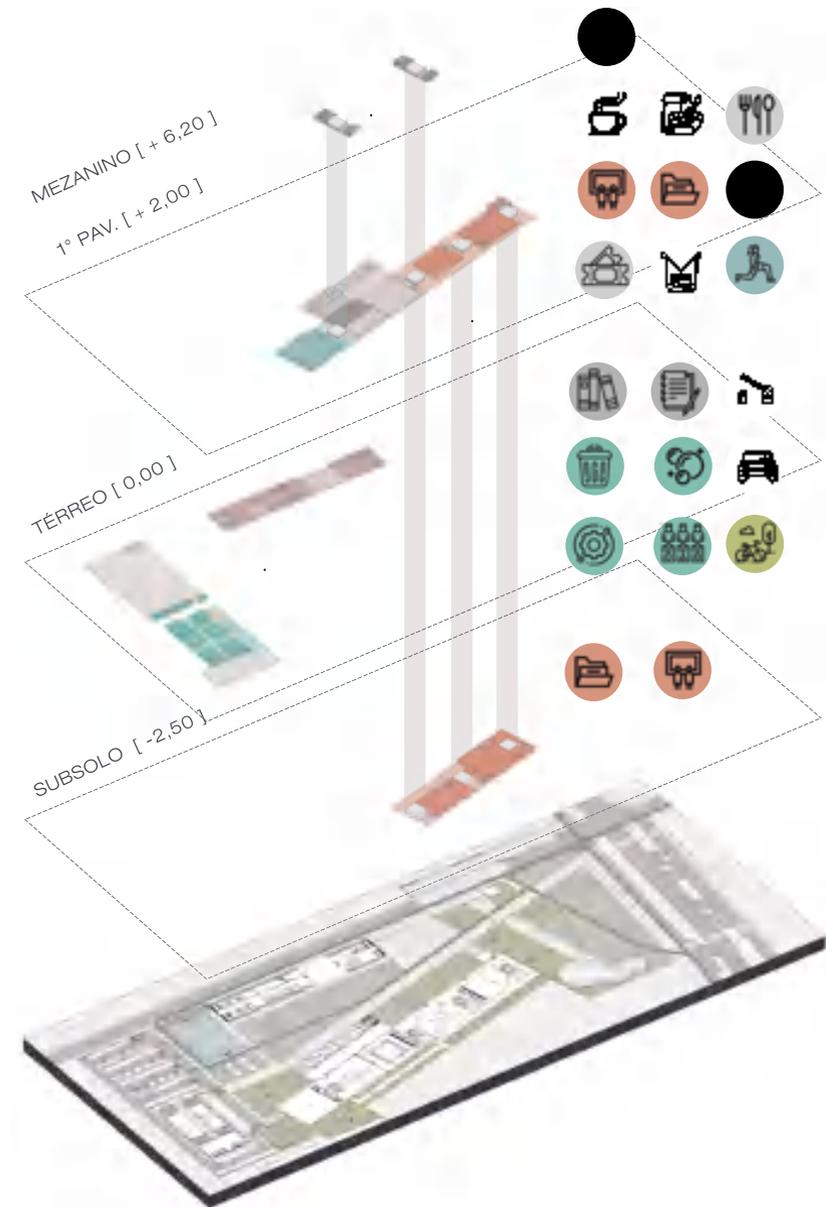
POLIESPORTIVO

SERVIÇO

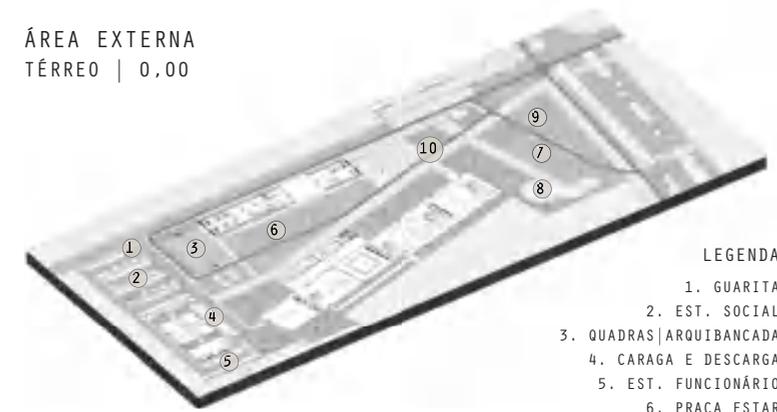
SETOR	AMBIENTE	Nº PESSOAS	ÁREA	PORCENTAGEM		
APOIO FUNC.	ESTAR	?	365 M ²	16,4%		
	VESTIÁRIOS + DML	?	145 M ²	6,5%		
SERV. GERAIS	DML GERAL	-	180 M ²	8,1%		
	OFICINA MULTIPLUSO	10	150 M ²	6,8%		
	DEPÓSITO GERAL	-	180 M ²	8,1%		
	ALMOXARIFADO	10	150 M ²	6,8%		
	CIRCULAÇÃO	?	215 M ²	9,7%		
	CARGA DESCARGA	4 VG.	112 M ²	5%		
	GERADOR	-	25 M ²	1,1%		
	CISTERNA	-	500 M ²	22,5%		
GUARITA RESÍDUOS	CARGA DESCARGA	1 VG.	33 M ²	1,5%		
		DEPÓSITOS	PAPEL	-	125 M ²	5,6%
			PLÁSTICO			
			VIDRO			
METAL						
ORGÂNICO						
LIMPEZA MATERIAIS	5	40 M ²	1,8%			
ÁREA TOTAL ZONA			2.220 M²	3,9%		

zoneamento // 3.5

- APOIO**
USOS QUE DÃO SUPORTE AO FUNCIONAMENTO DO CONJUNTO COMO UM TODO.
- PRAÇAS**
ESPAÇOS LIVRES DESTINADOS AO GRANDE PÚBLICO, ELEMENTO DE CONEXÃO COM O ENTORNO.
- ADMINISTRATIVO**
ÁREA DESTINADAS A GERÊNCIA FUNCIONAL E FINANCEIRA DO CONJUNTO.
- MEMÓRIA**
ESPAÇO DESTINADO A EXPOSIÇÃO E PESQUISA DA HISTÓRIA INDUSTRIAL DE CAMPINA GRANDE.
- CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO**
UNIDADE DA ESCOLA TÉCNICA INDUSTRIAL SENAI PARA SUPORTE A INDÚSTRIA NA CAPACITAÇÃO DE MÃO DE OBRA.
- POLIESPORTIVO**
ESTRUTURA COMPLEMENTAR AO SESI INDUSTRIAL PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE ATIVIDADES FÍSICAS.
- SERVIÇO**
ÁREA DE APOIO AOS FUNCIONÁRIOS, LIMPEZA E ARMAZENAMENTO NO COMPLEXO.

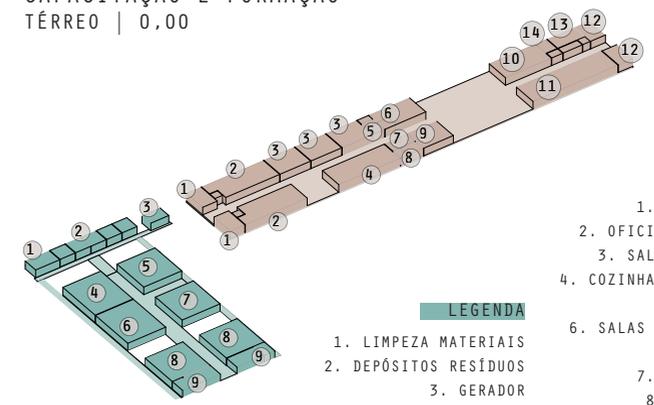


ÁREA EXTERNA TÉRREO | 0,00



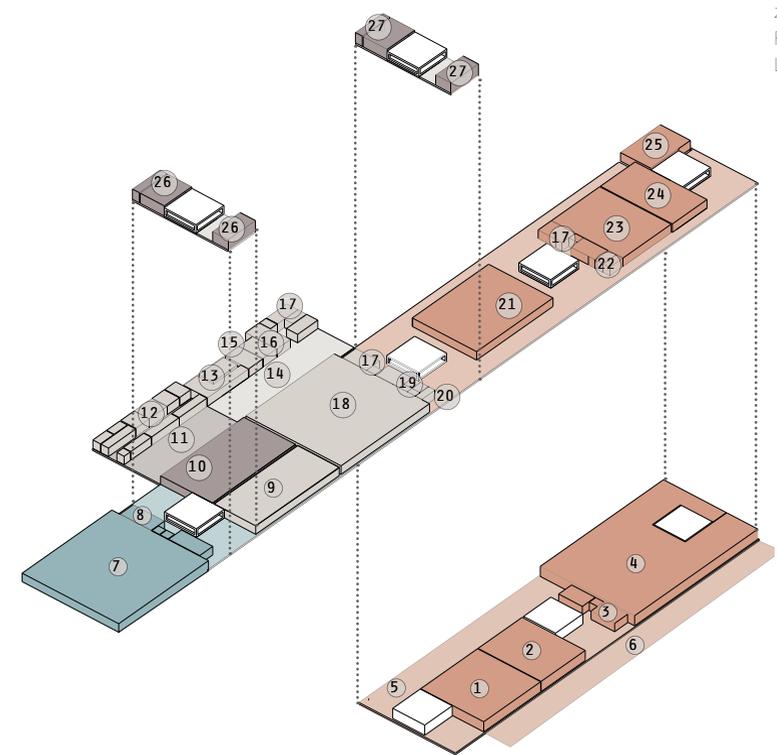
- LEGENDA**
1. GUARITA
 2. EST. SOCIAL
 3. QUADRAS | ARQUIBANCADA
 4. CARAGA E DESCARGA
 5. EST. FUNCIONÁRIO
 6. PRAÇA ESTAR
 7. PLAYGROUNDS
 8. CIRCUITO SKATE
 9. ACADEMIA
 10. CICLOFAIXA

SERVIÇO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO TÉRREO | 0,00



- LEGENDA**
1. LIMPEZA MATERIAIS
 2. DEPÓSITOS RESÍDUOS
 3. GERADOR
 4. DEPÓSITO GERAL
 5. OFICINA MULTIPLUSO
 6. DML GERAL
 7. ALMOXARIFADO
 8. ESTAR
 9. VESTIÁRIOS + DML
 10. ISFM + ISPCD
 11. OFICINAS DE ENSAIO
 12. SALAS MULTIPLUSO
 13. COZINHA EXPERIMENTAL
 14. DML
 15. SALAS PROFESSORES + COPA + WC'S
 16. ALMOXARIFADO
 17. COORDENAÇÃO
 18. RECEPÇÃO | SECRETARIA
 19. RECEP. + G. - VOLUMES
 20. LEITURA E ACERVO
 21. ISFM + ISPCD + DML
 22. RESERVA TÉCNICA
 23. SALA TÉCNICA

PAVILHÃO CENTRAL SUBSOLO, 1º PAV. E MEZANINO | - 2,50 | + 2,00 | + 6,20



- LEGENDA**
1. ARQUIVO DA INDÚSTRIA
 2. PROCESSAMENTO TÉCNICO
 3. ISFM + ISPCD + DML
 4. RESERVA TÉCNICA
 5. CARGA | DESCARGA
 6. PÁTIO INGLÊS
 7. ESPAÇO MULTIFUNCIONAL
 8. VESTIÁRIOS + DML
 9. FOYER + BILHETERIA
 10. RECEPÇÃO
 11. PRAÇA DE CONVIVÊNCIAS
 12. COZINHA INDUSTRIAL
 13. SERVIÇO COMEDORIA
 14. MESAS COMEDORIA
 15. CAFÉ
 16. PADARIA | CONFEITARIA
 17. ISFM + ISPCD + DML
 18. MINI AUDITÓRIO
 19. CAMARINS
 20. CABINE TÉCNICA
 21. LEITURA | CONSULTA
 22. DIREÇÃO MUSEU
 23. EXPOSIÇÃO FIXA
 24. EXPO. INTINERANTE
 25. RECEPÇÃO | BILHETERIA
 26. ADM. SETOR CULTURAL
 27. ADM. SETOR ESPORTIVO

[FIGURA 96]
Esquema zoneamento.
Fonte: LEITE, Julia, 2020.

proposta

agenciamento paisagístico // 4.1

Ao tratar dos espaços livres considerou-se primeiramente as relações de acesso do conjunto para com o seu entorno, subdividindo as entradas entre pedestres, a leste, e automóveis, a oeste, na via local de menor fluxo.

Na face leste propõe-se a revitalização dos bolsões existentes através da uniformização dos pisos com o parque e disposição de faixas de pedestre, a fim de conectar o conjunto ao SESI existente, além de resguardar o fluxo nas calçadas com a implantação de semáforo de três tempos, dando assim espaço de passagem pedestal nessa via.

Ainda nessa parcela, prevê a ampliação do sistema de ciclofaixas existente na cidade conectando-o ao conjunto, conforme [FIGURA 98], também induzindo por esse trajeto a entrada no parque. O desenho desse, e dos caminhos centrais, sinalizados com a mesma materialidade, são traçados por eixos regidos pela arquitetura do pavilhão principal, com inclinação de 14° em relação as vias.

Na parcela norte, conectada a antiga avenida João Wallig, lidando hoje predominantemente com fundos de lotes, propõe-

-se a implantação de um trecho com 70m de via compartilhada, elevando-o ao nível das calçadas, criando assim uma zona de amortecimento para velocidade dos carros que acessam a rua pela av. Assis Chateaubriand, em direção ao estacionamento na face oeste.

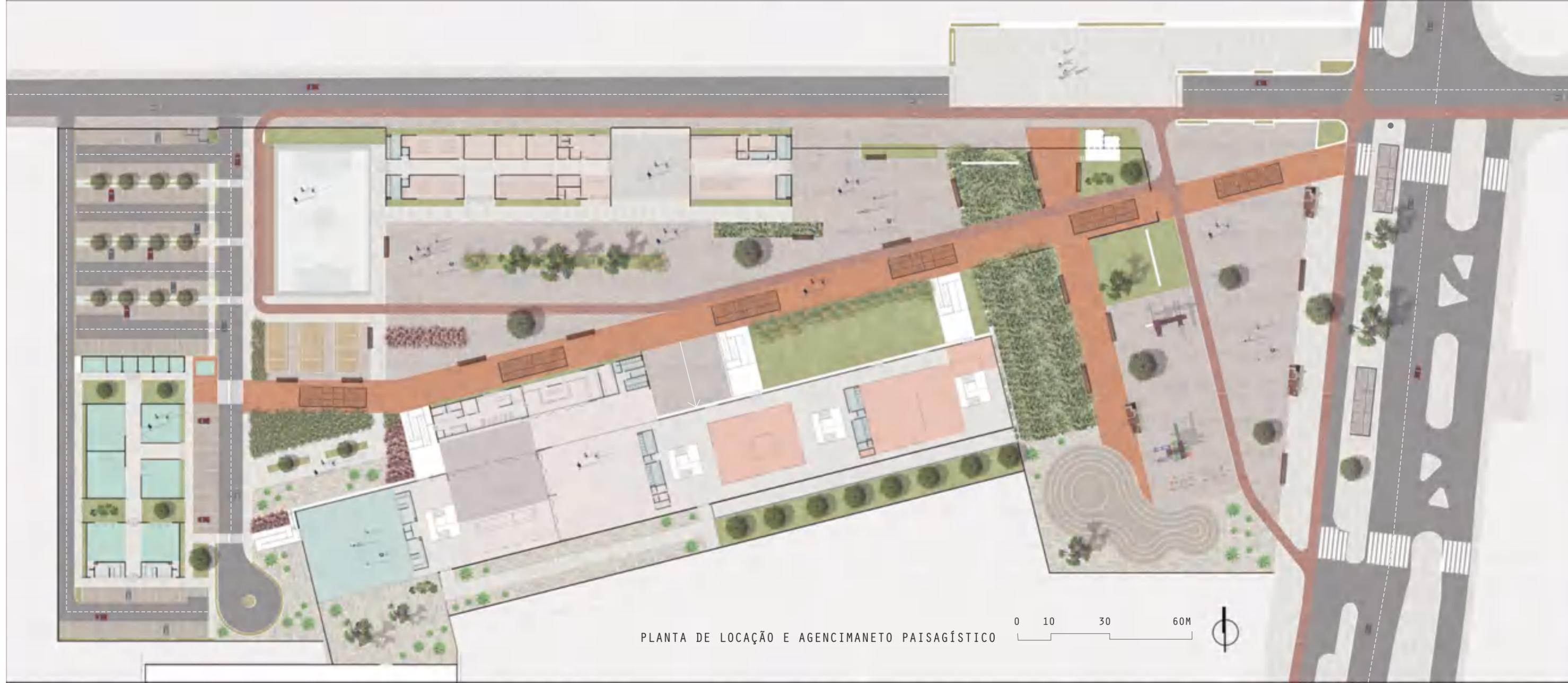
Tratando-se de um contexto urbano industrial, o tratamento do entorno imediato, através da materialidade, vegetação e alargamento das calçadas, são aspectos que possibilitarão a aproximação e atração do público local ao conjunto.

Embora trate-se de um estudo preliminar, vê-se grande potencial urbanístico na apropriação dessa área como um espaço livre, uma vez que atende a uma demanda social, ao mesmo tempo que protege os vazios necessários para leitura do objeto, entendendo o mesmo como de valor patrimonial.

A associação do conjunto com o uso proposto exige certo controle de acesso a parcela edificada, sendo este consolidado através de gradis que permitem a permeabilidade visual para com o entorno, entretanto há a intenção neste desenho da concessão de uma parcela frontal do lote para o domínio público.

[FIGURA 97]

Planta de Locação e Agenciamento Paisagístico.
Fonte: LBTE, Julia, 2020.

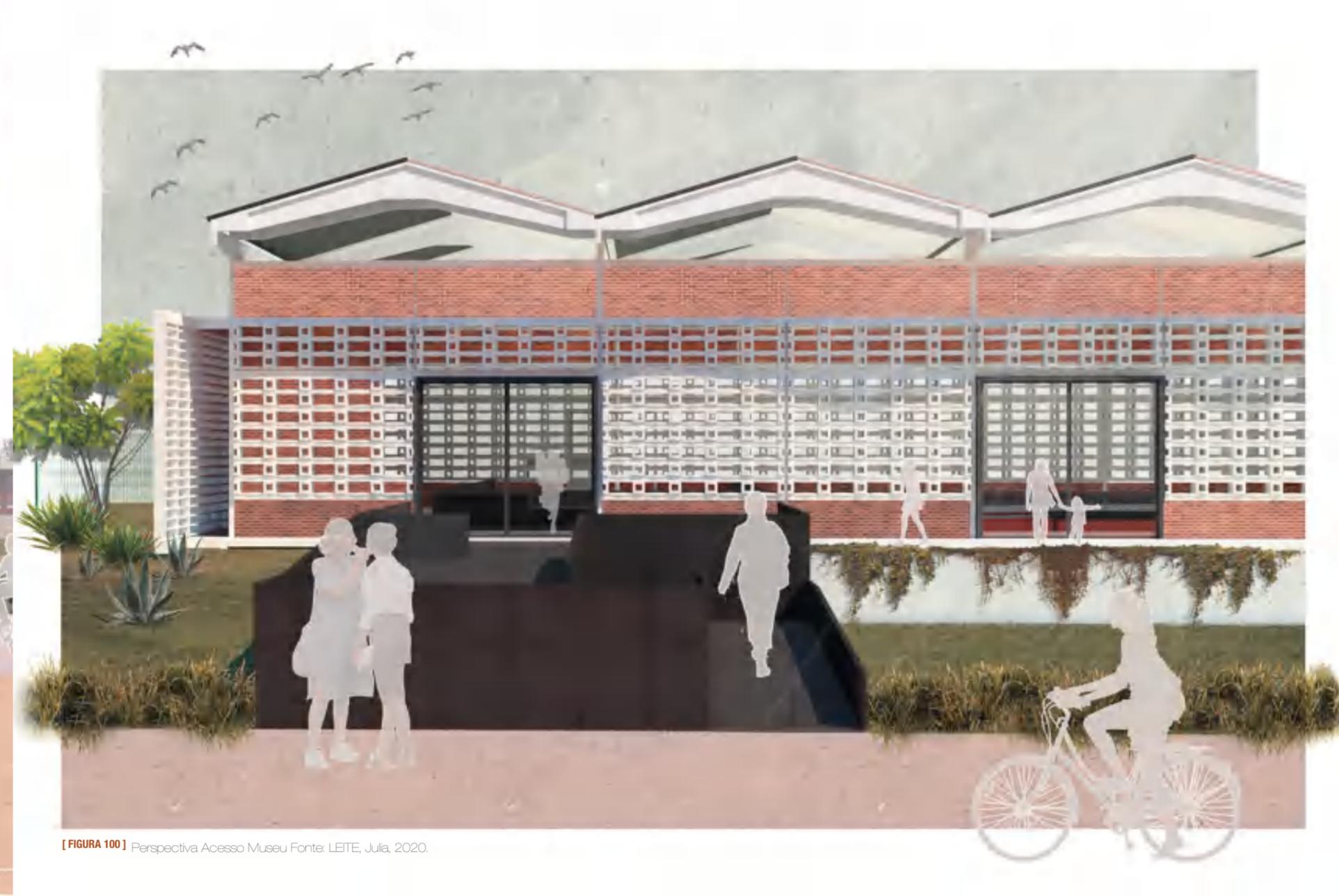


LEGENDA

 APOIO E CIRCULAÇÕES	 ACORUS	 GRAMA BERMUDAS
 ADMINISTRATIVO	 LAMBARI-ROXO	 GRAMA AMENDOIM
 MEMÓRIA	 AGAVE DE BORDA AMARELA	 SOMBREIRO
 CAPCITAÇÃO E FORM.	 AGAVE PITEIRA DO CARIBE	 PÉ DE JABUTICABA
 POLIESPORTIVO	 CONCRETO PRÉ MOLDADO	 PISO DRENANTE NATURAL
 SERVIÇO	 PISO DRENANTE TERRA COTA	 PEDRA SÃO TOMÉ IRREGULAR
 SANITÁRIOS E VEST	 PISO DRENANTE QUARTZO	 BRITA TONS TERROSO
 SEMÁFORO		
 PERGOLADO		
 BANCOS		



[FIGURA 99] Perspectiva Acesso Principal. Fonte: LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 100] Perspectiva Acesso Museu. Fonte: LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 101] Perspectiva Praça de convivência Fonte: LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 102] Perspectiva Pátio Educacional. Fonte: LEITE, Julia, 2020.



[FIGURA 103] Perspectiva Bloco de Circulação Vertical. Fonte: LEITE, Júlia, 2020.



[FIGURA 104] Perspectiva Recepção. Fonte: LEITE, Júlia, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

conclusões

(...) HOJE, TAL COMO ONTEM, APESAR DAS LEGISLAÇÕES PROTETORAS, A DESTRUIÇÃO CONTÍNUA E OPINATIVA DE EDIFÍCIOS E DE CONJUNTOS ANTIGOS PROSEGUE ATRAVÉS DO MUNDO, SOB PRETEXTO DE MODERNIZAÇÃO, DE RESTAURAMENTO TAMBÉM, OU SOB AMEAÇAS DE PRESSÕES POLÍTICAS, MUITAS VEZES IMPARÁVEIS. [CHOAY, 1992, P. 227]

A obsolescência funcional, e a pressão especulativa imobiliária, a subutilização e deterioração gradativa do patrimônio, a apropriação seguida por intervenções não referenciadas, os documentos não reconhecidos, rasgados e apagados.

A narrativa do palimpsesto de hoje rescreve-se sobre as linhas dos discursos de ontem, continua-se a destruir o patrimônio edificado indiscriminadamente, de modo que mesmo no meio técnico, há pouca reflexão sobre a substância.

Neste palimpsesto, formatado nos moldes de trabalho acadêmico, não houve a presensão de em si mesmo dar-se por finalizada a questão da fábrica Wallig Nordeste; antes, constituiu-se como objetivo primeiro documentar acerca desse relato histórico, reconhecer seu protagonismo no ideário industrial

moderno campinense, e reiterar, como se tem feito ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, a importância da manutenção e preservação desse bem.

Ademais, considerou-se proveitoso revelar, ainda que de modo insipiente e superficial, uma possibilidade de intervenção neste edifício que deveria, sob respaldo das cartas patrimoniais, ser apropriado de modo mais relevante, social e culturalmente.

Este trabalho, possibilitou o aprofundamento em questões que tangem ao contexto histórico, a tectônica, e as transformações pelas quais passou o objeto estudado.

De mesmo modo, lança bases para futuras pesquisas, como o estudo de outros artefatos participantes desse mesmo processo, acerca da tecnologia da construção e os edifícios industriais modernos, assim como as questões urbanísticas e patrimoniais nas legislações que envolvem, ou tem deixado de envolver, essa tipologia de bens.

Por fim, espera-se contribuir de algum modo com a valorização do patrimônio industrial moderno campinense, encontrando nesse ato a locução-chave¹ para a perpetuação da memória.

¹ CHOAY, 1992, p. 227

referências bibliográficas

__ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15220: Desempenho térmico de edificações – Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social. Rio de Janeiro, 2005.

__ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

__ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9077: Saídas de emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2001.

__ ACHIAMÉ, Giovana e HAUTEQUESTT, Genildo. Mapa de Danos: diretrizes de representação gráfica em projetos. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2017.

__ AFONSO, Alcilia e RODRIGUES, Roberta. Projeto arquitetônico industrial e modernidade: O caso da fábrica Wallig. Campina Grande. PB. Belo Horizonte: 2º Simpósio do ICOMOS Brasil 2018.

__ AFONSO, Alcilia. Tectônica do patrimônio industrial moderno: Fábrica da Bombril Nordeste, em Abreu e Lima [PE]. Labor & Engenho, Campinas [SP] Brasil, v.12, n.3, p.378-391, jul./set. 2018.

__ ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta. Patrimônio como memória, memória como invenção. Arqtextos, São Paulo, ano 17, n. 195.04, Vitruvius, ago. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/17.195/6175>>.

__ BLOG RETALHOS CG. Relembrando Wallig Nordeste SA. Disponível em: <<http://cgre-talhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-nordestesa.html#.Vu8FG0rJD8>>. Acesso em: 05 de mar. 2020.

__ CAPORRINO, Cristian Furlan. Patologias em Avenarias. 2ªEd. São Paulo: Oficina de Textos, 2018

__ CARBONARA, Giovanni. Brandi e a restauração arquitetônica hoje, Designio, 2006, n. 6, p. 35-47.

__ CASTELLO, Iara. Equipamentos Urbanos, Grupos Hierárquicos, Parâmetros de Localização e Características Gerais. 2013.

__ CHING, Francis D K. Arquitetura Forma Espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

__ COLIN, Silvio. Introdução à arquitetura. Rio de Janeiro: UAPE, 2000.

__ COLOMBO, Luciléia Aparecida et al. O Nordeste como problema político-institucional: a criação da SUDENE. In: COLOMBO, Luciléia Aparecida et al. A Sudene no sistema federativo brasileiro: a ascensão e queda de uma instituição. A ascensão e queda de uma instituição. Recife: Sudene, 2015.

__ CORDEIRO, J. M. L. Desindustrialização e salvaguarda do patrimônio industrial: problema ou oportunidade? Oculum ensaios: revista de arquitetura e urbanismo, v. 13, p. 154-165, 2011.

__ CORDEIRO, R., LEITE, J., DINIZ, D. et al. A utilização dos cobogós na arquitetura moderna industrial campinense: Fábrica da Wallig, 1965-1970. Manaus: VII Seminário Docomomo Norte Nordeste, 2018.

__ CHOAY, F. A Alegoria do Patrimônio. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 1992.

__ DEZEN-KEMPTER, Eloisa et al. O Lugar do Patrimônio Industrial. 2011. 320 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280239/1/Dezen-Kempter_Eloisa_D.pdf. Acesso em: 10 abr. 2020.

__ ENGEL, Heino. Sistemas Estruturais de Seção-Ativa. In: ENGEL, Heino. Sistemas Estruturais. 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. Cap. 3. p. 171-206.

__ FEITOSA, Suzete Santos Bonfim. O patrimônio Industrial do Nordeste Brasileiro. O caso de Sergipe. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

__ HANDEN, Claudia Almeida. Tectônica e Arquitetura Contemporânea: O caso da Arquitetura Suíço- Alemã de finais do século XX. 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo FUTUC, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Portugal.

__ HOLANDA, Armando de. 1976. Roteiro para construir no Nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife: UFPE/ MDU.

__ ICOMOS. Carta de Burra (1980). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em: abril 2020.

__ JOSÉ MARIA JOVÉ SANDOVAL. Accessibility, heritage, and project. Re-architectures for everyone. Millenium, v. 2, n. 7, p. 103-111, 2018.

__ JOSÉ, F.; MARÍN, R. Criterios de intervención en la rehabilitación del patrimonio industrial arquitectónico Intervenciones ortodoxas : Tate Modern. Gremium, v. 5, n. 09, p. 35-50, 2018.

__ LEITE, J., e AFONSO, A. (2019) A relação entre concepção arquitetônica e estrutura em projetos industriais modernos em Campina Grande. Estudos de casos. UFCG: Relatório Final do FMC. 2018-2019.

__ LICHTENSTEIN, Norberto. Patologia das construções. Publicado no Boletim Técnico Nº06/86 da Escola Politécnica da USP. SP:USP. 1986

__ LIMA, Damião de. Tempos de desenvolvimento e crise na economia campinense. In: LIMA, Damião Et. Al. Estudando a História da Paraíba. Campina Grande, Gráfica Marcone, 1999

__ KUIHL, B. M. Algumas questões relativas ao Patrimônio Industrial, 2006.

__ KUIHL, B. M. Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.18. n.2. p. 287-320. jul.- dez. 2010.

__ KUIHL, B. M. AUH 412 – Notas de Aula 2015. Restauração hoje: projeto e criatividade. 2015. Disponível em file:///E:/UFCG/PROJETO%205/TEXTOS%20BEATRIZ%20KULH/Auh412_2015-notasdeaulabkuhl.pdf. Acesso em 10 de agosto de 2019.

__ NAHAS, P. V. Revista de arquitetura. O novo e o velho a experiência do escritório Brasil Arquitetura nos programas de intervenção em edifícios e sítios históricos, v. 12, p. 58-67, 2010.

__ NAHAS, P. V. As tendências de intervenção de caráter monumental: a experiência brasileira (1980-2010). Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, p. 56-79, 2017.

__ OLIVEIRA, E. R. A cultura industrial como herança: questões sobre o reconhecimento

de um patrimônio da industrialização "tardia" no Brasil. *Oculum Ensaios*, v. 14, n. 2, p. 311, 2017.

— PÉREZ MARTÍN, J. L. J.; ARÉS OSSET, M. E. What is the industrial and technical heritage? Understand it to preserve it = ¿Qué es el patrimonio industrial y técnico? Entenderlo para conservarlo. *Building & Management*, v. 1, n. 2, p. 46, 2018.

— QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 – 1950) / Marcus Vinicius Dantas de Queiroz; orientadora Maria Ângela P.C.S. Bortolucci. São Carlos, 2008.

— QUEIROZ, M.; MELO, F. Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950. Recife: 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste Recife- PE, 8 a 11 de maio de 2006.

— ROMEO, E.; MOREZZI, E.; RUDIERO, R. Industrial heritage: Reflections on the use compatibility of cultural sustainability and energy efficiency. *Energy Procedia*, v. 78, p. 1305–1310, 2015.

— ROVIRA, T. e GASTON, C. El proyecto Moderno: Pautas de Investigación. Barcelona: Ediciones UPC, 2007.

— SANTOS J.M.P. (2013). *Arquitetura Industrial. Da obsolescência à reconversão*. Dissertação de mestrado. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/80316>

— SERRA, Geraldo. Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo: EDUSP, 2006.

— SOTO, Anne Else Rosa. Patrimônio Industrial Edificado Urbano de Jaraguá do sul –SC. Inventário das principais indústrias implantadas entre 1900 e 1960. Dissertação de Mes-

trado em Arquitetura e Urbanismo Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina. 2010.

— SOUZA, Danilo Rodrigues; CABRAL FILHO, Severino. Imprensa, Trabalho e Trabalhadores em Campina Grande – PB (1957-1980). In: Congresso de Iniciação científica da Universidade Federal de Campina Grande, 10., 2013, Campina Grande. Artigo. Campina Grande: Ufcp, 20213. p. 1-14. Disponível em: http://pesquisa.ufcg.edu.br/anais/2013/artigos-pub/xcicufcg_2041.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

— SOUZA, Danilo Rodrigues et al. O ideário de industrialização e desenvolvimento nas representações do Diário da Borborema (1957-1979). 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/462/1/DANILO%20RODRIGUES%20SOUZA%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20%28PPGH%29%202016.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

— TICCIH (2003). Carta de Nizhny Tagil Sobre o Patrimônio Industrial, Nizhny Tagil, Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: abril de 2020.

— TINOCO, Jorge Eduardo. Mapa de danos. Recomendações básicas. Recife: CECI/MDU. 2009.

— YAZGI, Walid. A técnica de edificar. São Paulo : Pini : SindusCon, 2009.

apêndices

01_ PLANTA DE SITUAÇÃO

02_ PLANTA DE LOCAÇÃO

03_ PLANTA DE COBERTA

04_ PLANTA BAIXA TÉRREO | PLANTA BAIXA SUBSOLO

05_ CORTES | FACHADAS

06_ PLANTA BAIXA MEZANINO | DETALHE CIRCULAÇÃO VERTICAL

07_ PLANTA DE COBERTA | PLANTA BAIXA

08_ CORTES | FACHADAS

09_ PLANTA DE COBERTA | PLANTA BAIXA

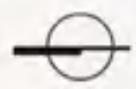
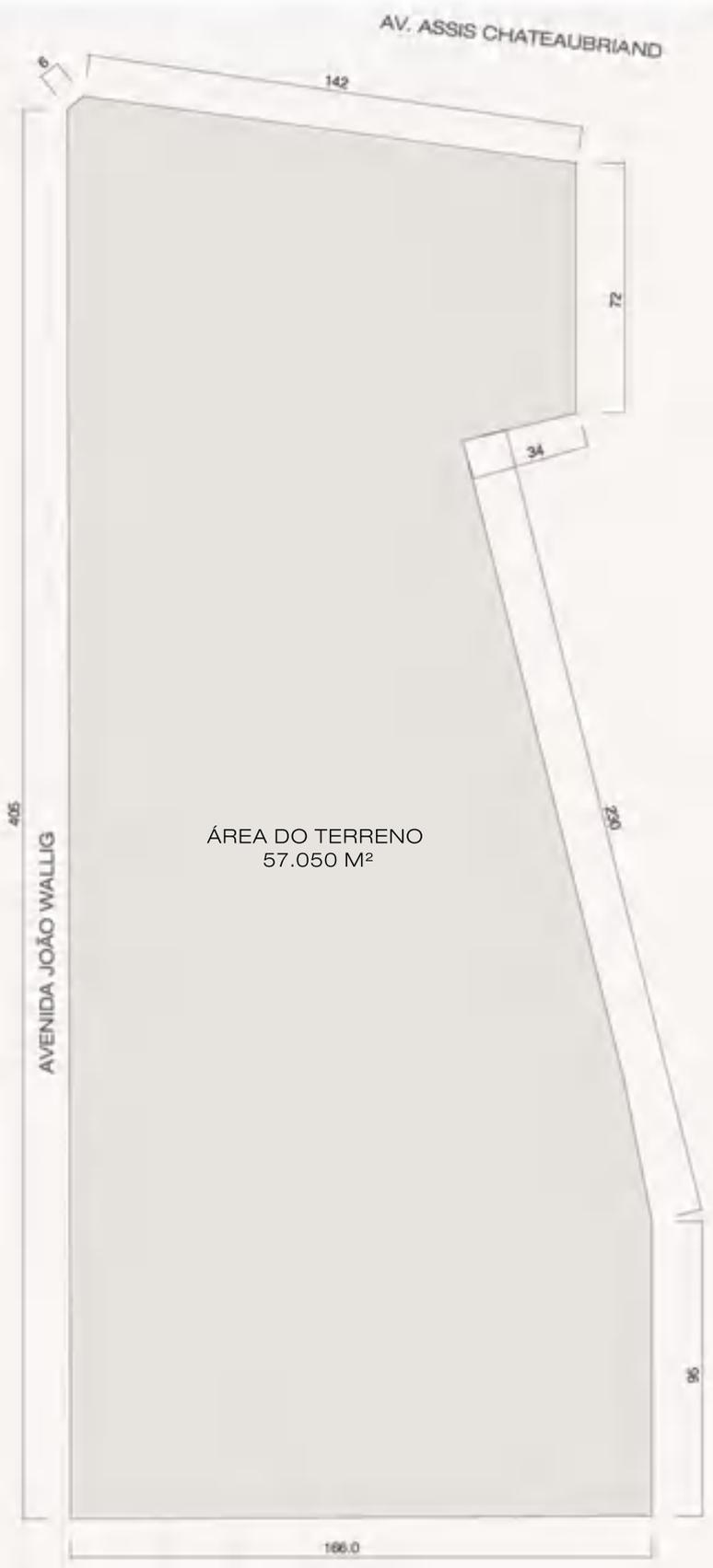
10_ CORTES | FACHADAS

11_ GUARITA

 PAVILHÃO PRINCIPAL

 BLOCO EDUCACIONAL

 BLOCO SERVIÇO



SEM CORRESPONDÊNCIA NA TABELA DE LOGRADOUROS

PLANTA DE SITUAÇÃO

PRANCHA

CONTEÚDO
PLANTA DE SITUAÇÃO

ESCALA
1: 2000

01

| 11



215
200
100
50
0



PLANTA DE LOCAÇÃO

LEGENDA

APOIO E CIRCULAÇÕES	ACORUS	GRAMA BERMUDAS
ADMINISTRATIVO	LAMBARI-ROXO	GRAMA AMENDOIM
MEMÓRIA	AGAVE DE BORDA AMARELA	SOMBREIRO
CAPCITAÇÃO E FORM.	AGAVE PITEIRA DO CARIBE	PÉ DE JABUTICABA
POLIESPORTIVO	CONCRETO PRÉ MOLDADO	PISO DRENANTE NATURAL
SERVIÇO	PISO DRENANTE TERRA COTA	PEDRA SÃO TOMÉ IRREGULAR
SANITÁRIOS E VEST	PISO DRENANTE QUARTZO	BRITA TONS TERROSO
SEMÁFORO		
PERGOLADO		
BANCOS		

0 20 40M

PRANCHA

02 | 11

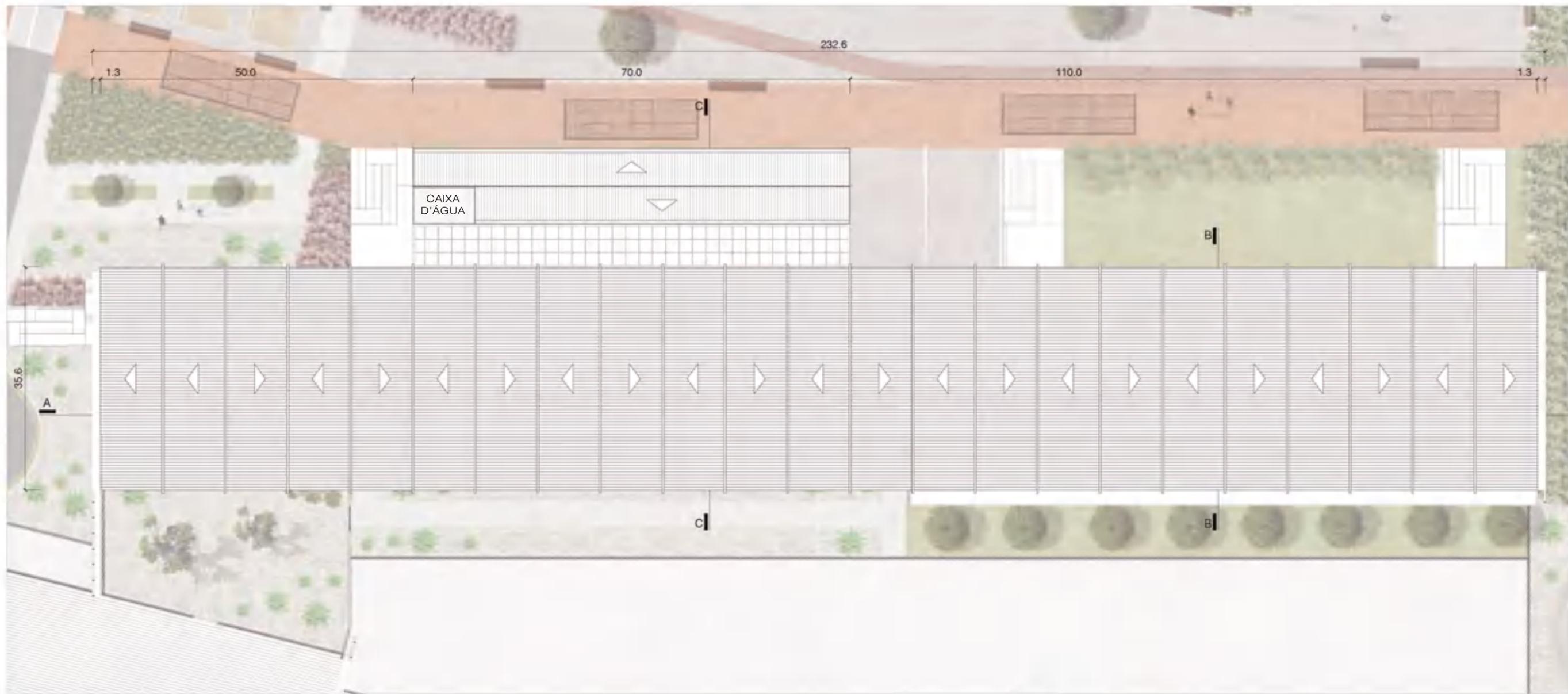
PLANTA DE LOCAÇÃO

ESCALA

1: 100

palimpsesto
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL
FABRICA VIALLI NORDES E S.A.

110
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
1:650



PLANTA DE COBERTA
PAVILHÃO PRINCIPAL



PRANCHA

03 | 11

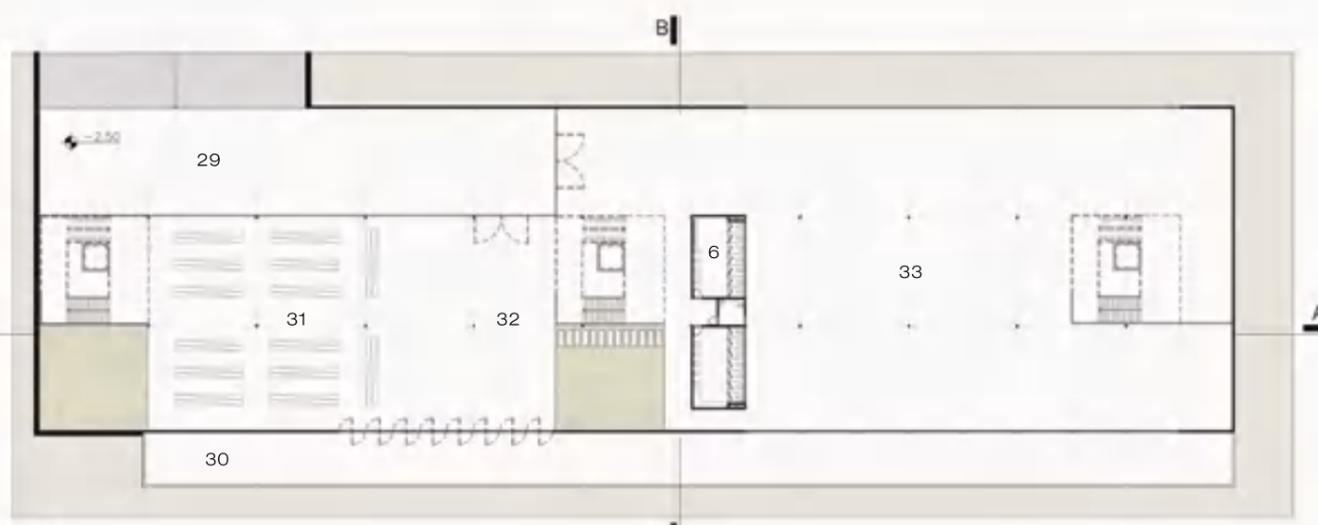
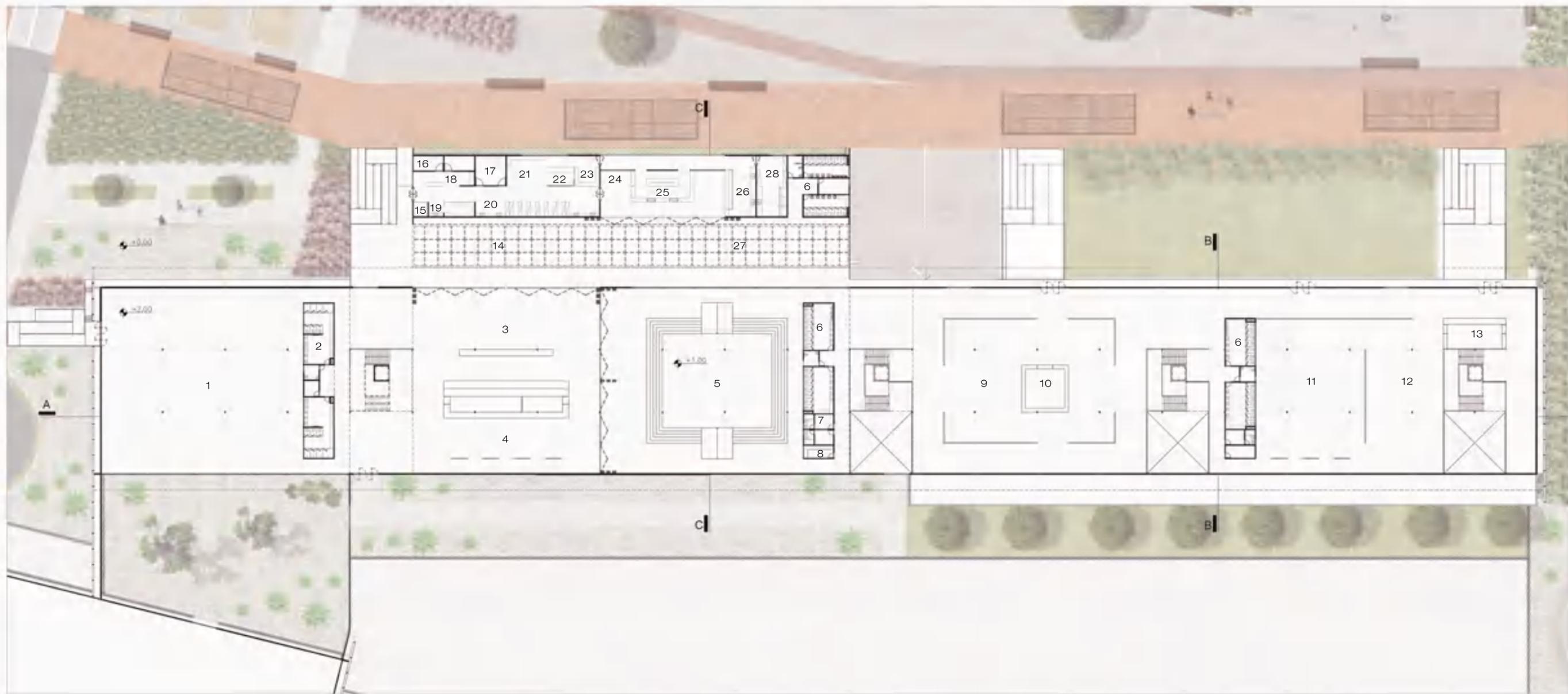
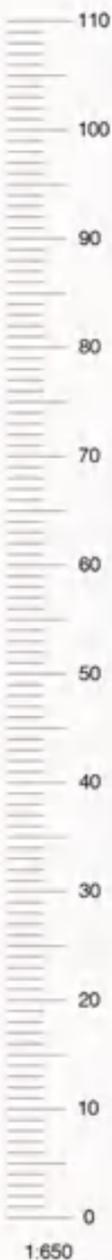
CONTEÚDO

PLANTA DE COBERTA
ESQUEMA PAVILHÃO PRINCIPAL

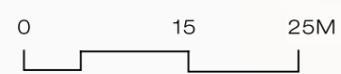
ESCALA

1: 650

palimpsesto
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL
REABILITAÇÃO E RECONSTRUÇÃO
FÁBRICA WILLYS MORENSTEIN S.A.
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL



PLANTA BAIXA TÉRREO
PAVILHÃO PRINCIPAL

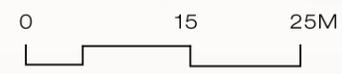


LEGENDA

- | | | |
|---------------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 1. ESPAÇO MULTIFUNCIONAL | 11. EXPOSIÇÃO FIXA | 23. MONTAGEM PRATOS |
| 2. VESTIÁRIOS + DML | 12. EXPOSIÇÃO INTINEIRANTE | 24. DEPÓSITO BANDEJAS |
| 3. RECEPÇÃO | 13. RECEPÇÃO BILHETERIA | 25. SERVIÇO COMEDORIA |
| 4. FOYER + BILHETERIA | 14. PRAÇA DE CONVIVÊNCIAS | 26. CAFÉ |
| 5. MINI AUDITÓRIO | 15. EXPURGO | 27. MESAS |
| 6. ISFM + ISPCD + DML | 16. CÂMARA FRIAS | 28. PADARIA CONFEITARIA |
| 7. CAMARINS | 18. DESPENSA | 29. CARGA DESCARGA |
| 8. CABINE TÉCNICA | 19. LEGUMES E FRUTAS | 30. PÁTIO INGLÊS |
| 9. LEITURA CONSULTA | 20. LAVAGEM PRATOS | 31. ARQUIVO DA INDÚSTRIA |
| 10. RECEPÇÃO + GUARDA - VOLUMES | 21. PREPARO | 32. PROCESSAMENTO TÉCNICO |
| | 22. COZIMENTO | 33. RESERVA TÉCNICA |



PLANTA BAIXA SUBSOLO
PAVILHÃO PRINCIPAL



PRANCHA

04 | 11

CONTEÚDO

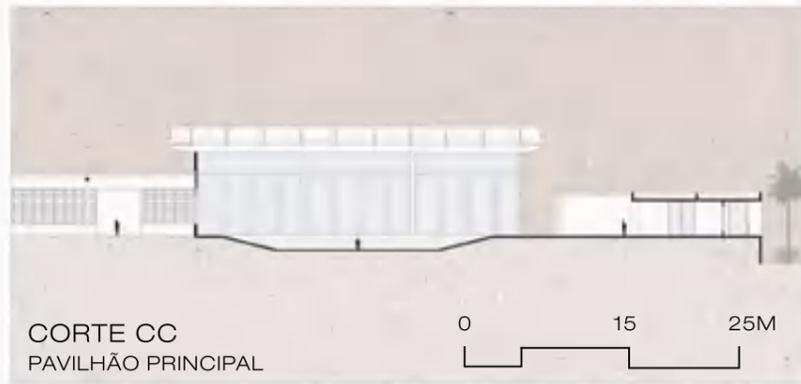
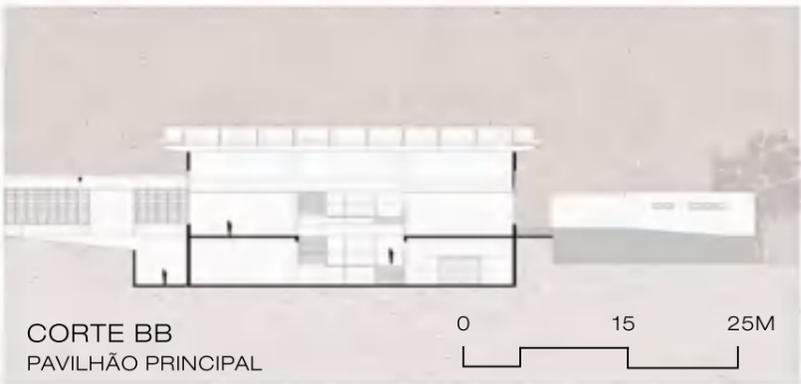
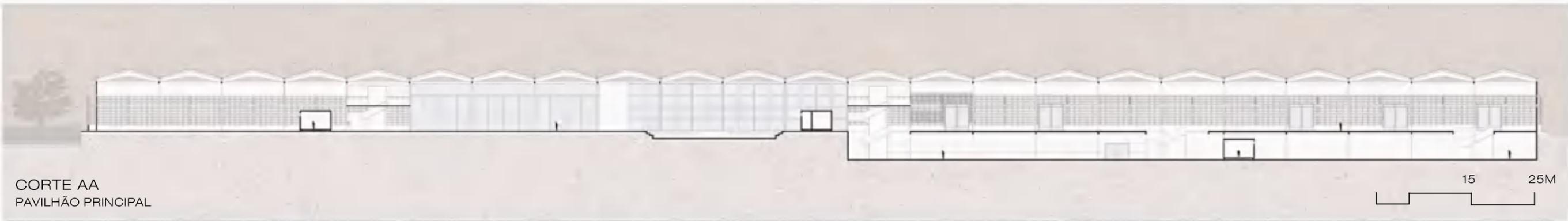
- PLANTA DE COBERTA
- PLANTA BAIXA SUBSOLO

ESCALA

- 1: 650
- 1: 650



110
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
1:650



PRANCHA

05 | 11

CONTEÚDO

- CORTE AA
- CORTE BB
- CORTE CC
- FACHADA SUDOESTE
- FACHADA NOROESTE
- FACHADA SUDESTE

ESCALA

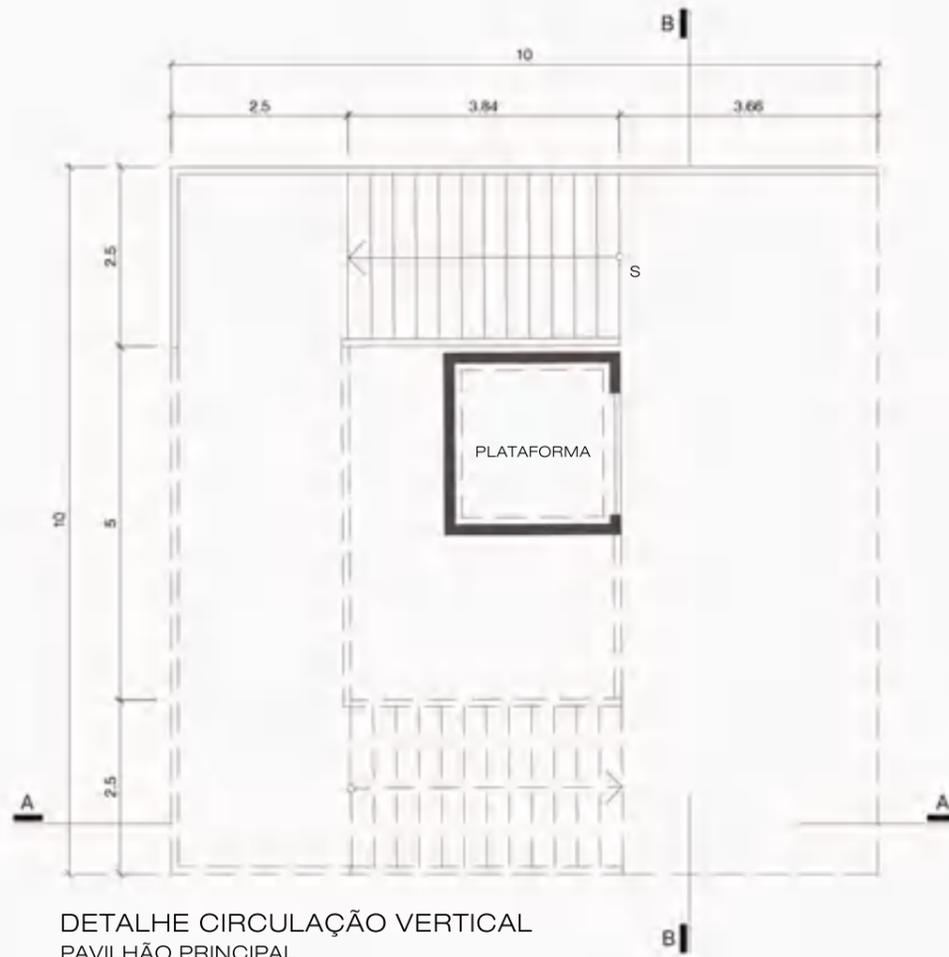
- 1: 650
- 1: 650
- 1: 650
- 1: 650
- 1: 650
- 1: 650



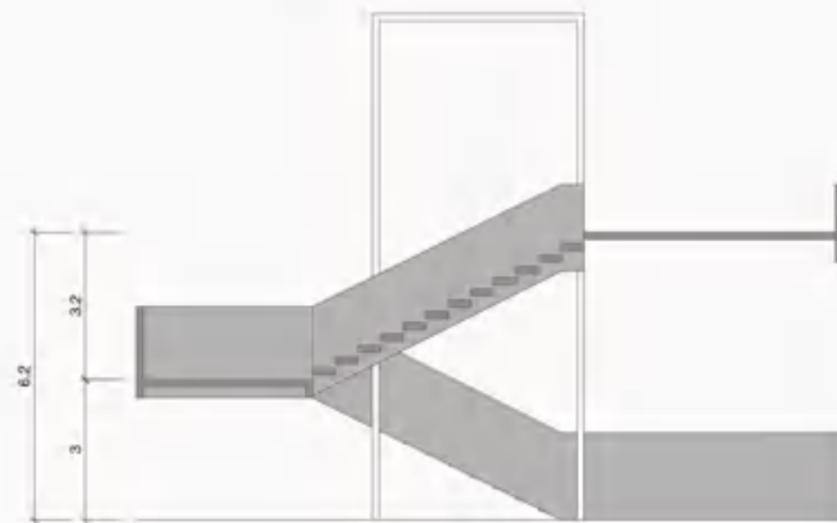
30
20
10
8
6
4
2
0
1:150



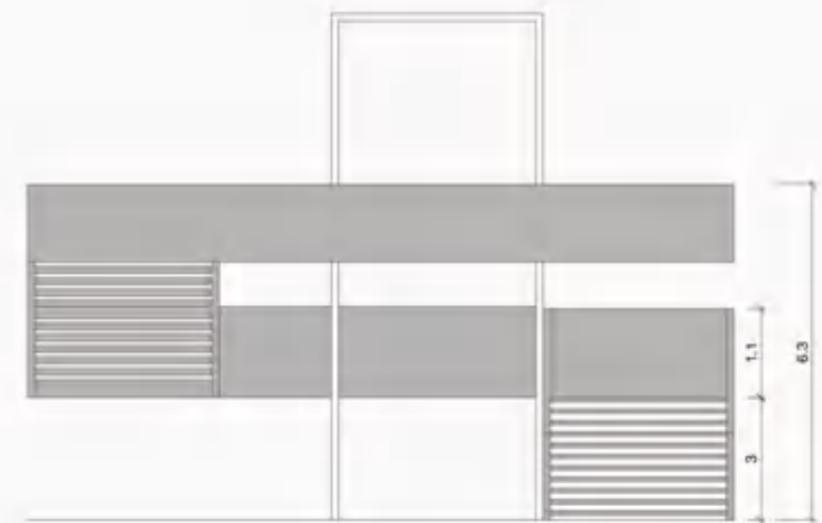
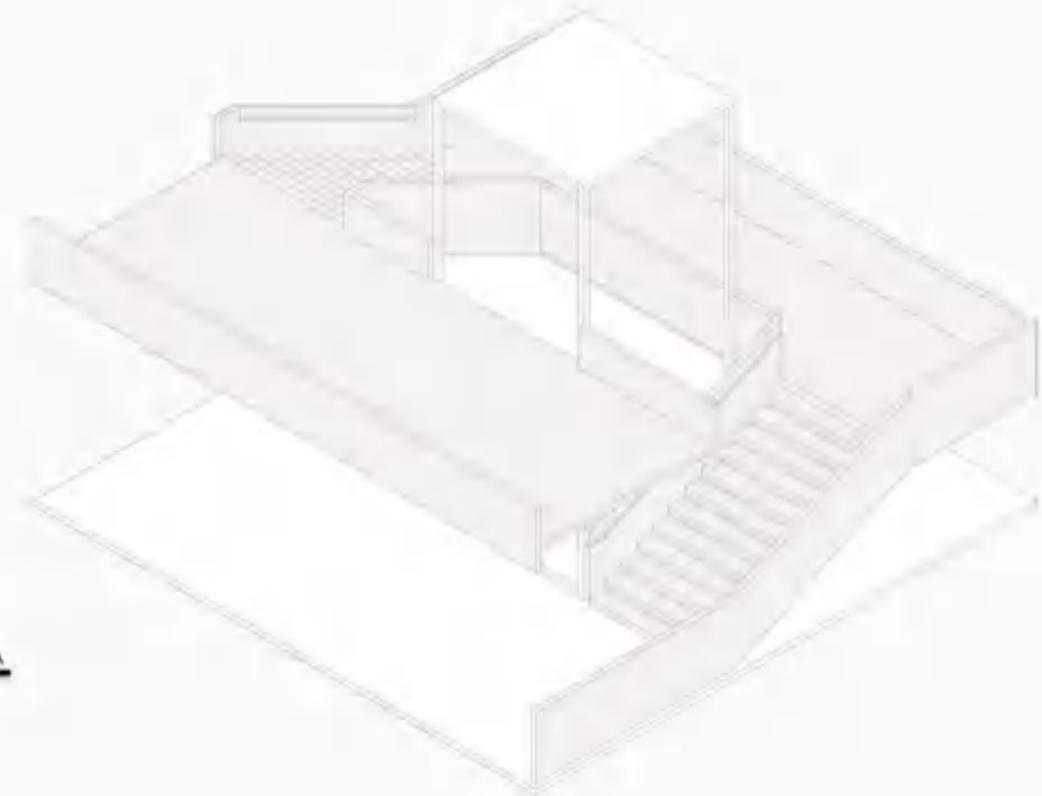
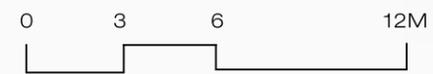
PLANTA BAIXA MEZANINO
PAVILHÃO PRINCIPAL



DETALHE CIRCULAÇÃO VERTICAL
PAVILHÃO PRINCIPAL



D01_ AA
PAVILHÃO PRINCIPAL



D01_ BB
PAVILHÃO PRINCIPAL

PRANCHA

06 | 11

CONTEÚDO

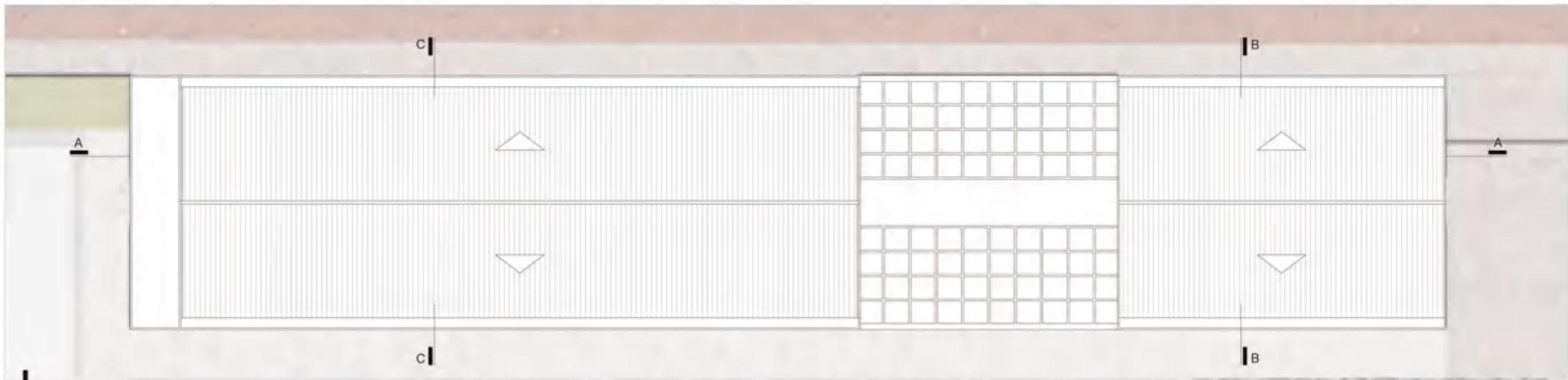
PLANTA BAIXA MEZANINO
DETALHE CIRCULAÇÃO VERTICAL
D01_AA
D01_BB

ESCALA

1: 650
1: 100
1: 100
1: 100

palimpsesto
PATRIMÔNIO
INDUSTRIAL
FABRICA WALLIO NOROESTE S.A.

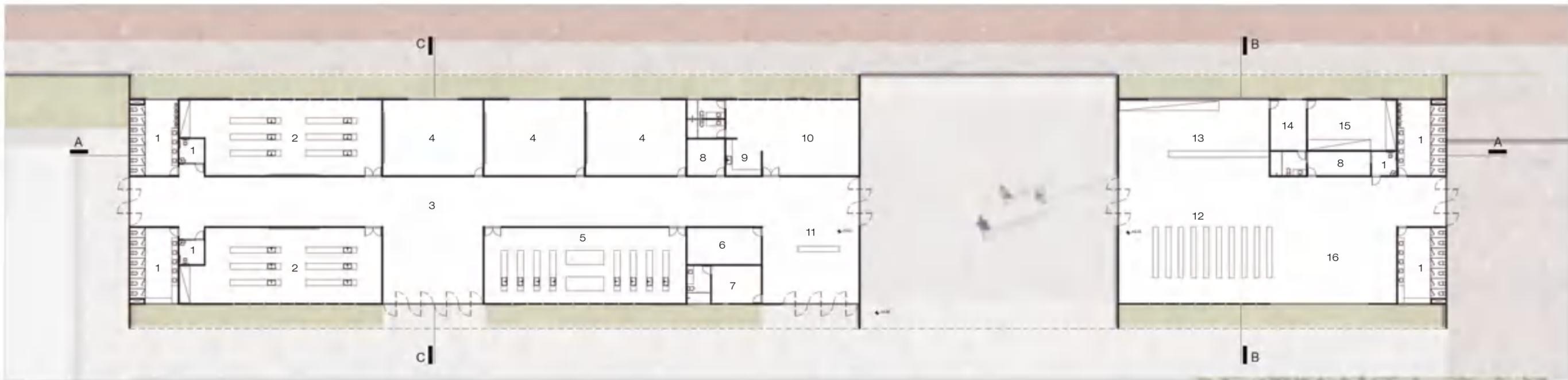
80
70
60
50
40
30
20
10
0



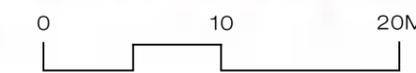
PLANTA DE COBERTA
BLOCO FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO



1:400



PLANTA BAIXA
BLOCO FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO

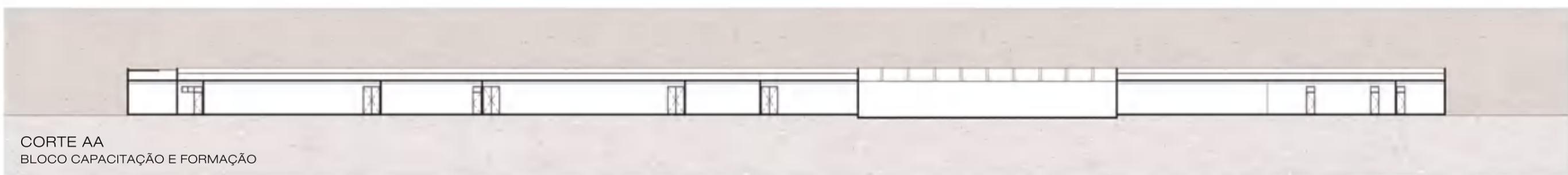


LEGENDA

- | | | |
|-------------------------|----------------------|---------------------------------|
| 1. ISFM + ISPCD | 7. COORDENAÇÃO | 13. RECEPÇÃO GUARDA - VOLUMES |
| 2. OFICINAS DE ENSAIO | 8. DML | 14. SALA TÉCNICA |
| 3. CIRCULAÇÃO | 9. COPA | 15. RESERVA TÉCNICA |
| 4. SALAS MULTIPLUSO | 10. SALA PROFESSORES | 16. LEITURA |
| 5. COZINHA EXPERIMENTAL | 11. RECEPÇÃO | |
| 6. ALMOXARIFADO | 12. ACERVO | |

PRANCHA	CONTEÚDO	ESCALA
07 11	PLANTA DE COBERTA	1: 400
	PLANTA BAIXA	1: 400

80
70
60
50
40
30
20
10
0
1:400



CORTE AA
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO



CORTE BB
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO



CORTE CC
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO



FACHADA OESTE
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO



FACHADA SUL
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO



FACHADA NORTE
BLOCO CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO

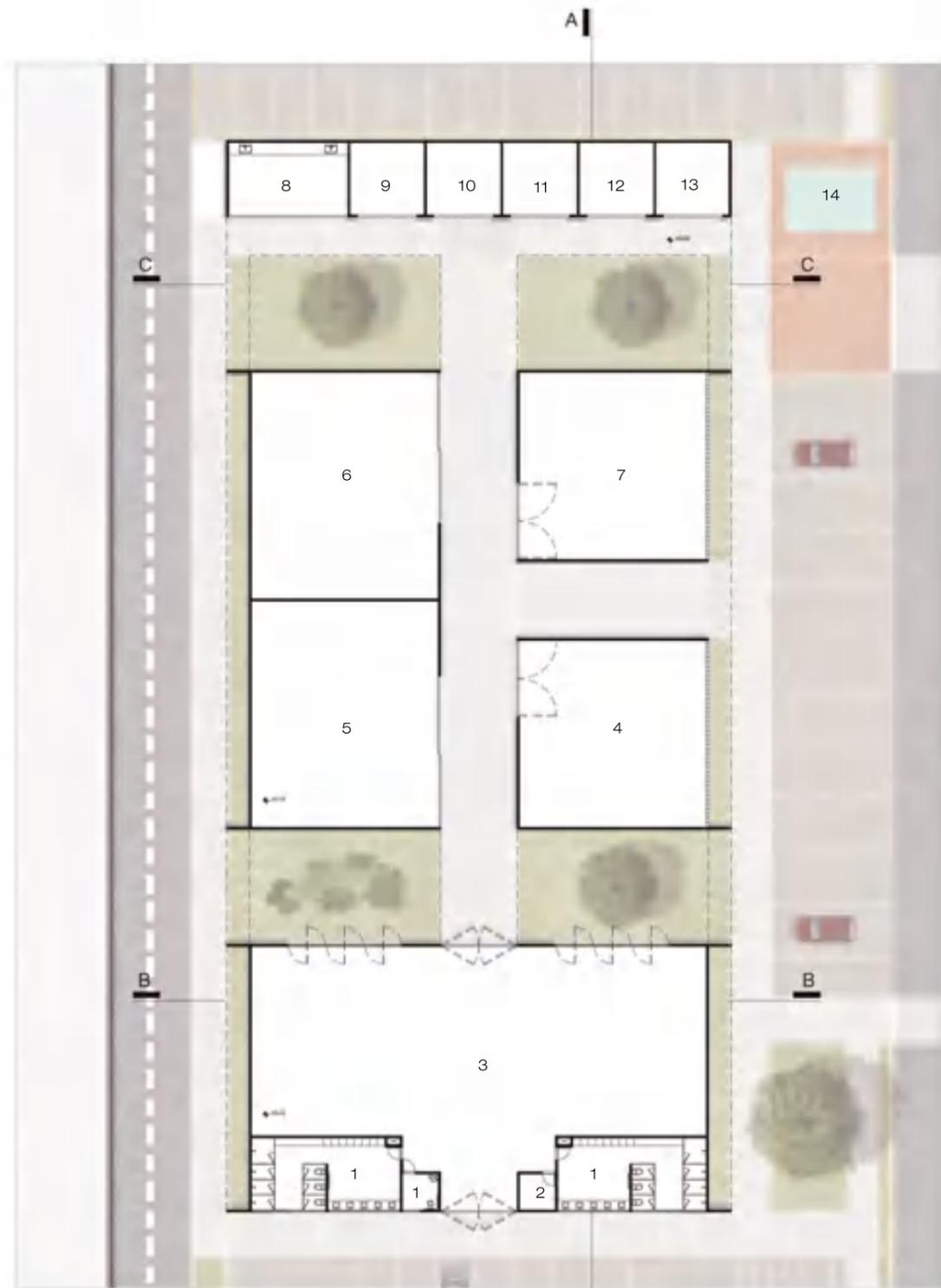


PRANCHA
08 | 11

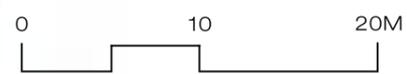
CONTEÚDO	ESCALA
CORTE AA	1: 400
CORTE BB	1: 400
CORTE CC	1: 400
FACHADA OESTE	1: 400
FACHADA SUL	1: 400
FACHADA NORTE	1: 400



80
70
60
50
40
30
20
10
0
1:400

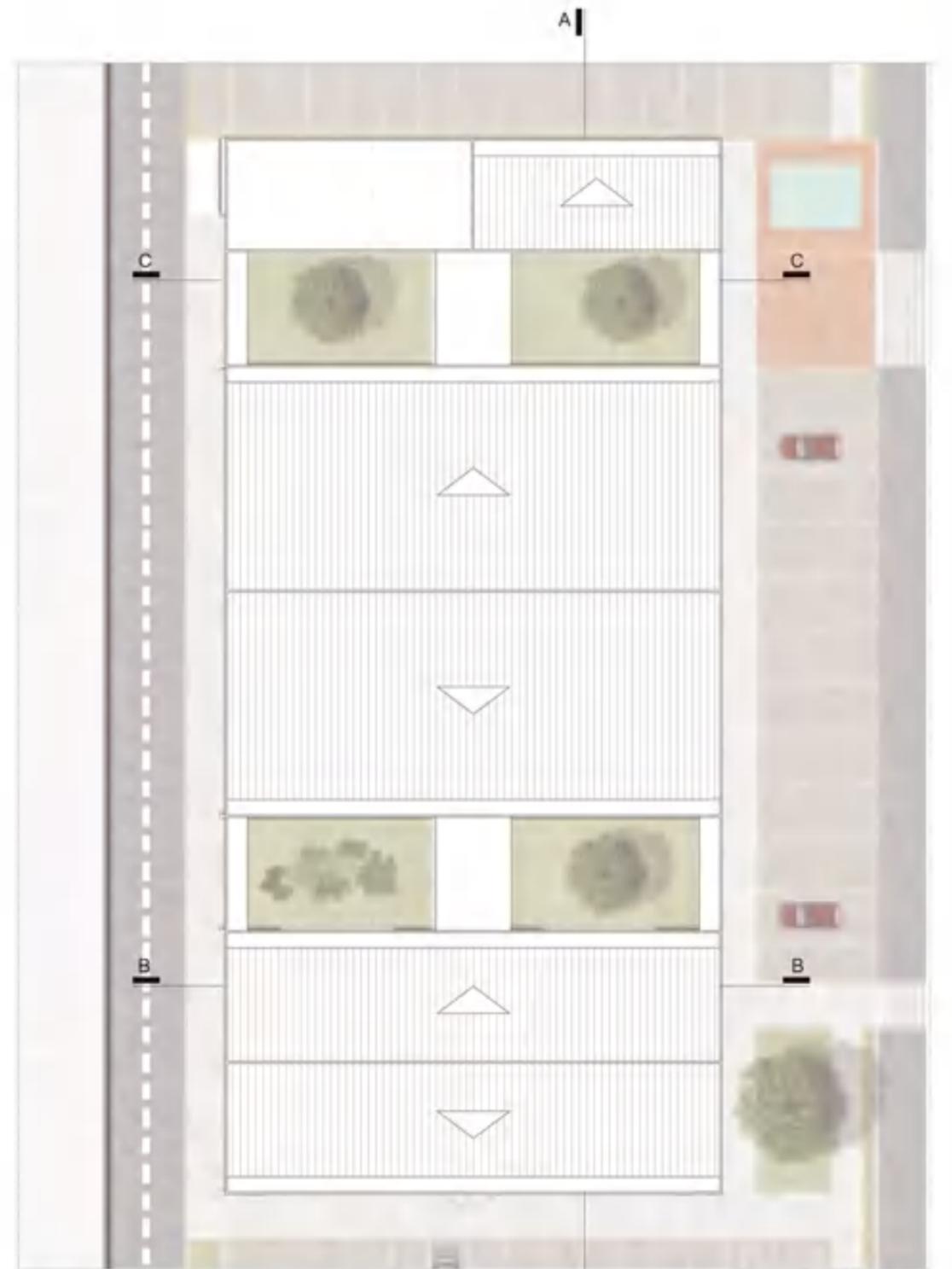


PLANTA BAIXA
BLOCO SERVIÇO

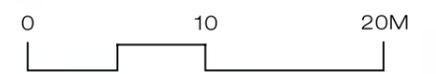


LEGENDA

- | | | |
|-----------------------|------------------------|----------------------------|
| 1. IVESTIÁRIOS | 7. OFICINA MULTIPLUSO | 13. DEPÓSITO LIXO ORGÂNICO |
| 2. DML | 8. LIMPEZA MATERIAIS | 14. GERADOR |
| 3. ESTAR FUNCIONÁRIOS | 9. DÉP. LIXO PAPEL | |
| 4. ALMOZARIFADO | 10. DÉP. LIXO PLÁSTICO | |
| 5. DML GERAL | 11. DÉP. LIXO VIDRO | |
| 6. DEPÓSITO GERAL | 12. DÉP. LIXO METAL | |



PLANTA DE COBERTA
BLOCO SERVIÇO



PRANCHA

09 | 11

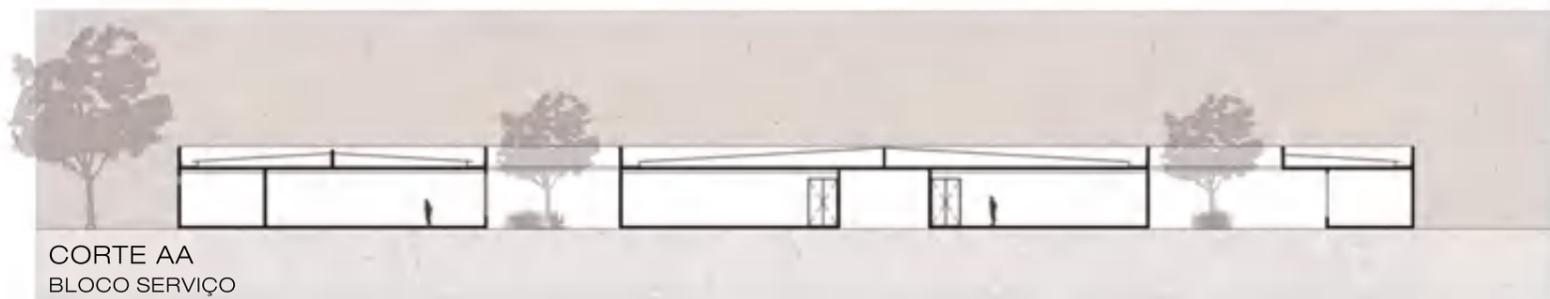
CONTEÚDO

- PLANTA DE COBERTA
- PLANTA BAIXA

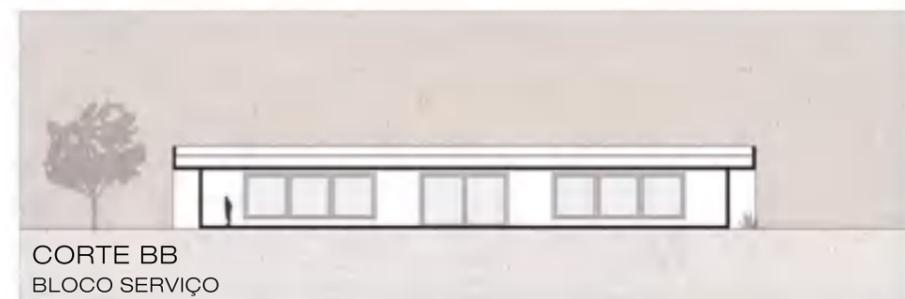
ESCALA

- 1: 400
- 1: 400

80
70
60
50
40
30
20
10
0
1:400



CORTE AA
BLOCO SERVIÇO



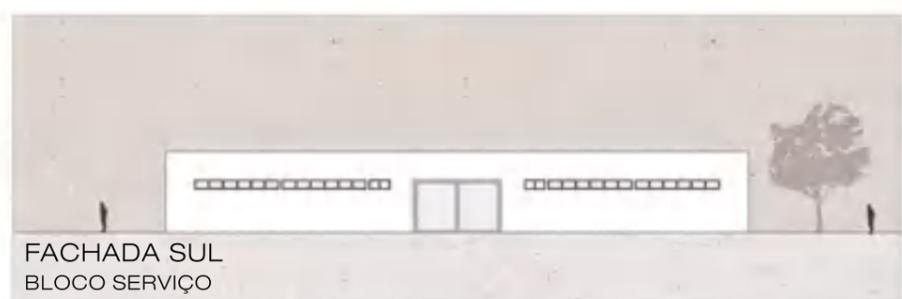
CORTE BB
BLOCO SERVIÇO



CORTE CC
BLOCO SERVIÇO



FACHADA LESTE
BLOCO SERVIÇO



FACHADA SUL
BLOCO SERVIÇO

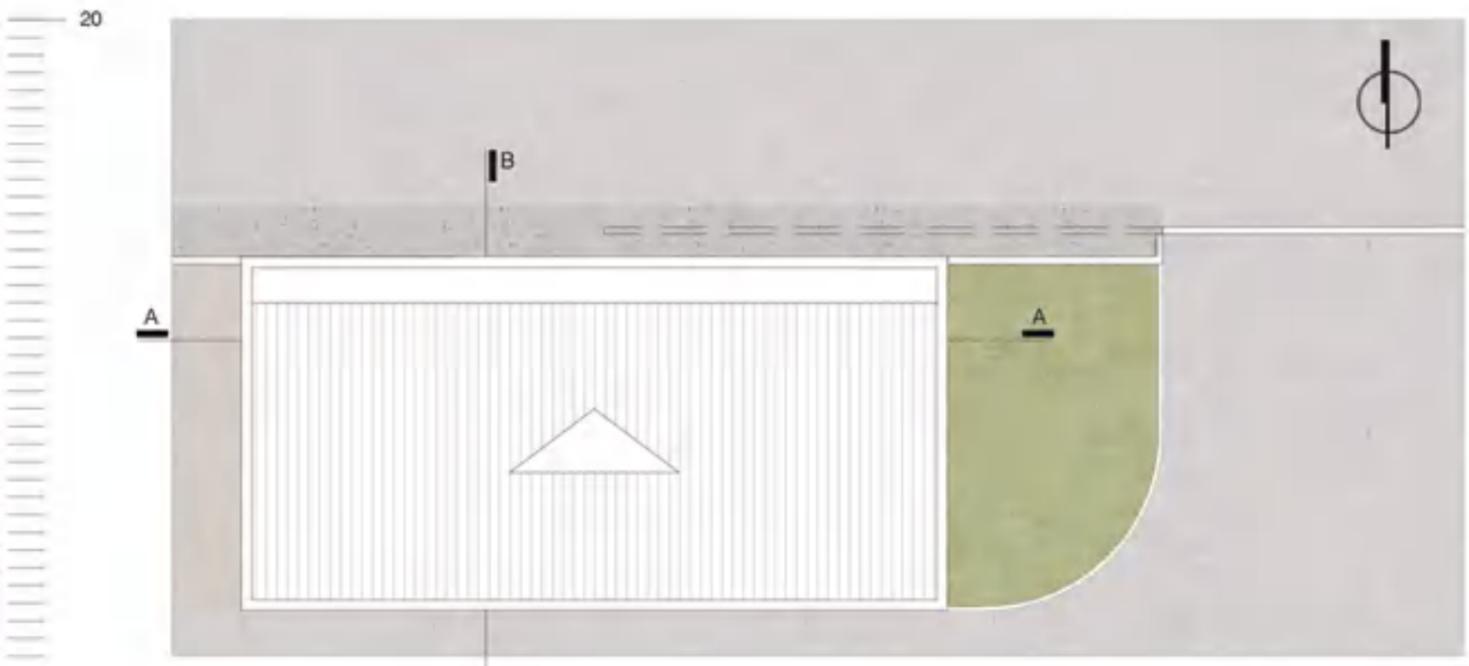


FACHADA OESTE
BLOCO SERVIÇO

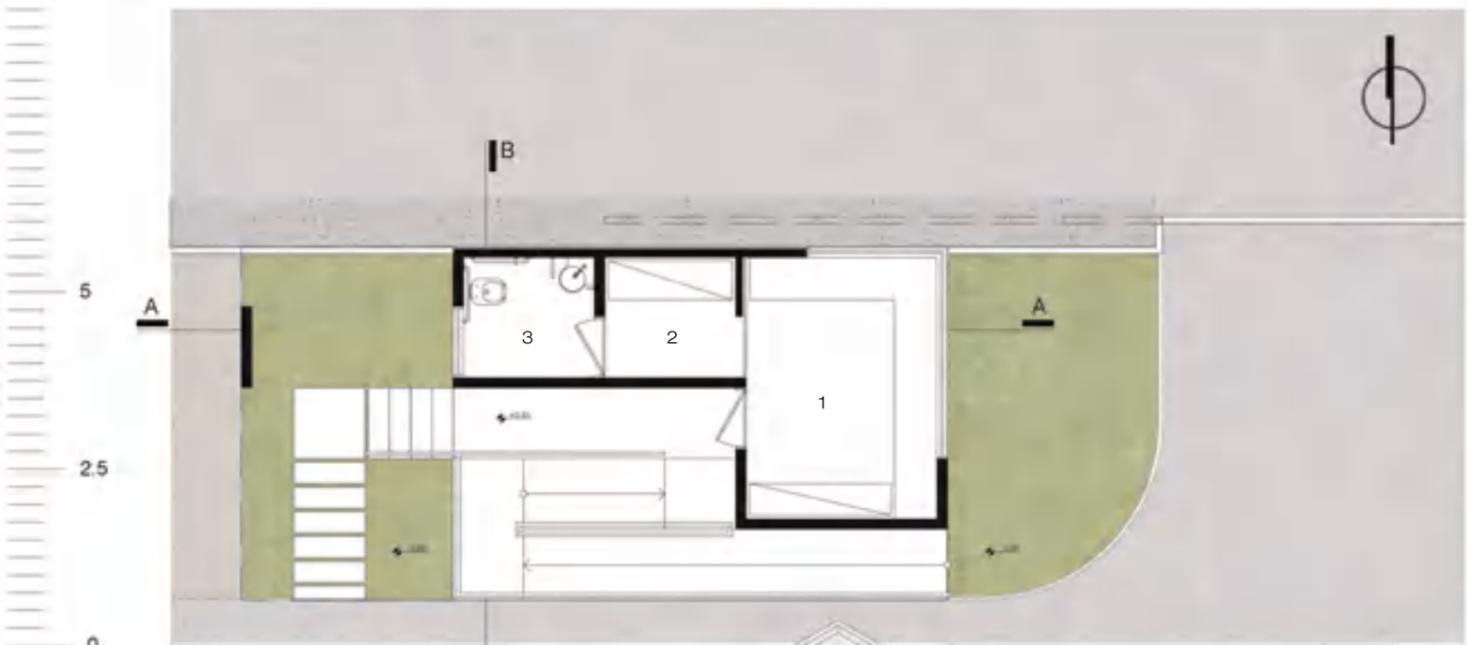
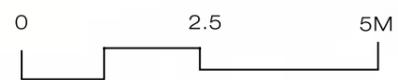


PRANCHA
10 | 11

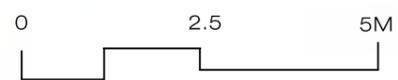
CONTEÚDO	ESCALA
CORTE AA	1: 400
CORTE BB	1: 400
CORTE CC	1: 400
FACHADA LESTE	1: 400
FACHADA SUL	1: 400
FACHADA OESTE	1: 400



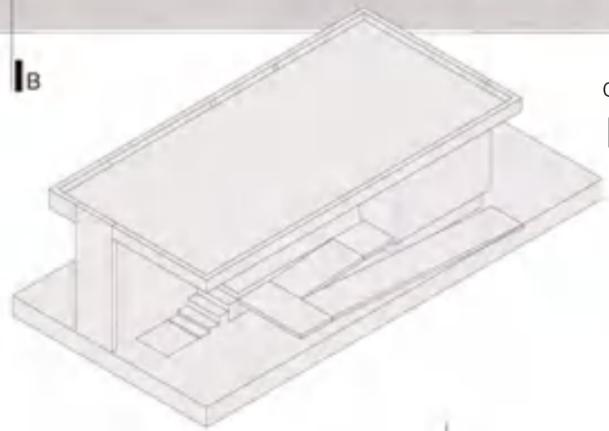
P. COBERTA
GUARITA



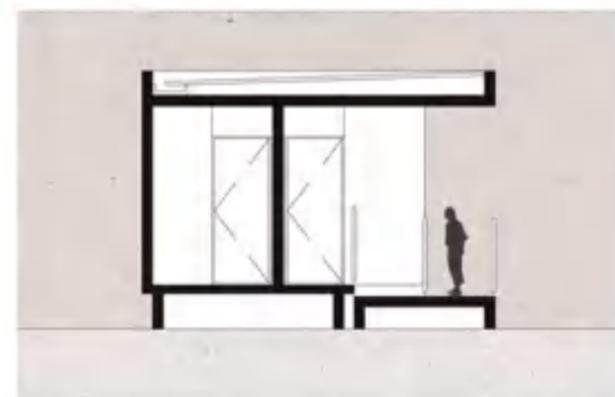
PLANTA BAIXA
GUARITA



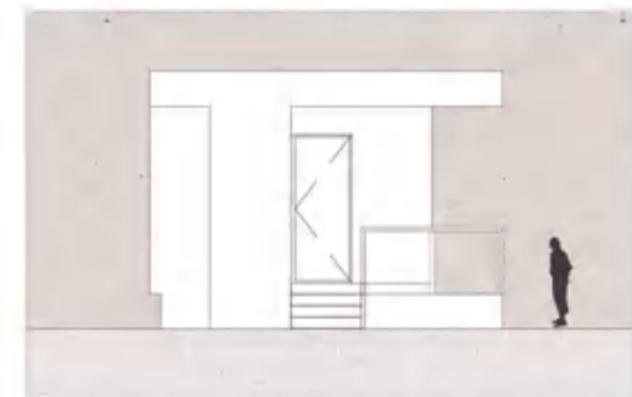
- LEGENDA
- 1. CONTROLE
 - 2. APOIO
 - 3. WC



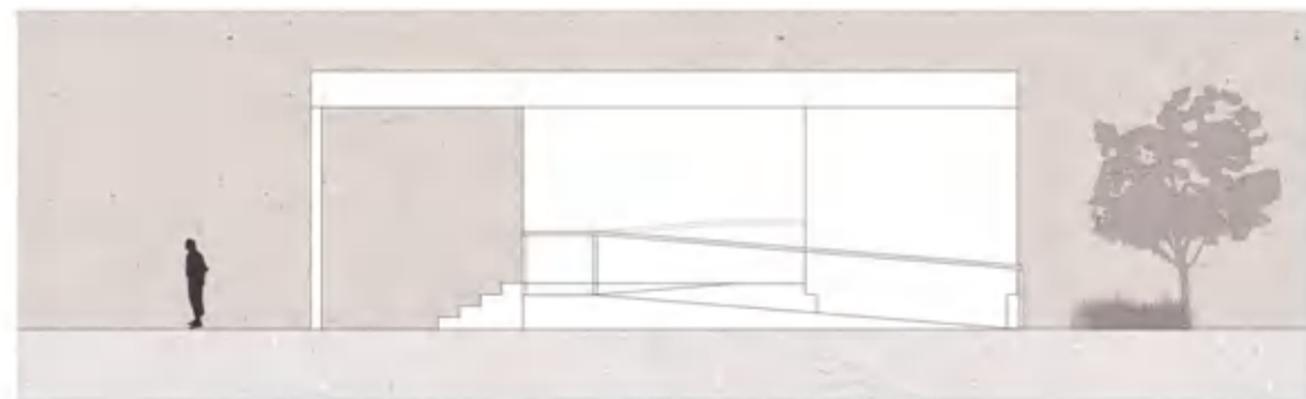
CORTE AA
GUARITA



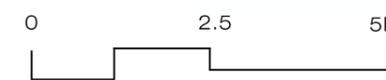
CORTE BB
GUARITA



FACHADA OESTE
GUARITA



FACHADA SUL
GUARITA



PRANCHA

11 | 11

CONTEÚDO

- PLANTA DE COBERTA
- PLANTA BAIXA
- CORTE AA
- CORTE BB
- FACHADA OESTE
- FACHADA SUL

ESCALA

- 1: 100
- 1: 100
- 1: 100
- 1: 100
- 1: 100
- 1: 100

palimpsesto
PATRIMÔNIO
INDUSTRIAL

FABRICA VALLE-NORDESTE S.A.